



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

JOÃO MARCOS NAGY

**A EXPERIÊNCIA DO RADIOTEATRO EM SALA DE AULA:
A VOZ E A VEZ DOS ALUNOS**

Londrina
2019

JOÃO MARCOS NAGY

**A EXPERIÊNCIA DO RADIOTEATRO EM SALA DE AULA:
A VOZ E A VEZ DOS ALUNOS**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras da Universidade Estadual de Londrina – UEL como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre.

Londrina
2019

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UEL

Nagy, João Marcos.

A experiência do radioteatro em sala de aula : a voz e a vez dos alunos. / João Marcos Nagy. - Londrina, 2019.
195 f. : il.

Orientador: Flávio Freire.

Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Letras, 2019.
Inclui bibliografia.

1. Radioteatro - Tese. 2. Oralidade - Tese. 3. Leitura - Tese. 4. Escrita - Tese. I. Freire, Flávio. II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Letras e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Letras. III. Título.

JOÃO MARCOS NAGY

**A EXPERIÊNCIA DO RADIOTEATRO EM SALA DE AULA:
A VOZ E A VEZ DOS ALUNOS**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras da Universidade Estadual de Londrina – UEL como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Flávio Freire
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Profa. Dra. Márcia Neme Buzalaf
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Profa. Dra. Sheila Oliveira Lima
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Londrina, 05 de abril de 2019.

Segura teu filho no colo
Sorria e abraça os teus pais enquanto estão aqui
Que a vida é trem bala, parceiro
E a gente é só passageiro prestes a partir...

Ana Vilela

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, ser inefável, fonte inesgotável de inspiração e transpiração.

Agradeço a meus pais, João e Ester, meus irmãos, Carlos e Márcia, meus tios, primos, avós...

Agradeço imensamente a você Eliziete, meu doce encanto, e a nosso querido e amado João Pedro.

Agradeço carinhosamente ao professor Flávio Freire, pelo exemplo de atenção, empenho, caráter, eficiência, sabedoria. E paciência.

Agradeço a todos os profissionais envolvidos na educação pública deste país, em especial àqueles com os quais mantive contato durante minha caminhada estudantil.

Agradeço a todos os profissionais presentes na escola, que exercem funções importantíssimas, limpando, cozinhando, anotando, organizando, abrindo e fechando.

Agradeço a todo o corpo docente da Universidade Estadual de Londrina, em especial, aos professores do Curso de Letras, eternos mestres e companheiros.

Agradeço ao Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS – pela oportunidade de novamente poder repensar minha prática docente e tentar contribuir com a formação de futuras gerações.

Agradeço aos amigos Suely, Sueli, Reginaldo e Paulo, eternos companheiros.

Agradeço a todos os alunos que comigo estiveram, e durante longa caminhada pudemos compartilhar saberes e experiências.

Agradeço a todos aqueles que, direta ou indiretamente, contribuem de alguma forma para a paz no mundo.

NAGY, João Marcos. **A experiência do radioteatro em sala de aula: a voz e a vez dos alunos.** 2019. 195 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2019.

RESUMO

A presente pesquisa, de base qualitativa, relata a experiência em sala de aula do uso do radioteatro em aulas de língua portuguesa, para alunos da rede pública, do oitavo ano do ensino fundamental; tendo como objetivo a apropriação, por parte dos alunos, dos elementos do gênero em questão e a melhoria nas habilidades de oralidade, leitura e escrita. O referencial teórico se sustenta na teoria bakhtiniana, sendo amparada por documentos legais e autores do Radiojornalismo. Os dados foram coletados em sala de aula, durante a aplicação de atividades orais e escritas, que culminaram na elaboração e apresentação de um capítulo de radioteatro. As considerações finais buscam demonstrar a necessidade de maior ênfase às atividades orais em sala de aula, e como o radioteatro pode servir na construção identitária e no aperfeiçoamento linguístico dos alunos.

Palavras-Chave: Radioteatro. Oralidade. Leitura. Escrita.

NAGY, João Marcos. **La experiencia del teatro de radio en el salón de clase: la voz y la vez de los alumnos.** 2019. 195 p. Disertación (Maestría Profesional en Letras) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2019.

RESÚMEN

Este estudio, de base cualitativa, describe la experiencia en el salón de clase del uso del teatro de radio en clases de lengua portuguesa, a alumnos de la red pública de enseñanza, del octavo año de la enseñanza fundamental; teniendo como meta la apropiación, por parte de los alumnos, de los elementos del género en cuestión y la mejoría en las destrezas oralidad, lectura y escrita. La base teórica se sostiene en la teoría de Bakhtin, junto a documentos legales y autores del Radio periodismo. Los datos fueron recogidos en el salón de clase, durante la aplicación de actividades orales y escritas, que se han llevado a cabo la elaboración y presentación de un capítulo de teatro de radio. Las consideraciones finales desean enseñar la necesidad de mayor atención a las actividades orales en el salón de clase, y como el teatro de radio puede ser útil en la construcción de la identidad de los alumnos y en su desarrollo lingüístico.

Palabras clave: Teatro de radio. Oralidad. Lectura. Escrita.

NAGY, João Marcos. **The experience of radioteatro in the classroom: the voice and the turn of the students.** 2019. 195 p. Dissertation (Professional Master's Degree in Letters) – State University of Londrina - Londrina, 2019.

ABSTRACT

This present qualitative research reports the experience in the classroom of the use of radioteatro on Portuguese language classes, for public school students, of the eighth's year in elementary school. It has as its objective the appropriation by the students of the genre in question and the gain of oral, reading and writing abilities. The theoretical framework is based on Bakhtin's theory, being supported by legal documents and Radiojournalism authors. The data were collected in the classroom, during the oral and written activities application, which culminated in the elaboration and presentation of a radioteatro chapter. The final considerations seek to demonstrate the need for greater emphasis on oral activities in the classroom, and how radioteatro can serve in the construction of identity and language improvement of students.

Key words: Radioteatro. Orality. Reading. Writing.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 -	Gêneros e formatos radiofônicos.....	20
Quadro 2 -	Radioteatro: ontem e hoje.....	23
Quadro 3 -	Diferenças entre os grupos A, B e C.....	57
Quadro 4 -	Problemas elencados pelos alunos	105
Quadro 5 -	Análise do grupo A.....	107
Quadro 6 -	Análise do grupo B.....	114
Quadro 7 -	Análise do grupo C	117
Quadro 8 -	Análise do grupo D.	118
Quadro 9 -	Análise do grupo E.....	120

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1 - O SURGIMENTO DO RÁDIO	13
1.1 O SURGIMENTO DO RÁDIO NO BRASIL.....	15
1.2 OS GÊNEROS RADIOFÔNICOS	15
1.2.1 A Concepção de Gênero	15
1.2.2 Os Gêneros e Formatos Radiofônicos	18
1.3 O GÊNERO RADIOTEATRO	21
1.3.1 A Radionovela: Forte Pilar do Radioteatro no Brasil	24
CAPÍTULO 2 - AS HABILIDADES DE ORALIDADE, LEITURA E ESCRITA	26
CAPÍTULO 3 - METODOLOGIA	30
3.1 DOS INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS.....	31
3.2 DAS INTERVENÇÕES EM SALA DE AULA	32
CAPÍTULO 4 - ANÁLISE DE DADOS	37
CAPÍTULO 5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS	136
REFERÊNCIAS	141
APÊNDICES	143
Apêndice A – Unidades	144
Apêndice B - Resultados obtidos aplicação da primeira pesquisa (Unidade 1)	186
Apêndice C – CD com as gravações de radioteatro disponíveis na Biblioteca.....	195

INTRODUÇÃO

Zê, ípsilon, bê, novecentos e setenta quilohertz, ondas médias. Rádio SARTEL/FORP, a rádio do povo! Cinco horas e quarenta e dois minutos. Nesse instante, nove graus... Supermercado tio João anuncia o Jornal da Manhã: governo lança novo pacote de ajustes...

O forte aroma de café fresco, o cantar do canarinho, preso a uma velha gaiola, corroída pelo tempo... A chuva caindo suave sobre o fino telhado. Em segundos, meus pensamentos se perdiam na melodia embalada por aquela enorme caixa preta que papai insistia em tentar sintonizar... Hoje? Hoje meu pequeno é acordado com a martelada mecânica de um *smartphone*!

Sim, o tempo passou. Mas nem tudo foi apagado ou merece ser atirado ao fogo. O mesmo serve para as práticas em sala de aula: nem tudo que está no passado se encontra condenado, e nem tudo que hoje surge vale mais do que o de outrora.

Como professor de Língua Portuguesa, já no meio de um longo caminho, tenho tido a preocupação de tentar aprimorar a cada dia meu trabalho, e, para tanto, acredito que cabe a todo profissional refletir constantemente sobre sua prática pedagógica. Neste trajeto, ao trabalhar as habilidades de leitura e produção escrita em sala de aula em diversos níveis de aprendizado, tenho percebido que algumas dificuldades acabam se tornando recorrentes em cada grupo de alunos, devido a diversos fatores, tais como: faixa etária, deficiência ou ausência de conhecimento prévio de determinados conteúdos, estrutura familiar, exíguo hábito de leitura por parte dos alunos e de seus familiares, metodologia incoerente, entre outros.

Diante deste quadro, venho me indagando como seria possível melhorar as habilidades de leitura e escrita dos alunos com os quais trabalho, por meio de ações pedagógicas que pudessem despertar maior interesse, alcançar a produção de textos orais e escritos mais expressivos, mais criativos, melhor estruturados, com mais recursos estilísticos; promover o desenvolvimento do aluno enquanto cidadão crítico e consciente, ou seja, a melhoria no aprendizado dos alunos de forma ampla e geral.

Dentre diversos empecilhos, citaremos três ultimamente mais recorrentes, e que serão alvo, direta ou indiretamente, das atividades a serem propostas e dos questionamentos a serem realizados durante este estudo.

O primeiro obstáculo perceptível por parte dos alunos aos quais leciono (Ensino Fundamental II) a disciplina de Língua Portuguesa é a dificuldade apresentada por grande parte deles em perceber a devida importância dos sinais de pontuação; pois nos momentos de produção escrita seu uso não é totalmente adequado: em alguns casos ocorre um “uso não consciente”, ou seja, o aluno coloca sinais de pontuação de modo desnecessário; por vezes não os redige, ou, quando o faz não consegue justificá-los depois; e, ao proceder a leitura em voz alta de seus próprios textos ou de fragmentos do livro didático ou de outros materiais nem sempre sua entonação reflete o que está escrito, o que, muitas vezes, provoca incompreensão do fragmento ou do sentido global do texto por parte do aluno, e, por vezes, dos demais.

Outro contratempo que tenho vivenciado em sala de aula seria o reconhecimento por parte dos alunos quanto ao tipo de texto, ou seja, ao gênero a ser trabalhado em cada aula; porque em muitos casos os alunos demonstram certa fragilidade ao perceber que um fato narrado num conto deve ter um olhar diferente se fosse contado numa reportagem policial, por exemplo. Entretanto, vemos com certa naturalidade alguns destes casos, pois entendemos que caberá ao processo de escolarização trabalhar algumas destas dificuldades.

Por fim, a última detecção a ser discutida neste trabalho se relaciona ao uso formal ou informal da linguagem, ou seja, é de suma importância que os alunos percebam que a linguagem – tanto oral quanto escrita – deve ser modelada a seus contextos de uso. A princípio, tenho tido a percepção de que muitos alunos das novas gerações demonstram maior aversão - ou desconhecimento - a leituras mais densas, a textos melhor elaborados ou de maior extensão (maior aprofundamento teórico); e, por conseguinte, acabam trazendo em suas produções – orais ou escritas – mostras mais próximas da linguagem oral usada no cotidiano, principalmente no diálogo corriqueiro do dia-a-dia, com forte apelo a gírias, coloquialismos; elementos típicos da internet, etc., que se adequam a algumas propostas, mas acabam não sendo bem aceitas em outras, o que poderá denotar em repertório limitado num momento avaliativo posterior, como na tentativa de ingresso a uma faculdade ou demais testes de ordem profissional, por exemplo; caso realmente este aluno não consiga entender a diferença e dominar o uso tanto da linguagem formal quanto da informal.

Buscando respostas para as indagações acima, esta investigação se estruturará da seguinte forma: primeiramente será realizada a fundamentação teórica (Capítulos 1 e 2); em seguida, a Metodologia (Capítulo 3); logo adiante, a Análise de Dados (Capítulo 4) e as Considerações Finais (Capítulo 5).

Na fundamentação teórica, discorreremos sobre os elementos relativos à invenção e ao uso do rádio, pois esta pesquisa buscará discutir se é como os gêneros radiofônicos - em especial, o radioteatro – podem contribuir para a melhoria das habilidades de leitura e escrita em sala de aula, nas aulas de Língua Portuguesa. Para tanto, neste mesmo capítulo, também discutiremos sobre os gêneros radiofônicos - sobre a noção de gênero adotada - e, como fora mencionado anteriormente, as bases históricas sobre o rádio no Brasil e no mundo, e sobre a história do radioteatro em âmbito nacional. Também trataremos das habilidades de oralidade, leitura e escrita.

No capítulo seguinte, explicitaremos a metodologia a ser utilizada nesta pesquisa, que terá seu caráter qualitativo, devido aos inúmeros elementos que deverão ser discutidos e analisados de forma conjunta, e não isolada e friamente quantificados.

Na análise de dados, tomaremos por base os textos orais e escritos produzidos pelos alunos, frutos das atividades de interpretação de texto e elaboração de um capítulo de radioteatro e as produções orais, advindas de apresentações dos textos de radioteatro, relatos, entre outros.

Por fim, nas Considerações finais levantaremos as possíveis contribuições e sugestões, em busca de melhorias na prática pedagógica, tendo como grande foco o avanço no aprendizado dos alunos em sala de aula, bem como o seu desenvolvimento como cidadão.

Como contribuição social, acreditamos que o gênero radioteatro facilitará aos alunos o reconhecimento de suas potencialidades, possibilitando lidarem melhor com timidez, ansiedade, frustrações, desejos. Também será uma grande chance de fortalecimento do trabalho em grupo, o que possibilitará um maior número de discussões, tomada de decisões, elaboração de estratégias conjuntas, maior grau de resiliência. Por fim, por meio dos personagens, os alunos poderão expor suas ideias, e levantar questões conflituosas em suas vidas, para serem melhor abordadas ou discutidas.

CAPÍTULO 1 O SURGIMENTO DO RÁDIO

A invenção do rádio (1896), tradicionalmente atribuída ao italiano Guglielmo Marconi, teve como importantes colaborações os estudos do físico escocês James Clerk Maxwell (1863) e a construção do aparelho que produzia as famosas “ondas hertzianas”, pelo alemão Heinrich Rudolf Hertz, no ano de 1887 (GIOVANNINI, 1987, p. 217-218; NEUBERGER, 2012, p. 50-51). Além disso, Ferraretto (2001, p. 81) também acrescenta as experimentações do francês Edouard Branly, em 1890, e do britânico Oliver Longe, em 1894, com técnicas que possibilitariam as transmissões de ondas eletromagnéticas.

Ferraretto (2001, p. 83-84) também salienta que, muito embora o italiano Marconi tenha patenteado e aprimorado o rádio e difundido seu uso por meio da empresa Marconi's Wireless Telegraph Company; é importante registrar que o padre brasileiro Roberto Landell de Moura, em 1893, supostamente já teria realizado experimentações próprias da radiotelegrafia e da radiotelegrafia.

A partir destas experiências, em 1906, o canadense Reginald A. Fessenden realizou a primeira transmissão comprovada, impulsionado pelos inventos do norte-americano Lee DeForest e do inglês John A. Fleming, responsáveis pela estabilização do fluxo de ondas eletromagnéticas (FERRARETTO, 2001, p. 86).

Segundo Assis (1997, p. 182-184), a primeira transmissão regular de radiodifusão ocorreu em novembro de 1920 na cidade americana de Pittsburg, pela emissora KDKA; sendo que “experimentações” já haviam ocorrido anteriormente em outros países, tais como Brasil, Inglaterra e Argentina. Posterior a este período, outros países lançaram seus projetos oficiais de radiodifusão: Rússia (1922), Bélgica (1923), Alemanha (1923), Espanha (1923), México (1925), Japão (1926), etc.

Segundo Hobbsbawn (apud CALABRE, 2006, p. 17), o rádio surgiu como veículo de difícil acesso na primeira década de surgimento, estando desconhecido até o fim da Primeira Guerra. Entretanto, ao fim da década seguinte 10 milhões de lares estadunidenses já contavam com os aparelhos, chegando a 40 milhões em 1950. Segundo Calabre (2006, p. 19), o rádio “revolucionou a relação cotidiana do indivíduo com a notícia, imprimindo uma nova velocidade aos acontecimentos”.

Giovannini (1987, p. 220-221) explica que o rápido avanço do rádio nesta época se deu devido a vários fatores, tais como a necessidade de criação de novos

mercados, para substituir aqueles dos países envolvidos em guerras; a percepção dos norte-americanos com relação às vantagens do monopólio dos meios de comunicação de massa em escala comercial; a substituição de grades educativas e culturais por programas de rádio com maior variedade de gêneros; e, sobretudo, a inclusão maciça de propagandas, notícias e discursos políticos nas programações.

Trataremos, a seguir, do surgimento e do avanço do rádio em nosso país.

1.1 O SURGIMENTO DO RÁDIO NO BRASIL

A sociedade brasileira era bastante diferente no início do século XX: opostamente aos 84,4% assinalados em 2010 pelo IBGE, em 1920 apenas 20% da população vivia nas cidades; número que passaria para 31,2% em 1940. De acordo com Caparelli (1986, p. 80), 70% dos brasileiros não possuíam aparelhos de rádio, devido, entre outros aspectos, à deficiente eletrificação rural – que em muitas regiões, persiste até hoje.

Com sua chegada, o rádio se mostrava como um grande influenciador, tanto em questões relacionadas ao consumo dos novos produtos, quanto com relação a ideologias políticas. No tocante ao segundo aspecto, é inegável a presença de Getúlio Vargas, que já no período do Estado Novo monopoliza as concessões de radiodifusão e cria o DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda). Vejamos abaixo a mensagem do então presidente, enviada ao Congresso Nacional no ano de 1937:

O Governo da União procurará entender-se a propósito, com os estados e municípios, de modo que, mesmo nas pequenas aglomerações, sejam instalados rádio receptores, providos de alto-falantes, em condições de facilitar a todos os brasileiros, sem distinção de sexo nem idade, momentos de educação política e social, informes úteis aos seus negócios e toda sorte de notícias tendentes a entrelaçar os interesses diversos da nação. A iniciativa mais se recomenda quando considerarmos o fato de não existir no Brasil imprensa de divulgação nacional. São diversas e distantes zonas do interior e a maioria delas dispõe de imprensa própria, veiculando apenas as notícias de caráter regional. À radiotelegrafia está reservado o papel de interessar todos por tudo quanto se passa no Brasil. (CAPARELLI, 1986, p. 81).

Mcluhan (1996, p. 334) reafirma o poder do rádio em governos totalitários, e em sociedades menos letradas, e cita o exemplo de Hitler, ao qual o rádio possibilitou-lhe a ascensão em seus planos.

Dentro deste cenário, nosso país vivenciou a chamada “Era de Ouro do Rádio”, nos anos 40 e 50; na qual o número de emissoras saltou de 79 em 1940 para 243 em 1950; e, proporcionalmente, também o número de aparelhos de rádio alcançaria a casa de 3 milhões de unidades ao final dos anos 40 (CAPARELLI, 1986, p. 82).

Indubitavelmente, a Rádio Nacional do Rio de Janeiro, popularmente conhecida como PRE8, foi a emissora de maior expressão e estrutura de sua época: as verbas publicitárias alcançaram empregar um conjunto nunca visto antes, que contava, por exemplo, com 30 locutores, 124 músicos, 55 radioatores, 40 radioatrizes, 50 cantores, 45 cantoras, 18 produtores, entre outros (VENSON, 1991, p. 17).

A seguir, passaremos a tratar sobre os gêneros e formatos radiofônicos.

1.2 OS GÊNEROS RADIOFÔNICOS

Na literatura relativa ao jornalismo ainda é possível verificar certa escassez de materiais que versem sobre os gêneros radiofônicos de forma ampla e concreta, uma vez que até mesmo termos como “gênero radiofônico” e “formato radiofônico” ainda apresentam discrepâncias entre os autores.

Inicialmente, discorreremos sobre a visão de gênero a ser trabalhada neste estudo, para, posteriormente, buscar proceder às distinções acima mencionadas e ilustrar os gêneros até então classificados; contudo, sem a perspectiva de apresentar um trabalho extremamente exaustivo, uma vez que, como veremos a seguir, as evoluções sociais tendem a trazer a “hibridização” dos gêneros já conhecidos, formando, conseqüentemente, uma gama incontável de novos gêneros e formatos radiofônicos.

Como fora dito no parágrafo anterior, na próxima seção faremos considerações sobre a concepção de gênero a ser empregada neste estudo.

1.2.1 A Concepção de Gênero

Segundo o Dicionário de Termos Literários (MOISÉS, 2004, p. 196), a palavra “gênero” tem sua origem na língua latina e provém de *generum*, de *genus eris*, e significa ‘linhagem, espécie, raça, família’. Nesse sentido, torna-se bastante

próprio afirmar que o gênero tende a agrupar elementos, classes ou espécies que demonstram certo “parentesco”, ou seja, algum traço comum entre os indivíduos, elementos ou objetos.

Historicamente, foi na Filosofia o primeiro embrião deste termo, quando então, no século IV a.C., os grandes filósofos Aristóteles (1987) e Platão (1980) passaram a refletir sobre a existência dos Gêneros Literários. O primeiro, em sua obra “A Poética”, provavelmente data de 335 a.C., classificou à época como gêneros a epopeia, a tragédia, a poesia ditirâmbica (poesia lírica), a aulética (arte de tocar ¹aulo) e a citarística (arte de tocar ²cítara). Já para seu mestre, na obra “República”, 394 a.C., a classificação se referiu à tragédia e à comédia - ou seja, ao teatro - à poesia lírica (³dirítambo) e à poesia épica. Cumpre também destacar que entre os gregos o tema também foi posto, entretanto, com menor intensidade, nas obras “Arte Poética”, 18 a.C., de Horácio e em “Institutio Oratoriae”, 35 a.C., de Quintiliano (MOISÉS, 2004, p.196).

Mais recentemente, no tocante aos gêneros, temos visto diversos textos na área das Letras trazendo o termo combinado com “textual”, “do discurso”, “discursivo”. Neste trabalho, tomaremos como base as proposições realizadas por Bakhtin (2003), em sua obra “Estética da Criação Verbal”, na qual o autor apregoa que toda atividade humana passa pelo uso da linguagem, e esta, por sua vez, se efetua em forma de enunciados e

Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo de linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua, mas, acima de tudo, por sua construção composicional. Todos estes três elementos – o conteúdo temático, o estilo, a construção composicional – estão indissolivelmente ligados no todo do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de um determinado campo da comunicação. Evidentemente, cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados, os quais denominamos *gêneros do discurso*. (BAKHTIN, 2003, p. 261-262, grifo do autor)

¹ Aulo (em grego clássico: αὐλός; transl.: aulos; plural: αὐλοί, auloi) ou tibia (em latim: tibia) era um instrumento musical de sopro da antiga Grécia.

² Cítara: instrumento de cordas esticadas dentro ou sobre uma caixa de ressonância, dedilhado ou tocado, derivado da lira, que atravessou os séculos com muitas variantes, usado sobretudo na música folclórica e atualmente visto em países de língua alemã, nos Alpes e na Europa do Leste.

³ Nas origens do teatro grego, o ditirambo (do grego *dithýrambos*, pelo latim *dithyrambu*) era um canto coral de caráter apaixonado (alegre ou sombrio), de louvor ao deus grego Dioniso (o Baco dos romanos). Mais tarde foi acrescido de dança e música de flauta; e foi evoluindo para a ficção, para o drama, para a forma teatral, como a conhecemos hoje.

Na mesma obra, Bakhtin ainda fará sua distinção entre os gêneros primários, designados pelo autor como “mais simples”, ou seja, que atendem à necessidades imediatas do cotidiano; e os gêneros secundários, “mais complexos”, como romances, dramas, pesquisas científicas, etc. (BAKHTIN, 2003, p. 263).

Assim como na visão bakhtiniana até então apontada, também nas Diretrizes Curriculares do Estado do Paraná (2008), doravante DCE'LP, é possível perceber no uso da linguagem um viés ideológico, considerando o indivíduo como um ser historicamente inserido num contexto, e, portanto, seu processo de interação não pode ser visto como algo deslocado ou isolado socialmente.

Nessa perspectiva, de acordo com as DCE'LP,

“Ensinar a língua materna requer que se considerem os aspectos sociais e históricos em que o sujeito está inserido, bem como o contexto de produção do enunciado, uma vez que os seus significados são sociais e historicamente construídos”. (PARANÁ, 2008, p. 49).

Reforçando esta visão sócio-histórica do uso da linguagem, Bakhtin coloca que

Toda palavra comporta duas faces. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém, como pelo fato de que se dirige a alguém. Ela constitui justamente o produto da interação do locutor e do ouvinte. Toda palavra serve de expressão a um em relação a outro. (BAKHTIN, 1999, p. 108-113).

Fruto dos processos da interação humana, cabe também ressaltar que os gêneros variam diacronicamente, sendo adaptados, renovados, transformados ou criados, multiplicados etc.; uma vez que as necessidades comunicativas acompanham o movimento vivo do uso da linguagem. Nas palavras de Bakhtin:

A riqueza e a diversidade de gêneros do discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana e porque em cada campo desta atividade é integral o repertório de gêneros do discurso, que cresce e se diferencia à medida que se desenvolve e se complexifica um determinado campo. (BAKHTIN, 2003, p. 262).

Endossando tal perspectiva, Todorov afirma que:

[...] um novo gênero é sempre a transformação de um ou vários gêneros antigos: por inversão, por deslocamento, por combinação. Um ‘texto de hoje’ (também é um gênero num de seus sentidos) deve tanto à poesia quanto ao romance do século XIX. (BARBOSA FILHO, 2003, p. 56).

Para exemplificar tal dinamismo apresentado pela inovação nos gêneros do discurso as DCE'LP (PARANÁ, 2008, p. 52) citam a esfera de atividades digital, que engloba o e-mail, o chat, blogs, fóruns, vídeo conferência interativa, etc., gêneros que, em outros momentos históricos, não existiam enquanto uso social da linguagem.

A seguir, sobre este mesmo prisma, trataremos dos gêneros e formatos radiofônicos.

1.2.2 Os Gêneros e Formatos Radiofônicos

Segundo Barbosa Filho (2003, p. 52-53), os gêneros radiofônicos são responsáveis por orientar o espectador/leitor/crítico sobre as expectativas a serem geradas diante de cada produto com que o interlocutor entra (ou poderá entrar) em contato, por meio da audição do programa de rádio. Entretanto, é válido frisar que a listagem dos gêneros servirá como possível suporte teórico para possíveis intervenções em sala de aula, e não como tentativa de ilustrar a todos os gêneros existentes, pois, tanto para nós quanto para Sullivan (apud BARBOSA FILHO, 2003, p. 53) “É difícil isolar as características precisas de um gênero e chegar a uma lista finita de todos os gêneros diferentes [...]. Os gêneros são paradigmas dinâmicos, e não listas formuladas.”

Como já apontado por Bakhtin, os formatos radiofônicos, aqui entendidos sob a perspectiva de Barbosa Filho (2003, p. 71) como um conjunto de ações integradas, dotadas de intencionalidade, dispostas em subgrupos de cada gênero, e podendo enquadrar-se em um ou mais gêneros; seguem esta mesma dinâmica de multiplicidade e variabilidade no decorrer do tempo.

É preciso esclarecer que as definições até então usadas remetem à área do Radiojornalismo e que, portanto, a princípio, podem divergir dos conceitos existentes no campo das Letras. Numa breve tentativa de estabelecer um paralelo entre os dois campos, afirmamos que tudo aquilo que os radiojornalistas entendem como “gênero radiofônico”, no universo das Letras é tido como “esfera de comunicação” (PARANÁ, 2003, p. 52); ao passo que o termo “formato radiofônico” corresponderia no campo das Letras aos “gêneros do discurso”. Desta forma, por exemplo, enquanto que para os profissionais de Letras o gênero crônica se situa na esfera literária, para o

Radiojornalismo, o formato radiofônico crônica estaria no gênero radiofônico jornalístico, conforme tabela abaixo.

A seguir, elaboramos uma tabela com os principais gêneros elencados por Barbosa Filho (2003), que, segundo o próprio autor, tomou por base os ⁴teóricos funcionalistas Lasswell e Wright:

⁴ Resumidamente, o Funcionalismo é uma teoria adaptada para diferentes campos de conhecimento (Filosofia, Psicologia, Antropologia, Jornalismo) que apresenta uma visão sistêmica, ou seja, seus teóricos observam a sociedade como um organismo ou uma máquina, com diferentes peças e engrenagens, que não funcionam isoladamente. Entre seus expoentes estão: Durkheim, Spencer, Parsons, Wright.

Quadro 1 - Gêneros e formatos radiofônicos.

Gêneros radiofônicos	Formatos radiofônicos	Definição
Jornalístico	- Nota	Informação síntese de fato atual.
Jornalístico	- Notícia	Relato de fato já ocorrido.
Jornalístico	- Boletim	Notícias, geralmente dadas em “horas cheias”.
Jornalístico	- Reportagem	Narra e amplia fatos que estão acontecendo.
Jornalístico	- Entrevista	Amplia as informações da reportagem.
Jornalístico	- Comentário	Opinião de caráter especializado.
Jornalístico	- Editorial	Marca a opinião do jornal, e não do jornalista.
Jornalístico	- Crônica	Narra fatos atemporais com maior intimidade ao leitor.
Jornalístico	- Radiojornal	Jornal falado sobre temas diversos.
Jornalístico	- Documentário	Reportagens mais profundas sobre temas verídicos.
Jornalístico	- Debates	Discussão entre participantes e apresentador.
Jornalístico	- Mesa-redonda	Especialistas conversam sobre tema comum.
Jornalístico	- Prog. policial	Fatos policiais narrados pelo repórter policial.
Jornalístico	- Prog. Esportivo	Narrativa esportiva; antes, durante ou depois da partida.
Jornalístico	- Divulgação tecnocientífica	Divulgar novidades da ciência.
Educativo-cultural	- Programa Instrucional	Suporte didático para alfabetização, ensino de idiomas e demais disciplinas básicas.
Educativo-cultural	- Audiobiografia	Narra a vida e a obra de uma personalidade.
Educativo-cultural	- Documentário	Abordagem humanística sobre tema de interesse social.
Educativo-cultural	- Programa temático	Abordagem e discussão sobre produção de conhecimento.
Entretenimento	- Musical	Difusão de músicas variadas.
Entretenimento	- Ficcional	Drama (RADIONOVELA) e humor (RADIOTEATRO).
Entretenimento	- Programete artístico	Texto curto de caráter artístico: horóscopo, entrevistas, comentários, músicas, etc.
Entretenimento	- Evento artístico	Cobertura de eventos artísticos.
Entretenimento	- Programa interativo	Participação direta dos ouvintes em jogos, gincanas, brincadeiras etc.
Publicitário	- Espote (<i>spot</i>)	Propaganda breve do produto.
Publicitário	- Jingle	Propaganda, feita com melodia cantada simples.
Publicitário	- Testemunhal	“Aconselhamento” de compra do produto.
Publicitário	- Peça de promoção	Propaganda realizada por meio de produtos ou brindes.
Propagandístico	- Ação pública	Divulgar ou esclarecer intenções do governo.
Propagandístico	- Programa eleitoral	Divulgar nome, número e ideias de candidatos a cargos eletivos.
Propagandístico	- Programa Religioso	Difundir ideias ou preceitos religiosos.
Serviços	- Notas de utilidade pública	Auxilia ou alerta o ouvinte sobre prazos, campanhas, cortes no fornecimento de serviços etc.
Serviços	- Programete de serviço	Aconselhamentos jurídicos, turísticos ou sobre saúde, investimentos, preços, etc.
Serviços	- Programa de serviços	Venda de imóveis, negócios de automóveis, etc.
Especial	- Programa Infantil	Jogos, músicas e brincadeiras voltados às crianças.
Especial	- Variedades	Miscelânea de temas em entrevistas, reportagens.

Fonte: Do autor.

Além destes gêneros e formatos radiofônicos, também encontramos em Ferraretto (2014, p. 95-98) uma categorização de “gêneros jornalísticos”, influenciada pelo luso-brasileiro Manuel Carlos Chaparro, que pode ser resumida em cinco eixos: a) Informativo (reportagens, notícias); b) Interpretativo (boletins, entrevistas, mesas-redondas, documentários); c) Opinativo (comentários, editoriais, participação do ouvinte); d) Utilitário (previsão do tempo, trânsito, roteiro cultural); e) Diversional (técnicas de narrativa ficcional na descrição de fatos reais – recurso até então pouco utilizado no Brasil).

A seguir, trataremos mais detalhadamente do gênero radioteatro.

1.3 O GÊNERO RADIOTEATRO

No decorrer deste estudo, temos sentido certa escassez de materiais que tratem do tema, e também quando nos debruçamos sobre os meios de comunicação, o rádio, muitas vezes, acaba ocupando espaços bastante exíguos neste campo da literatura.

Compartilhamos com o leitor que, num primeiro momento, nossa perspectiva era utilizar nesta pesquisa somente o termo “radionovela”, pois nosso intuito era elaborar atividades com textos somente desse gênero. Entretanto, o aprofundamento dos estudos nos conduziu a um caminho ambíguo, onde ora os materiais em áudio encontrados eram mencionados como “radionovela”, ora como “radioteatro”. Roberto Salvador (2010), autor de “A era do Radioteatro: o registro da história de um gênero que emocionou o Brasil” soluciona rapidamente esta diferença, esclarecendo que pode ser definido como radioteatro qualquer representação teatral através do rádio, ao passo que radionovela é o radioteatro em capítulos. Ou seja, dessa forma, podemos entender que toda radionovela é um radioteatro, mas nem todo radioteatro é uma radionovela, porque para isso careceria obrigatoriamente de continuidade.

No decorrer da pesquisa, fomos percebendo que muitas vezes o trabalho em sala de aula com o uso de radionovela poderia ser, em muitos casos, inviável, devido ao fato de, geralmente, esse tipo de texto apresentar maior extensão. Já no caso do radioteatro, encontramos todos os tipos de texto, inclusive de poucos minutos; o que fez com que acabássemos optando por realizar o trabalho em sala de aula com textos mais curtos de radioteatro ou com fragmentos de radionovela,

porque, dependendo da abordagem, por diversas vezes seria necessário proceder retomada de pontos específicos ou repetir completamente a audição dos fragmentos de áudio para os alunos, o que demandaria maior tempo. Outro fator preponderante que nos conduziu ao radioteatro foi entender que, em se tratando de um gênero praticamente novo para os alunos, era importante que as mostras de texto fossem mais variadas, trabalhando textos de radioteatro na perspectiva histórica, educativa, social, humorística, humanística, etc., ao passo que o trabalho com uma ou duas radionovelas nos pareceria fornecer aos alunos uma visão reduzida do gênero.

Como já mencionado, o radioteatro brasileiro teve sua fase mais frutífera nos anos 40 e 50 do século passado, período no qual as estações de rádio do país abriram suas programações para narrativas que duravam de dois a três anos. Contudo, com a chegada da televisão em nosso país essa produção teve seu declínio. Entretanto, atualmente ainda é possível ter acesso a este gênero, seja por meio de produções preservadas desta época ou por iniciativas atuais. Na tabela abaixo, apresentaremos alguns dos programas pelos quais o radioteatro demonstra ser um gênero que marcou o passado, e também ainda se faz presente em nosso cotidiano.

Quadro 2 - Radioteatro: ontem e hoje

Título	Disponível em:	Observações:
Radionovela “Obla Air”	www.uelfm.uel.br / Rádio Uel – 107,9 khz (de 2ª a 6ª feira, 18h45 às 19h00)	Radionovela atualmente veiculada na rádio Uel, com o objetivo de desenvolver a fluência em língua inglesa. (140 capítulos)
Radionovelas.	http://www.radionovelas.com.br/	O radialista gaúcho Cláudio Monteiro divulga produções próprias de radionovelas. Também as comercializa.
Radioteatro “Chuchu Beleza”	https://www.youtube.com/watch?v=Y5-3DZGWi8k	Radioteatro humorístico/satírico, atualmente veiculado na rádio Jovem Pan.
Teatro de Mistério	https://www.youtube.com/watch?v=vZxtCt_fyvg	Radioteatro produzido pela Radio Nacional (RJ), nos anos 70 e 80.
Eta mundo bom!	https://globoplay.globo.com/eta-mundo-bom/p/9105/	Telenovela da Globo, tematiza a época de ouro das radionovelas brasileiras, e apresenta a radionovela “Herança de Ódio”, de Oduvaldo Vianna; que é concomitantemente veiculada na rádio Globo (2016) – 93 capítulos.
A vida de nosso senhor Jesus Cristo	https://www.youtube.com/watch?v=Bij0r9FugGY	Radioteatro religioso, produzido pela Rádio Nacional do Rio de Janeiro (1959).
A turma da maré mansa	https://www.youtube.com/watch?v=2gf8G-lhLLg	Radioteatro humorístico, com diversos quadros (“A velha surda”, por exemplo), veiculado nas rádios cariocas, nos anos 70 e 80.
Radionovela “O tiro”.	https://www12.senado.leg.br/radio/1/series-especiais/radionovela-o-tiro	Radionovela com teor histórico e social, disponível no portal da Rádio Senado.
História do Dito Gaioleiro	http://busca.ebc.com.br/?site_id=rádios&q=radionovela	Radionovela volta para o público infantil, veiculada no portal da Rádio Nacional da Amazônia.
Jerônimo: o herói do sertão.	https://www.youtube.com/watch?v=P0OWuMSOkUk	Radionovela sertaneja com traços de faroeste, veiculada pela Rádio Nacional do RJ, nos anos 50 e 60.
Chapeuzinho amarelo.	http://video.cce.ufsc.br/radio/sepex2010/Radioteatro%20chapeuzinho.mp3	Adaptação da obra de Chico Buarque, disponibilizada pelo portal radioponto (UFSC). Outros arquivos de radioteatro também podem ser encontrados no site.
Balança, mas não cai.	https://www.youtube.com/watch?v=46G0SI22CG4	Radioteatro humorístico, veiculado pela Radio Nacional do RJ (anos 50 e 60).
Tancredo e Trancado	https://www.youtube.com/watch?v=xO-VQTniWpA	Radioteatro humorístico, veiculado pela Radio Nacional do RJ (anos 70 e 80).
A pequena doméstica.	http://radios.ebc.com.br/mambembeiro/2017/09/radioteatro-levanta-bandeira-contra-o-trabalho-infantil	Radioteatro social, tematizando os malefícios do trabalho infantil; veiculado na Rádio Nacional de Brasília.
Os Bollagattos	http://try.ubook.com/osbollagattos/ (exclusivo para assinantes da plataforma)	Radionovela em plataforma de audiolivro, narra a história de uma família que lidera o crime no Rio de Janeiro, em meados dos anos 40. (15 episódios)

Fonte: Do autor.

A seguir, trataremos mais especificamente sobre um dos grandes subgêneros do radioteatro: a radionovela.

1.3.1 A Radionovela: Forte Pilar do Radioteatro no Brasil

“A radionovela foi um gênero novo do rádio, baseada exclusivamente na força das palavras, capaz de, sem o apoio das imagens e da cena teatral, desencadear a máxima participação emotiva do ouvinte.” (GIOVANNINI, 1987, p. 225).

As narrativas que versam sobre o cotidiano parecem sempre ter permeado a existência humana, prendendo a atenção do leitor/ouvinte. Os contos do Decameron, de Boccaccio, podem indicar já indícios desta trilha. Entretanto, segundo Piveta (1999), quando se trata de radionovela, sua árvore genealógica nos conduzirá para uma linhagem mais próxima: a “*soap opera* americana” e a “radionovela latino-americana”.

Antes da chegada do período da “*soap opera* americana”, ou seja, final do século XIX e início do século XX, o que se viu no Brasil em termos de narrativa foram os “folhetins”: histórias contadas em episódios, nas páginas dos jornais. Entretanto, com alto índice de analfabetismo e sendo então o jornal um meio de maior prestígio, tais narrativas não tiveram grande alcance na maior parte da população. Diferentemente disso, as histórias seriadas americanas, ou “*soap opera*” trouxeram consigo uma linguagem mais simples, e maior alcance, devido ao fato de serem veiculadas no rádio. Enfrentando grandes dificuldades econômicas, devido à crise de 29, as empresas norte-americanas apostaram nas donas-de-casa de seu país para promover seus anúncios de produtos de uso doméstico. Tal aposta apresentou um grande sucesso, e as narrativas financiadas pelos produtos perduraram com extremo esplendor até a chegada da televisão (PIVETA, 1999, p. 5-6).

Com relação à radionovela latino-americana, seu grande expoente foi o escritor cubano Félix Caignet, autor que apostou em temas melodramáticos do universo feminino, e que até hoje é bastante lembrado pela radionovela “El derecho de nacer” – versão que alcançou grandioso sucesso em nosso país na década de 50 (PIVETA, 1999, p. 7). Outras radionovelas de grande destaque foram “Em busca da felicidade”, obra do cubano Leandro Blanco, e “A Predestinada”, também no de

1941, quando o então diretor artístico Oduvaldo Viana, após viagem à Argentina, acaba tendo contato com a obra, e promove sua adaptação, com forte apoio de uma empresa de creme dental, que passa a financiá-la. Mais tarde, o mesmo O. Viana seria o responsável pela primeira radionovela genuinamente brasileira: “Fatalidade”, no ano de 1947.

No Brasil, como já fora dito, a radionovela alcança seu ápice nos anos 40 e 50, principalmente aquelas veiculadas matutinaamente na Rádio Nacional do Rio de Janeiro. Dentre seus grandes autores, podem ser relacionados nomes como Giuseppe A. Ghiaroni – bastante conhecido por seus textos de caráter religioso e humorístico –, Oduvaldo Vianna, Amaral Gurgel, Dias Gomes, Mário Lago, Mário Brazzini, Edgar G. Alves, Alfredo Palacios, Janete Clair e Ivani Ribeiro. Muitos deles, inclusive, posteriormente se imortalizaram escrevendo para outro gênero: a telenovela brasileira (VENSON, 1991, p. 17).

Assim como a “*soap opera* americana”, a radionovela no Brasil também teve como público alvo inicial a dona-de-casa e trouxe como uma de suas consequências o incremento no número de aparelhos de radiodifusão em nosso país. Abandonando momentaneamente seu forte apelo comercial, não se pode negar que a radionovela possibilitou a sua infinidade de ouvintes uma relação mais direta e espontânea com o rádio, permitindo a este público vivenciar os enredos e ser invadido pelas emoções presentes nos textos.

Como as atividades propostas aos alunos terão como um dos objetivos incentivar o maior equilíbrio entre as habilidades de oralidade, leitura e escrita em sala de aula, a seguir, versaremos sobre este tema.

CAPÍTULO 2

AS HABILIDADES DE ORALIDADE, LEITURA E ESCRITA

De acordo com as Diretrizes Curriculares do Estado do Paraná (2003, p. 55), as habilidades de oralidade, leitura e escrita são práticas sociais, que objetivam a constituição do aluno enquanto sujeito, num processo interativo e dinâmico de aprendizagem. Este documento orienta aos professores que possibilitem aos seus alunos o maior contato com a linguagem possível, principalmente em diferentes esferas sociais, para que os alunos possam entender o texto e seus sentidos, intenções e visões de mundo.

Segundo o mesmo documento, a oralidade deve ter como ponto de partida os conhecimentos linguísticos do aluno, e também deve ter bastante claro que as variantes linguísticas devem ser acolhidas e respeitadas; tendo na escola este papel de gestão democrática e socializadora dos conhecimentos.

Schneuwly, Dolz e Haller (2004), em seu artigo “O oral como texto: como construir um objeto de ensino”, traduzido por Roxane Rojo e Glaís de Sales Cordeiro apresenta uma realidade vivenciada na França, que também se configura no Brasil: os autores afirmam que a oralidade é trabalhada com maior intensidade e atenção nas duas extremidades do processo educacional, ou seja, nas atividades da pré-escola e no ensino superior, enquanto que, como é sabido, em todo o ensino fundamental e médio é a escrita que predomina. Neste mesmo artigo, os autores orientam que o primeiro passo para que se consiga didatizar o oral seria definir seu objeto, ou seja, caracterizar qual oral será ensinado, da mesma forma como já é feito com o escrito. Na sequência, os autores passam a detalhar os elementos do oral, e algumas dessas orientações também serão usadas por nós no momento de instrução das tarefas a serem realizadas na exposição oral dos trabalhos dos alunos.

Na primeira orientação, os autores recorrem a Fontaney (1987) e afirmam que:

A principal função da entonação consiste em marcar o acabamento ou a continuidade do fluxo verbal. A entonação de abertura, geralmente ascendente, chama a atenção do interlocutor e desperta suas expectativas. Ela indica que o interlocutor não deixou de falar e não deseja ser interrompido. A entonação conclusiva, frequentemente realizada com abaixamento de um tom, marca o fim do enunciado. Numa conversação, a

entonação permite a regulação dos turnos de fala entre os interlocutores e facilita a co-construção do discurso. (SCHNEWLY; DOLZ; HALLER, 2004, p. 155-156).

Esse tipo de orientação é necessária, tanto nas apresentações orais do radioteatro, quanto na própria organização das discussões em sala de aula, no cotidiano escolar, pois, em muitos casos, as crianças e adolescentes ainda não demonstram total organização em suas ações, o que resultará num ambiente tumultuado em sala de aula e num trabalho de radioteatro entrecortado por silêncios ou interrupções, caso os interlocutores não estejam todos orientados e conscientes da forma adequada para a troca dos turnos de voz.

No mesmo artigo citado anteriormente, Schnewly e Dolz (2004) estabelecem um paralelo entre o oral e o escrito, destacando o fato de que muitas vezes a escola tende a avaliar o oral com os padrões referenciais da escrita, o que, segundo os autores, é uma atitude equivocada, uma vez que a oralidade comporta dois meios: os linguísticos, ou seja, palavras ou orações, que se estruturam no mesmo momento de sua produção, entremeados a hesitações, titubeios, reformulações, turnos abortados; e os para-linguísticos, que se configuram nas pausas, melodia, respiração, risos, suspiros, etc.; enquanto a escrita não comporta os últimos elementos citados.

Schnewly e Dolz (2004) estabelecem ainda a distinção entre o “oral espontâneo” e o “a escrita oralizada”, sendo que, segundo os autores, no primeiro caso temos uma fala improvisada numa interlocução conversacional, enquanto que, no segundo, a palavra é lida ou recitada. No caso do radioteatro, usaremos nesta pesquisa o termo “leitura dramatizada”, pois não teremos uma fala totalmente espontânea, uma vez que o registro será embasado em um texto previamente elaborado e, por outro lado, este texto deverá não apenas ser lido, mas ser interpretado, com a carga emotiva de cada cena. Também destoando dos autores, usaremos nesta pesquisa o termo “leitura oralizada” quando os alunos apenas lerem os textos sem dramatizá-los, ou seja, equivalendo ao conceito designado pelos autores como “escrita oralizada”, por exemplo, quando realizarem a leitura de redações feitas por eles mesmos ou fragmentos do livro didático em sala de aula.

As mesmas diretrizes anteriormente mencionadas salientam que a habilidade de escrita precisa estar calcada numa gama de textos de diferentes gêneros, e que não pode ser vinculada a questões meramente linguísticas, mas sim

aquelas que fortaleçam sua identidade enquanto sujeito social e consiga posicionar-se frente às demandas de sua comunidade.

Sob uma perspectiva psicolinguística, Kato (1993) busca estabelecer um paralelo entre a oralidade – a fala – e a escrita; contudo, a autora dá maior ênfase à escrita. A autora afirma que:

[...] a função da escola, na área da linguagem, é introduzir a criança no mundo da escrita, tornando-a um cidadão fundamentalmente letrado, isto é, um cidadão capaz de fazer uso da linguagem escrita para sua necessidade individual de crescer cognitivamente e para atender às várias demandas de uma sociedade que prestigia esse tipo de linguagem como um dos instrumentos de comunicação. (KATO, 1993, p. 7).

Diferentemente do exposto acima, acreditamos que as diversas transformações sociais, principalmente no que diz respeito aos avanços tecnológicos, tem nos levado a perceber que todas as habilidades são necessárias para o suprimento das demandas sociais, não devendo a escolar fazer distinções ou excluir qualquer uma delas. Pelo contrário, o papel da escola é oportunizar aos alunos os mais diversos tipos de textos, em suas modalidades orais e escritas, oferecendo-lhes tratamento igualitário, no que diz respeito ao prestígio, e diferenciado, no que diz respeito às características, especificidades e tratamento.

Apoiada nas teorizações bakhtinianas, as DCE's (PARANÁ, 2003) afirmam que a leitura deve ser dialógica, envolvendo demandas sociais, históricas, políticas, econômicas e ideológicas. O mesmo documento também ressalta a importância do trabalho diverso com os textos e afirma que no ato de leitura, um texto conduz a outro; ou seja, a partir de um texto conseguimos estabelecer conexões com outros textos ou até mesmo outras formas de expressão artística.

Kleiman (2004) reforça o conceito intertextual exposto no parágrafo anterior, e complementa afirmando que é necessário trabalhar com os alunos diversas estratégias de leitura, para que eles consigam reconhecer as marcas gramaticais, lexicais, temáticas, presentes nos textos; o que contribuiria em seu processo de interpretação, na reconstrução de ideias, etc.

Finalizando estas considerações sobre as habilidades de oralidade, leitura e escrita, percebemos que o gênero trabalhado nesta pesquisa tende a tomar um caminho diverso do que alguns teóricos têm descrito: ao invés de partirmos da oralidade para a escrita, como, por exemplo, a chamada “retextualização”, descrita

por Marcuschi (2001), na retransmissão de um aviso, recebido por telefone, que deverá ser divulgado a outras pessoas no mural do condomínio, por exemplo, no caso do radioteatro o que ocorre é a existência de um texto que nasce de forma escrita para ser oralizado, o que demanda que os alunos compreendam tanto a habilidade escrita quanto a oral.

A seguir, passaremos para a metodologia deste trabalho.

CAPÍTULO 3

METODOLOGIA

“Entendemos por Pesquisa a atividade básica das Ciências na sua indagação e descoberta da realidade. É uma atitude e uma prática teórica de constante busca que define um processo intrinsecamente inacabado e permanente”. (MINAYO, 2004, p. 23).

A pesquisa de fenômenos sociais, nos últimos anos, tem revelado seus resultados, principalmente, por dois importantes eixos: a pesquisa quantitativa e a pesquisa qualitativa.

Segundo Santos Filho (2000), a pesquisa quantitativa está embasada no rigor científico, na contagem e análise numérica e, sob um olhar positivista, concebe a generalização dos eventos.

Diferentemente da anterior, a pesquisa qualitativa tem caráter interpretativo, base fenomenológica (TAYLOR; BOGDAN 1984 apud SANTOS FILHO, 2000, p. 39), e concebe a realidade como fruto de um construto social inacabado. Neste tipo de estudo, fortemente enraizado nas ciências sociais, crenças e valores também terão seu espaço na análise dos dados; pois, diferentemente da pesquisa quantitativa, a pesquisa de base qualitativa apresenta como grande preocupação a compreensão dos fatos já existentes, e não a descoberta dos mesmos (SANTOS FILHO, 2000, p. 43).

Além destas dissimilitudes, segundo Santos Filho (2000, p. 44-45), também é possível destacar que na pesquisa quantitativa ocorre a manipulação estatística dos dados de modo frio e objetivo, cabendo ao pesquisador o distanciamento e a maior fidedignidade possível; ou seja, aqui temos a presença do método dedutivo, no qual princípios verdadeiros são responsáveis por construir premissas maiores, por meio de relações lógicas. Por outro lado, os pesquisadores qualitativos estarão imersos no estudo proposto, optando pelo método indutivo, ou seja, sob um viés holístico, sua percepção dos fenômenos será mais abrangente e analítica.

Tomando como base estas considerações, nosso estudo será conduzido pela perspectiva qualitativa, uma vez que o objeto a ser estudado se configura no uso da linguagem, nas modalidades oral e escrita, e, sob esta óptica, entendemos que a simples quantificação de qualquer um dos fenômenos não seria suficiente para tentar desvendar as questões já propostas, uma vez que elementos de ordem

sociocultural também serão elencados no correr da análise das atividades propostas e aplicadas.

Para esta análise, serão aplicadas atividades orais e escritas em sala de aula, a serem detalhadas no tópico seguinte, envolvendo a leitura, audição e interpretação de textos variados do gênero radioteatro. Também ocorrerá a produção escrita e apresentação oral de um capítulo de radioteatro e pesquisas sobre o tema. O objetivo será a apropriação deste gênero por parte dos alunos, e o desenvolvimento linguístico, principalmente no que diz respeito ao uso de sinais de pontuação e de discurso direto e indireto.

A seguir, trataremos dos instrumentos de coleta de dados.

3.1 DOS INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

Com relação aos instrumentos de coleta de dados na pesquisa qualitativa, Minayo (2004, p. 99) enumera alguns, como, por exemplo: as entrevistas semiestruturadas, os diários de campo, etc. Com relação ao primeiro, que, nas palavras da autora, seriam os “roteiros de entrevista”, ela afirma que estes diferem de um mero questionário por serem fios condutores que levantam, ampliam e aprofundam as questões requeridas; ou seja, eles apenas norteiam a conversa, mas em nenhum momento a limitam. A mesma autora também destaca a importância do uso do “Diário de Campo”, que seria um material de anotações informais sobre comportamentos, conversas informais, hábitos, usos, costumes, expressões etc.

Ainda segundo Minayo (2004), a investigação qualitativa deve ser flexível, promovendo a interação com os atores sociais envolvidos. Por este motivo, na pesquisa qualitativa:

Os instrumentos costumam ser facilmente corrigidos e readaptados durante o processo de trabalho de campo, visando às finalidades da investigação. Mas não se pode ir para a atividade de campo sem se prever as formas de realizá-lo. Improvisá-lo significaria correr o risco de romper os vínculos com o esforço teórico de fundamentação, necessário e presente em cada etapa do processo de conhecimento. (MINAYO, 2004, p. 101)

A seguir, trataremos das ações práticas que deverão ser aplicadas em sala de aula.

3.2 DAS INTERVENÇÕES EM SALA DE AULA

Para que possam ser realizadas as intervenções em sala de aula foi produzido um material (Apêndice A), intitulado “O Universo Mágico do Radioteatro”, pelo qual os alunos poderão ter contato com este “universo”. Este material foi estruturado em 4 unidades, objetivando que os alunos possam, com o passar do tempo, ir familiarizando-se com a história do rádio no Brasil – e do radioteatro brasileiro -, com as especificidades deste gênero; e que, ao mesmo tempo, conciliem o conteúdo previsto para a série (neste caso, o oitavo ano do ensino fundamental), no que diz respeito às práticas linguísticas e ao desenvolvimento das habilidades de escrita e oralidade.

Pensadas, portanto, num sistema espiral, ou seja, num crescente de dificuldades e de carga informativa, as unidades estão estruturadas de forma que o professor possa realizar seu trabalho sobre os seguintes eixos: num primeiro momento os alunos terão o contato com o título da Unidade (EMBARCANDO NESTE UNIVERSO/ Mergulhando neste universo/ Emocionando-se neste universo/ Vivenciando este universo), que será explorado oralmente e, logo em seguida, com uma imagem, que terá como objetivo despertar a curiosidade e o interesse dos alunos pelo tema que será tratado em cada unidade, assim como permitir ao professor estabelecer conexões com o conteúdo a ser aprofundado. Junto a esta imagem, os alunos também encontrarão algumas questões, que deverão ser exploradas primeiramente de forma oral e, posteriormente, caso julgue necessário, também por escrito.

Dando continuidade às unidades, o primeiro tópico foi nomeado como “A HORA DO OUVINTE”, e seus objetivos são: permitir que o aluno possa vivenciar a experiência de ouvir trechos de radioteatro de modalidades distintas: radionovela (da época de ouro do rádio e de hoje); radioteatro - de cunho social, pedagógico/social, humorístico; que possa conhecer o gênero radioteatro numa ampla dimensão (não apenas como textos semelhantes aos das atuais telenovelas); conseguir compreender como diferentes entonações podem conferir diferenças de sentido ao texto; como a linguagem tende a adequar-se aos contextos de uso e suas variantes (históricas, regionais); aprimorar seu repertório léxico, a partir de palavras e expressões presentes nos textos. Por diversas razões temos sentido que este trabalho também possibilitará discutir questões de caráter sociológico, tais como as

relações entre diferentes classes sociais, a figura da mulher na sociedade com o passar das décadas, o conceito de família em cada momento histórico, etc.; e isso deverá ocorrer de forma serena, possibilitando que os alunos expressem seus pensamentos, respeitando a opinião dos colegas; e, também, não deixando de lado o desenvolvimento de aspectos linguísticos.

Desse modo, na sequência das atividades foi elaborado o tópico nomeado “DE OLHO NA LÍNGUA”, na qual buscamos conscientizar ou reforçar bases e estruturas organizacionais que normatizam nosso idioma, contudo, sempre tendo como ponto de partida mostras linguísticas contextualizadas e em uso. Para tanto, as frases, trechos ou pequenos textos apresentados foram retirados dos próprios trechos de radioteatro apresentados no tópico anterior, possibilitando ao aluno que as frases estivessem dentro de um contexto (já conhecido por ele) e não fragmentos desconexos que, em geral, não estabelecem relações de sentido. Imediatamente à frente, o próximo tópico foi denominado como “MÃO NA MASSA”, e seu objetivo, obviamente, será proporcionar aos alunos atividades práticas, aliadas ao componente teórico anteriormente trabalhado em sala de aula.

Após o primeiro contato com o gênero radioteatro, ocorrido na seção “A HORA DO OUVINTE”, ainda em cada unidade será disponibilizado aos alunos um novo texto de radioteatro, no qual os alunos farão um trabalho mais amplo, que envolverá atividades de audição, leitura silenciosa, leitura dramatizada e interpretação textual, nomeado como CONHECENDO O GÊNERO.

As atividades de interpretação terão os seguintes objetivos: que os alunos se apropriem das características do gênero radionovela (público alvo; suporte, ou seja, local de veiculação; marcas linguísticas, entonação, tom de voz, efeitos sonoros); desenvolvimento das capacidades interpretativas no que diz respeito à estrutura textual; escolha léxica; reconhecimento de marcas estilísticas, figuras de linguagem, efeitos de ironia, humor, etc.; e percepção nos textos de relações de sentido com sua vida e seu entorno.

Ao final das unidades, será proposta aos alunos a chamada “TAREFA FINAL”, a qual deverá condensar, sintetizar os conteúdos perpassados, e prepará-los para a realização da última atividade prática do curso: a elaboração escrita e a apresentação oral de um capítulo de radioteatro, partindo de suas próprias inquietações.

Como fora dito, a primeira unidade foi nomeada “Embarcando neste Universo”, e seu objetivo será estabelecer um primeiro contato com o universo do rádio e do radioteatro em nosso país. No início desta unidade, será solicitado aos alunos que respondam pessoalmente uma entrevista, para que o professor consiga ter uma dimensão sobre a visão dos jovens com relação ao rádio, sobre seu uso e sua influência em seu cotidiano. Com relação aos textos de radioteatro, optou-se por trazer duas amostras que pudessem estabelecer um resgate histórico e projetar os alunos para os anos de ouro do rádio, sendo o fragmento da radionovela “Herança de Ódio” (CD, faixa 1), de Oduvaldo Vianna, e o primeiro capítulo da radionovela “O tiro” (CD, faixa 2), que tem como pano de fundo a volta do presidente Getúlio Vargas ao poder. No componente linguístico, esta primeira unidade objetiva trabalhar os sinais de pontuação (ponto final, ponto de interrogação, ponto de exclamação e reticências) e sua Tarefa Final, ou tarefa síntese, será solicitar aos alunos que escrevam um novo final para a segunda narrativa apresentada, com o objetivo de proceder a primeira avaliação diagnóstica sobre possíveis dificuldades relacionadas ao gênero, e questões linguísticas relacionadas aos temas propostos na unidade.

Segunda unidade, intitulada “Mergulhando neste Universo”, traz como motivação inicial uma imagem com rostos de radioatores e radioatrizes da época de grande sucesso das radionovelas. Os objetivos desta unidade são: aprofundar os conhecimentos sobre a história do rádio e do radioteatro no Brasil; revisar e praticar exercícios sobre os demais sinais de pontuação; possibilitar aos alunos refletir sobre questões ligadas à identidade e autoestima. Com relação a este último aspecto, dois textos terão importante papel nas discussões de temas da atualidade: o primeiro, intitulado “Bia, Bia” (CD, faixa 3), discute sobre questões de gênero, papéis sociais; e o segundo, chamado “A criança redonda” (CD, faixa 4), tratará sobre questões relacionadas à aceitação, preconceito, *bullying*. Na seção “UM POUCO DE HISTÓRIA”, criada especialmente para esta unidade, os alunos conhecerão mais a fundo sobre o passado do rádio e do radioteatro, tendo como base alguns documentários, pelos quais poderão ver contada a história das grandes empresas de rádio de nosso país; como eram as publicidades daquela época (e compreender sua importância) e conhecer como os efeitos sonoros eram produzidos. Como “Tarefa Final” desta unidade, os alunos deverão elaborar os efeitos sonoros (a sonoplastia) de um texto, que será fornecido pelo professor. Os objetivos desta atividade são: a apropriação de mais elementos do radioteatro; a percepção de

como a linguagem pode ser desenvolvida por caminhos diferentes; a consciência das próprias potencialidades e dos colegas; o respeito pelo resultado do trabalho alheio, a organização na elaboração e no momento de socialização dos trabalhos.

A terceira unidade, nomeada “Emocionando-se neste Universo” tem como seu maior objetivo permitir aos alunos conhecer outras vertentes do radioteatro (teatro de humor, teatro de mistério, religioso, social). Para tanto, serão trabalhados dois textos de radioteatro: “A invasão do espaço” (CD, faixa 5), retratando o teatro de mistério; e “Departamento nacional de más notícias”, da série “Tancredo e Trancado” (CD, faixa 6), que trará um radioteatro humorístico. No campo linguístico, será realizado um detalhamento sobre o uso de discurso direto e indireto, para que o aluno possa demonstrar domínio de seu uso e consiga escolher caminhos textuais que melhor expressem o sentido requerido. Para consolidação deste estudo, a “Tarefa Final” solicitada será a reconstrução de uma narrativa envolvendo discurso direto, a partir de um vídeo.

A quarta e última unidade, nomeada “Vivenciando este Universo”, traz no colorido de sua imagem de entrada a perspectiva de encantamento do aluno por todo este “universo”, antes – provavelmente - desconhecido. O componente linguístico será a distinção entre linguagem culta e coloquial, uma vez que ao fim deste estudo espera-se que o aluno produza um fragmento de radioteatro, e adequar a linguagem ao contexto será um dos pontos importantes para o sucesso desta tarefa. Os dois episódios de radioteatro “De volta ao lar” (CD, faixa 7) e “Meu nome, minha história” (CD, faixa 8), presentes nesta unidade, terão como temática a discussão de problemas do cotidiano e este também será o foco da última atividade deste estudo: a elaboração escrita e a apresentação oral de um capítulo de radioteatro, que tenha surgido do levantamento dos problemas presentes no dia a dia dos alunos. Entendemos que esta tarefa se justifica pelo fato de possibilitar aos alunos perceber-se como parte integrante de sua sociedade e atuar socialmente – e linguisticamente – para promover as mudanças que acreditar serem necessárias para uma maior igualdade entre as pessoas e também para a busca de encaminhamentos a seus próprios conflitos.

Na “Tarefa Final” da última unidade, os alunos serão organizados em grupos de 5 a 6 alunos e, inicialmente, deverão listar os diversos problemas que julgarem afetá-los naquele momento de suas vidas. Feito isso, deverão refletir, discutir e eleger apenas um problema vivenciado em sua comunidade, para, em seguida,

como já fora dito, iniciar o processo de elaboração de um fragmento de radioteatro. É importante que esta tomada de decisão seja dialogada, para que todo o grupo participe de forma efetiva e democrática, e ajude a construir o texto a partir de algo defendido ou acordado pela maioria dos integrantes e tido realmente como pertinente a todos. Essa primeira etapa da tarefa será realizada oralmente e por escrito, e ao final os alunos deverão redigir um pequeno texto, expondo o problema escolhido e justificando as razões de tal decisão.

Num segundo momento, já com a definição do problema a ser vivenciado na estória, os alunos passarão para os demais elementos da narrativa, determinado tempo, espaço, personagens e suas caracterizações, uso da linguagem, voz narrativa. Na fase de escritura, os alunos deverão atentar-se para a organização textual, o efeito provocado pela escolha léxica ou por combinações de palavras; a importância da troca de turnos de fala de forma coerente e equilibrada aos contextos; etc.

Após a produção escrita, os alunos deverão refletir sobre as formas de sonorização do texto a ser dramatizado e as possibilidades de representação de cada espaço. Num momento seguinte, os alunos deverão proceder aos ajustes e ensaios de seus textos. Mais adiante, os textos dos alunos deverão passar por orientações linguísticas, sem ferir a essência daquilo que produziram, e também relacionadas à leitura dramatizada de seus textos: tom de voz, ritmo, etc. Enfim, após os devidos ensaios e orientações, deverão proceder à leitura dramatizada dos textos, que serão gravados de forma individualizada e, posteriormente, será feita a audição conjunta.

O professor fará uma avaliação do processo juntamente com os alunos e, caso seja possível, buscará formas para que o trabalho dos alunos tenha repercussão nas demais turmas do colégio.

CAPÍTULO 4

ANÁLISE DE DADOS

Como mencionado na seção anterior, a intervenção em sala de aula se deu por meio de um conjunto de atividades relativas ao radioteatro, (Apêndice A), que teve como ponto de partida levar aos alunos o primeiro contato com este “universo”. Ela ocorreu numa escola pública da rede estadual, na zona oeste de Londrina-Pr, envolvendo uma turma de oitavo ano do ensino fundamental, e se estendeu entre os meses de maio a outubro de 2018.

O primeiro capítulo, intitulado “Embarcando neste Universo”, teve como objetivo introduzir a importância do rádio enquanto meio de comunicação para as gerações anteriores às dos alunos, levando-os a refletir sobre as mudanças sociais pelas quais passamos permanentemente, e como estas podem afetar a vida das pessoas e, conseqüentemente, suas formas de expressão e comunicação.

Antes de iniciar a análise de cada atividade, faz-se necessárias algumas observações. Para demonstrar tais dados obtidos, optamos por trazer mostras dos próprios alunos, e não apenas comentá-las. Acreditamos que isso contribuirá para nossa análise, uma vez que poderemos demonstrar de forma mais sólida os problemas apontados no início deste estudo – como a falta de adequação às regras de pontuação, por exemplo – e também avanços conquistados pelos alunos, ocorridos em grande parte na apropriação do gênero radioteatro, e também na elaboração escrita e produção oral deles. Obviamente, não será viável, nem mesmo necessário, trazer todas as participações, por isso, optamos por apresentar aquelas que nos pareceram mais significativas para cada questão. Ressaltamos também que, por questão de organização textual, citaremos cada resposta como sendo um “fragmento”, não importando se o texto do aluno se apresenta completo ou incompleto, e vamos enumerá-lo pela ordem que vai aparecendo nesta análise. Para preservar a identidade dos alunos, evitar sua exposição, e por não julgarmos necessário, os autores de cada fragmento serão generalizados, sendo que para todos será dado o tratamento “aluno”.

Retomando, a primeira atividade trouxe uma imagem, em preto e branco, de uma família reunida junto ao rádio, e cinco questões abertas para que cada aluno pudesse observar a cena e, a partir dela, fossem levantadas as primeiras hipóteses sobre o advento e consolidação do aparelho em nosso país. De forma geral, pode-

se afirmar que a interpretação dos alunos se mostrou bastante reveladora, uma vez que alguns se apoiaram mais em suas vivências, enquanto outros se ativeram mais àquilo que visualizavam. Vejamos abaixo algumas respostas:

Fragmento 01

a) O que esta cena representa para você?

Uma família escutando rádio

Fragmento 02

a) O que esta cena representa para você?

É um momento em família, estão ouvindo rádio e se divertindo pelo serviço no resto

Fragmento 03

a) O que esta cena representa para você?

uma família reunida, ouvindo rádio - novela

Observando as respostas acima, podemos constatar diferenças na interpretação da mesma imagem, uma vez que o primeiro aluno apenas descreveu aquilo que via, enquanto os demais foram além, percebendo no rádio uma forma de união familiar (o que, em maior escala, culminaria mais adiante numa crescente unidade da própria nação), possibilitada, à época, pela programação do rádio: músicas, entrevistas, radioteatro, etc.

Na segunda questão, a maior parte dos alunos destacou a harmonia apresentada na imagem, conferindo aos personagens adjetivações positivas, como educação e elegância:

Fragmento 04

b) Quem são as pessoas? Como se comportam? Como se vestem?

~~vão pessoas elegantes~~, parecem ser pessoas educadas e
uma família
se vestem com roupas antigas e elegantes

Ao serem inquiridos sobre a época da imagem, ou seja, sobre a época de auge do rádio no Brasil (décadas de 30 e 40), os alunos variaram bastante suas

respostas, majoritariamente divergindo entre 1920 a 1990. Aproximadamente 80% dos alunos justificaram tais datas principalmente pelo modelo do rádio, pelas vestimentas e pelo fato de a imagem estar em preto e branco. Vejamos dois fragmentos:

Fragmento 05

R: Das anos 30 a 40, ~~por~~ porque a rádio é antiga, não existem muitos deles hoje em dia, e pelo pentecoa e forma de se vestir.

Fragmento 06

Das décadas 30 a 70. Porque antigamente se escutava muito rádio e a foto é branco e preto.

Por fim, a última questão desta atividade perguntava aos alunos qual era o centro de atenção das pessoas da imagem e qual a razão disso. Os alunos argumentaram que na figura a família se mostrava atenta ao rádio por diversos motivos: sintonizar corretamente uma rádio (dificuldade comum em aparelhos antigos), por ser um aparelho interessante, uma “novidade da época”, para ouvir melhor, etc. Vejamos o fragmento abaixo:

Fragmento 07

e) A atenção dos pais se volta para que objeto? Por quê?

Um rádio - talvez para escutarem o jornal ou novelas.
era o unico objeto daquela época.

Contudo, ainda na última questão, uma resposta merece destaque: um dos alunos reconheceu a importância de certo grau de atenção na audição do aparelho de rádio para que os ouvintes pudessem imaginar “a história que se passava no rádio”, ou seja, a audição da história do radioteatro da época. Vejamos abaixo este fragmento:

Fragmento 08

e) A atenção dos pais se volta para que objeto? Por quê?

Para os filhos prestarem atenção no rádio, porque eles queriam que seus filhos imaginassem a história que se passava no rádio.

Sobre a questão da atenção por parte dos alunos, tanto em sala de aula quanto em seu cotidiano, cabe ressaltar que por diversas vezes este tema veio à tona, seja pelo uso indevido de aparelhos eletrônicos ou por se envolverem em outros assuntos alheios ao foco da aula. Por isso, reafirmamos que o uso pedagógico do radioteatro em sala de aula possibilitou aos alunos a percepção de que seu desenvolvimento social, linguístico, psicológico, enfim, humano, passaria muitas vezes pela necessidade de disciplinar sua atenção de acordo com cada situação, cabendo-lhes o domínio sobre o tipo de atenção dispensada a cada momento, para cada atividade desenvolvida.

A mesma necessidade pôde ser vivenciada pelos alunos nas primeiras audições de radioteatro, quando alguns acabavam tecendo comentários em meio ao processo de audição, prejudicando a si próprio e aos demais, quanto à interpretação do todo narrado naquele trecho. Sobre uma perspectiva mediadora, coube ao professor⁵, nestas situações, esclarecer aos alunos sobre a importância de se respeitar os turnos de voz, de pedir a palavra, de aguardar até que a mesma lhes fosse concedida, de respeitar opiniões contrárias ou diversas, de selecionar o vocabulário ao manifestar ideias, de refletir se aquilo que seria dito era pertinente e adequado ao momento; atitudes estas que num grupo de crianças e pré-adolescentes foi bastante desafiador – incluindo o fato de muitos destes relatarem que isso não era comum no interior de seus lares. Entretanto, desconsiderando especificidades deste grupo de alunos, acreditamos que a oportunidade de discutir sobre respeito mútuo, consideração com os demais, organização no pensamento e na exposição de ideias, etc., aqui viabilizada pelo uso pedagógico do radioteatro, deve ser estimulada também em outras atividades, sobretudo incluindo as demais disciplinas.

⁵ Em todas as ocasiões, o professor mencionado corresponde ao autor da presente pesquisa.

Dando continuidade à primeira Unidade, foi solicitado aos alunos que respondessem a uma pesquisa, com o objetivo de verificar o que o rádio representava para eles naquele momento, e até que ponto as atividades relativas ao radioteatro poderiam modificar suas percepções. O detalhamento dos resultados se encontra em anexo (Apêndice B). A seguir, comentaremos somente os dados de maior relevância.

Os dados revelaram que grande parte dos alunos possui apenas um aparelho de rádio em sua residência ou não o possui, e que este é, geralmente, usado para manter-se informado de temas cotidianos (comentário esportivo, horóscopo, fatos envolvendo artistas, cantores, telenovelas) ou, sobretudo, para ouvir músicas. Os alunos não demonstraram qualquer apego por algum programa específico de rádio, ou por uma emissora de rádio em particular, mas veem no rádio “uma oportunidade de ouvir música quando não é possível obter sinal de internet”. Em diversas respostas, foi possível verificar alunos afirmando que o hábito de ouvir músicas está bastante arraigado em seu dia a dia, que é algo que os tranquiliza, como uma atividade que “torna as outras mais suave”. Portanto, sendo atualmente o aparelho de rádio visto pelos alunos muito mais como uma oportunidade quase exclusiva de ouvir músicas, ele acaba sendo “substituído” por outros meios de comunicação, como, por exemplo, o aparelho de telefone celular, a televisão, o computador; o que explica o baixo número de aparelhos apontados no início deste parágrafo.

Nesta mesma linha, a pesquisa também mostrou que um grande número de alunos ouve programas de rádio pela internet ou pelo celular, e que o aparelho de rádio instalado no carro ainda é a forma mais recorrente de contato dos alunos com os programas de rádio.

Ao ser questionados sobre “radionovela”, a maior parte admitiu já ter ouvido falar, embora a quase totalidade (apenas um aluno afirmou já ter ouvido) nunca tenha ouvido. Vejamos a seguir como alguns alunos a definiram:

Fragmento 09

X. Com suas palavras, o que é uma Radionovela?

É uma novela, com poucos capítulos, exibida no rádio.

Fragmento 10

X. Com suas palavras, o que é uma Radionovela?

É uma novela que se passa no rádio, não tem imagens só falas e a intenção é imaginar a cena.

Durante a aplicação das atividades em sala de aula os alunos puderam reconstruir suas concepções sobre o gênero radioteatro (que, como já fora explicado anteriormente, engloba a radionovela), percebendo que nem toda radionovela precisa necessariamente ser curta, como afirmado pelo aluno no fragmento 09; pelo contrário, as primeiras radionovelas brasileiras duraram anos, como já discutiremos no corpo deste estudo, e como os alunos constatariam mais tarde, por meio de documentários exibidos durante as aulas (principalmente na segunda unidade).

Já no fragmento 10, dois pontos chamaram nossa atenção: o fato de o aluno tê-la caracterizado como algo que tenciona estimular nossa imaginação, e a caracterização como sendo uma “novela sem imagens”. É importante recordar que, nos últimos anos, muitas crianças e jovens cresceram mergulhados num “mundo extremamente visual”, onde as telas do computador, do videogame, da televisão, de *smartphones*, fazem parte de seu cotidiano desde muito cedo, o que tende a afetar suas predileções. Vejamos os fragmentos abaixo:

Fragmento 11

XII. Assim como você assiste novelas ou series na televisão, você gostaria de poder ouvir uma radionovela durante a semana? Comente sua resposta.

não prefiro com imagens

Fragmento 12

XII. Assim como você assiste novelas ou series na televisão, você gostaria de poder ouvir uma radionovela durante a semana? Comente sua resposta.

Não, mas gosto de ver imagens

Fragmento 13:

XII. Assim como você assiste novelas ou series na televisão, você gostaria de poder ouvir uma radionovela durante a semana? Comente sua resposta.

não, gosto mais de ver as imagens do que o imaginar

Como dissemos, sobre os três fragmentos anteriores, podemos perceber como a presença de imagens numa narrativa é algo bastante requerido por alguns alunos, muitas vezes possivelmente devido à grande exposição que tiveram em todo a sua vida, por meio de jogos, filmes, telenovelas. Entretanto, durante a aplicação das atividades sobre o radioteatro, nossa tentativa foi mostrar-lhes o quanto a imaginação poderia enriquecer os detalhes daquilo que estava sendo contado, permitindo a cada aluno recriar sua própria história, refazê-la a seu modo, e que tudo isto poderia provocar também novas tomadas de decisões, abrindo até mesmo novas perspectivas de vida.

Ainda na pesquisa, ao serem perguntados sobre o uso pedagógico do radioteatro, os alunos se mostraram bastante positivos, destacando aspectos como as diferentes formas de aprendizagem (fragmento 14, a seguir), entonação adequada no momento da leitura oralizada dos textos e correção no uso dos sinais de pontuação, também na produção escrita (fragmento 15, a seguir), e a soma destes aspectos aliado à ampliação da capacidade criativa, ou seja, da imaginação, e maior atenção centrada na audição de trechos de radioteatro (fragmento 16, a seguir) – aspectos estes que poderiam ser transferidos para a vivência dos alunos. Vejamos estes fragmentos:

Fragmento 14

XIV. Em sua opinião é possível aprender algo com uma Radionovela?
 Sim, pois algumas pessoas ~~aprendem~~ aprendem
 mais ouvindo

Fragmento 15

XIV. Em sua opinião é possível aprender algo com uma Radionovela?
 Sim, quando (fom), os pontos ao rezar
 los quando falamos.

Fragmento 16

XIV. Em sua opinião é possível aprender algo com uma Radionovela?
 Sim, a ter mais imaginação, uma pontuação
 melhor. e prestar mais atenção nas falas.

Entretanto, um dos alunos fez uma ressalva que nos pareceu bastante ponderada. Com outras palavras, ele afirmou que o uso pedagógico do radioteatro pode sim ser válido, desde que o conteúdo apresentado seja criterioso, apresente clara finalidade. Reafirmamos esta posição e acrescentamos também ser de grande importância a abordagem que será dada em sala de aula para o texto trabalhado, a fim de evitar práticas pedagógicas desgastadas, que apenas observem elementos gramaticais ou análises superficiais e/ou descontextualizadas. Vejamos o fragmento abaixo:

Fragmento 17

XIV. Em sua opinião é possível aprender algo com uma Radionovela?

Sim, dependendo do conteúdo apresentado.

Foi embasado na reflexão acima que decidimos selecionar para as quatro unidades textos de radioteatro (arquivos em áudio, em formato mp3) que embarcassem uma diversidade de possibilidades, desde discussões de caráter histórico (como em “O tiro”, na primeira unidade), social (como em “A criança redonda”, na segunda unidade), identitário (como em “Meu nome, minha história”, na quarta unidade), ou mesmo textos de suspense e humor (presentes na terceira unidade); para que o gênero radioteatro fosse apresentado aos alunos de forma minimamente diversa, que os distanciasse da visão do radioteatro tão somente com os textos de radionovela, o que nos conduziria muito mais para atividades de entretenimento, enquanto nosso objetivo se acerca mais ao caráter pedagógico e social destas produções. Contudo, em dado momento (análise das produções finais da quarta unidade), esta pesquisa também nos revelaria indícios que, mesmo na produção de uma radionovela voltada ao entretenimento, é possível encontrar elementos que evidenciam avanço no aprendizado dos alunos, por exemplo, na compreensão dos elementos da narrativa, ou mesmo em seus aspectos linguísticos – pontuação, uso de discurso direto e indireto, formalidade ou informalidade no uso da linguagem, etc.

Antes de seguir a análise, cabe frisar que uma das dificuldades por nós enunciada no início desta pesquisa foi a inadequação apresentada por este grupo de alunos – e por alguns outros - no uso dos sinais de pontuação em suas produções

escritas. Por este motivo, acreditamos que os fragmentos já analisados bem como todos os demais servirão também para observar como alguns alunos, em suas respostas escritas às questões levantadas omitiram a pontuação, principalmente no que diz respeito ao uso de vírgulas e ponto final, o que justifica também a primeira unidade contemplar, além dos aspectos relativos à interpretação dos textos e a questões ligadas ao gênero radioteatro, também atividades para orientar o seu uso adequado, e sua importância no momento da leitura oralizada para a expressão clara das ideias e preservação do sentido original do texto.

Adentrando a primeira unidade, e considerando que a grande maioria nunca havia tido contato com o radioteatro, a primeira proposta foi ouvir um pequeno fragmento da já mencionada radionovela “Herança de Ódio”, e assinalar questões interpretativas. A atividade prendeu a atenção de toda a turma, pois era algo novo para os alunos o fato de interpretar um texto somente ouvindo-o. Os alunos ficaram maravilhados com os sons (a sonoplastia) que acompanhavam toda a cena (pássaros, buzina, tiros, vidros se quebrando, passos, gritos) e, empolgados, queriam imitar os personagens. O professor compreendeu que aquele momento divertido contribuía para a compreensão das ideias do texto, bem como denotava participação e atenção ao conteúdo trabalhado. Desse modo, a audição do fragmento foi realizada por diversas vezes, para que pudessem compreender a narrativa, discutir seus elementos, resolver a atividade e proceder à correção dos exercícios.

Durante a correção, o professor complementou as atividades com outros questionamentos e informações, para que a interpretação se tornasse bastante completa no que diz respeito à apropriação do gênero radioteatro por parte dos alunos e dos aspectos linguísticos presentes no texto.

Aproveitando a animação dos alunos para com o texto, logo a seguir, o professor tomou em suas mãos um microfone sem fio e solicitou que cada aluno escolhesse uma frase do texto e tentasse pronunciá-la, observando a mesma forma de entonação, ritmo, tom de voz e expressão usada no texto original. A atividade foi muito divertida e, embora alguns se mostrassem “vergonhosos” (tímidos) a princípio, o objetivo principal foi alcançado: levá-los a interagir com o texto, a refletir sobre aspectos também da oralidade, e não só da escrita, como estavam habituados. Essa atividade também foi importante para que pudessem relacionar na prática os

conceitos gramaticais presentes na unidade, ou seja, neste caso, o uso adequado dos sinais de pontuação.

Terminada a atividade oral com o microfone, os alunos procederam à leitura em voz alta das orientações sobre o uso adequado dos sinais de pontuação, presente na primeira unidade e, em seguida, realizaram a atividade de elaboração de frases, inicialmente por escrito e, depois, oralmente. Nesta atividade, os alunos demonstraram bastante envolvimento, produzindo, em geral, frases criativas, relacionadas em grande parte a aspectos de seu cotidiano. Vejamos dois exemplos:

Fragmento 18

A) PONTO FINAL (.)
 Eu vou também fazer.
 Se hoje estiver bom, vou andar de bicicleta.
 Eu acredito que hoje vai chover.
 Não parece com hoje.

B) PONTO DE INTERROGAÇÃO (?)
 Quantos anos você tem?
 Posso ir ao banheiro?
 Qual é a resposta desta questão?
 Quem foi que chutou esse gol?

C) PONTO DE EXCLAMAÇÃO (!)
 Como você cresceu!
 Que coisa mais estranha!
 Nossa, como você é bonita!
 Pedrinho, você tem que parar de fazer isto!
 Puxa, que legal!

D) VÍRGULA (,) E RETICÊNCIAS (...)
 Hoje vou ao mercado, à feira, ao shopping...
 Na feira comprei peixe, lasanha, maçã...
 Minha vida está tão boa até que...

Fragmento 19

A) PONTO FINAL (.)
 Eu vou vai mais tarde.
 Se eu quiser ir na festa hoje, pode ir.
 Eu acredito que tudo vai dar certo!
 Não sei o que vou fazer se ela vier mesmo.

B) PONTO DE INTERROGAÇÃO (?)
 Quantos anos você tem?
 Posso ir juntos com vocês?
 Qual é a resposta?
 Quem foi que dubrou?

C) PONTO DE EXCLAMAÇÃO (!)
 Como é que é que mãe vai dar, eu trabalhei tanto!
 Que legal!
 Nossa, como isso é bom!
 Pedrinho, você é legal!
 Puxa, que mazalhos!

D) VÍRGULA (,) E RETICÊNCIAS (...)
 Hoje fui na aula, mas os professores faltaram.
 Na feira comprei um pacote de biscoitos, dois de arroz e bolachas.
 Minha vida é muito agitada, mas amo a cidade.

Nos dois fragmentos acima podemos notar como os alunos buscaram atender à proposta, entretanto, assim como é possível evidenciar no fragmento 19, também na resolução de muitos outros alunos, percebemos grande dificuldade por parte deles na elaboração de frases com o uso de reticências, fato este que provocou a retomada específica do tema em aulas posteriores. Sugerimos também aos alunos a intensificação da leitura e, principalmente, a variação de tipos de textos a serem lidos. Também cabe destacar a importância da leitura em voz alta das frases pelos alunos, para que pudessem ir percebendo a importância de cada sinal e seu efeito no texto.

Ainda na primeira unidade, os alunos puderam entrelaçar os conteúdos até então estudados, por meio da audição do segundo texto de radioteatro, “O tiro”: a proposta foi ouvir o texto atentamente, pontuá-lo, tomando como base a pronúncia dos radioatores, e, em seguida, interpretá-lo. O momento mais produtivo ocorreu na correção da pontuação do texto, pois a divergência entre a resposta de cada aluno provocava uma saudável discussão, na qual o professor perguntava aos alunos como o personagem (ou o narrador) havia proferido a frase, e os alunos retomavam o trecho, lendo-o – por vezes, relendo-o – até que se chegasse a um consenso entre as partes; o que nem sempre ocorria. Por diversas vezes, foi necessário voltar a gravação para deixá-los perceber o tom de voz, o ritmo, a entonação, o sentido do

texto, a fim de possibilitar a justificativa deste ou daquele sinal de pontuação. Acreditamos que tal repetição dos trechos tenha sido muito produtiva, uma vez que permitiu aos alunos refletir sobre os elementos da linguagem, o que provavelmente deverá levá-los a alcançar graus cada vez maiores de consciência dos aspectos linguísticos a serem empregados nas produções escritas e orais de textos futuros.

Ainda sobre o processo de correção dos sinais de pontuação, também nos surpreendeu o fato de grande parte dos alunos relatar que não conhecia ou não dominava o uso combinado do sinal de interrogação seguido de exclamação e também não era próprio deles o uso destes mesmos sinais usados de forma duplicada ou triplicada (por exemplo: “Que lindo!!” ou “Quem fez isso???”), ou seja, o emprego dos sinais de exclamação ou de interrogação sendo usados marcando maior intensidade. Para que compreendessem melhor, o professor realizou uma atividade de leitura oralizada, na qual os alunos citaram diversas frases interrogativas e exclamativas (que foram transcritas para o quadro negro) e, em seguida, foi solicitado aos alunos que procedessem a leitura em voz alta, respeitando a pontuação empregada em cada frase. A atividade se mostrou bastante produtiva e serviu mais uma vez para que refletissem sobre a importância de cada sinal de pontuação para a manutenção do sentido do texto e a utilização adequada dos mesmos. Cabe mencionar que, na mesma atividade, houve estranheza por parte de alguns quanto ao uso do sinal de interrogação seguido do de exclamação. O mesmo encaminhamento foi dado para esta última questão.

Já no final da primeira unidade, no processo de interpretação do texto “O tiro”, os alunos demonstraram grande empenho e pouca dificuldade na resolução dos exercícios. Vejamos algumas de suas respostas:

Fragmento 20

QUESTÕES DE INTERPRETAÇÃO:

A. Provavelmente, em que meio de comunicação este texto foi originalmente veiculado? Como é possível chegar a esta conclusão?

no rádio porque no começo do texto fala em
rádio móvel (toda rádio móvel passa no
rádio)

Fragmento 21

A. Provavelmente, em que meio de comunicação este texto foi originalmente veiculado? Como é possível chegar a esta conclusão?

Rádio, pelas falas dos personagens e narrador, e no início eles citam a radionovela.

Fragmento 22

A. Provavelmente, em que meio de comunicação este texto foi originalmente veiculado? Como é possível chegar a esta conclusão?

No rádio, pelos efeitos sonoros que ficam de fundo.

É possível evidenciar pelos três fragmentos acima que os alunos perceberam muito bem que o texto havia sido originalmente veiculado no rádio, sendo que cada aluno redigiu de forma diferente a sua justificativa para tal conclusão. Entretanto, em todas elas, é possível perceber uma atitude reflexiva por parte do aluno para com o texto.

Também destacamos que no fragmento 22 o aluno observou como sendo próprio do rádio “os efeitos sonoros”, ou seja, a sonoplastia. Ao serem perguntados sobre este tema, a maior parte dos alunos afirmou que tais efeitos também são um fator importante para uma melhor compreensão do texto, pois, conforme observado nos fragmentos a seguir, eles podem servir para situar o ouvinte e trazer circunstâncias específicas da cena, como um ranger de portas, um vidro se quebrando. Sendo, portanto, um aspecto importante para a interpretação dos alunos, a sonoplastia receberá atenção especial nas próximas unidades. Vejamos abaixo os dois fragmentos sobre esse tema:

Fragmento 23

E. A sonoplastia, ou seja, os sons que acompanham as falas contribuem para a melhor compreensão do texto? Justifique sua resposta.

Sim, pois podemos compreender em que espaço, onde a história acontece.

Fragmento 24

E. A sonoplastia, ou seja, os sons que acompanham as falas contribuem para a melhor compreensão do texto? Justifique sua resposta.

sim. Porque é melhor a rangor da porta para saber que abriu o ponto de que se falar ai.

Ainda na interpretação do texto, foi aberta em sala de aula uma discussão muito interessante sobre quem poderia ser o público alvo do rádio; e, a princípio, os alunos disseram que provavelmente seriam os jovens, pois provavelmente tomaram como base suas próprias experiências. Então, coube ao professor indagá-los interdisciplinarmente sobre a época retratada, sugerindo que buscassem em forma de pesquisa e também por meio do auxílio de professores de outras disciplinas (História, Geografia, etc.), dos pais, vizinhos, etc. para que sua interpretação fosse mais profunda, a ponto de compreenderem melhor a realidade retratada. Na semana seguinte, a atividade foi retomada, e os alunos relataram que o texto marcava a “época do Getúlio”, que “tinha sido um importante presidente de nosso país, e que tinha feito muitas coisas pelo povo”, e que “talvez por isso o personagem Sebastião se mostrasse tão esperançoso com o *bom velhinho*” (grifo do autor). Coube ao professor detalhar que, nesta época, a sociedade brasileira se organizava de forma diferente, que as mulheres não tinham um espaço tão grande no mercado de trabalho, logo, passavam a maior parte do seu tempo em atividades domésticas, ou seja, dentro de casa, enquanto era papel dos maridos “sustentar a casa”, ou seja, passavam o dia todo no trabalho e que, por isso, os anunciantes de produtos para a casa viam nelas seu público alvo. Vejamos alguns fragmentos:

Fragmento 25

B. Qual o público alvo, ou seja, a quem este texto está destinado? Qual faixa etária? Qual extrato social?

As mulheres que na época não trabalhavam. Faixa etária provavelmente de 20-30 anos. Classe baixa e média.

Fragmento 26

C. Qual a temática abordada neste texto, ou seja, quais assuntos são tratados no mesmo?

A presidência de e o cenário político de 1950, e também a eleição de Getúlio Vargas

Fragmento 27

F. Qual o espaço, ou seja, onde os fatos ocorrem? Transcreva os trechos do texto que justifiquem sua resposta.

Na casa de Rosa no Rio de Janeiro
"Rio de Janeiro, 1950."

Dessa forma, os fragmentos acima, propiciados pela audição do texto do radioteatro "O tiro" mostraram aos alunos a importância do conhecimento de outras áreas, ou seja, um processo interdisciplinar, para que, em língua portuguesa, conseguissem realizar uma atividade de interpretação de texto satisfatória. Um exemplo disso poderia ser a junção dos fragmentos 26 e 27, no qual seria importante o aluno compreender que toda a agitação política relativa à eleição de Getúlio Vargas poderia afetar a vida dos personagens Rosa e Sebastião, uma vez que a cidade do Rio de Janeiro, onde residiam, era, então, a capital do país.

Por fim, vejamos abaixo mais dois fragmentos que evidenciam como, após as discussões realizadas em sala de aula, os alunos demonstraram total domínio ao distinguir elementos ficcionais e da realidade:

Fragmento 28

G. A radionovela mantém relação com a realidade, com a história de nosso país ou os fatos e personagens são frutos da imaginação? Justifique sua resposta.

Fatos verdadeiros, porque Getúlio Vargas realmente existiu, e fez seu governo. Porém, os personagens (Sebastião e Rosa) não existiram.

Fragmento 29

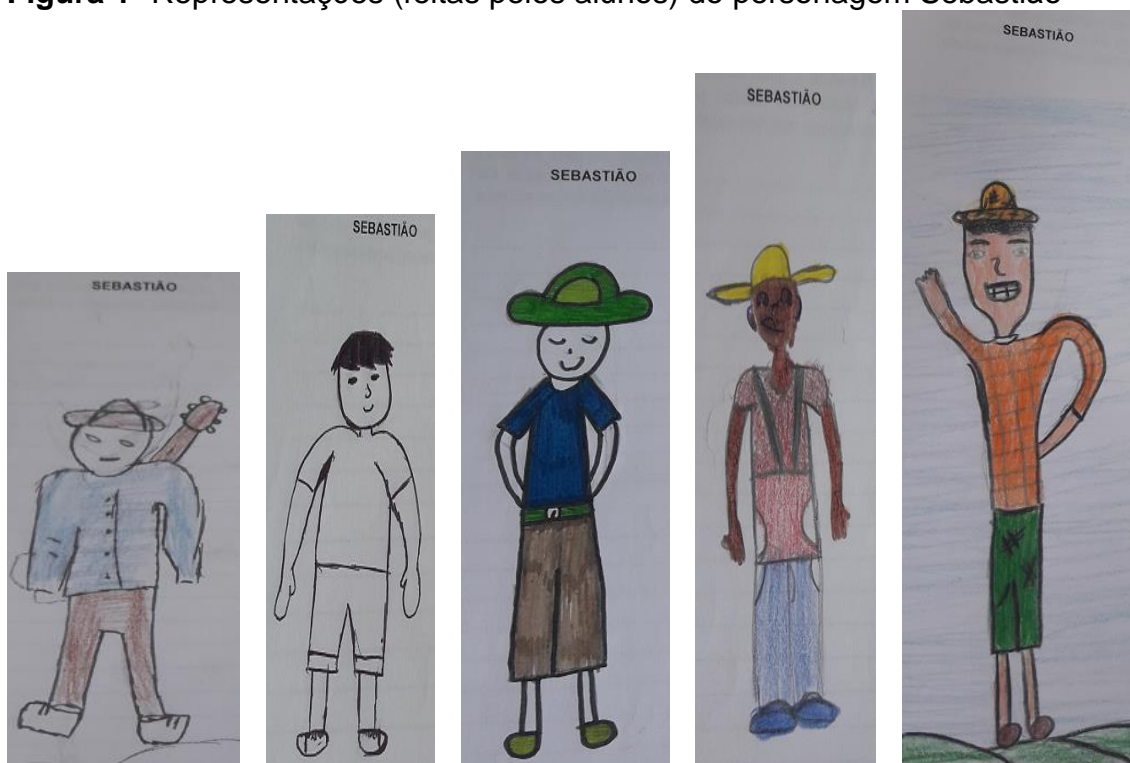
G. A radionovela mantém relação com a realidade, com a história de nosso país ou os fatos e personagens são frutos da imaginação? Justifique sua resposta.

Com a história do nosso país, já existiu esse governo mas os personagens são imaginários.

Finalizando a interpretação de texto da primeira unidade, a última tarefa requeria dos alunos ilustrar como eles imaginavam os protagonistas do texto (Rosa e Sebastião), e tinha como objetivo permitir perceber como, diferentemente da telenovela ou mesmo do cinema, no radioteatro o espaço para a imaginação ganha maior amplitude, permitindo que cada indivíduo construa sua própria história, seus

cenários, seus próprios personagens; o que, a nosso ver, pode enriquecer a capacidade criativa dos alunos. Vejamos abaixo alguns dos desenhos produzidos:

Figura 1- Representações (feitas pelos alunos) do personagem Sebastião



Fonte: Dados da pesquisa.

Figura 2 - Representações (feitas pelos alunos) da personagem Rosa



Fonte: Dados da pesquisa.

No momento de correção das atividades, o professor pediu aos alunos que mostrassem seus desenhos uns aos outros, e que tentassem justificar oralmente qual deles deveria ser eleito como o desenho mais representativo, ou seja, o que melhor caracterizava os personagens do texto. Houve, nesse momento, uma grande discussão, pois cada aluno passou a ressaltar uma característica de sua representação que lembrava o personagem: “ele é romântico, educado, gentil”; “nada disso, ele deve ser um cara trabalhador, que pega no pesado e sustenta a casa”; “a Rosa tem que ser mais baixa que o Sebastião”; etc.. etc... Por fim, o professor apaziguou a turma, fazendo-os perceber que o fato de termos tido tantas imagens diferentes também poderia significar diferentes leituras e diferentes experiências de mundo de cada aluno, e que todas as representações eram igualmente válidas, pois demonstravam a forma como cada um imaginava os personagens e os representava; ou seja, o fato de abrir espaço para a imaginação lhes ofereceria maiores possibilidades de realização mental dos elementos da narrativa, e um trabalho não anulava ou impossibilitava o outro, sendo possível que

todos eles estivessem certos. Os alunos compreenderam o objetivo de toda aquela discussão, mas alguns se mostraram duvidosos quanto a possibilidade de que respostas diferentes estivessem igualmente certas. É provável que isto tenha ocorrido devido ao processo de escolarização a que foram submetidos e à postura de alguns professores, que, por meio de suas práticas, acabam conduzindo o pensamento dos alunos para uma visão menos reflexiva.

Ainda na figura 2, cabe ressaltar a interessante leitura de um dos alunos, que visivelmente iniciou sua imagem produzindo o rosto de uma mulher, entretanto, no meio da execução, apagou-a, desenhando literalmente uma rosa - em alusão ao nome da personagem -, o que, não importa qual tenha sido a interpretação do aluno, nos leva a pensar que ele demonstrou capacidade de reflexão, criatividade, e um ponto de vista diferente dos demais; e que esta forma de realizar as tarefas poderá proporcionar soluções mais avançadas e criativas em sua vida.

Terminada a correção da interpretação de texto da primeira unidade, a última tarefa, designada como “Tarefa Final”, que tem como propósito sintetizar o conteúdo aprendido e condensá-lo num desafio maior para os alunos, consistiu em propor que desenvolvessem a sequência da narrativa do radioteatro “O tiro”, produzindo um “segundo capítulo” para ela. Para isso, os alunos foram organizados em equipes de cinco a seis alunos, e tiveram uma semana letiva, ou seja, quatro aulas (seriam cinco, contudo foi preservada a aula de leitura junto à biblioteca do colégio, por entender seus enormes benefícios aos alunos) para que produzissem seus textos, distribuíssem os personagens, ensaiassem e dessem início às gravações em áudio dos textos.

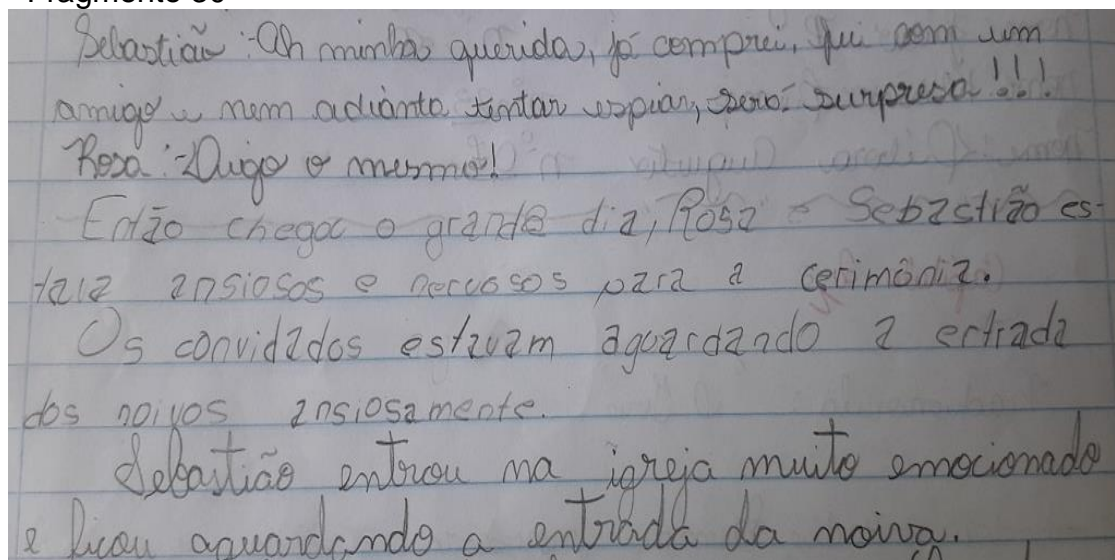
Num primeiro momento, foi pedido aos alunos que elaborassem o rascunho da narrativa, discutindo oralmente em cada grupo quais seriam as ações, os fatos, ou seja, o enredo a ser seguido. Obviamente, os alunos deveriam atentar-se para o fragmento original trabalhado, e perceber que, embora fosse o momento de deixar com a imaginação conduzisse-os por novos caminhos, estaria a cargo dos alunos também responder – ou encaminhar - as questões deixadas pela voz narrativa ao final do primeiro capítulo: “E agora? Sebastião conseguirá um emprego e irá cumprir a promessa de se casar com Rosa? Como será o governo de Getúlio Vargas?”

Os alunos se mostraram muito animados com este trabalho, por diversos motivos: poder trabalhar em equipes, e não de forma isolada; produzir um texto coletivamente; variar o tipo de atividade, distanciando momentaneamente do uso do

livro didático que, por conter gêneros e atividades bastante repetitivos, acaba não se tornando um grande atrativo aos alunos; criar narrativas e poder contar aos colegas, ou seja, no caso do radioteatro, o texto passa a ganhar um interlocutor, um “ouvinte”; por sentirem-se identificados com os personagens Rosa e Sebastião, que, a princípio, se mostraram pessoas comuns, com dilemas parecidos aos que eles também vivenciam em seu cotidiano: jovens humildes buscando em seu futuro estabelecer uma família, um trabalho digno; a influência de decisões políticas na vida dos cidadãos (que os instigava a questionar fatos da política nacional – uma vez que vivíamos um turbulento e incerto ano eleitoral -, tecer comentários sobre candidatos, grupos políticos, etc.), o retorno ao cenário nacional de figuras políticas e a expectativa diante do fato; etc.

Salientamos novamente que a atividade foi bastante motivadora, e a participação conjunta dos grupos também foi destacável. Vejamos, por exemplo, no fragmento abaixo, como visivelmente a diferença na grafia implica a escrita compartilhada do texto:

Fragmento 30



Após a produção escrita dos textos, por parte dos alunos, foi agendada uma data para que cada equipe procedesse a gravação individualizada, ou seja, grupo a grupo. O trabalho foi conduzido desta forma na tentativa de evitar constrangimento por parte dos alunos, ao permitir que não representassem na presença dos demais, evitando quaisquer dificuldades emocionais, causadas por timidez, desconcentração. Isso também contribuiu para que um grupo não tomasse

conhecimento do trabalho do outro, o que gerava grande expectativa pela chegada do dia da apresentação dos trabalhos para a turma, que será detalhado mais à frente. Dessa forma, preferimos deslocar dois grupos de cada vez para um salão de reuniões próximo à sala de aula, o qual julgávamos ser mais silencioso (o que evitaria interferências nas gravações); enquanto um grupo realizava a gravação em áudio de seu texto a outra equipe ensaiava num pátio próximo, e os demais seguiam dando acabamento ao texto ou ensaiando-o, dentro da sala de aula.

Para esta análise, tomaremos como foco três produções, que nomearemos a partir de então de grupos A, B e C. As gravações em áudio se encontram no CD anexo a este trabalho, nas faixas 9 (grupo A), 10 (grupo B), e 11 (grupo C).

Cabe frisar que, de modo geral, todos os grupos demonstraram grande empenho e participação na execução desta tarefa, produzindo textos criativos, divertidos, sinceros, e que atenderam ao objetivo proposto. Como aquele tipo de atividade, ou seja, a elaboração de um texto de radioteatro e sua leitura dramatizada, muito provavelmente se configurava como a primeira experiência escolar – e do gênero - para a grande maioria deles, decidimos deixar os grupos com maior liberdade em suas criações, orientando-os que se atentassem somente para os elementos presentes no capítulo inicial da narrativa, pois mais tarde (na quarta unidade) seríamos mais incisivos no processo de elaboração, realização e avaliação de semelhante tarefa. O objetivo disso foi perceber como os alunos receberam e interiorizaram o gênero radioteatro, tomando como mostra inicial o texto em questão.

Foi possível constatar diferenças entre os três grupos anteriormente citados, tanto no que diz respeito à construção dos aspectos narrativos, quanto ao uso dos elementos do gênero radioteatro. Para apresentar algumas destas dissemelhanças elaboramos a tabela abaixo:

Quadro 3 - Diferenças entre os grupos A, B e C.

	GRUPO A	GRUPO B	GRUPO C
1. Abertura	- Locutor retoma o fato da última cena do capítulo anterior: a confirmação da vitória de Getúlio Vargas.	- Locutor rememora enredo e convida o público para ouvir o programa.	- Locutor nomeia a rádio e a radionovela, e retoma uma das perguntas do capítulo anterior: “Será que Sebastião irá se casar com Rosa”.
2. Núcleo Narrativo	- Sebastião busca emprego para poder casar-se com Rosa. Cogita falar com o presidente, mas inesperadamente recebe oferta de trabalho e o casamento é marcado.	- Sebastião busca emprego e logo alcança; mas Rosa exige que busque cargo mais rentável para que o casamento ocorra.	- Sebastião busca emprego para poder casar-se com Rosa. Ele consegue, e o casamento, marcado por vários imprevistos, ocorre.
3. Final do capítulo/ Enlace para o capítulo seguinte.	- No dia do casamento, Sebastião e Rosa são surpreendidos por um pronunciamento do então presidente Getúlio Vargas que poderá afetar o futuro do casal, inclusive seu casamento.	- A radionovela é dada por acabada, após o casamento de Rosa e Sebastião (contrariando a orientação dada pelo professor, de que deveria existir uma sequência narrativa).	- No dia do casamento, Rosa passa por intempéries ao adentrar a igreja (tombo na igreja, vestido rasgado, perda de um dente...) e, logo após, leva um tiro, agonizando nos braços de seu amado.
4. Oralidade/ Leitura dramatizada	- Busca por entonação e ritmo próximos ao áudio original; - Busca por dramatização. - Necessidade de maior fluidez (alguns alunos).	- Busca por entonação e ritmo próximos ao áudio original; - Busca por dramatização. - Necessidade de maior domínio de fatores emocionais (ansiedade, timidez).	- Busca por entonação e ritmo próximos ao áudio original; - Falas aceleradas; - Necessidade de maior naturalidade, (principalmente em frases exclamativas) e dramatização.
5. Elaboração e uso de Sonoplastia	- Adequada, criativa: passos, porta se abrindo, rádio sendo ligado (efeitos sonoros produzidos pelos alunos).	- Adequada: rádio sendo ligado, campainha, marcha nupcial (arquivos trazidos pelos alunos -no celular deles); - Equívoco na entrada da marcha nupcial.	- Ausência de efeitos sonoros.
6. Destaques/Dificuldades superadas:	- Representar “falas femininas” somente com meninos no grupo.	- Falas improvisadas para manutenção do sentido do texto.	- Alternância de vozes, para que todos os alunos participassem.
7. Finalização do texto	- Narrador questiona o ouvinte sobre a sequência da narrativa, e encerra com o nome do patrocinador.	- Narrador anuncia o fim da radionovela. (contrariando a orientação dada pelo professor, de que deveria existir uma sequência narrativa).	- Narrador anuncia a aproximação de “um fato inusitado”, sem especificá-lo, e encerra com o nome da radionovela.

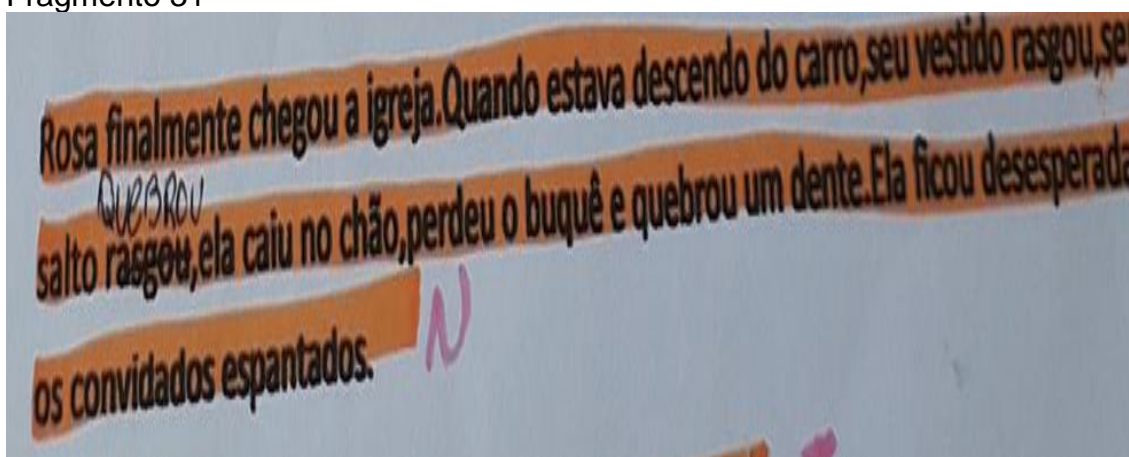
Fonte: Do autor.

Pela tabela acima, é possível verificar que nos três grupos houve alguma dificuldade relacionada ao gênero radioteatro, seja nos extremos (início ou finalização da narrativa), no uso da sonoplastia ou na adequação da leitura oralizada/dramatizada. Contudo, nos parece bastante normal que isso tenha ocorrido, uma vez que essa era a primeira experiência dos alunos enquanto redatores de um texto para radioteatro e também estavam iniciando sua caminhada como radioatores.

Por outro lado, é bastante destacável o empenho e a criatividade de todos os grupos na produção oral e escrita desta atividade; e, sobretudo, a busca por manter as referências do texto original, seja na característica dos personagens (Rosa mais determinada, Sebastião mais sereno, romântico), no enredo (a eleição de Getúlio e o casamento dos protagonistas) e até mesmo na entonação e ritmo de fala apresentados.

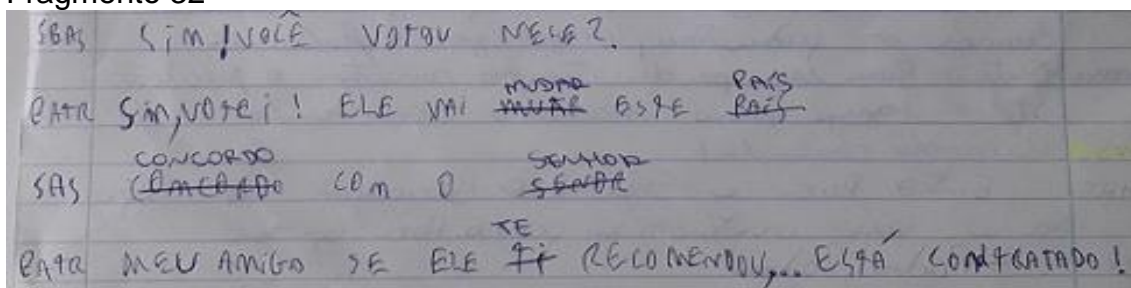
Quanto à produção escrita, é possível afirmar que ela tenha contribuído muito para o aprendizado dos alunos, pois elaborar um texto de forma compartilhada envolve discussão, tomada de decisões (quais ideias ou frases devem ser preservadas e quais necessitam ser excluídas) e, principalmente, algo que os alunos não estavam tão habituados: o processo de autocorreção e reescrita⁶ do texto. Vejamos dois fragmentos:

Fragmento 31



⁶ Quanto à reescrita, ou refacção, os PCN's colocam como necessidade da escrita "Desenvolver estratégias de planejamento, revisão, edição, reescrita [...], considerando-se sua adequação aos contextos em que foram produzidos, ao modo (escrito ou oral; imagem estática ou em movimento etc.), à variedade linguística [...], os enunciadores envolvidos, o gênero, o suporte, a esfera/campo de circulação, adequação à norma-padrão etc. (BRASIL, 2017, p. 78).

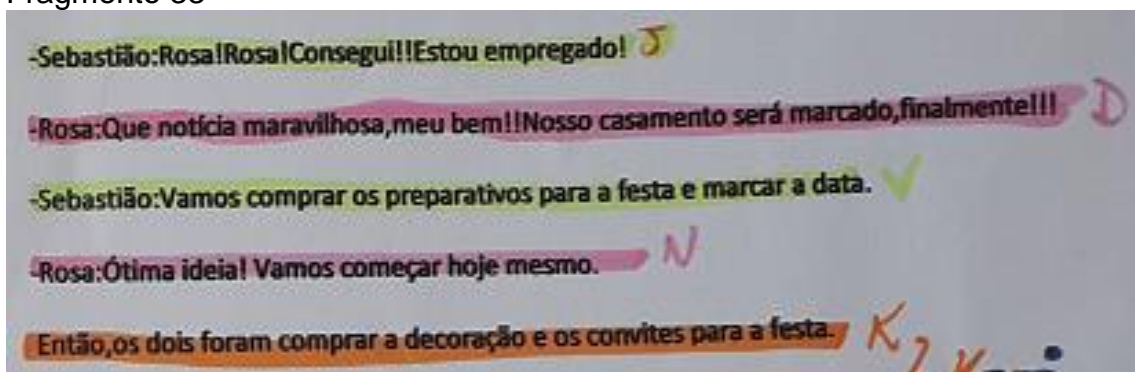
Fragmento 32



Como afirmado acima, em ambos os fragmentos é possível detectar correções realizadas pelos próprios alunos, seja por questões de uso dos sinais de pontuação; por questões ortográficas, como no fragmento 32; ou por escolha léxica, como no fragmento 31. Cabe salientar que este processo de refacção dos próprios textos e de autocorreção linguística foi bastante estimulado pelo professor nas demais atividades da disciplina.

Observando as produções escritas dos alunos também foi muito interessante perceber como cada grupo buscou suas estratégias na elaboração e montagem dos textos. Por exemplo, um dos grupos, que resolveu intercalar a fala dos personagens (ou seja, como a narrativa continha poucos personagens, ocorreu de dois ou três alunos representarem o mesmo personagem), para que todos tivessem participação no momento da apresentação oral do radioteatro (gravação em áudio), organizou o texto a ser dramatizado de forma colorida, para que melhor se situassem, colocando também a letra inicial de seus nomes, para que não houvesse dúvidas em cada trecho, conforme pode ser constatado no fragmento abaixo:

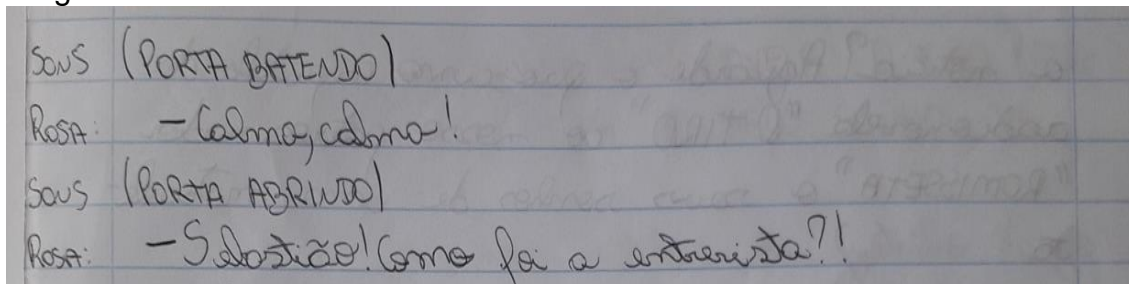
Fragmento 33



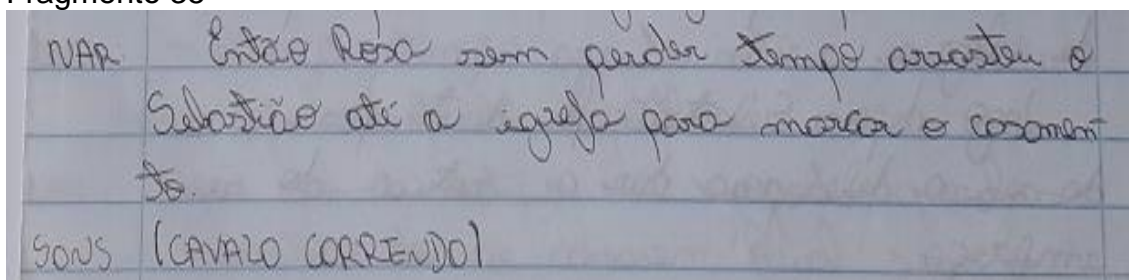
Outra estratégia usada por um grupo de alunos foi destacar claramente no texto os efeitos sonoros, aos quais eles designaram usando a palavra “sons”, e escrevendo entre parênteses a sonoplastia a ser naquele instante realizada. O

artifício foi positivo, pois na execução de sua apresentação oral todos os efeitos foram realizados no momento adequado, e contribuíram para a melhoria no estabelecimento do sentido do texto. Vejamos abaixo dois exemplos desse uso:

Fragmento 34

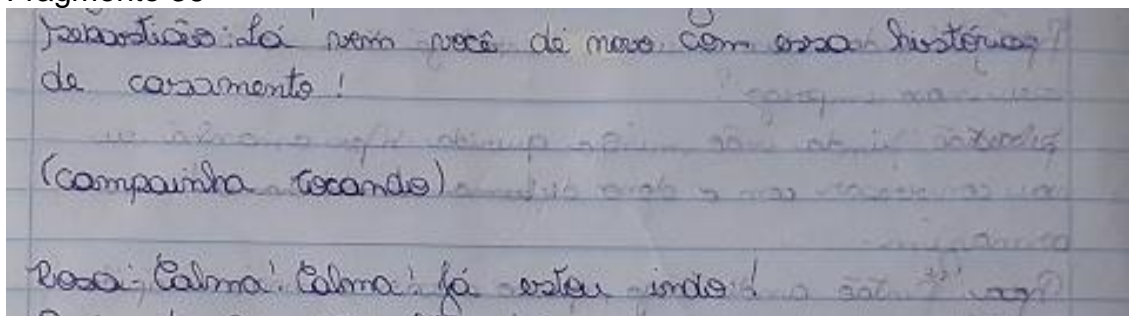


Fragmento 35

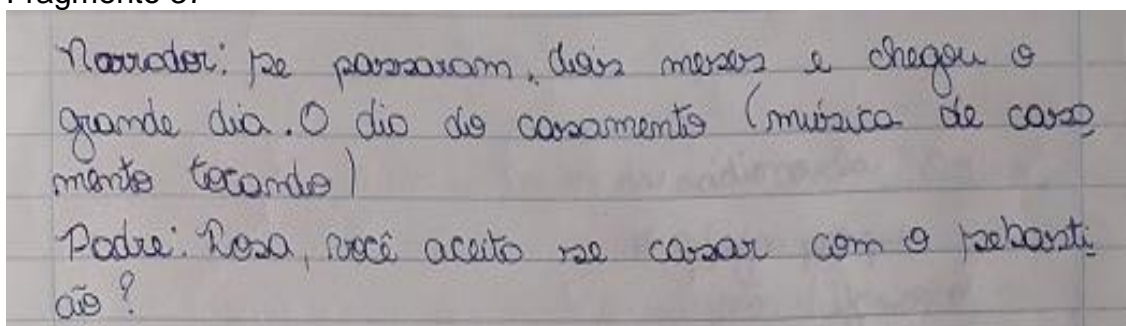


Diferentemente, em outro grupo, a estratégia foi descrever a sonoplastia apenas usando parênteses; entretanto, quando o fizeram de forma visualmente destacada, ou seja, saltando linhas (fragmento 36, a seguir), tudo transcorreu perfeitamente, mas quando a sonoplastia foi colocada junto à fala (fragmento 37, a seguir) acabou ocorrendo um adiantamento da fala seguinte, provocando a execução da fala do personagem antes da entrada da sonoplastia (CD, faixa 10, 2'35 - 2'50, grupo B). Nesse dia, o grupo relatou a necessidade de reorganizar visualmente seu texto. Seguem abaixo os fragmentos mencionados:

Fragmento 36



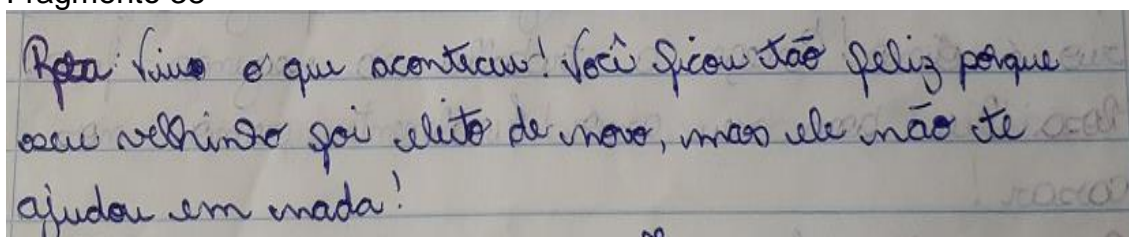
Fragmento 37



Flora: Já passaram dois meses e chegou o grande dia. O dia do casamento (música de casamento tocando)
 Padre: Rosa, você aceita se casar com o Sebastião?

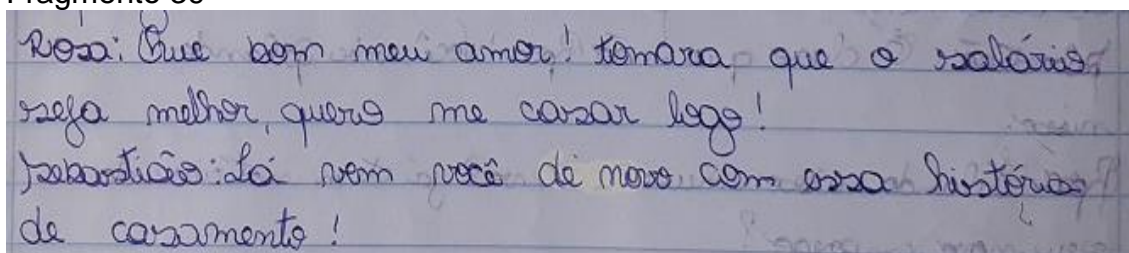
Outro aspecto a ser destacado na produção escrita dos alunos foi a visível retomada do texto original, em diversos aspectos, como a caracterização psicológica dos personagens, as menções ao momento político e a ascensão do então presidente Getúlio Vargas; junto com referências da época, como o uso de publicidade como forma de patrocínio aos programas de radioteatro. Vejamos três fragmentos:

Fragmento 38



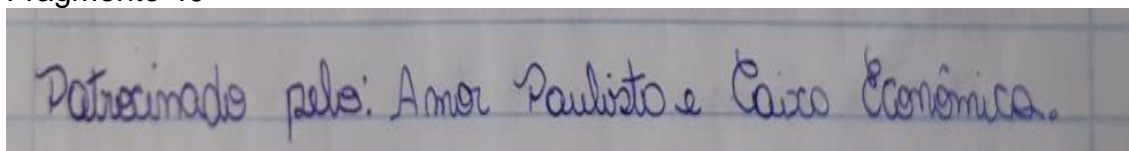
Rosa: Não é que aconteceu! Você ficou tão feliz porque seu velhinho foi eleito de novo, mas ele não te ajudou em nada!

Fragmento 39



Rosa: Que bom meu amor! Temera, que o salário seja melhor, quero me casar logo!
 Sebastião: Lá vem você de novo com essa história de casamento!

Fragmento 40



Patrocínio pelo: Amor Paulista e Caixa Econômica.

No fragmento 38, é possível perceber claramente o resgate, ou seja, a preservação de sentido que foi dado pelo grupo B à personagem Rosa no contexto original da narrativa: o mesmo tom irônico, jocoso, usado na expressão “seu

velhinho”, que designava o então candidato à presidência Getúlio Vargas, nos anos 50 (remetendo-se à marchinha da campanha política), adequadamente traz à tona a personagem na figura de uma mulher ressentida e desconfiada com o passado do candidato, e que se mostra bastante obstinada pelo casamento.

Da mesma forma, no fragmento 39, novamente pertencente ao grupo B, também é possível observar a clara retomada do texto original, em diversos aspectos: no uso do vocativo “meu amor”, por Rosa; na proposição incisiva de Rosa ao casamento, o que, num primeiro momento - tanto no texto original quanto na produção dos alunos - ocasiona uma falsa esquiva de Sebastião, que responde de modo aparentemente rude, mas acaba se mostrando apaixonado por Rosa e temeroso apenas com a vaga de emprego que possa sustentá-los.

Por fim, no fragmento 40 (também produzido pelo grupo B, mas ocasionalmente omitido na apresentação oral) os alunos retomam o nome do patrocinador “(sabonete) Amor Paulista”, clara alusão ao primeiro fragmento de radioteatro com que tiveram contato, presente no início da primeira unidade, onde foi explicado sobre a presença e a razão dos produtos de uso doméstico como grandes propulsores das telenovelas da época, uma vez que o público era composto, em sua grande maioria, por mulheres. Entretanto, numa forma de também se colocarem e, de certa forma, atualizarem o texto, eles também citam o nome de uma conhecida rede bancária.

A radionovela “O Tiro”, presente no início da primeira unidade, que retrata a era Vargas, culminando com seu suicídio, teve grande repercussão durante praticamente todo o ano letivo. Ao invés de ouvi-la toda de uma vez, o professor optou por exibir seus capítulos de modo espaçado, aproveitando principalmente os momentos avaliativos, em que geralmente eles se mostravam mais atentos, concentrados, para que fossem conhecendo a sequência narrativa, e fossem recriando sua própria história. Assim, em cada avaliação, além dos conteúdos próprios da série, os alunos também realizavam tarefas de audição dos capítulos desta radionovela, e eram levados a estabelecer a possível continuidade do enredo e refletir sobre o sequenciamento narrativo. Vejamos alguns textos produzidos pelos alunos após a audição de um dos capítulos desta radionovela:

Fragmento 41

09. A partir do texto acima, elabore um final para o capítulo narrado. (03pts)

Quando Rosa saiu da casa, foi correndo para falar quem era a perseguidora e por. Quando ela chegou era o Sebastião, ele tinha sido baleado duas vezes.

A ambulância chegou rapidamente, mas ele perdeu muito sangue e precisava de alguém compatível...

Porá que Sebastião não procurou? Porá que algum parente mais próximo virá?

Acompanhem no próximo capítulo

Fragmento 42

(Pessoas gritando) SEBASTIÃO

ROSA: - (Gritando) Alguém chama um médico! Ele foi baleado!

SEBASTIÃO: - Rosa, me ajuda.

ROSA: - Calma Sebastião. Senhor me ajuda, Por favor!

SEBASTIÃO: - Levanta senhor. Senhora desce seu leite para outro lugar. Eu levei no médico.

ROSA: - Sebastião!

Fragmento 43

09. A partir do texto acima, elabore um final para o capítulo narrado. (03pts)

Sebastião: - Eu estou aqui, Rosa!

Rosa: - Ai, que bom que você está bem, meu amor! Mas o que aconteceu?

Sebastião: - O Gutulio acaba de ser assassinado! Foi baleado no meio da reunião!!!

Rosa: - Meu Deus, mas quem foi que fez uma coisa dessas?

Sebastião: - Não sei, mas agora, quem vai governar esse país tão bem como ele?

Nos três fragmentos acima, é possível reconhecer coerência na continuidade narrativa. No primeiro caso, no fragmento 41, o aluno desenvolve os fatos, contudo os diálogos que dão base ao texto desaparecem, e ele acaba perdendo grandes oportunidades de preservação da essência deste texto, que era o permanente diálogo entre o casal. O texto produzido também sugere o possível uso de sonoplastia, no tiro disparado, nos gritos de Sebastião, na chegada da ambulância; o

que, na produção do aluno, não ocorrem. Por outro lado, no final do texto percebemos marcas do gênero: a tentativa de despertar o interesse do ouvinte por meio de questões em aberto, e a finalização, recomendando ao leitor que ouça o próximo capítulo. O fato de a atividade fazer parte de uma avaliação pode ter interferido na produção escrita do aluno, fazendo com que ele buscasse mais “contar a história” do que efetivamente seguir sua estrutura inicial.

Diferentemente, no fragmento 42, a produção escrita realizada indica ter buscado mais a continuidade da narrativa, seguindo o diálogo entre os protagonistas. Como já descrito, o aluno convencionou para si que a caracterização textual do uso da sonoplastia deveria ser empregada no texto dentro de parênteses e de forma isolada, como igualmente feito em outras oportunidades. Enfim, é possível destacar ainda no texto o uso de travessão, marcando o uso de discurso direto, a nomeação dos personagens, o conflito relacionado a um tiro (menção ao nome do radioteatro), processos de autocorreção, a busca pelo uso adequado de pontuação.

No fragmento 43, também é possível verificar a continuidade da narrativa, sendo que seus elementos são muito bem explorados: o aluno tece um caminho possível para o ruído ouvido no quadro anterior da narrativa, ou seja, segundo ele, teria sido o assassinato do então presidente Getúlio Vargas, o que tranquiliza a personagem Rosa (uma vez que seu amado Sebastião estaria provavelmente também naquele ambiente), mas ao mesmo tempo abala Sebastião, que demonstra preocupação pelo sucessor e, conseqüentemente, pelo futuro do país e de seus planos com Rosa. Também é possível destacar o uso do vocativo “meu amor”, geralmente presente nas falas da personagem Rosa, nos primeiros capítulos da radionovela, e a razoável adequação no uso do discurso direto e na pontuação empregada. Neste ponto terminaram as atividades da primeira unidade.

A segunda unidade, intitulada “Mergulhando neste Universo” tinha como objetivo consolidar os conteúdos já trabalhados, tanto no aspecto linguístico (sinais de pontuação) como o conhecimento dos alunos no que diz respeito ao gênero radioteatro, por meio da leitura de textos e da exibição de documentários retratando a história do rádio e do radioteatro em nosso país.

Abrindo a segunda unidade, foi proposto aos alunos que observassem atentamente uma foto com diversos radioatores da chamada “época de ouro do rádio no Brasil”, ou seja, anos 30/40 e, em seguida, respondessem oralmente e por

escrito a algumas questões. O objetivo desta tarefa foi detectar se já conheciam algum radioator e introduzir o tema, dialogando sobre características típicas deles, tais como postura, vestimenta, penteado; nomes, sobrenomes, apelidos mais famosos, formas e funções da publicidade ou anúncios da época.

Naturalmente, os alunos relataram não conhecer as pessoas da foto, mas, em sua grande maioria, responderam que deveriam ser artistas, “atores antigos”, e variaram suas respostas entre as décadas de 20 a 90, conforme podemos ver nos dois fragmentos abaixo:

Fragmento 44

d) (Provavelmente) Em que época viveram?
 Acho que em 1940 por aí

Fragmento 45

d) (Provavelmente) Em que época viveram?
 Entre 1960 até 1990. Ou até antes.

Os alunos também afirmaram que os artistas deveriam ser dos estados do Rio de Janeiro ou de São Paulo (provável referência aos dias de hoje) e demonstraram certa dificuldade ao lidar com os termos do radioteatro. Vejamos dois casos:

Fragmento 46

c) (Provavelmente) Quem são?
 Personagens de rádio teatro

Fragmento 47

c) (Provavelmente) Quem são?
 Atores de radioteatro.

Nesse primeiro momento, foi necessário abrir uma discussão em sala de aula, na qual os próprios alunos conseguiram estabelecer a diferença entre os personagens (representações) e os atores (as pessoas que desempenham os papéis). O professor também fez menção a alguns casos ocorridos no Brasil nos quais os expectadores estavam tão envolvidos com a trama de algumas telenovelas que acabaram não conseguindo estabelecer tal distinção, o que, por vezes, gerou certos conflitos. Nesta discussão também foi comentado sobre a possibilidade de apenas uma pessoa, ou seja, um radioator, uma radioatriz, ser capaz de atuar como diversos personagens, o que, muitas vezes, exige destes profissionais, modulações na voz, no ritmo, no tom, etc.

Quanto à função dos radioatores, também tivemos respostas divergentes. Vejamos os fragmentos abaixo:

Fragmento 48

f) (Provavelmente) O que faziam?
gravavam radioteatros ou radionovelas.

Fragmento 49

f) (Provavelmente) O que faziam?
dublavam e radioteatros

Fragmento 50

f) (Provavelmente) O que faziam?
contam histórias

Novamente, a discussão foi levada para a turma toda, e também foi possível estabelecer diferenças entre o dublar (substituição sonora de produções audiovisuais) e a atuação dos radioatores (realizada no momento, sem gravações). O professor aproveitou para salientar que como no rádio muitos programas geralmente não são gravados, é muito importante que o profissional (radioator, radioatriz, locutores) esteja atento para a forma como pronuncia seu texto, com atenção ao ritmo, fluidez, tom de voz, usando de recursos como a gravidade ou a suavidade em cada situação.

Ainda coube frisar a importância de compreender que o silêncio também pode gerar sentido (ou provocar a sua perda), por exemplo, em situações onde se deseja criar “atmosferas” de suspense, de terror, de calma; mas que o silêncio exagerado pode ser negativo, uma vez que o ouvinte poderia entendê-lo como interrupção ou suspensão do serviço pela rádio. Esse seria um dos motivos pelos quais no radioteatro o texto deve ser previamente muito bem estudado, possibilitando que as frases sejam pronunciadas com fluidez, com ritmo equilibrado, a fim de que o ouvinte possa compreender de forma completa o sentido do texto. Assim sendo, uma leitura bem realizada poderia passar também pela compreensão desses aspectos, bem como pelo uso adequado dos sinais de pontuação.

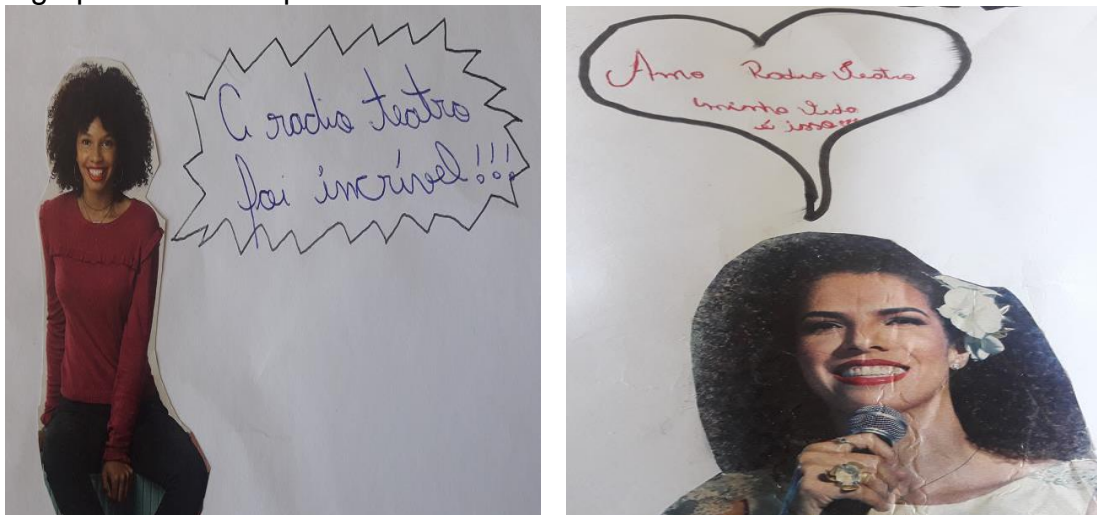
Por esses fatores acima mencionados, foi trabalhado na segunda unidade mais um conjunto de atividades sobre o uso adequado dos sinais de pontuação, no qual os alunos iam lendo as frases e associando-as aos seus usos. Em seguida, os alunos foram organizados em grupos de quatro a cinco alunos, e tiveram como tarefa produzir cartazes com o tema radioteatro, onde deveriam recortar imagens de revistas e produzir frases que expressassem sua fisionomia, podendo imaginar que as pessoas escolhidas fossem radioatores ou radio-ouvintes. Foi sugerido pelo professor que cada aluno buscasse ao menos duas imagens, depois fizessem a seleção das melhores, e cada integrante elaborasse e transcrevesse sua frase para o cartaz, com o objetivo de que todos participassem da tarefa.

Na aula seguinte, antes do início da confecção dos cartazes, foi trabalhado em sala de aula sobre os diferentes tipos de balões de fala (comumente usado em histórias em quadrinho), para que pudessem apropriar-se um pouco mais dessa linguagem - uma vez que já a conheciam por meio das leituras de gibis e histórias em quadrinhos, nas aulas de leitura, na biblioteca - e, em seguida, usá-la em suas produções. Cada grupo confeccionou um cartaz, que foi respectivamente

apresentado para toda a turma, com a leitura oralizada das frases pelos alunos e seus comentários sobre a realização da atividade e as metas buscadas por cada equipe. A seguir, tomaremos conjuntos de imagens (que estavam dispostas aleatoriamente nos cartazes, ou seja, não formavam sequências narrativas), que nomearemos como “agrupamentos”, para que seja possível proceder análises sobre pontos específicos relativos ao uso da linguagem ou ao desenvolvimento humano dos alunos.

Abaixo (agrupamento 1), temos o exemplo de duas figuras produzidas pelos alunos, nas quais podemos observar o uso variado dos balões de fala, sendo que o primeiro expressou a alegria da jovem (num balão designado para fala alta, grito); e, no segundo, temos a figura de um coração, simbolizando o sentimento expresso na fala da personagem.

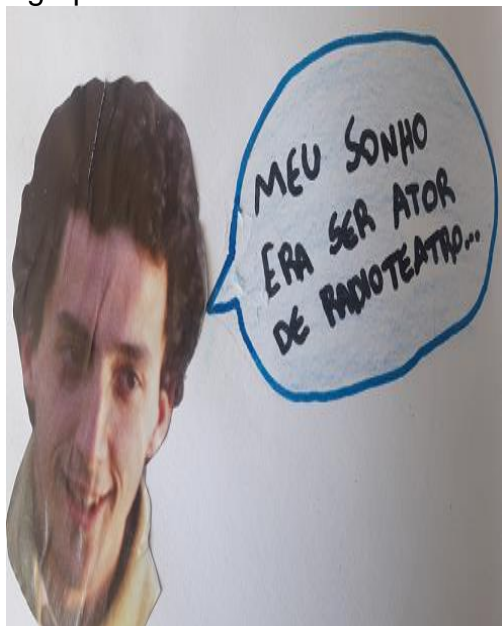
Agrupamento 1 - Tipos de balões de fala



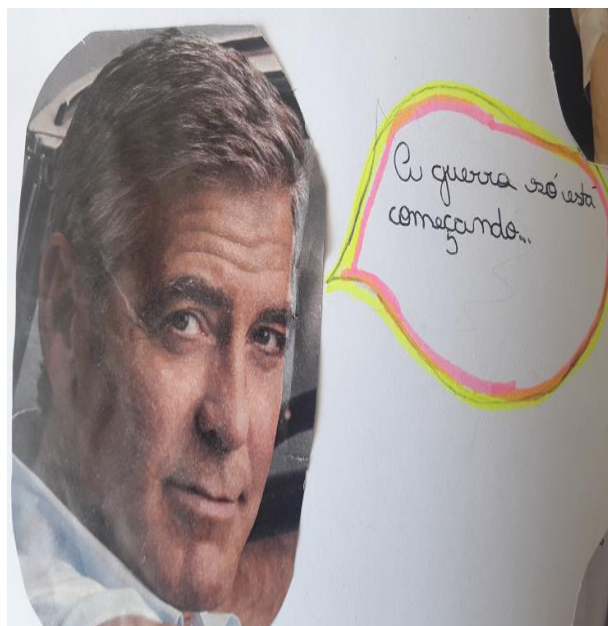
Fonte: Do autor.

O resultado deste trabalho foi bastante surpreendente, pois, de forma geral, os alunos produziram cartazes muito criativos, espontâneos, verdadeiros, onde foi possível perceber que compreenderam o uso dos sinais de pontuação e, por vezes, acabam ignorando-os, segundo eles, “por falta de atenção ou, simplesmente, por esquecimento”. Vejamos algumas imagens, presentes nos cartazes:

Agrupamento 2 - Uso de reticências



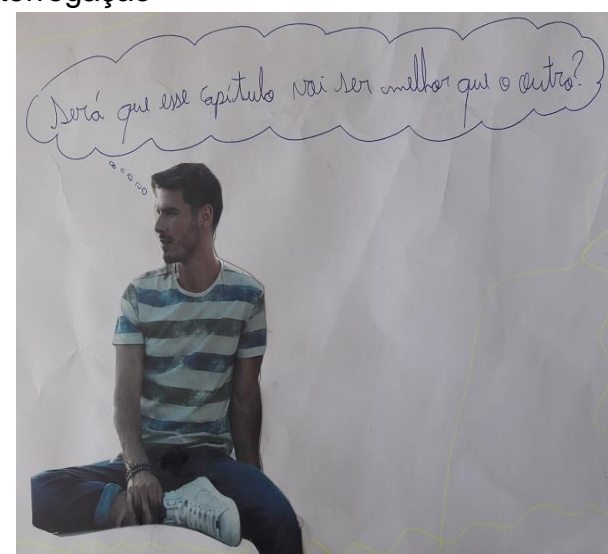
Fonte: Do autor.



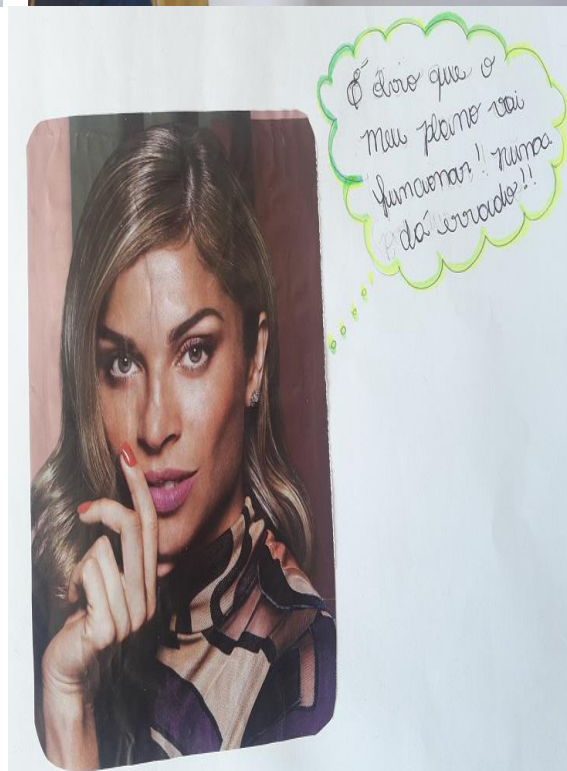
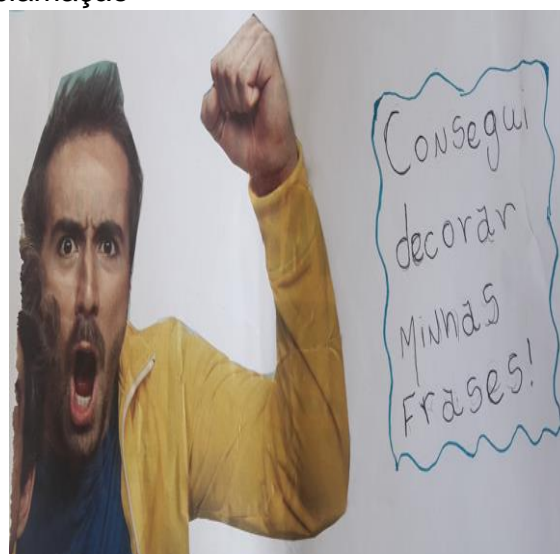
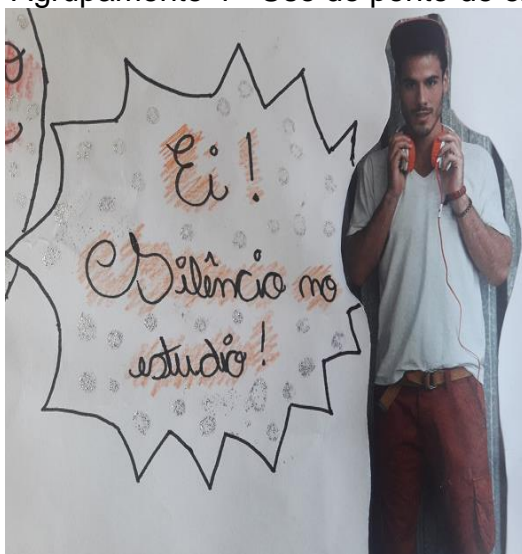
Agrupamento 3 - Uso do ponto de interrogação



Fonte: Do autor.



Agrupamento 4 - Uso do ponto de exclamação



Fonte: Do autor.

Observando os três agrupamentos acima, é possível constatar que os obstáculos evidenciados na primeira unidade, quando os alunos relataram ter dificuldades na aplicação do uso escrito dos sinais de reticências, interrogação e exclamação, de modo geral, se mostraram aqui, de certa forma, superados; uma vez que os alunos elaboraram suas frases de forma livre, espontânea, e conseguiram alcançar o objetivo da atividade, que era traduzir na linguagem – de forma adequada, ou seja, seguindo os padrões da língua culta - as diferentes ações, emoções, pensamentos, vivenciados no cotidiano. Cabe também ressaltar que, nas duas últimas imagens do agrupamento 4, os alunos compreenderam o valor de ênfase dado pela repetição de um sinal de pontuação, intensificando suas frases com o uso do ponto de exclamação duplicado (!!) ou triplicado (!!!), fato que nem sempre era comum em suas demais produções escritas em sala de aula.

Um dos trabalhos chamou nossa atenção (agrupamento 5, abaixo), por dois motivos: além de produzir frases relacionadas ao radioteatro, respeitando o uso dos sinais de pontuação, também trouxe uma sequência narrativa, envolvendo tanto as possíveis “falas ou pensamentos” dos radioatores como dos radio-ouvintes. Embora a curta sequência nos projete para uma rápida “passagem cênica” de radioteatro, os questionamentos deixados a cada quadro poderiam frutificar numa narrativa muito intrigante, à qual nossa imaginação teria um vasto campo a explorar. Vejamos este agrupamento:

Agrupamento 5 - Sequência narrativa



Fonte: Do autor.

Ainda sobre o agrupamento 5, outro aspecto muito interessante foi o uso diferenciado das cores para cada balão de fala, deixando uma lacuna interpretativa a ser completada pelo público.

Outra opção tomada pelos grupos que nos pareceu bastante interessante foi inserir na atividade personagens que, a princípio, não estariam diretamente relacionadas ao tema. Vejamos o agrupamento a seguir:

Agrupamento 6 - Personagens



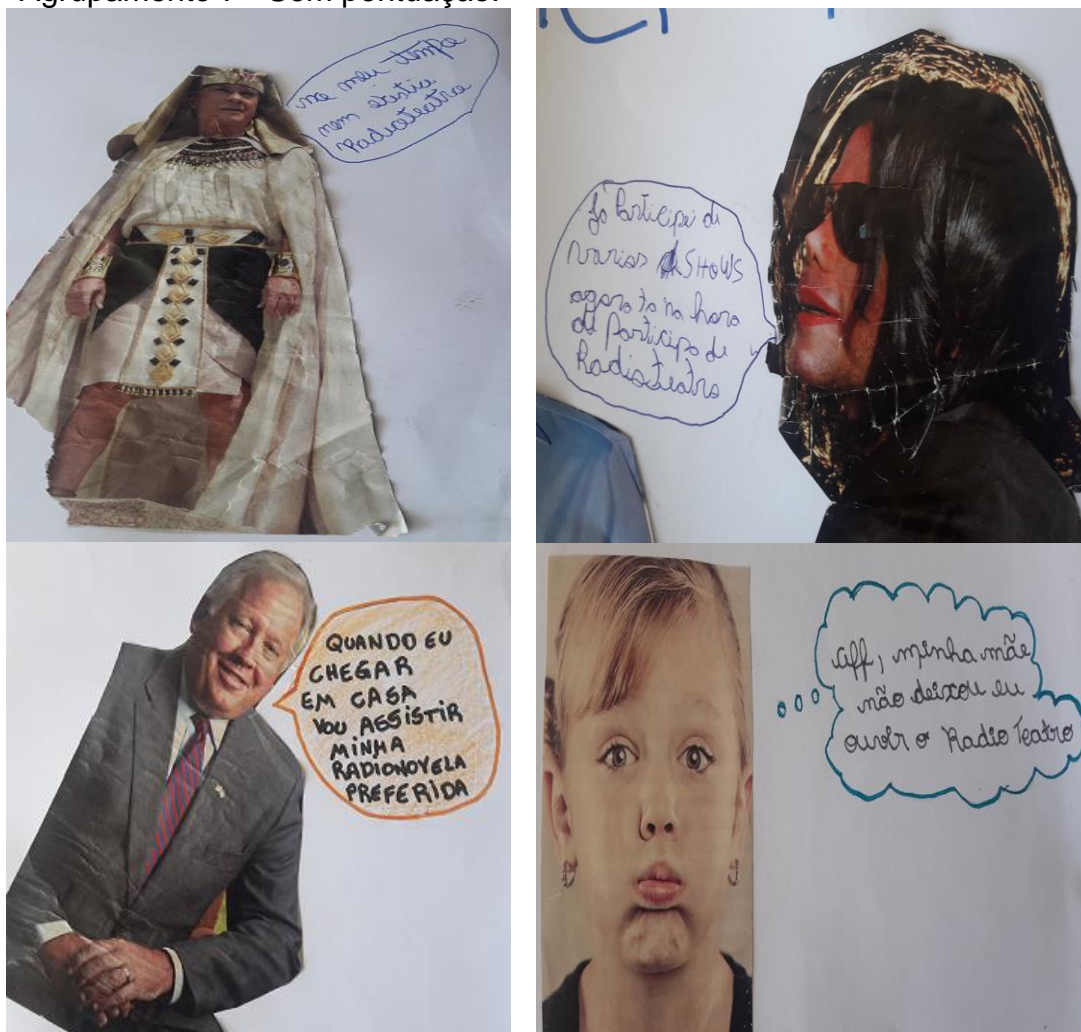
Fonte: Do autor.

Como é possível constatar, no agrupamento acima temos três personagens inusitados: um macaco, um super-herói (Homem de Ferro) e um atleta paralímpico. O uso das três imagens se apresenta coerente ao trabalho, uma vez que em todas elas os alunos demonstraram capacidade reflexiva e interpretação do gestual, da personalidade ou da própria identidade de cada um. No primeiro caso, o olhar centrado e os braços entrecruzados revelam um animal impactado, ou seja, supostamente abalado com um fato narrado pelos radioatores. No segundo caso, o personagem afirma “nunca ter tido a chance de fazer radioteatro, embora já tenha pensado muito”, o que, provavelmente, poderia ser justificado por sua existência enquanto super-herói. Já no último caso, os alunos conseguem inserir o atleta

paralímpico com muita naturalidade e bom humor; e, ao usar a expressão “vou correndo” (assistir “a” radioteatro) eles renovam seu uso, uma vez que o leitor se encontra com um suave trocadilho, uma vez que esta expressão, de forma geral, designaria algo como deslocar-se apressadamente, agilmente e aqui já alcança ambos os sentidos, denotativo e conotativo.

Contudo, como já afirmado anteriormente, alguns alunos, mesmo sendo orientados que este trabalho teria foco no radioteatro e no uso adequado dos sinais de pontuação, buscaram suas imagens e escreveram suas frases de forma bastante contextualizada, criativa e adequada ao contexto e à expressão corporal retratada na imagem, entretanto, entregaram suas produções omitindo alguns sinais de pontuação. Vejamos este caso no agrupamento abaixo:

Agrupamento 7 - Sem pontuação.

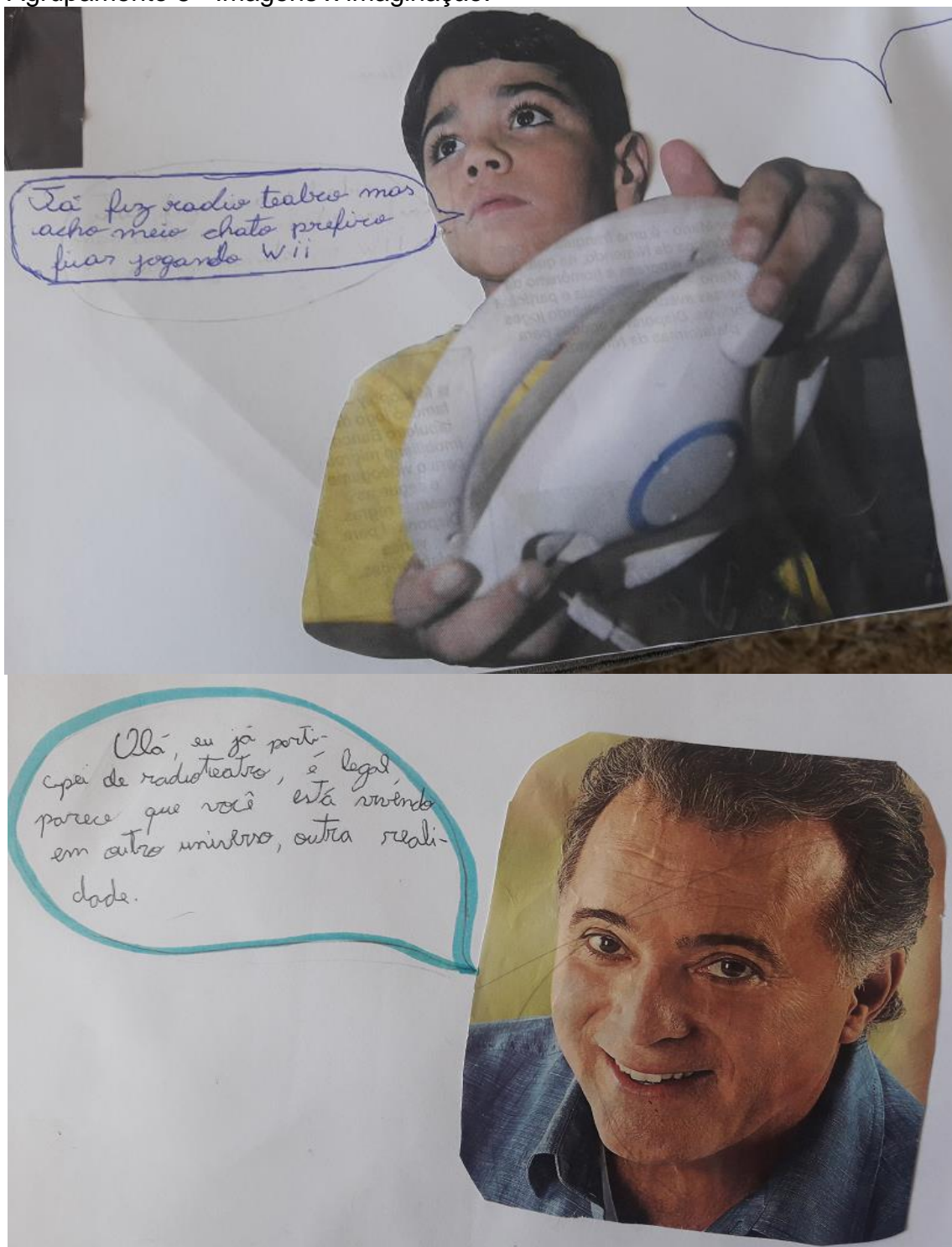


Fonte: Do autor.

Assim que todos os grupos terminaram suas produções, foi solicitado que procedessem a exposição oral de seus cartazes para os demais colegas da turma. Especificamente no caso destas frases sem pontuação, após a apresentação dos trabalhos, o professor procedeu da seguinte forma: escreveu algumas delas na lousa e pediu que as lessem em voz alta. Em seguida, foi utilizando sinais de pontuação diferentes nas mesmas frases, e, novamente, solicitando o mesmo procedimento. Por fim, foi aberta uma discussão com os alunos sobre as diferentes leituras e mudanças de entonação e, principalmente, de sentido atribuído a cada nova frase.

Ainda sobre os cartazes, a elaboração de duas frases nos chamou a atenção, por sua espontaneidade e pelo fato de que elas parecem traduzir duas visões muito diferentes, já demonstradas neste trabalho (na análise do fragmento 13, página 36, por exemplo, onde versávamos sobre imaginação vs. elementos audiovisuais), que apontam para caminhos opostos. Vejamos o agrupamento abaixo:

Agrupamento 8 - Imagens x imaginação.



Fonte: Do autor.

Na primeira imagem do agrupamento 8, o personagem (um jovem) afirma já ter feito radioteatro, mas sua preferência são jogos de videogame; enquanto que, na outra, o personagem abaixo (uma pessoa mais experiente, mais madura), afirma que o radioteatro é algo interessante, como se ele “vivesse em outro universo, em

outra realidade”. Portanto, é possível perceber que neste ponto da aplicação das atividades em sala, o uso pedagógico já conseguiu atrair a atenção de alguns, e que outros ainda se mostram apegados ao mundo tecnológico, principalmente no que diz respeito à presença de imagens. Tal percepção nos ajudou a compreender os alunos e, mais adiante, abrir discussões para que eles pudessem entender que o que a princípio pareceria uma lacuna (o não uso de imagens) poderia também resultar em espaços para a imaginação, como no caso da representação dos personagens Sebastião e Rosa, elaborada pelos alunos ao final da primeira unidade.

Finalizada a apresentação dos cartazes, na segunda unidade foi trabalhado com os alunos o texto (fragmento em áudio e sua transcrição) intitulado “A criança redonda”, uma produção belíssima, escrita pelo radialista Jessé B. Silva, premiada na Alemanha no ano de 2006, com produções de toda a América latina. A atividade teve início com uma pré-leitura, na qual os alunos foram questionados sobre suas expectativas diante do título da obra. Vejamos algumas das respostas dos alunos:

Fragmento 51

a) Em sua opinião, o que é uma “criança redonda”?

Uma criança gorda ou mais fofinha

Fragmento 52

a) Em sua opinião, o que é uma “criança redonda”?

Uma criança diferente do padrão que a sociedade impõe

Fragmento 53

b) Pessoalmente, você se considera uma “pessoa redonda”? Justifique.

Não porque eu me encaixo no padrão

Num primeiro momento, o título do texto conduziu quase todos os alunos para uma mesma linha de pensamento: que a palavra “redonda” deveria servir para referir-se a uma pessoa acima do peso, assim como mencionado no fragmento 51; o que, logo em seguida, gerou uma discussão oral entre os alunos sobre os padrões estéticos impostos pela sociedade, que pode ter influenciado as respostas seguintes, como é possível detectar nos fragmentos 52 e 53. Ainda nesse momento,

os alunos dialogaram sobre os problemas que pessoas fora desse padrão estético ditado pela sociedade podem enfrentar em suas vidas, conforme podemos constatar nos dois fragmentos abaixo:

Fragmento 54

d) Que história você espera que seja contada neste texto?

Que uma criança gorda vai se medida fazer um dieta

Fragmento 55

d) Que história você espera que seja contada neste texto?

Uma criança obesa que sofria bullying

O professor tomou como saudável que os alunos refletissem sobre um tema e discutissem-no, mesmo que aquele não fosse exatamente o foco do texto a ser trabalhado. Em seguida, orientou-os sobre a necessidade de, mesmo numa situação acalorada, respeitar os turnos de voz, ou seja, que a discussão seria mais proveitosa se cada aluno soubesse falar, mas também ouvir, respeitando o ponto de vista do outro, e que essa disciplina para saber expressar-se e para saber ouvir os ajudaria, tanto nas atividades envolvendo radioteatro como também em diversas outras situações de suas vidas. Por fim, o professor também os alertou a não generalizar os fatos e não passar a vida repetindo o que muitos dizem (“ser gordo é algo unicamente negativo”; “pessoas gordas sempre sofrem bullying”, etc.).

Logo em seguida, passamos para a audição do texto. Num primeiro momento os alunos demonstraram muita dificuldade, pois o fragmento apresenta grande carga conotativa, exigindo de seu leitor um processo interpretativo diferente de outros textos a que já estavam mais habituados, como, por exemplo, as muitas reportagens presentes no livro didático, nas quais a linguagem era mais objetiva, direta.

Também gerou muito incômodo e interrupções a forma como os personagens ditos “quadrados” pronunciavam suas frases, de modo pausado e mecânico. Foi necessário repetir a audição do texto, pausando-o algumas vezes para comentários e questionamentos que pudessem ajudá-los a construir suas próprias interpretações, pertinentes aos elementos próprios do texto. Após uma

longa discussão, os alunos responderam as questões de interpretação de texto por escrito, para, em seguida, proceder a correção oral, conjuntamente ouvindo a resposta dos alunos.

Embora, inicialmente, os alunos tenham apresentado dificuldades nesta atividade, de forma geral suas respostas foram bastante adequadas, evidenciando que conseguiram compreender o verdadeiro sentido do texto e, principalmente, do título. Vejamos algumas respostas:

Fragmento 56

B. Qual o tema deste texto? Os personagens são reais ou representam algo/alguém?

O orionco e o mundo não são reais, o mundo e o "arango do" e "diferente" ja e quadrado não vai do seu conforto não imento, nem tem ideia

Fragmento 57

F. Para você, no mundo existem mais "seres humanos redondos" ou "quadrados"? Justifique sua resposta.

Sim. Os quadrados são os que pensam pequena, e não querem mudan-
ças. Os redondos são aqueles que ~~pen~~ tem um pensamento
mais aberto, e que aceita mudanças.

Nos fragmentos acima, é possível constatar que os alunos compreenderam o uso da palavra "redondo" como sinônimo de "diferente" ou "avançado", enquanto que "quadrado" seria exatamente o contrário, ou seja, pessoas que repudiam qualquer tipo de mudança em suas vidas, em sua forma de pensar.

No que diz respeito ao radioteatro, os alunos divergiram em suas respostas, mas, a nosso ver, talvez sem nem mesmo perceberem, demonstraram grande domínio sobre a estrutura e as características do gênero. Vejamos alguns fragmentos:

Fragmento 58

A. Provavelmente, em que meio de comunicação este texto foi originalmente veiculado? Como é possível chegar a esta conclusão?

No rádio, porque tem sonoplastia e locutor

Fragmento 59

A. Provavelmente, em que meio de comunicação este texto foi originalmente veiculado? Como é possível chegar a esta conclusão?

Rádio, pois é uma rádio novela

Fragmento 60

A. Provavelmente, em que meio de comunicação este texto foi originalmente veiculado? Como é possível chegar a esta conclusão?

Rádio porque é um radioteatro

As respostas acima denotam claramente que, tanto no fragmento 59 como no seguinte (60), os alunos optaram por não buscar as características do gênero, como, por exemplo, a presença de sonoplastia, locutor, etc., apresentados no fragmento 58, mas sim, de modo simples e cabal, optaram por declarar que se tratava de “uma radionovela” ou, para outros, de “um radioteatro”, o que, para nós, se mostra extremamente positivo, uma vez que um dos objetivos declarados nesta pesquisa era que os alunos conhecessem e reconhecessem o gênero radioteatro. Oportunamente, como já fora descrito anteriormente nesta pesquisa, cabe frisar que também em sala de aula o professor orientou os alunos que a radionovela e o radioteatro são estruturas muito próximas, sendo a obrigatoriedade de continuidade o traço distintivo das radionovelas, não necessariamente existente nas peças de radioteatro, o que pode, em partes, justificar a presença dos dois termos nas respostas dos alunos, uma vez que era o primeiro contato com aquele texto e eles ainda não sabiam se haveria ou não continuidade.

Ainda sobre a definição do gênero radioteatro, um grupo de alunos também o caracterizou como sendo algo próprio do rádio por “não ter imagens”, mas sim efeitos sonoros. Optamos por proceder este destaque para reforçar como a presença ou ausência de imagens se apresenta como algo muito corriqueiro no universo mental destes alunos. Vejamos o fragmento:

Fragmento 61

A. Provavelmente, em que meio de comunicação este texto foi originalmente veiculado? Como é possível chegar a esta conclusão?

Pelo rádio, pelos efeitos sonoros, não tem imagens.

Este texto também foi muito importante para que o próprio grupo de alunos dialogasse sobre temas transversais, como aceitação das diferenças, respeito mútuo, preconceito, *bullying*, etc. Foi possível detectar que o convívio e o respeito entre os alunos também foi se tornando melhor, a cada vez que se discutiam estes temas, e muitos alunos se sentiram à vontade para expressar angústias e compartilhar dificuldades pessoais. Vejamos abaixo dois fragmentos que demonstraram que os alunos compreenderam o tema:

Fragmento 62

B. Qual o tema deste texto? Os personagens são reais ou representam algo/alguém?

O tema é a desigualdade e o preconceito, aborda o fato das pessoas julgarem antes de conhecer, representam as pessoas.

Fragmento 63

E. O personagem Tefé diz: “Os diferentes têm pouco lugar em nossa comunidade, Kaká. As pessoas não querem mudar de mentalidade, as pessoas não respeitam a diferença, não aceitam o novo (...)”. Em sua opinião, o que ele quis dizer com essas palavras?

As pessoas querem que tudo seja igual e não aceitam as diferenças.

A discussão em sala de aula sobre a necessidade de aceitação das diferenças e respeito mútuo foi algo bastante recorrente nesta turma, durante todo o ano letivo, mas, a partir do momento em que os textos de radioteatro foram trabalhados tivemos a impressão de que o convívio entre os alunos se revelou mais harmônico e acolhedor.

Outro aspecto que nos chamou a atenção foi a retomada de uma estratégia de leitura utilizada na primeira unidade: um grupo de alunos passou a adotar uma espécie de legenda, colorindo aspectos relevantes do texto. Vejamos o fragmento a seguir:

Fragmento 64

TEFÉ: - Então, doutor?

MÉDICO: - Olha, a criança nasceu saudável, mas infelizmente tenho uma péssima notícia: ela é REDONDA!

TEFÉ: - Redonda?

KAKÁ: - Redonda?

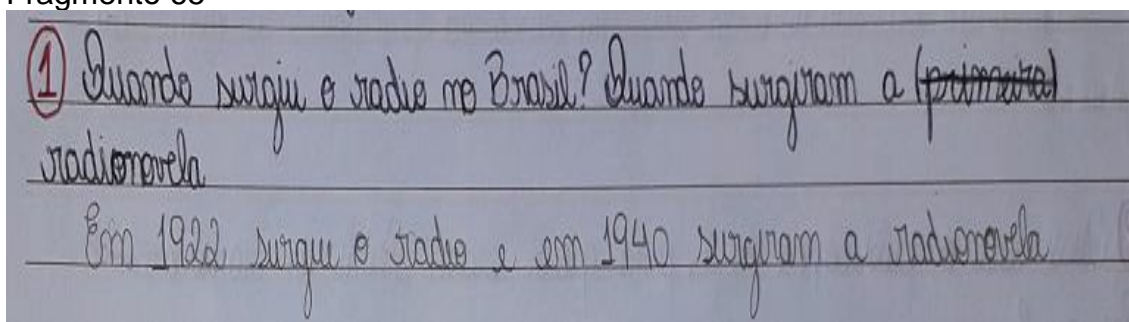
MÉDICO: - Sim, sim, redonda. Sinto muito.

No fragmento acima, é possível perceber que o aluno coloriu o nome de cada personagem usando uma determinada cor, o que provoca um efeito visual que, provavelmente, contribuía para sua leitura e, conseqüentemente, interpretação do texto. Possivelmente, a transferência deste tipo de estratégia de leitura poderá ajudá-los em outros momentos, como na leitura de outros textos teatrais, por exemplo. Por fim, numa análise mais densa, também seria possível refletir sobre a escolha de cada cor atribuída a cada personagem, assim como ocorreu na produção dos balões de fala, durante a confecção dos cartazes sobre sinais de pontuação (final da primeira unidade), entretanto, neste momento não a julgamos necessária.

Para que os alunos pudessem aprofundar ainda mais seus conhecimentos sobre o radioteatro, nesta unidade eles assistiram alguns documentários (descritos no Apêndice A, no final da segunda unidade) que narraram um pouco sobre a história do rádio e do radioteatro no Brasil, ambientando os alunos no panorama político, econômico, social e cultural da época.

A primeira parte do documentário trouxe mais os aspectos sociais e históricos, importantes para a formação humana e identitária dos alunos. Durante e após a exibição do documentário os alunos responderam por escrito algumas questões pertinentes ao tema. Vejamos abaixo algumas de suas respostas:

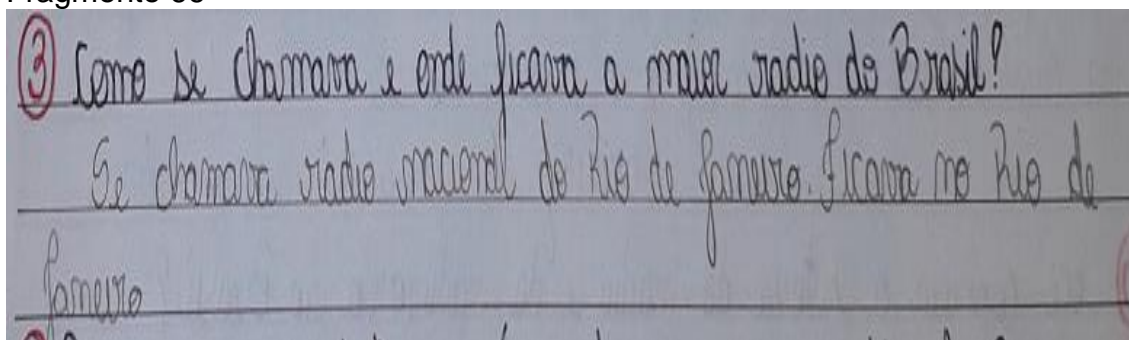
Fragmento 65



① Quando surgiu o rádio no Brasil? Quando surgiram a (primeira) radionovela

Em 1922 surgiu o rádio e em 1940 surgiram a radionovela

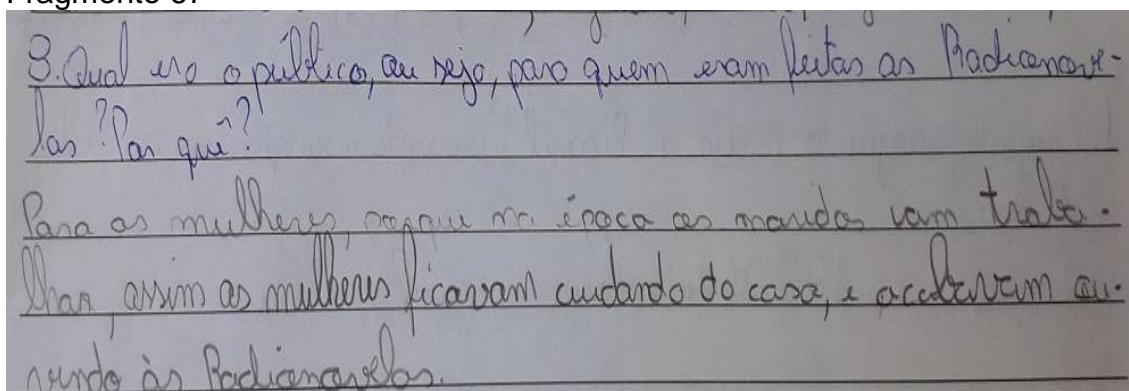
Fragmento 66



③ Como se chamava e onde ficava a maior rádio do Brasil?

Se chamava rádio nacional de Rio de Janeiro. Ficava no Rio de Janeiro

Fragmento 67



Dessa forma, os alunos puderam ver no documentário um país totalmente diferente do que eles conhecem hoje, e perceber a importância para aquelas populações da chegada do rádio em nosso país - precisamente no ano que marcava o centenário de nossa independência (conforme acertadamente descreve a resposta do fragmento 65) -, ainda afastados das cidades, e numa época na qual a maioria dos avanços tecnológicos comuns no cotidiano dos alunos ainda não eram conhecidos ou simplesmente não existiam.

O documentário também mostrou toda a importância e estrutura da rádio nacional do Rio de Janeiro, mencionada no fragmento 66, e de seus diversos trabalhos, que até hoje repercutem na cultura de nosso país, seja por firmar as bases da atual teledramaturgia, ou na divulgação de notícias, noticiários esportivos, etc.

Já a questão exposta no fragmento 67 foi importante para que os alunos conhecessem como eram organizadas as famílias de início e meados do século passado, e pudessem compreender, por exemplo, porque nos fragmentos de radioteatro que estávamos trabalhando apareciam tantas propagandas de produtos de uso doméstico – obviamente, devido ao público majoritariamente feminino (classe baixa) que, à época, se ocupava quase que exclusivamente dos afazeres domésticos, tendo no aparelho de rádio seus atrativos.

Na segunda parte, o documentário tratou mais detidamente sobre os programas do rádio dos anos 40 e 50, exibindo depoimentos de diretores das grandes rádios, radioatrizes e radioatores mais afamados, locutores, cantores, músicos, técnicos, etc. Vejamos abaixo dois fragmentos sobre o tema:

Fragmento 68

⑤ O que foi o "Repórter Esso"?

Repórter Esso era um sistema de jornalismo todos acreditavam somente no repórter Esso. Ele era transmitido para muitos países. O repórter Esso tinha muita influência com as pessoas.

Fragmento 69

⑥ O que era o "programa de calouros"? Qual era a sua importância?

Era um programa onde muitas pessoas em busca de sucesso iam mostrar seu talento através do canto. Era muito importante para aqueles que queriam fama.

Assim como aparece no fragmento 68, o repórter Esso foi um marco na história do rádio de nosso país, destacadamente tomado pelas pessoas da época, com menos recursos informativos, como o grande porta-voz das notícias de maior relevância, tendo, portanto, grande prestígio e credibilidade. Já o programa de calouros, citado no fragmento 69, era a grande porta para que pessoas com talento pudessem divulgar seus trabalhos. Os alunos ficaram bastante admirados com a grandiosidade da Rádio Nacional do Rio de Janeiro, e todo o suporte que era dado naquela época aos artistas que iniciavam suas carreiras.

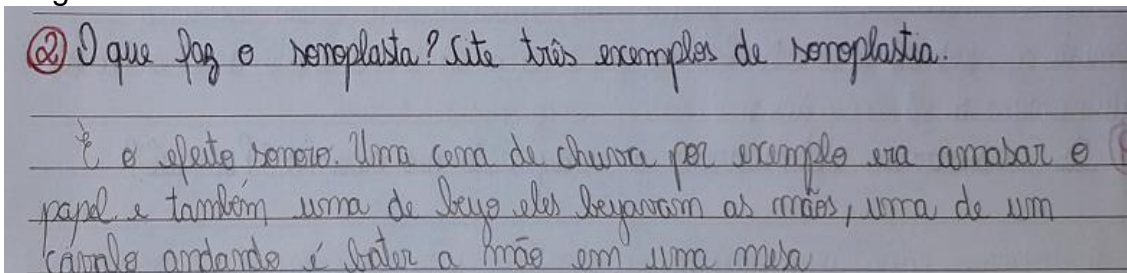
No final do documentário, foi apresentada a parte que mais atraiu a atenção dos alunos: o universo do radioteatro, em especial, as radionovelas. Vejamos os comentários feitos pelos alunos sobre este tema:

Fragmento 70

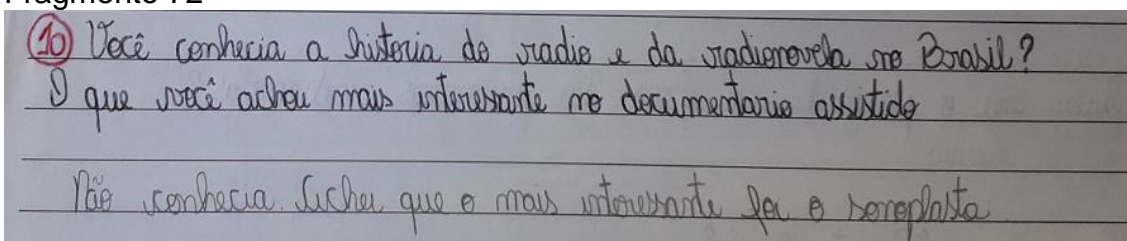
⑨ As radionovelas estimulavam a imaginação dos ouvintes? Por quê?

Sim, porque cada um imaginava de seu jeito, usavam a imaginação para criar os vestes dos personagens, as casas, cidades etc.

Fragmento 71



Fragmento 72



As respostas acima em grande parte representam os demais alunos da sala: a grande maioria se mostrou extremamente encantado pela forma criativa, diferenciada, artística, como os radioatores de outrora produziam seus efeitos sonoros para as encenações das famosas radionovelas da época. A aula também foi bastante divertida, porque os alunos, empolgados, buscavam imitar ou recriar os sons que estavam sendo feitos a partir de objetos, instrumentos, do próprio corpo, etc., como descrito no fragmento 71; produzindo pequenas encenações, o que, por diversas vezes, provocava muitos risos dos demais colegas de sala.

Ao fim da segunda unidade, os alunos tiveram como “Tarefa Final”, ou seja, como atividade síntese, a proposição de elaboração e execução dos efeitos sonoros, ou seja, da sonoplastia, de um texto trazido pelo professor. Os objetivos desta tarefa eram os seguintes: que os alunos se familiarizassem com os elementos que compõem o gênero radioteatro; que intensificassem seu uso, potencializando o sentido do texto, uma vez que na primeira unidade isso ocorreu de forma ainda precária; que os alunos vislumbrassem a possibilidade de produzirem um texto de radioteatro sem a obrigatoriedade de recorrerem a aparelhos tecnológicos, como, em alguns casos, ocorreu na realização da tarefa da primeira unidade; e que exercitassem sua imaginação para expressar um mesmo elemento de diferentes formas.

Antes de detalhar a atividade síntese (elaboração de sonoplastia), vejamos abaixo, a partir das questões de interpretação do texto “A criança redonda”, a visão dos alunos sobre os efeitos sonoros presentes no texto:

Fragmento 73

D. Com relação à sonoplastia (sons que acompanham as falas), quais efeitos são usados? Eles contribuem para o melhor entendimento do texto? Justifique.

R: tem sons de bicicletas, bebês chorando, pessoas gritando, tiros, etc. sim, contribuem muito, aumenta a imaginação, mais fácil de imaginar a cena.

Fragmento 74

D. Com relação à sonoplastia (sons que acompanham as falas), quais efeitos são usados? Eles contribuem para o melhor entendimento do texto? Justifique.

Ruídos de rádio aumentando a criança chorando ruídos de pneus, etc. sim, porque ajuda a pessoa a compreender melhor a história.

Fragmento 75

D. Com relação à sonoplastia (sons que acompanham as falas), quais efeitos são usados? Eles contribuem para o melhor entendimento do texto? Justifique.

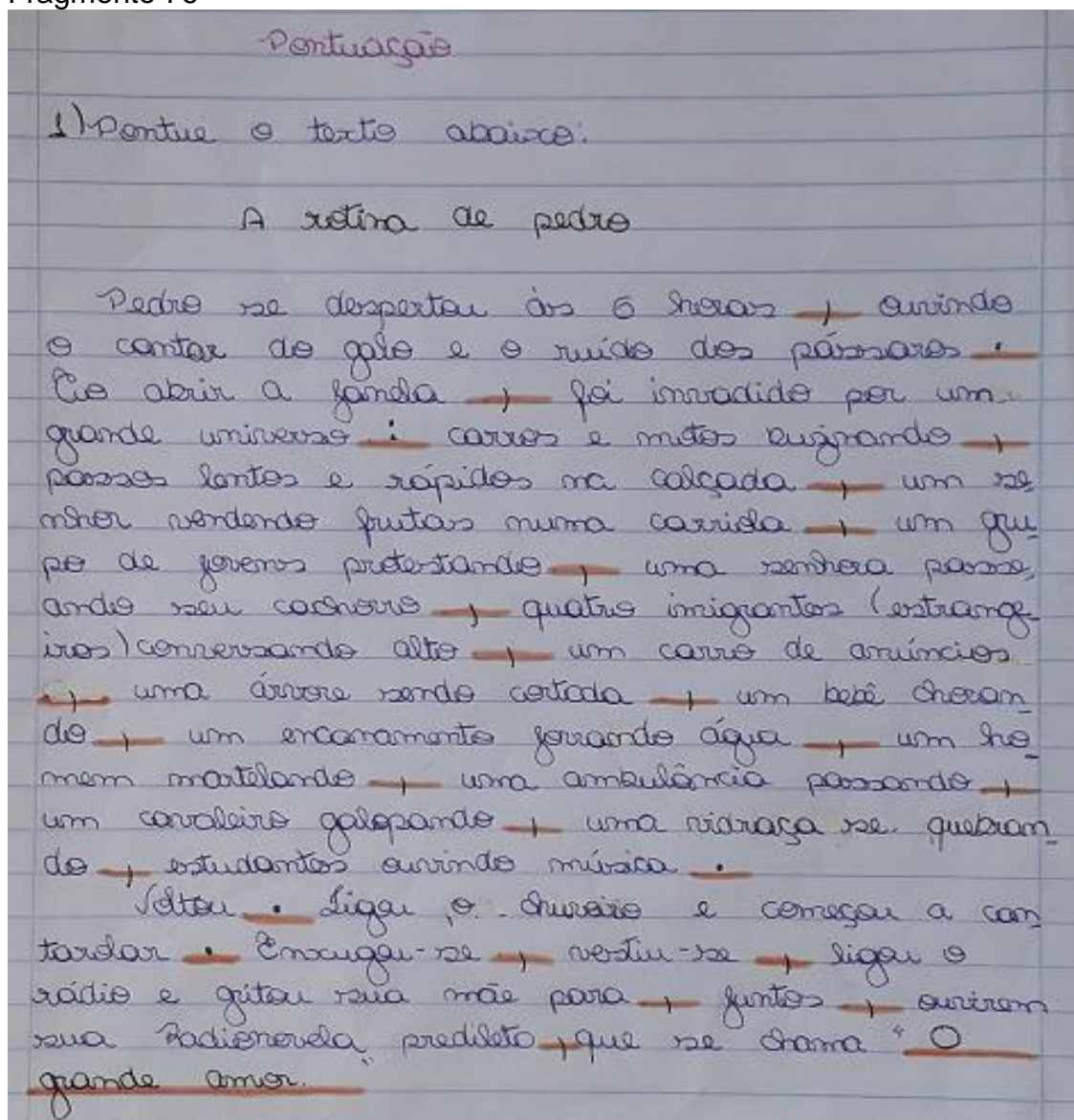
tiros, bebê chorando, sim pois parece real

Pelos fragmentos acima, é possível perceber que os alunos conseguiram detectar no texto a presença dos efeitos sonoros, e suas respostas indicam, de forma unânime, que a sonoplastia se configura como um dos importantes elementos de sentido no gênero radioteatro, contribuindo, segundo os próprios alunos, para a melhoria na compreensão da narrativa; para um maior “efeito de realidade”; ampliação da capacidade imaginativa, etc.

Para tanto, o professor disponibilizou aos alunos o texto “A rotina de Pedro”, (fragmento 76, abaixo) com lacunas, no qual os alunos deveriam ler em voz alta, completá-lo com a pontuação adequada de acordo com a leitura procedida e realizar a leitura dramatizada, enriquecendo-o com os efeitos sonoros pertinentes a cada trecho, sob uma restrição: não foi permitido fazer uso de aparelhos tecnológicos na execução do texto, ou seja, os alunos deveriam dialogar, refletir e usar sua

imaginação para criar a sonoplastia pertinente ao texto. Vejamos abaixo um exemplar desta atividade:

Fragmento 76



Após copiarem o texto, os alunos se reuniram em grupos de cinco a seis alunos e lhes foi dado um tempo determinado para que delegassem um integrante para proceder a leitura em voz alta do texto e os demais seriam responsáveis por pontuá-lo e, logo após, discutir formas para representar o que estava sendo narrado. Em seguida, começaram a improvisar alguns sons, que imediatamente foram sendo organizados por escrito, no próprio texto onde cada um fazia a sua participação no momento da gravação.

Essa atividade teve como objetivo despertar a imaginação dos alunos, permitindo-lhes perceber que a linguagem pode ser usada de diferentes formas para representar um mesmo elemento. Por exemplo, nesta atividade, quando foi proferida a parte que envolvia o cão sendo levado pela dona, cada grupo procedeu de uma forma: alguns imitavam o latido do cãozinho (que também apresentou diferenças, aparentemente, quanto à idade imaginada), enquanto em outros grupos o efeito foi da dona chamando o animal. Outro caso ocorreu na parte que menciona uma conversa entre pessoas estrangeiras, onde cada grupo escolheu um idioma diferente para tal sonorização.

A atividade também buscou aproximar os alunos dos recursos básicos de um radioteatro, preparando-os para a confecção de um texto em momento futuro. Além disso, serviu para que percebessem que não era necessário estar totalmente apegado aos meios tecnológicos, pois muitas vezes a criatividade pode resolver diversos problemas.

Após todos os grupos apresentarem seus textos oralmente (que, como já dissemos, foi gravado em áudio – mp3), os alunos foram conduzidos até o salão de reuniões, onde a estrutura de aparelhagem é melhor para este tipo de atividade, para que ouvissem suas produções (CD, faixa 12). Este foi também um momento bastante divertido, no qual os alunos iam reconhecendo cada colega que havia atuado, e observavam as diferenças entre seu próprio trabalho e dos demais.

Foi possível perceber que as gravações ficaram, de certa forma, um pouco semelhantes. Num momento seguinte, os alunos perguntaram se faríamos outras atividades envolvendo a sonorização, e sugeriram que os textos fossem diferentes ou que eles mesmos os criassem. Acreditamos que as sugestões foram pertinentes, mas deixamos para a quarta unidade uma nova oportunidade de trabalharem com a elaboração de efeitos sonoros. Finalizando as audições, encerramos a segunda unidade.

A terceira unidade, intitulada “Emocionando-se neste Universo”, foi produzida com o objetivo de ampliar a visão dos alunos no que diz respeito à abrangência dos textos de radioteatro, ou seja, não os circunscrever tão somente ao rol das radionovelas. Isso se deu por vários motivos: o primeiro deles foi perceber que grande parte das produções de radionovelas são produções de grande fôlego, ou seja, duravam meses, muitas vezes anos, e, no que diz respeito à sala de aula, o tempo com os alunos nos parece curto para todo o trabalho a ser feito com o texto

(pré-noções, audição, leitura, discussão das ideias, interpretação textual, correções, etc.). Em segundo lugar, sendo este um trabalho didático, acreditamos que seria mais recomendável que se trabalhasse com textos de caráter socioeducativo, que pudessem gerar discussões sobre temas cotidianos, que contribuiriam para a formação linguística e humana dos alunos.

Na primeira atividade da terceira unidade, os alunos visualizaram duas imagens em preto e branco, a primeira, de uma mulher em estado de pânico (famosa cena do filme *Psicose*, do renomado cineasta Alfred Hitchcock) devido à aproximação de seu assassino; e a segunda, de uma criança, escolhida à sorte na internet, apontando o dedo como quem demonstra algo, e gargalhando. Vejamos algumas respostas dos alunos:

Fragmento 77

a) Que sensações as imagens acima trazem para você?
*sentade de imaginar o porque elas
 estão sendo ou gntando*

Fragmento 78

b) Que cena você descreveria a partir de cada imagem?
*uma cena de suspense na primeira e
 uma cena de comédia na segunda ou
 uma cena de romance*

Fragmento 79

b) Que cena você descreveria a partir de cada imagem?
uma cena de terror, alguém fazendo palhaçada

No momento da correção, foi solicitado aos alunos que lessem suas respostas. Foi um momento muito interessante, porque cada aluno expôs seus sentimentos de modo diferente. Como afirmou o aluno no fragmento 77, as figuras realizaram um importante papel nesta atividade: instigar a imaginação do leitor, por meio de uma situação dada. O professor salientou aos alunos que na produção e execução de um radioteatro o movimento será semelhante: a situação dada e a

descrição dos personagens, deverá também servir de ponto de partida para a imaginação do ouvinte.

Já nos fragmentos 78 e 79, temos visões diferentes. O primeiro aluno caracterizou as imagens como “suspense” e “reencontro”, enquanto que, para o outro, já seria “terror” e “palhaçada” (brincadeira, divertimento). A partir de então, foi perguntado aos alunos que indícios poderiam sustentar cada afirmação, ou seja, o que na imagem provocava aquela interpretação. O objetivo desta atividade foi que eles se atentassem mais aos detalhes, e, ao produzirem seus textos conseguissem lançar mão de elementos que permitissem que a imaginação do ouvinte fosse atraída.

A questão seguinte, que inquiria sobre os motivos do provável desespero da mulher (primeira imagem), provocou grande discussão e alvoroço na sala de aula, uma vez que as respostas divergentes iam sendo rebatidas com argumentações e contra argumentações, na busca de encontrar a “resposta certa”. Vejamos algumas respostas:

Fragmento 80

c) Com quem esta mulher estaria gritando? Onde? Por quê? Com a parede, no sala, porque chutou a sala sem querer.

Fragmento 81

c) Com quem esta mulher estaria gritando? Onde? Por quê? Com algum parente, em uma rua porque o parente dela ter sido atropelado.

Fragmento 82

c) Com quem esta mulher estaria gritando? Onde? Por quê? Ela ou uma barata, no banheiro, porque ela disse ter muito medo.

Fragmento 83

c) Com quem esta mulher estaria gritando? Onde? Por quê? com um bandido, no chuveiro, porque o bandido está apontando uma arma para ela

Fragmento 84

c) Com quem esta mulher estaria gritando? Onde? Por quê? Podia ser com um assassino, no banheiro (Por que seu cabelo parece molhado) e assassino pegou uma faca.

Como podemos perceber na sequência de fragmentos acima, algumas respostas foram sendo questionadas pelos próprios alunos: “se ela chutou o sofá da sala (alusão ao fragmento 80), por que ela está toda molhada?”; ou “se ela recebeu a notícia que o parente foi atropelado (alusão ao fragmento 81), por que ela está no banheiro”; ou ainda “se ela tem medo de barata (alusão ao fragmento 82), o que é aquela sombra na parede?”, etc. Chegando a este ponto, é óbvio perceber que a discussão final seria quanto ao tipo de instrumento usado pelo suposto assassino, na cena, sendo que no fragmento 83 o aluno menciona o uso de “uma arma”, que prontamente seria confrontado pela resposta contida no fragmento 84, que se mostrou bastante completo e coerente, ao justificar que a cena ocorrera no banheiro, devido ao aparente estado de seu cabelo, e que o “presumível assassino portava uma faca”, segundo ele, “pelo formato da imagem na parede”. Obviamente, a discussão não seguiu perfeitamente a linearidade descrita acima, pelo contrário, ela ocorreu com idas e vindas, e nossa intenção foi descrever o percurso lógico adotado, que foi entrecortado por outras indagações, afirmações, hesitações.

Diferentemente do que os alunos imaginavam, aquela discussão foi encaminhada não com o objetivo de que se encontrasse uma “resposta certa”, que “serviria para todos”, mas sim como uma possibilidade de enxergar nas marcas, nos detalhes presentes no próprio texto (que na atividade se configurou em imagens) as possíveis respostas ou afirmações a serem feitas sobre ele. Isto contribuiria em muito para que atentassem mais para os detalhes, e, conseqüentemente, interpretassem com maior qualidade e exatidão, fato este que seria útil em todas as disciplinas, e também produzissem textos mais coerentes, nos quais fossem sendo

deixados rastros para que o leitor (no caso do radioteatro, o ouvinte) pudesse seguir o caminho junto ao sentido real da narrativa. Coube ao professor alertar que, no caso do radioteatro, estas marcas deveriam, em muitos casos, ser mais explícitas textualmente, uma vez que a ausência do elemento visual presente no radioteatro acaba fazendo com que tão somente a palavra traduza todos os aspectos da cena.

Finalizando esta atividade, com relação à imagem da criança rindo, os alunos também responderam de forma variada. Vejamos abaixo algumas de suas respostas:

Fragmento 85

d) Por que (ou com o que) esta criança estaria feliz?
porque estaria sendo fotografada

Fragmento 86

d) Por que (ou com o que) esta criança estaria feliz?
Por que estaria vendo um algodão doce.

Fragmento 87

d) Por que (ou com o que) esta criança estaria feliz?
com uma pessoa tropeçando.

Da mesma forma que na figura anterior, aqui também ocorreu uma discussão entre os alunos, buscando as respostas mais coerentes. No primeiro caso, a resposta contida no fragmento 85 não foi totalmente aceita pela turma, alegando que a criança parecia “muito à vontade” para que estivesse sendo fotografada. Já nos fragmentos seguintes houve certa anuência, pois na opinião dos alunos tanto um algodão doce quanto assistir alguém tropeçando poderia levar uma criança ao riso. Nesta ocasião, o professor pediu aos alunos que refletissem sobre o fato de, muitas vezes, as pessoas acabarem rindo quando alguém tropeça ou se vê afetado negativamente de qualquer outra forma, pois, por mais inocente que pareça ser o ato, é preciso considerar o outro.

Como já fora dito, o objetivo da terceira unidade foi trazer textos de modalidades diferentes (subgêneros) dentro do gênero radioteatro. O primeiro deles foi o texto “A invasão do espaço” (CD, faixa 5), da famosa série “Você acredita?”, produzida à época na Rádio Nacional do Rio de Janeiro, pelo radialista português Hélio do Soveral, e hoje facilmente encontrada na internet.

Os alunos ouviram atentamente a história citada acima, participando em alguns momentos de tensão, com comentários sobre o que imaginavam que iria ocorrer. Também fizeram muitas colocações sobre a forma como os radioatores interpretavam, com muita carga emocional, pausas e avanços, maior ou menor gravidade na pronúncia das palavras, mudanças bruscas de ritmo e tom de voz, efeitos sonoros; que muitas vezes provocava espanto, suspense, tensão e atenção ao conteúdo narrado por parte dos alunos e, muito provavelmente, do público daquela época.

O professor esclareceu aos alunos que aquele tipo de peça foi produzido em nosso país nos 70 e 80, o que demandava textos mais atrativos, que prendessem mais a atenção do público, uma vez que nesta época o rádio passava a dividir seu espaço com os aparelhos de televisão, que começavam a chegar a muitos lares brasileiros. Aproveitou a oportunidade para orientar os alunos que buscassem os mesmos recursos no momento de exposição de seus textos, ou seja, que quanto mais forte fosse a identificação do público maior seria a receptividade e aceitação do texto produzido.

O segundo texto tinha como objetivo levar ao conhecimento dos alunos uma mostra do radioteatro cômico, aqui apresentado na obra do jornalista, cronista e poeta carioca Giuseppe Ghiaroni, com seus personagens “Tancredo e Trancado”, no episódio “Departamento Nacional de Más Notícias”.

Como atividade oral de pré-leitura, os alunos expuseram o que acreditavam que ouviriam, a partir tão somente do título do texto. De forma geral, os alunos afirmaram não acreditar na existência desse departamento, que poderia ser uma brincadeira, pois até mesmo o nome dos personagens era divertido. Em seguida, um aluno contextualizou, dizendo que hoje ele “viveria trabalhando dia e noite”, clara alusão aos problemas políticos e econômicos vivenciados naquele momento. O professor então esclareceu aos alunos que este programa era apresentado nos anos 50 e 60, sempre aos domingos, e tinha como objetivo trazer, ao menos nesse dia, o humor, a diversão às famílias; na época, reunidas em torno do rádio.

Aproveitando a questão levantada pelo aluno, o professor realizou oralmente diversas perguntas sobre como eles imaginavam a situação do país naquela época e como veem seu país hoje. Os alunos discutiram mais sobre os problemas atuais, sendo em maior parte levantados temas da política nacional (protestos, escândalos de corrupção, ano eleitoral) e internacional (conflitos, guerras); e também econômicos (aumento dos índices de desemprego, alta no preço dos combustíveis e produtos de alimentação), violência, insegurança e, como era ano de copa do mundo, o futebol também foi bastante lembrado. Vejamos algumas respostas:

Fragmento 88

I. Se hoje existisse no Brasil um "DEPARTAMENTO NACIONAL DE MÁS NOTÍCIAS" o que seria narrado por ele?

Principalmente corrupção, ameaças de guerra e acidentes.

Fragmento 89

I. Se hoje existisse no Brasil um "DEPARTAMENTO NACIONAL DE MÁS NOTÍCIAS" o que seria narrado por ele?

Mortes, desempregos, tragédias, guerras, etc.

Fragmento 90

J. E se este Departamento fosse **SOMENTE** de "BOAS NOTÍCIAS", o que seria dito por ele?

Quando alguém ganha emprego, passa no enem conquistando o que quer etc.

Fragmento 91

J. E se este Departamento fosse **SOMENTE** de "BOAS NOTÍCIAS", o que seria dito por ele?

Seria dito empregos novos times de futebol, produtos bons por preços baixos.

Como é possível observar, nos dois primeiros fragmentos (88 e 89) os alunos citaram temas que julgavam mais negativos neste momento, sendo os grandes eventos, como guerras e tragédias naturais os mais lembrados no âmbito internacional; e o desemprego e a corrupção os mais citados nacionalmente. Acreditamos ser bastante importante que os alunos cresçam conhecendo seu passado e refletindo sobre seu presente.

Embora a gravação apresentasse alguns ruídos e certa dificuldade de compreensão, devido aos recursos da época, os alunos compreenderam muito bem o texto, tanto que riram muito e repetiram algumas falas. Vejamos algumas frases destacadas nas respostas:

Fragmento 92

C. O radioteatro acima é uma peça de mistério, de suspense, jornalístico ou de humor? Cite um trecho do texto comprovando sua resposta.

humor, se continuar assim a fama vai "fraturar" muita dinheiro.

Fragmento 93

C. O radioteatro acima é uma peça de mistério, de suspense, jornalístico ou de humor? Cite um trecho do texto comprovando sua resposta.

R: humor, "Pra isso nós somos periquito, ou melhor, pe
ritão"

Nos casos acima, é possível observar que os alunos compreenderam o subgênero e souberam justificar textualmente o efeito de humor presente no texto. No primeiro caso, no fragmento 92, o aluno destacou o trocadilho da expressão "fraturar muito dinheiro", mesclando os verbos faturar (lucrar) e fraturar (quebrar - alusão à perna quebrada do cliente). Já no fragmento 93, o aluno detectou o falso equívoco presente no texto, no qual o personagem, imaginando autoafirmar-se perito naquela área acaba proferindo a palavra periquito, o que gera efeito cômico ao texto, uma vez que o personagem se autodenomina um animal frágil, que vive tagarelado.

Nesta atividade de interpretação, os alunos também demonstraram facilidade ao reconhecer outros dois aspectos: a presença de seus efeitos sonoros e sua época. Vejamos algumas respostas:

Fragmento 94

D. Os radioatores usam efeitos sonoros (sonoplastia)? Quais?

Sim, imita uma porta batendo (tã, tã, tã)

Fragmento 95

H. No texto de "Tancredo e Trancado, em que moeda é calculado o preço do serviço? Isso demonstra que o texto é mais antigo ou mais recente?

Cruzado, que é mais antigo

Fragmento 96

F. A radionovela mantém relação com a realidade, com a história de nosso país ou os fatos e personagens são frutos da imaginação? Justifique sua resposta.

Sim, porque antigamente não tinha telefone e precisava de comunicação por fala.

No fragmento 94, o aluno reconhece a batida na porta como exemplo de sonoplastia, algo que neste momento de aplicações já parece estar totalmente consolidado para toda a turma. Na questão apresentada no fragmento 95 o aluno atesta o caráter antigo do texto por meio da moeda da época e, no fragmento 96, outro aluno contextualiza este fato, justificando que a população, de forma geral, naquela época ainda não dispunha de aparelho telefônico, o que, em certa medida, poderia amparar a existência de uma empresa que comunicasse notícias diretamente na casa das pessoas.

Na terceira unidade, o componente linguístico trabalhado foi o uso adequado de discurso direto e indireto, tendo como objetivo fornecer subsídios para que os alunos, ao final de todo o trabalho, conseguissem produzir e apresentar um texto de radioteatro.

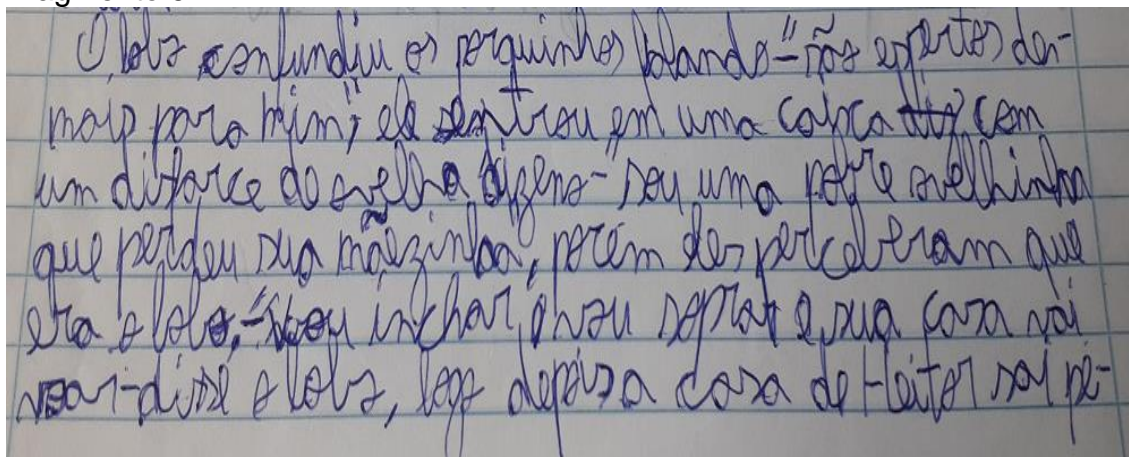
Inicialmente, foi retomada a audição do texto "A invasão do espaço", e os alunos deveriam buscar pronunciar os diálogos como havia sido realizado no texto. Em seguida, o professor escreveu na lousa dois fragmentos do mesmo texto, um em que aparecia discurso direto e o outro, indireto; e, juntamente com as orientações presentes na unidade, os alunos conseguiram estabelecer a diferença entre eles. Em seguida, os alunos realizaram exercícios orais e escritos, envolvendo a leitura de

textos curtos, tiras cômicas e até mesmo um pequeno texto de radioteatro: o quadro “A velha surda”, radioteatro exibido no Rio de Janeiro, nos anos 70 e 80, no programa “A turma da maré mansa”, que mais tarde viria para a televisão, no programa “A praça é nossa”. Além de estudar os conteúdos linguísticos, julgamos da mesma forma importante que os alunos estejam sempre aprendendo conteúdos de outras áreas, como fatos históricos, políticos, culturais, etc., para cada vez mais fortalecer sua formação.

Ao final da terceira unidade, a atividade síntese requereu dos alunos a produção escrita de um texto com uso de discurso direto, a partir da reprodução audiovisual de uma das versões clássicas da história infantil “Os três porquinhos”, com o objetivo principal de identificar o domínio dos alunos quanto ao uso adequado de discurso direto e indireto.

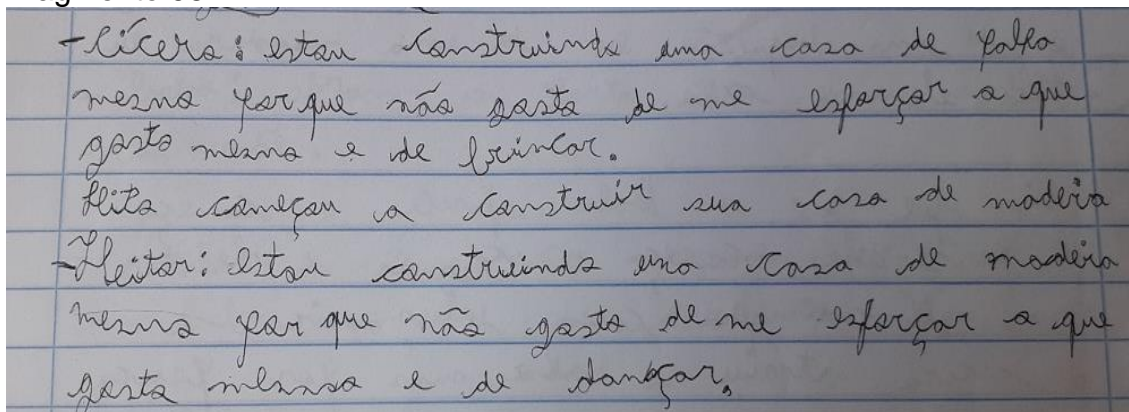
Observando a produção escrita dos alunos, foi possível constatar grande desnível no que diz respeito ao uso de discurso direto e indireto. Vejamos alguns fragmentos:

Fragmento 97



O lobo confundiu os porquinhos brando - "nós experts de-
 mais para mim" ele se tornou em uma cobra ~~de~~ com
 um ditone de orelha ~~de~~ deu uma pat e ovelhinha
 que perdeu sua malzinha, porém des-~~per~~cebam que
 era o lobo. ~~deu~~ inchar, e deu ~~de~~ sua ~~co~~za vai
~~na~~-~~di~~ta o lobo, ~~de~~ depois a ~~co~~za de ~~le~~itar ~~na~~ pi-

Fragmento 98



- Licera: Estão construindo uma casa de palha
 mesma porque não gasta de me esforçar e que
 gasta menos e de brincar.
 Rita começar a construir sua casa de madeira
 - Leitor: Estão construindo uma casa de madeira
 mesma porque não gasta de me esforçar e que
 gasta menos e de dançar.

Fragmento 99

- Entrar nesta casa nem pensar essa pele de
 ovelha não vai nos enganar, então o lobo
 fala:
 - Vou inchar e vou inchar e soprar e sua
 casa vai pro ar, então o lobo sopra e
 o Círculo e Heitor segura a casa para não cair
 mas ela cai.

Fragmento 100

- Ele não sabe brincar, nem cantar, nem dançar,
 só o que sabe é trabalhar - dizem juntos.
 - Vocês podem brincar e dançar, pois não vão me
 aborrecer. Só não vai ter brincadeira quando o lo-
 bo aparecer - Responde Prático.

Os fragmentos acima objetivam demonstrar como os alunos apresentaram graus diferentes de dificuldade, não só no que diz respeito ao uso de discurso direto, bem como em muitas outras questões linguísticas razoavelmente básicas para a série que estão cursando, tais como estrutura dos parágrafos, uso de maiúscula e minúscula, pontuação, ortografia, estética (margens, caligrafia), acentuação, etc.

Observando o fragmento 97, é possível perceber que o aluno não demonstrou nenhuma organização no que diz respeito à estrutura de seus parágrafos, e a forma empregada na representação do discurso direto é totalmente confusa, uma vez que mistura voz narrativa e fala dos personagens, fazendo uso inadequado da vírgula para separar estruturas maiores de pensamento.

No fragmento 98, também com muitas incorreções, é possível constatar que o aluno esboça uma organização mais lógica, buscando distinguir fala dos personagens da voz narrativa. Entretanto, quanto aos elementos do discurso direto o aluno parece ter simplificado as regras à sua maneira, realçando o personagem com o travessão e marcando o início da fala com o uso de dois pontos imediatamente

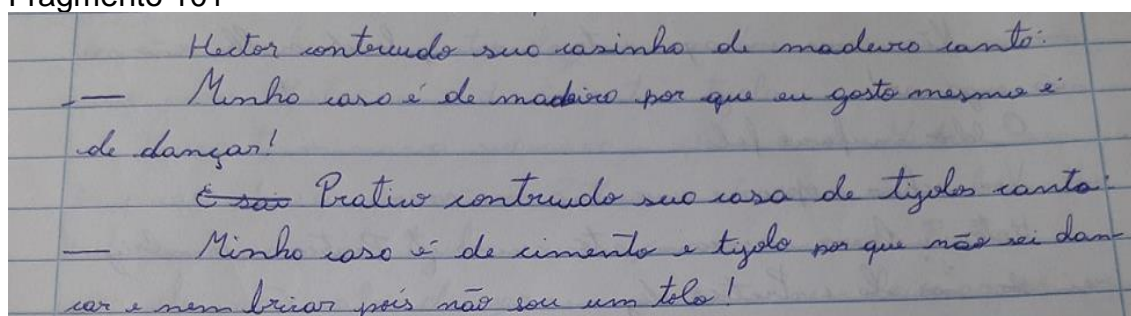
após o nome do personagem. Tal técnica foge aos padrões de uso do discurso direto, embora talvez o aluno tenha buscado tais referências em textos de diálogos situacionais (presentes muitas vezes em livros didáticos, principalmente de língua estrangeira), por exemplo, ou em histórias em quadrinhos.

Por sua vez, no fragmento 99 é possível constatar que o aluno buscou usar as regras de uso do discurso direto, enunciando a fala do personagem e, logo em seguida, fazendo uso de parágrafo e travessão. Entretanto, o texto está mal pontuado e ele separa as falas dos diálogos da voz narrativa apenas com vírgula, o que não acaba comprometendo totalmente o sentido do texto, mas deixa-o mal redigido.

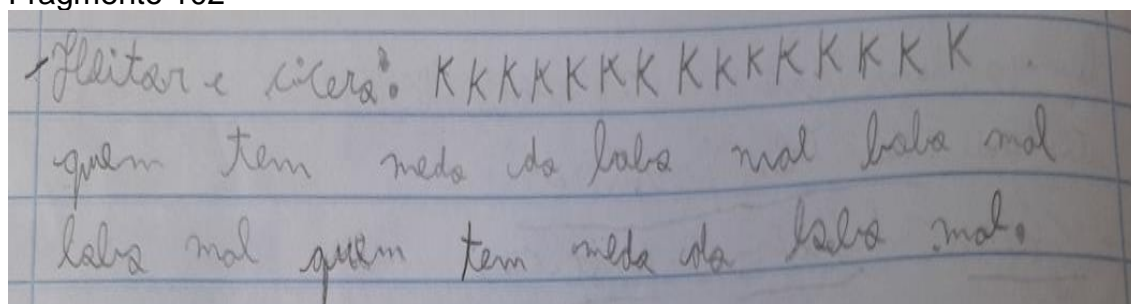
No fragmento 85, já é possível detectar o uso mais consciente e adequado dos sinais de pontuação, e a ressalva a ser feita está na incorreção da explicação da voz narrativa, onde, num primeiro momento o aluno escreve “dizem” com letra minúscula, atestando domínio às regras; entretanto, mais abaixo, usa “Responde”, com letra maiúscula, o que foge às regras da língua culta.

Obviamente, ao corrigir estes textos, outros aspectos linguísticos também foram observados, tanto no que diz respeito aos aspectos formais, quanto de conteúdo, coerência, coesão, etc. Vejamos alguns fragmentos que também nos chamaram a atenção:

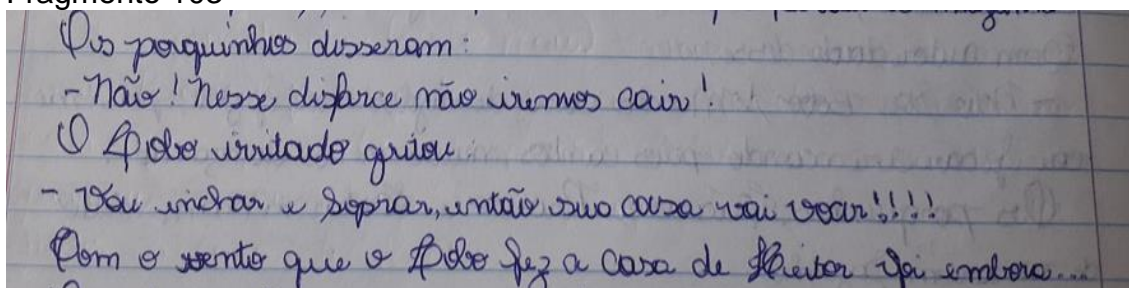
Fragmento 101



Fragmento 102



Fragmento 103



Com relação ao fragmento 101, dentre outros aspectos que poderiam ser analisados, nosso objetivo aqui foi demonstrar como este aluno (e outros da turma), ao fazer uso de discurso direto não respeitam o devido espaço do parágrafo e/ou o sinal de travessão é grafado junto à linha e não na parte média da mesma. Da mesma forma, ultimamente temos constatado que cada vez mais os alunos não dividem a palavra em sílabas, quando alcançam o fim de cada linha. Neste último caso, o recurso adotado por muitos alunos é escrever de forma completa as palavras e abandonar partes finais de cada linha, o que, a nosso ver, corresponde a um erro.

No fragmento 102, podemos visualizar recursos comuns da linguagem usada em meios digitais, em trocas de mensagens pela internet ou aplicativos de aparelhos celulares, como o uso reiterado da letra “k”, simbolizando riso dos personagens. É importante que o aluno conheça a linguagem própria para cada situação e compatível com cada gênero.

Por fim, no fragmento 103, é possível perceber que o aluno já demonstra um grau mais avançado de estruturação dos parágrafos e maior adequação no uso do discurso direto que os anteriormente descritos. Contudo, algo que nos chamou a atenção foi o grau de intensidade que ele tentou imprimir na fala do personagem, neste caso, o lobo, que, ao ameaçar os porquinhos, o fez com tanta ferocidade que a frase acabou recebendo quatro vezes o sinal de exclamação, o que, em termos linguísticos, também foge aos padrões do idioma. Obviamente, esse fato poderia ser também justificado pela influência da linguagem empregada nos meios digitais, onde o valor de intensidade se configura pela replicação do mesmo elemento.

Naturalmente, seria possível tecer comentários sobre outros fragmentos, com adequações e inadequações diferentes às apresentadas, entretanto, os casos demonstrados nos parecem os mais representativos.

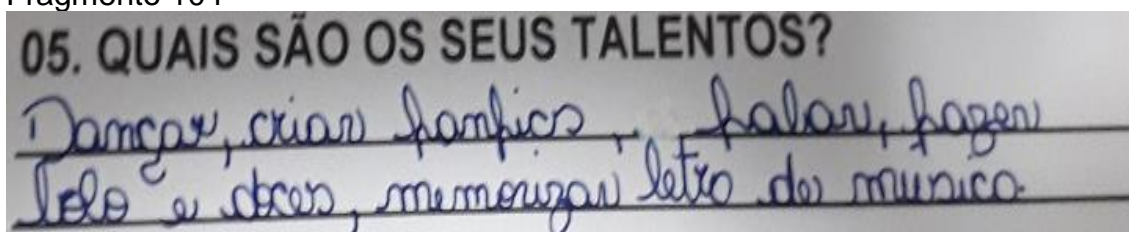
Após a entrega e correção dos textos analisados, o professor retomou em sala os principais aspectos levantados. Isso ocorreu, inicialmente, de forma coletiva, e, posteriormente, de maneira individualizada; sendo este processo também acompanhado de mais atividades orais e escritas sobre o tema. Esta foi a última atividade da terceira unidade.

Por fim, a quarta unidade, intitulada “Vivenciando este Universo”, teve como objetivo sintetizar os conteúdos estudados até então, e instrumentalizar os alunos para que eles elaborassem e apresentassem um texto de radioteatro totalmente deles, ou seja, criando totalmente todos os elementos da narrativa e de sonorização.

A primeira atividade da quarta unidade, como os alunos já estavam habituados, foi a observação atenta de uma imagem, desta vez colorida, que representava a mescla entre a geração dos primeiros radioatores e radioatrizes de nosso país, marcados pela vestimenta típica da época, com traços de ligeira modernidade, para que os alunos se sentissem convidados a participar deste “universo”, e a resolução de algumas questões que tratavam sobre possíveis talentos para o radioteatro, ou para outras atividades.

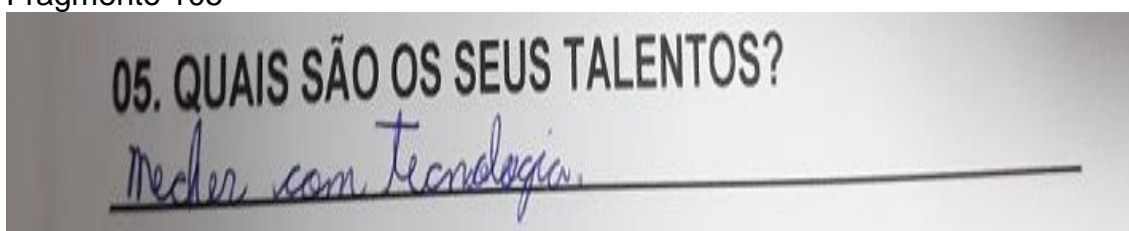
Ainda bastante jovens, como apontou a pesquisa, com idades entre doze e catorze anos, a maioria dos alunos não soube ou não quis compartilhar o que acreditavam ser seus possíveis talentos. É possível também que a palavra “talento” lhes tenha soado semanticamente carregada, ao passo que outros termos, como, por exemplo, suas aptidões, seus gostos, tivesse sortido mais resultado. Vejamos algumas respostas:

Fragmento 104



05. QUAIS SÃO OS SEUS TALENTOS?
Dançar, criar fanfics, falar, fazer
leis e obras, memorizar letras de música.

Fragmento 105



05. QUAIS SÃO OS SEUS TALENTOS?
trabalhar com tecnologia.

Em ambos fragmentos acima é possível perceber que os alunos expressaram suas aptidões e gostos, sendo que no primeiro o aluno foi mais geral, mais abrangente, descrevendo ações bastante cotidianas; enquanto que, no segundo, a resposta foi mais específica.

Na quarta unidade, os alunos trabalharam com textos de caráter educativo, social, instrutivo; com o objetivo de, ao seu fim, também construírem um texto de radioteatro, partindo de problemas vivenciados em seu dia a dia.

O primeiro texto, intitulado “Volta ao lar”, faz parte do programa “Lei Maria da Penha: dando um basta na violência”, e foi produzido pela radialista Artemisa Azevedo, que desde os anos 80 é a responsável direta pela elaboração e execução de radionovelas na Rádio Nacional da Amazônia (www.radio.etc.com.br), com o objetivo de transmitir o conhecimento dos direitos aos cidadãos de localidades extremamente afastadas, onde, mesmo nos dias de hoje, o rádio ainda é o primeiro - quiçá o único - canal de informação, conhecimento e cultura.

Os alunos ficaram bastante impressionados com a produção do radioteatro, pois os efeitos e a interpretação dos profissionais, conseguiu traduzir todo o drama de mulheres que sofrem violência física e verbal em seus lares. A narrativa é bastante didática, demonstrando aos ouvintes os caminhos a serem seguidos pelas mulheres afetadas, e as consequências para os agressores.

Em sala de aula, o texto gerou uma pequena discussão sobre conflitos familiares, mas os alunos, de forma geral, preferiram reservar-se do tema. O que chamou bastante a atenção dos alunos foi o sotaque dos personagens (naturais da região amazônica), fato que estimulou o professor a aprofundar o tema, com documentários e textos.

Outro ponto importante do texto foi a presença de personagens que marcavam extratos sociais distintos, revelando, na fala, o uso de linguagem culta (pela advogada) e coloquial (pela protagonista, trabalhadora humilde). Estes usos foram também tema do aprofundamento linguístico da unidade, com o objetivo que os alunos compreendessem e demonstrassem textualmente formas diferentes de expressão para cada contexto ou personagem envolvido.

Ainda na quarta unidade, o segundo texto trabalhado foi um radioteatro intitulado “Meu nome, minha história”, também produzido por Artemisa Azevedo e, assim como a narrativa anterior, teve como objetivo difundir, por meio de exemplos narrados, o conhecimento dos direitos básicos para cidadãos de baixa escolaridade,

e que, principalmente, vivem com poucos recursos, em regiões totalmente afastadas dos grandes centros urbanos.

A primeira tarefa solicitada aos alunos foi discutir oralmente o que o título “Meu nome, minha história” poderia revelar sobre o texto. Os alunos, de forma geral, afirmaram que gostam de seus nomes, e que eles combinam com sua pessoa. O professor conversou com os alunos sobre questões relativas à identidade pessoal, levando-os a refletir sobre a importância de cada nome na formação identitária de cada cidadão.

Na sequência, foi solicitado aos alunos que novamente ouvissem o texto, mas agora deveriam pontuá-lo conforme fosse oralizado pelos personagens. Essa atividade retoma o mesmo trabalho feito na primeira unidade, e seu objetivo é perceber se os alunos demonstram ou não mais facilidade e correção em sua realização.

Após ouvirem novamente o texto, o professor corrigiu a pontuação usada pelos alunos, e percebeu um gradativo avanço no domínio destes sinais, principalmente no uso mais frequente e mais consciente dos sinais de exclamação e interrogação.

Ainda no texto, após todo o trabalho de correção e orientação sobre pontuação, os alunos realizaram as questões de interpretação. Vejamos algumas respostas:

Fragmento 106

C. Onde ocorrem os fatos? Como você os imagina?
 na fábrica e praça. Imagino a fábrica com
 várias indústrias e a praça com árvores, bancos,
 flores e brinquedos

Fragmento 107

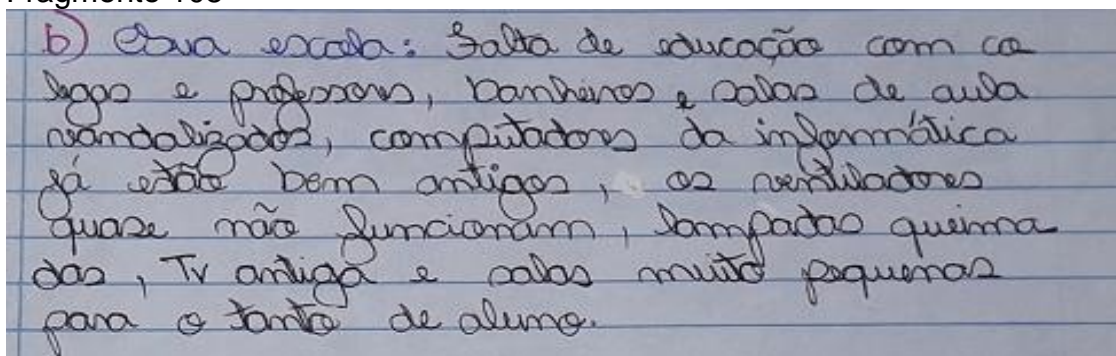
C. Onde ocorrem os fatos? Como você os imagina?
 no praça no fábrica, eu imagino um lugar
 iluminado com bastante gente, e um lugar
 bem grande.

Como o esperado até o momento era que os alunos produzissem uma narrativa, preferencialmente criativa, para um episódio de radioteatro, as questões de interpretação buscaram estimular a imaginação na descrição de personagens, cenários, etc. Ao observar os dois fragmentos é possível notar que no primeiro, fragmento 106, a descrição é mais detalhada, contudo, sem qualquer menção aos personagens; enquanto que, na segunda, o aluno remete a existência de pessoas, mas mesmo assim suas adjetivações são pouco expressivas.

No momento da correção da interpretação, o professor retomou aquela mesma discussão que objetivava fazer com que os alunos entendessem que não estávamos buscando uma “única resposta, que deveria ser escrita por todos”, mas que se tratava de um exercício que tinha como meta estimular a criatividade, a partir do momento que o aluno percebesse onde e de que forma poderia construir seu texto.

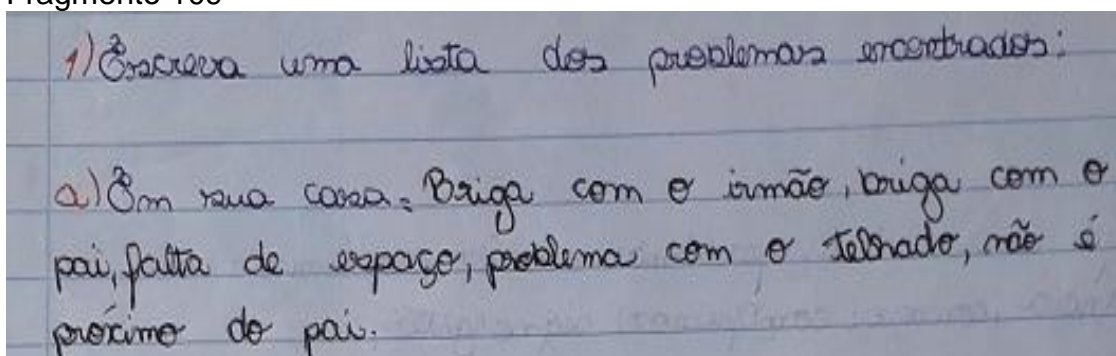
Pensando em traçar este caminho, o professor solicitou aos alunos que se reunissem em grupos de cinco ou seis alunos e elencassem todos os problemas existentes em cada esfera de suas vidas: pessoal, familiar, escolar, cidadã, etc. Vejamos algumas respostas:

Fragmento 108



b) Sua escola: Salta de educação com ca-
lças e professores, banheiros e salas de aula
normalizadas, computadores da informática
já estão bem antigos, os ventiladores
quase não funcionam, lâmpadas queima-
das, Tv antiga e salas muito pequenas
para o tanto de alunos.

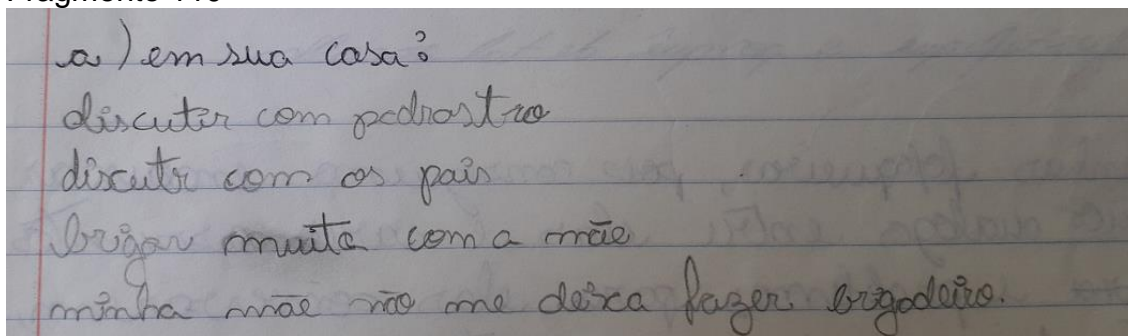
Fragmento 109



1) Escreva uma lista dos problemas encontrados:

a) Em sua casa: Briga com o irmão, briga com o
pai, falta de espaço, problema com o telhado, mãe é
próximo do pai.

Fragmento 110



Os primeiros dois fragmentos demonstram como as visões de cada grupo foram distintas: no fragmento 108 é possível perceber que os alunos tiveram mais atenção quanto à aspectos físicos, envolvendo a falta de manutenção ou conserto de estruturas da própria escola; enquanto que, no fragmento 109, o que predomina são questões de ordem afetiva, envolvendo dificuldades de relacionamento entre familiares.

Por sua vez, o fragmento 110 demonstra que, em muitos casos, o universo vivenciado pelos alunos comporta tanto questões mais profundas, como a dificuldade de conviver com um padrasto, por exemplo; como um obstáculo aparentemente menor, como a proibição imposta pela mãe ao aluno em preparar determinado alimento. A discussão nos grupos objetivava que os alunos compartilhassem essas barreiras e fossem percebendo o maior ou menor grau a ser transposto. Na tabela abaixo, reunimos os problemas elencados pelos alunos:

Quadro 4 - Problemas elencados pelos alunos

PROBLEMAS ELENCADOS:	
casa/família / vida:	cuidar do cachorro, parentes falsos, lavar a louça, irmão rouba meus doces, irmã que pega minhas roupas, lavar o banheiro, cuidar do meu irmãozinho, fazer a comida, muitas contas para pagar, telhado quebrado, discutir com o padrasto, opção sexual, autoestima, ficar sem internet, <i>crush</i> não fala comigo, ansiedade, depressão, esquecer obrigações, ser gordo, ser muito sensível.
escola:	salas lotadas, preconceito, bullying, falta de respeito, salas pequenas, lâmpadas queimadas, ventiladores queimados, vandalismo.
bairro:	bueiro entupido, falta de segurança, vizinhas fofoqueiras, mormaço, tiroteio, pichação, poucas áreas de lazer, lixo em terrenos baldios, cachorros que rasgam o lixo, pontos de droga, som alto, poucas unidades básicas de saúde, falta de comércio, animais soltos nas ruas.
país:	corrupção, poluição, tráfico, desmatamento, estrada sem asfalto, altos impostos, desemprego, educação sem valor, racismo, machismo.
planeta:	ganância do ser humano, desperdício de água, desmatamento, fome, poluição dos mares, aquecimento global, altos índices de suicídio, “briga” entre os países, acidentes naturais, extinção de animais, falta de água (potável), falta de moradia.

Fonte: Do autor.

Como é possível perceber, os alunos levantaram muitas questões presentes em seu cotidiano, principalmente no entorno familiar, no qual as questões identitárias e de relacionamento interpessoal foram as predominantes. O objetivo desta tarefa foi permitir que os alunos refletissem sobre sua realidade, oportunizando um canal de diálogo, confiança e respeito mútuo.

A partir destes problemas, cada grupo deveria discutir os pontos levantados e começar as negociações, até que alcançassem um acordo de qual problemática deveria ser retratada no radioteatro, justificando por escrito a sua razão.

De posse do tema, os alunos passaram para a etapa seguinte, que foi criar a estrutura narrativa antes de começar a escrevê-la. Nesse momento, os alunos discutiram nos grupos e foram determinando quais seriam os elementos constitutivos de sua história: enredo, narrador, personagens, espaço, tempo, etc.

Uma vez montada toda a estrutura, os alunos começaram a escritura de seus textos, processo este que envolveu algumas semanas letivas. Terminada a redação inicial, os alunos foram orientados a reler o texto e fazer as correções, adaptações, transformações, pensando que ele deveria voltar-se para a leitura dramatizada do radioteatro, não sendo, portanto, um texto escrito para ser lido apenas pelo professor e, posteriormente, avaliado.

Assim que os grupos iam terminando suas produções, eram orientados a discutir outros aspectos, como a elaboração de sonoplastia pertinente; a distribuição dos papéis; etc. Nesta fase, a maior parte dos grupos demonstrou bastante organização, uma vez que buscaram preparar os textos de forma impressa e ensaiá-los em todas as aulas da disciplina.

Diferentemente do ocorrido na primeira unidade, nesta produção o professor buscou ser mais atuante junto a dúvidas e questionamentos dos alunos; realizando ensaios e orientando a leitura dramatizada. Nesta fase, por diversas vezes as gravações tiveram que ser reagendadas ou momentaneamente paralisadas, porque a escola recebeu a destinação de verba para uma reforma, que precisava ser feita naquele período. Foi preciso ter bastante cautela e paciência, pois os espaços mais apropriados para as gravações, que eram o salão de reuniões e a biblioteca, foram temporariamente interditados, sendo necessário buscar novas alternativas a cada dia.

Ao final das gravações, tivemos como resultado a produção de cinco episódios de radioteatro: “A família” (CD, faixa 13), “A eleição” (CD, faixa 14),

“Poluição” (CD, faixa 15), “A viagem” (CD, faixa 16) e “A vizinha fofoqueira” (CD, faixa 17). Para que pudéssemos comparar o trabalho realizado por cada grupo, de forma semelhante ao que foi feito na primeira unidade, elaboramos uma tabela na qual observaremos seis aspectos, relativos à estrutura do gênero e aos elementos da narrativa. Nos próximos parágrafos trataremos a discussão dos aspectos mais relevantes de cada um desses grupos, juntamente com outras considerações, apontamentos.

A seguir, daremos início à análise desta atividade, observando a produção realizada pelo grupo A.

Quadro 5 - Análise do grupo A.

GRUPO A: “A família”		
1. <u>Abertura</u> : Rádio antigo sendo ligado (sonoplastia); no rádio, o locutor fala sobre desemprego. Em seguida, ele apresenta o nome da rádio (com slogan), o nome do radioteatro; e a publicidade.	2. <u>Núcleo Narrativo</u> : Num cenário de desemprego, um pai violento e arrogante perde seu trabalho devido à sua agressividade, e ‘desconta’ na esposa e nos filhos.	3. <u>Final do capítulo/ Enlace para o capítulo seguinte</u> : de madrugada, um dos irmãos presencia o desespero da mãe, devido à perseguição de um desconhecido.
4. <u>Oralidade/ Leitura dramatizada</u> : - Modulações próprias do rádio; - Alterações de ritmo e tom, conforme a situação. - Referências ao texto original.	5. <u>Elaboração e uso de Sonoplastia</u> : adequado (rádio antigo sendo ligado; porta se abrindo, apito de trem); feito pelos alunos e no aparelho celular	6. <u>Finalização do texto</u> : o narrador deixa questionamentos sobre a sequência da cena final; finaliza com a publicidade (patrocinador).

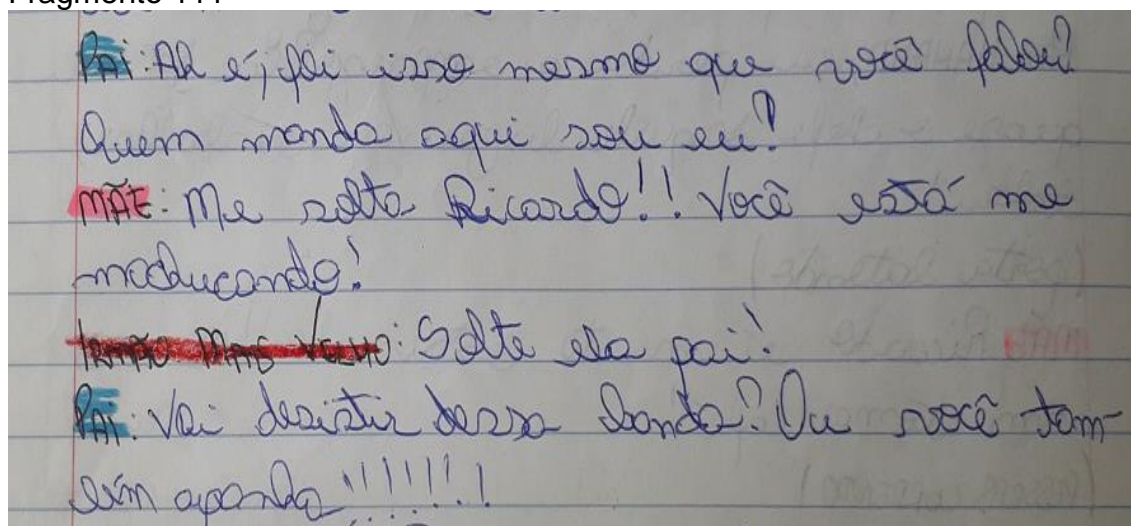
Fonte: Do autor.

Por meio da audição do texto apresentado pelo grupo A é muito nítido o avanço que os alunos tiveram com relação ao domínio dos elementos do gênero radioteatro, e também com questões envolvendo produção textual de narrativas, leitura e dramatização.

Como pode ser verificado acima, praticamente todos os recursos próprios deste tipo de texto foram utilizados em seu texto, algo que não ocorreu na realização da produção anterior (ao final da primeira unidade).

Outro destaque a ser feito para este grupo diz respeito a alguns dos aspectos já comentados nesta pesquisa: o uso de marcações coloridas no texto, como facilitador no momento de leitura dramatizada do texto e a intensificação dos sinais de pontuação. Vejamos o fragmento abaixo:

Fragmento 111



No fragmento acima podemos destacar dois fatores. O primeiro deles seria uma estratégia que foi sendo adotada espontaneamente pelos grupos, já descrita nesta pesquisa, de colorir o texto, criando uma legenda (o pai, de azul; a mãe, de rosa; o irmão mais velho, de vermelho), que facilitou e auxiliou a apresentação dos alunos, sendo, portanto, por nós também aprovada.

O segundo ponto a ser destacado, presente no fragmento 111, é o uso intensificado do ponto de exclamação, que acabou gerando, neste caso, a colocação do sinal por sete vezes. Como já dissemos anteriormente, seguimos afirmando que a linguagem praticada em outros meios, principalmente na internet e por mensagens de aplicativos de *smartphones*, pode estar influenciando a maioria destes alunos.

Cabe também ressaltar que o entendimento tido pelo grupo, ao final de seu texto, ao afirmar que sua produção se trata de uma radionovela de suspense não é compartilhado por nós, uma vez que o simples enlace cênico que ocorre ao final do texto – algo extremamente natural neste tipo de produção – não configura todo o texto como sendo de suspense; o que, em nada, desprestigia o belo trabalho realizado pelo grupo. Frisamos, portanto, que um radioteatro de suspense tem todo seu núcleo narrativo calcado neste subgênero, e não somente o seu final. Vejamos abaixo o trecho que provavelmente deve ter conduzido o grupo para esta conclusão:

Fragmento 112

Irmão mais velho: Mãe! Oque está acontecendo contigo?
MÃE: Rodrigo, sai daqui rápido
VIZINHO: HAHHAHAHA!!
(SOM DE PESSOA CORRENDO)
VIZINHO: Não adianta correr, vou te pegar,HAHA
(TIROS),(TREM)

A aparente intenção do grupo, ao redigir o trecho contido no fragmento 112, a nosso ver, foi conferir um ar de suspense, para que o capítulo prendesse a atenção do leitor, estimulando-o a seguir assistindo a história narrada. Contudo, assim como trabalhamos na terceira unidade, quando tínhamos uma atividade envolvendo duas imagens, uma em desespero e outra sorrindo, frisamos por diversas vezes que o radioteatro não comporta imagens, portanto, todos os elementos interpretativos requerem prévia aparição ou, ao menos, os rastros para que o próprio leitor/ouvinte possa trilhar o caminho. É inegável que o “ar de suspense” foi alcançado, mas nesta cena aparece um novo personagem que, no texto escrito dos alunos (fragmento acima) aparece como sendo o “vizinho”. Pois bem, se o personagem aparece somente na última cena, sem qualquer menção, alusão, etc., como seria possível ao ouvinte assim defini-lo? Seria errado tachá-lo de invasor, bandido ou algo semelhante?

Outro aspecto presente no texto dos alunos foi o processo permanente de correções, adaptações, alterações; que pode gerar um hábito bastante saudável para o processo de escritura de novos textos, assentado na reflexão das ideias e na reelaboração da escrita. Vejamos abaixo o fragmento, com exemplos dessa prática:

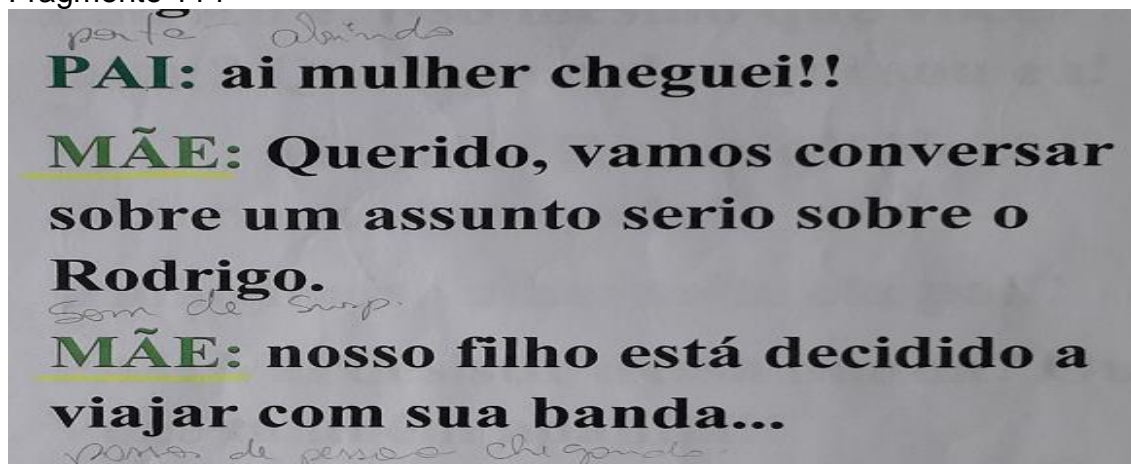
Fragmento 113

Mãe: ~~Mãe~~ eu ~~foi~~ disse que vou falar com seu pai.

Como já foi dito, no fragmento 113 é possível visualizar duas correções, sendo que a primeira se tratou de uma nova atribuição do nome do personagem, enquanto que, na segunda, ocorreu uma alteração por aprimoramento léxico.

O hábito de reescrever ou reorganizar o texto também pôde ser detectado nas aulas que antecederam a apresentação oral, ou seja, nos momentos de ensaio das falas. Vejamos o fragmento a seguir:

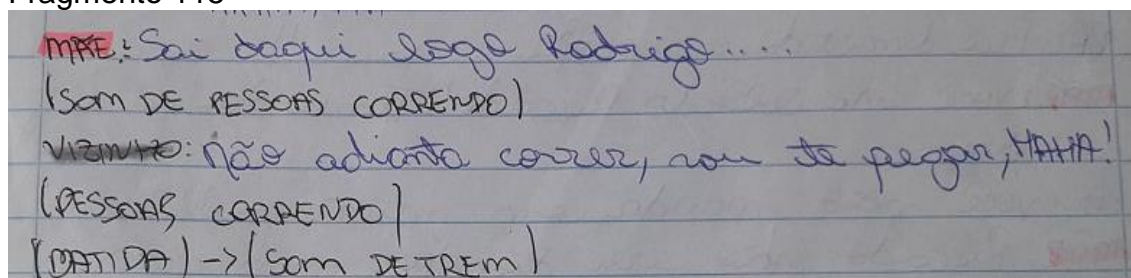
Fragmento 114



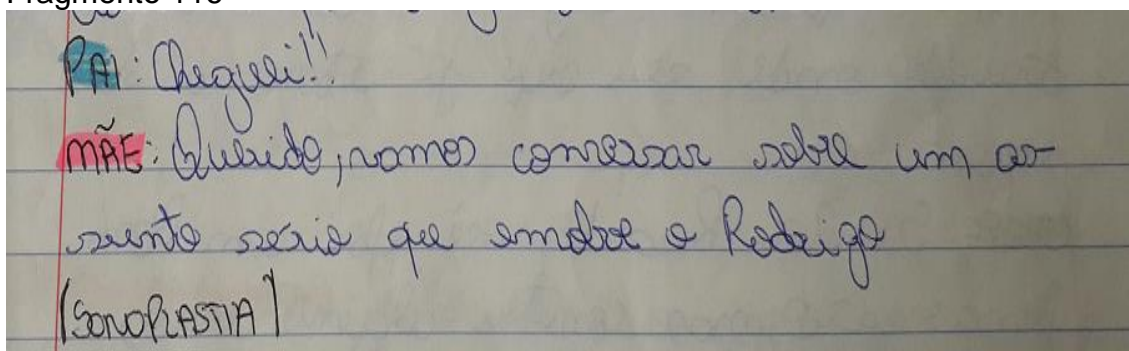
No fragmento acima, é possível perceber, a lápis, que por algumas vezes o grupo reelaborou seu texto, neste caso, por meio da inserção de efeitos sonoros – da porta se abrindo, com a chegada do pai; do suspense, provocada pelo pedido de conversa da mãe; e de passos, anunciando a chegada de um dos filhos do casal. Reiteramos nossa posição na qual o processo de reescritura dos textos nos parece extremamente benéfico para a melhoria na produção escrita dos alunos, uma vez que possibilita a reflexão sobre o estado atual do texto e melhorias estruturais, léxicas, etc.

A sonoplastia foi elaborada e usada de forma bastante adequada. Vejamos um fragmento sobre seu uso:

Fragmento 115



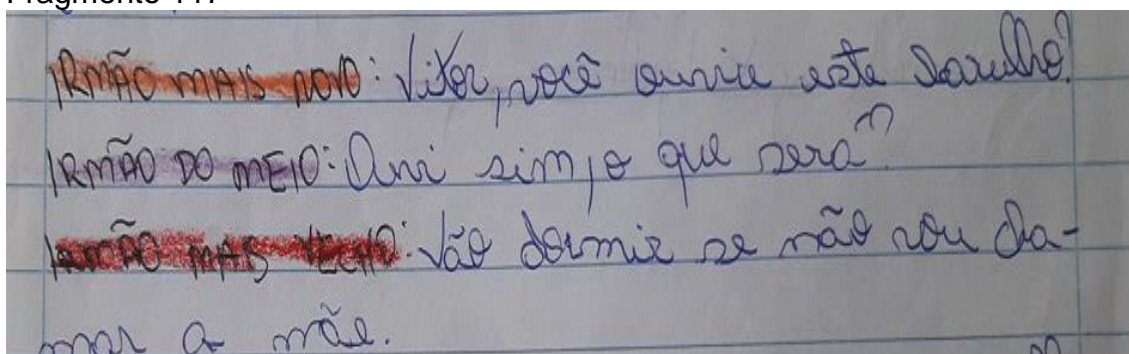
Fragmento 116



Assim como comentamos sobre a questão das cores demarcando os personagens, aqui também os efeitos sonoros foram destacados no texto com o uso da caneta preta entre parênteses e, por vezes, acompanhados da palavra “som” ou “sons”. Entretanto, no fragmento 116 é provável que o redator (o grupo de alunos) ainda não estivesse certo ou seguro de qual efeito sonoro fosse usar na cena, por isso escreveu, entre parênteses, “sonoplastia”. Este fato, para nós, configura fortes indícios de que os alunos envolvidos nestas aplicações alcançaram o domínio sobre a linguagem técnica do radioteatro, uma vez que seu uso se mostra natural, espontâneo.

Uma característica muito explícita deste texto foi a importância da representação dos papéis sociais para a montagem do texto, tanto que em diversas situações os personagens não são nomeados, mas sim chamados por seu grau de parentesco. Vejamos um exemplo disso no fragmento abaixo:

Fragmento 117



O radioteatro, enquanto forma de expressão artística, pode servir como um canalizador, permitindo aos alunos dar vazão a conflitos internos que dificilmente seriam expressos com tanta naturalidade em outros contextos. Vejamos os fragmentos a seguir:

Fragmento 118

Tarefa Final: Radioteatro

1. Escreva uma lista dos problemas encontrados hoje em

a) Sua casa.

Pai machista, homofóbico, racista, ~~racista~~ muitas discussões, agressão, vizinhos que atrapalham a vida dos outros, estresse por causa de aluguel atrasado, água atrasada, luz atrasada, brigas.

Fragmento 119

2. Discuta com os integrantes do grupo e escolha apenas um dos problemas para criar o texto do radioteatro e justifique o porquê de tal escolha.

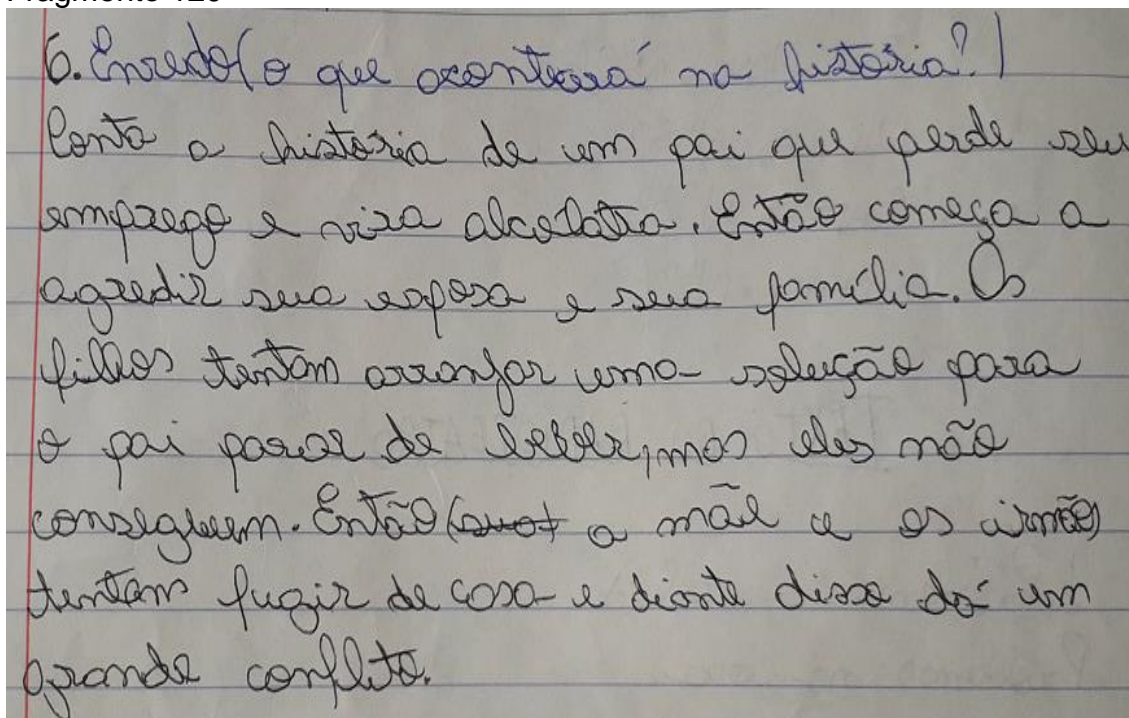
~~Vamos fazer sobre os problemas da mesma família. Vou fazer sobre política (já está) da mesma família.~~

Vamos fazer sobre os problemas na mesma casa, porque existe muitos conflitos entre família e no interesse.

O fragmento 118 é uma parte da atividade que antecedeu o início da elaboração do texto do radioteatro do grupo A, na qual os grupos deveriam dialogar e apontar os problemas vivenciados por eles nas diversas esferas de suas vidas. A observação da resposta do aluno demonstra claramente como provavelmente deve existir um grave conflito entre pai e aluno (não se determinou qual aluno, uma vez que a atividade era em grupo, e não tínhamos essa finalidade), perceptível por vários motivos: a primeira estrutura que apareceu na resposta foi “pai machista, homofóbico, racista”, associado na mesma resposta (mas não necessariamente designado à mesma pessoa) a palavras como “discussões, agressão, brigas”. Na mesma linha, a resposta contida no fragmento 119 demonstra que o aluno (ou o grupo) imaginou tematizar em seu radioteatro problemas políticos e ambientais, conforme trecho rasurado; mas, após as discussões o grupo apresenta como

resposta a escolha dos conflitos familiares, expressos pelo aluno como “problemas na NOSSA casa” (destaque do autor), e justifica afirmando que “existe(m) muitos conflitos entre família”; sendo oportuno dizer que os conflitos familiares demonstram ser muito latentes para um ou mais alunos deste grupo. Vejamos abaixo, como esse grupo planejou o enredo de sua narrativa:

Fragmento 120



6. Enredo (o que acontecerá na história?)
 Conta a história de um pai que perde seu emprego e vira alcoólata. Então começa a agredir sua esposa e sua família. Os filhos tentam arranjar uma solução para o pai parar de beber, mas eles não conseguem. Então (suas) a mãe e os irmãos tentam fugir de casa e diante disso dá um grande conflito.

Embora tenham escrito apenas o primeiro episódio de seu radioteatro, pelo fragmento 120 é possível reconhecer que o grupo A conseguiu alinhar o enredo, previamente escrito, com a narrativa elaborada, e conseqüentemente, a exposição oral realizada.

Reconhecemos o avanço deste grupo, quanto ao domínio do gênero radioteatro, aos aspectos linguísticos e organizacionais do texto e no que diz respeito à reflexão de sua própria realidade.

A seguir, passaremos para a análise do grupo B. Para tanto, iniciamos observando a tabela abaixo:

Quadro 6 - Análise do grupo B

GRUPO B: "A eleição"		
1. <u>Abertura</u> : O locutor da rádio apresenta o nome da rádio, do radioteatro e o patrocinador; e introduz o enredo.	2. <u>Núcleo Narrativo</u> : Um casal se mostra preocupado com o momento de crise que vive o país e busca no rádio as propostas dos então candidatos à presidência (Lula e Bolsonaro).	3. <u>Final do capítulo/ Enlace para o capítulo seguinte</u> : a esposa, ainda indecisa, e demonstrando grande preocupação pela proximidade das eleições nacionais, questiona o marido sobre o futuro deles.
4. <u>Oralidade/ Leitura dramatizada</u> : - Dramatização adequada; - Ritmo e entonação adequada; - Dificuldade de fluidez em alguns momentos.	5. <u>Elaboração e uso de Sonoplastia</u> : adequada, embora em pequena quantidade (chamada de notícia urgente). Arquivo no celular dos alunos.	6. <u>Finalização do texto</u> : narrador retoma o nome da radionovela e do patrocinador, e anuncia a volta do programa no dia seguinte.

Fonte: Do autor.

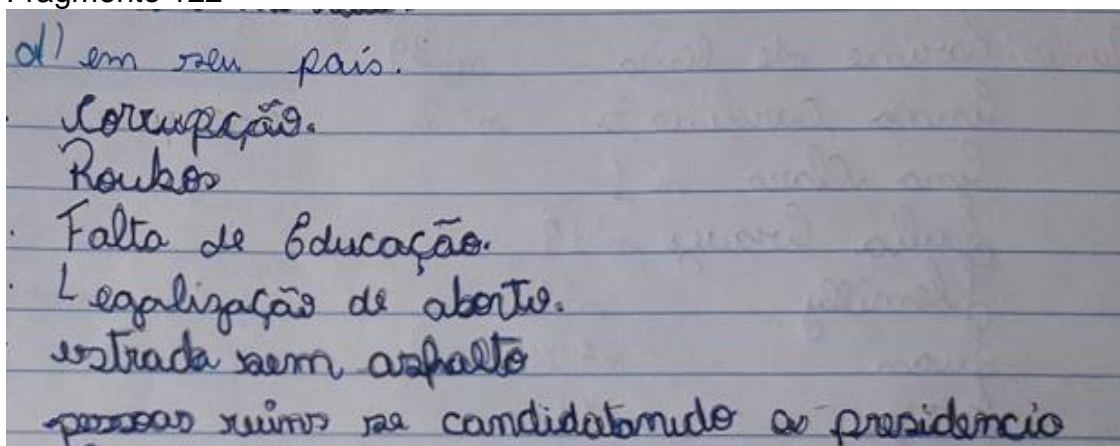
Por meio da audição do texto apresentado pelo grupo B acreditamos ser notório o avanço do grupo com relação à leitura dramatizada, interpretação, entonação, maior expressividade nas frases. Também demonstraram atenção aos conteúdos trabalhados, uma vez que é possível detectar em seu texto ligeiras marcas de retomada dos textos das unidades anteriores, como a presença bem marcada do vocativo "meu amor", característico em "O tiro", a menção direta ao nome da rádio (Rádio Senado) do primeiro texto da segunda unidade, etc.

Outro fator de destaque, foi a presença do rádio como grande porta-voz das informações da época, materializando aqui até mesmo um grande debate à presidência.

No que diz respeito à política, também cabe destacar que, na primeira unidade, os alunos preferiram discorrer sobre todo o aparato que envolvia os preparativos para a festa de casamento dos protagonistas, Sebastião e Rosa, e muito pouco trouxeram sobre Getúlio Vargas ou qualquer outra menção próxima ao tema. Entretanto, com a aproximação das eleições no Brasil, as discussões econômicas e políticas, que nesta época, em certa medida, já vinham ganhando corpo no dia a dia das pessoas se materializou aqui de forma espontânea, num

debate entre dois, à época, supostamente candidatos à presidência, Jair Bolsonaro e o ex-presidente Lula. Vejamos no fragmento abaixo como o tema político chamou a atenção do grupo:

Fragmento 122



Pelo fragmento acima, é possível perceber que o tema político poderia centralizar este mapa conceitual proposto pelos alunos, pois questões envolvendo criminalidade, educação, infraestrutura, mencionadas pelo grupo, podem e devem ser tratadas com atitudes que envolvem políticas públicas.

Outra dificuldade superada pelo grupo foi a realização da sonoplastia de modo todo adequado. Vale lembrar que, em sua primeira gravação, o grupo apresentou dificuldades, possivelmente porque haviam usado apenas parênteses (fragmento 37) para identificar o momento de entrada do efeito. Vejamos agora como o fizeram:

Fragmento 123

A eleição conta a história de Miguel e Sophia, um casal que ainda não sabe em quem vão votar para a presidência do Brasil...

SONOPLASTIA: barulho de algum objeto da casa

SOPHIA: Ai meu amor, eu não sei o que nós vamos fazer, eu estou sem emprego e os preços das coisas só aumentam... Se esse próximo presidente não resolver esse problema eu não sei o que vai ser de nós..

Para esta apresentação, todos os grupos, de modo totalmente autônomo, espontâneo, preparam seus textos (em grande parte digitados; alguns com destaques coloridos) para que não houvesse dúvidas no momento da apresentação. O fragmento 123 demonstra que o grupo marcou visualmente a entrada de cada elemento, com o uso de letra em caixa alta, e a sonoplastia recebeu um destaque, sendo colocada de forma centralizada e espaçada na folha.

Outro destaque positivo do grupo foi a melhoria na produção escrita, principalmente no que diz respeito ao uso dos sinais de pontuação. Vejamos dois fragmentos:

Fragmento 124

JORNALISTA: E para a saúde? O senhor pretende mudar algo?

BOLSONARO: Sim. Para a saúde vou disponibilizar mais ambulâncias e um atendimento mais rápido para as pessoas que precisam do SUS.

Fragmento 125

SOPHIA: Meu Deus! As propostas desse candidato são boas, mas liberar o porte de armas é um absurdo!

Nos fragmentos acima podemos perceber avanço nas produções escritas dos alunos, com o uso adequado e consciente dos sinais de pontuação em toda a estrutura apresentada.

A seguir, passaremos para a análise do grupo C. Para tanto, inicialmente, observaremos a tabela a seguir.

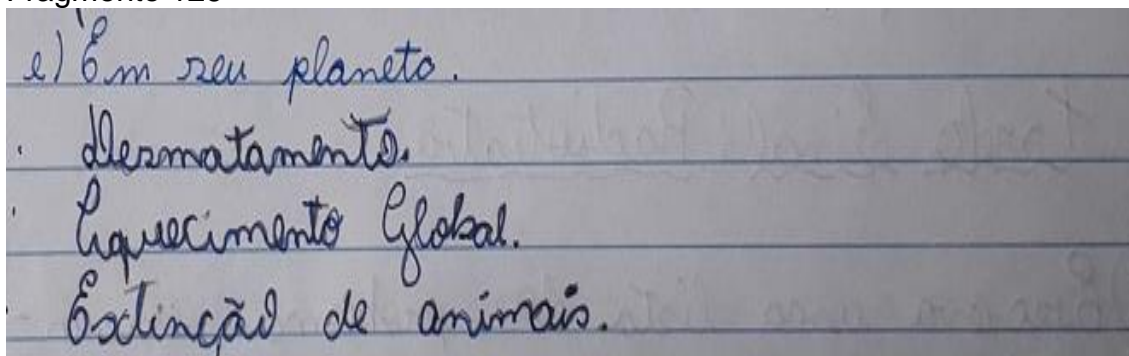
Quadro 7 - Análise do grupo C

GRUPO C: "Poluição"		
1. <u>Abertura</u> : O locutor apresenta o nome da rádio, do radioteatro e o patrocinador; e introduz a primeira cena.	2. <u>Núcleo Narrativo</u> : Dois vizinhos estavam conversando quando presenciam os funcionários de uma empresa despejando lixo em local indevido. Discutem com eles sobre questões ambientais para sensibilizá-los, mas o funcionário teme por seu emprego.	3. <u>Final do capítulo/ Enlace para o capítulo seguinte</u> : após ser sensibilizado por moradores da necessidade de preservação ambiental, funcionários de uma empresa de coleta de lixo refletem se devem ou não afrontar seu patrão para que o lixo não seja mais despejado em local indevido.
4. <u>Oralidade/ Leitura dramatizada</u> : - tentativa de dramatização; - alterações adequadas no ritmo e tom de fala; - fala mecânica em alguns momentos; - dificuldade de leitura dramatizada; - pausas inadequadas (silêncios momentâneos).	5. <u>Elaboração e uso de Sonoplastia</u> : adequada (corte da faca – referência ao patrocinador; caminhão estacionando), feita pelos alunos e no celular.	6. <u>Finalização do texto</u> : narrador finaliza com questionamento sobre a continuidade da cena, e encerra com o patrocinador.

Fonte: Do autor.

Embora a dramatização tenha sido deficiente, devido a problemas crônicos de leitura (oralizada e dramatizada), faltas nos dias dos ensaios e, conseqüentemente, perda de orientações sobre aspectos relativos à produção sonora (ritmo, entonação, altura, modulações); o grupo surpreendeu no que diz respeito à escolha do tema e elaboração das complicações presentes na narrativa. Provavelmente, tal escolha se deu em razão de seu aparente apreço por questões ambientais. Vejamos abaixo o que os alunos destacaram no que diz respeito ao tema:

Fragmento 126



e) Em seu planeta.
 Desmatamento.
 Aquecimento Global.
 Extinção de animais.

Também é bastante destacável que os recursos característicos do radioteatro (locução, patrocinador, nó narrativo ou enlace) foram bem produzidos, e que o tema abordado (meio ambiente) é de grande relevância nas discussões da atualidade.

Especificamente sobre o “enlace”, ou seja, sobre o momento de finalização de um episódio de radioteatro, que tende a buscar prender a atenção do ouvinte, por meio de uma indagação, notícia ou informação, é preciso constatar que o grupo apresentou um argumento de pequena extensão, mas de grande profundidade: os trabalhadores foram pegos num dilema, ao terem que decidir sobre a preservação ambiental e sua vaga de emprego, o que demonstrou grande capacidade de síntese e criatividade.

A seguir, passaremos aos comentários do radioteatro do grupo D. Para tanto, inicialmente, observaremos a tabela a seguir.

Quadro 8 - Análise do grupo D.

GRUPO D: “A viagem”		
1. <u>Abertura</u> : O locutor se dirige aos ouvintes; nomeia a rádio, o radioteatro e o patrocinador; e introduz o enredo, citando marcas de tempo e espaço.	2. <u>Núcleo Narrativo</u> : Um grupo de jovens planeja uma divertida viagem internacional, mas a queda do avião interrompe os planos da maior parte do grupo.	3. <u>Final do capítulo/ Enlace para o capítulo seguinte</u> : narrador anuncia reencontro dos amigos, agora traumatizados, um mês após o acidente.
4. <u>Oralidade/ Leitura dramatizada</u> : - Busca por entonação própria do rádio; - pouca dramaticidade em momentos de tensão; - poucas alterações no ritmo e tom de voz, prejudicando maior suspense e atenção do ouvinte.	5. <u>Elaboração e uso de Sonoplastia</u> : insuficiente (buzina; sirene de ambulância; queda do avião - insuficiente). Feita pelos alunos.	6. <u>Finalização do texto</u> : o narrador anuncia o fim do radioteatro e sua volta no dia seguinte, e convida o público para a próxima atração (sequência musical).

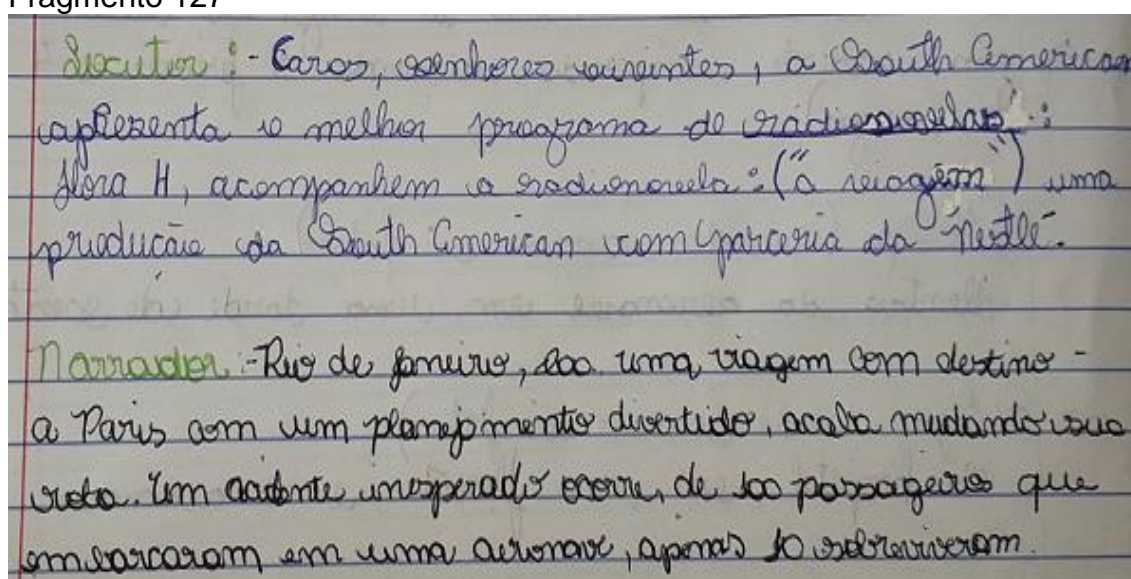
Fonte: Do autor

O grupo D também atendeu a quase todos os aspectos característicos do radioteatro, produziu um texto criativo e contou com a participação equilibrada de toda a equipe. No entanto, dois aspectos não podem ser omitidos: o primeiro, foi a dificuldade demonstrada na leitura oralizada e na dramatização do texto (ora pela

falta de fluidez, ora pela deficiência na interpretação teatralizada da cena); e o segundo, foi a não observação de que o enredo do radioteatro deveria ter sua origem na escolha de um problema real presente na vida dos próprios alunos, elencado na atividade anterior. Desse modo, no final, por exemplo, não ocorre o “enlace”, mas sim o anúncio da sequência musical na programação da rádio.

Positivamente, na produção escrita, um ponto destacável foi a clara distinção entre os papéis de locução e de narração em um texto de radioteatro. Vejamos o fragmento abaixo:

Fragmento 127



Pelo fragmento acima, é possível perceber como o grupo demonstrou total domínio sobre as funções do locutor e do narrador do texto, que aparecem até mesmo em cores diferentes. Ao locutor, coube a saudação aos radio-ouvintes, a apresentação da rádio, da radionovela e do patrocinador, e a chamada ao público. Já o narrador, neste caso, ficou a cargo de introduzir a narrativa, informando ao ouvinte o espaço e um breve resumo do episódio.

O grupo foi parabenizado por toda a criatividade na elaboração da narrativa, mas foi advertido a buscar transmitir maior emotividade no momento da apresentação oral, permitindo que o “personagem entre mais na cena”, e transmita ao rádio-ouvinte as emoções vivenciadas em cada situação.

A seguir, passaremos aos comentários do radioteatro do grupo E. Para tanto, inicialmente, observaremos a tabela a seguir.

Quadro 9 - Análise do grupo E

GRUPO E: "A vizinha fofoqueira"		
1. <u>Abertura</u> : O locutor apresenta o nome da rádio, do radioteatro e o patrocinador (com slogan). Em seguida, o narrador situa o espaço e se inicia um diálogo.	2. <u>Núcleo Narrativo</u> : Duas vizinhas fofoqueiras tentam delatar o possível namoro do filho da amiga (moradora da vizinhança), mas tudo se revela como um grande equívoco.	3. <u>Final do capítulo/ Enlace para o capítulo seguinte</u> : o diálogo final entre as vizinhas fofoqueiras dá a entender que elas deixarão de cuidar da vida alheia, mas, logo em seguida, comicamente uma delas acaba revelando que isso não acontecerá tão cedo.
4. <u>Oralidade/ Leitura dramatizada</u> : - Enunciação desnecessária das falas pelo narrador; - dramatização adequada; - alterações adequadas no ritmo e tom de voz.	5. <u>Elaboração e uso de Sonoplastia</u> : adequada (passos, porta se abrindo, automóvel sendo ligado), arquivos trazidos pelos alunos, no aparelho celular.	6. <u>Finalização do texto</u> : o narrador se despede do público anunciando a continuidade do radioteatro.

Fonte: Do autor.

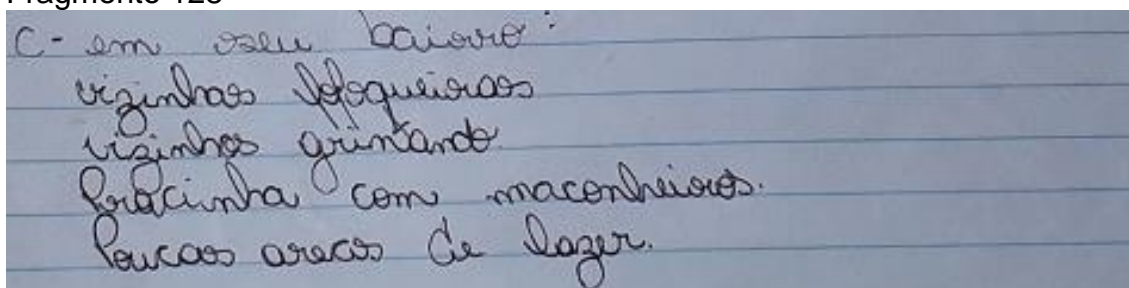
Por fim, o grupo E, assim como os demais, também apresentou seu texto cumprindo todos os requisitos da tarefa. Seu maior destaque foi a espontaneidade da criação narrativa: uma cena cotidiana de vizinhas fofoqueiras buscando algum fato que pudesse ser delatado.

A apresentação oral contém diversas falhas, como, por exemplo, a enunciação desnecessária das falas dos personagens pelo narrador (possivelmente os alunos se confundiram com a estrutura, imaginando que ainda deveriam seguir escrevendo com as enunciações típicas do discurso direto, na lógica da escrita), pausas prolongadas, risos e a ausência de elementos de continuidade.

Embora tenha revelado diversos problemas, o texto apresentado por este grupo foi, a nosso ver, o mais despojado, o mais divertido e o mais sincero. Como uma crônica, ele conseguiu sintetizar um momento do cotidiano e trazer de forma leve, lúdica e irreverente fatos com os quais o ouvinte provavelmente apresentaria grande identificação.

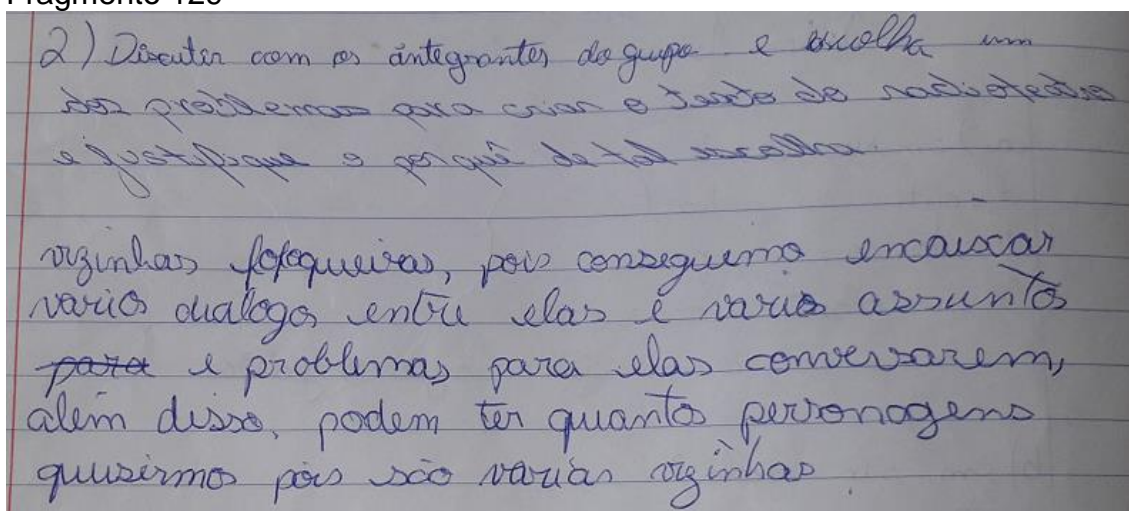
Observando o trabalho inicial do grupo, podemos perceber que existiu um movimento estratégico por parte do grupo. Vejamos os fragmentos abaixo:

Fragmento 128



C - em esse bairro:
vizinhas fofqueiras
vizinhos grintando
fofocinha com macenhios.
Poucos areas de lazer.

Fragmento 129



2) Discuter com os integrantes do grupo e escolher um dos problemas para criar o texto do radioteatro e justifique a escolha de tal escolha.

vizinhas fofqueiras, pois conseguimos encaixar varios dialogos entre elas e varios assuntos para o problema para elas conversarem, alem disso, podem ter quanto personagens quisermos pois são varias vizinhas.

Pelo fragmento 128, é possível perceber que o problema da existência de vizinhas fofqueiras foi apontado já no começo da resolução da primeira atividade, o que pode evidenciar maior atenção por parte destes alunos. Outro detalhe interessante é que, a seguir, os alunos seguem caracterizando o bairro e, de certa forma, também mostram que a fofoca poderia ter sido causada pela falta de estrutura e opções de lazer nos bairros, que gerassem atividades aos moradores, tirando-os da ociosidade e, conseqüentemente, da busca por notícias da vida alheia.

Já no fragmento 129, o grupo declara francamente que a escolha seria positiva para que tivessem maior facilidade na produção de seus textos, uma vez que uma trama simples poderia envolver mais personagens. Acreditamos que, com essa visão, o grupo demonstrou que o radioteatro pode ter sua função pedagógica, mesmo sendo uma radionovela, de entretenimento, uma vez que neste instante ele está a serviço do aluno como um meio para o reforço ou aprendizado de estruturas narrativas, sendo, portanto, uma ferramenta no ensino de aspectos básicos do idioma, como pontuação, paragrafação, caracterização de personagens e espaços, etc.

Acreditamos que, tanto no caso do grupo A - em que o aluno externalizou a carga emocional de conviver com um pai agressivo e arrogante - como no caso do grupo E - no qual os alunos se divertiram, apesar da dificuldade linguística encontrada por eles - ambos encontraram no radioteatro formas de contornar as adversidades e denunciar questões juvenis conflituosas, nem sempre consideradas pelos adultos. Dessa forma, encerramos as considerações sobre a análise dos grupos.

Assim como na primeira unidade, na última os alunos tiveram a oportunidade de ouvir coletivamente suas produções; entretanto, com maior dificuldade, uma vez que a escola passava por diversos tipos de reforma, e o barulho de marteladas, telhas sendo lançadas ao solo, etc. estava presente o tempo todo.

Após os alunos terem ouvido suas produções de radioteatro, o professor tomou em suas mãos os quatro cadernos (cada um contendo uma unidade trabalhada com os alunos) e, juntamente com os alunos, foi rememorando cada fase do processo, retomando as atividades desenvolvidas e os resultados obtidos em cada uma delas. Os alunos se mostraram admirados, pois não se recordavam de tudo o que havia se passado. Em seguida, o professor aplicou um novo questionário aos alunos, presente ao final da quarta unidade, com o intuito de detectar se e como o aprendizado dos alunos, no que diz respeito ao gênero radioteatro se desenvolveu. Algumas questões discursivas que nos pareceram mais relevantes para a pesquisa serão discutidas abaixo. Vejamos alguns fragmentos:

Fragmento 130

X. Com suas palavras, o que é um Radioteatro/ uma Radionovela?

Radioteatro são tem um capítulos
Radionovela tem vários capítulos

Fragmento 131

X. Com suas palavras, o que é um Radioteatro/ uma Radionovela?

É um programa que passava no rádio antiga-
mente para as mulheres que trabalhavam em
casa.

Fragmento 132

X. Com suas palavras, o que é um Radioteatro/ uma Radionovela?

Uma novela sem imagens

Fragmento 133

X. Com suas palavras, o que é um Radioteatro/ uma Radionovela?

Uma história contada por voz e sons.

Pela última vez, os alunos foram questionados sobre como conceituavam o radioteatro. A resposta do primeiro aluno, expressa no fragmento 130, buscou realizar a definição simplesmente distinguindo os dois termos, embora o primeiro conceito apresentado pelo aluno se mostre errôneo: como demonstrado no corpo teórico deste trabalho, o radioteatro pode ter um ou mais capítulos, diferentemente da radionovela, que, em geral, será uma narrativa sempre com continuidade. Já a resposta seguinte, contida no fragmento 131, caracterizou o gênero radioteatro visando o meio (o suporte) ao qual era divulgado e também o público das épocas áureas de suas exibições em nosso país. Na sequência, os dois fragmentos são contrastantes: no fragmento 132 o aluno ainda remete à importância dada por ele às imagens; enquanto que, no último, outro aluno atribui maior valor aos elementos narrativos, caracterizando-o como uma história a ser contada - apenas - por vozes (interpretações dos radioatores) e sons (sonoplastia). A nosso ver, todas as respostas acima encerram algo de verdadeiro, mas a última nos parece ser a que melhor caracteriza, porque traz a grande essência do radioteatro, a atuação dos radioatores e radioatrizes, por meio dos efeitos sonoros e, principalmente, de suas vozes.

Mais uma vez dando voz aos alunos, perguntamos por meio do questionário o que eles julgavam ter aprendido e quais foram as atividades preferidas.

Observando as respostas dos alunos, foi possível perceber que cada um teve um olhar diferente para sua experiência com o contato com as atividades envolvendo o uso pedagógico do radioteatro em sala de aula. Provavelmente estas respostas tenham variado porque cada criança ou adolescente traz consigo, por meio dos exemplos de seu entorno familiar e também por suas próprias predileções e convicções, visões diferentes do que é o fazer escolar, ou seja, do papel social da

escola, assumido por alunos, professores e demais educadores. No dia a dia escolar, percebemos que alguns alunos veem na escola uma oportunidade de ascensão a outros níveis estudantis, busca de melhores condições de trabalho, melhor formação profissional; ao passo que outros têm na escola sua segunda casa (por vezes, a primeira), e o que buscam, naquele instante, é o acolhimento, a guarda, o aconselhamento, a atenção, a diversão; sendo que, em ambos os casos, isso nem sempre é um processo consciente.

Essas colocações nos pareceram importantes porque destacaremos a seguir uma sequência de respostas na qual os alunos tiveram mais atenção ao desenvolvimento linguístico, enquanto outros observaram mais o desenvolvimento de caráter pessoal, social; frisando que o papel da escola não se restringe a nenhuma das visões, mas entende que ambas são igualmente necessárias para a formação humana de nossos alunos. Vejamos os fragmentos:

Fragmento 134

XV. O que você aprendeu com o Projeto sobre Radioteatro nas aulas de Língua Portuguesa neste ano? Que atividades você mais gostou?

Eu aprendi que podemos fazer vários sons com o corpo que usam senoplastia, e aprendi a escrever melhor e ter mais criatividade.

Fragmento 135

XV. O que você aprendeu com o Projeto sobre Radioteatro nas aulas de Língua Portuguesa neste ano? Que atividades você mais gostou?

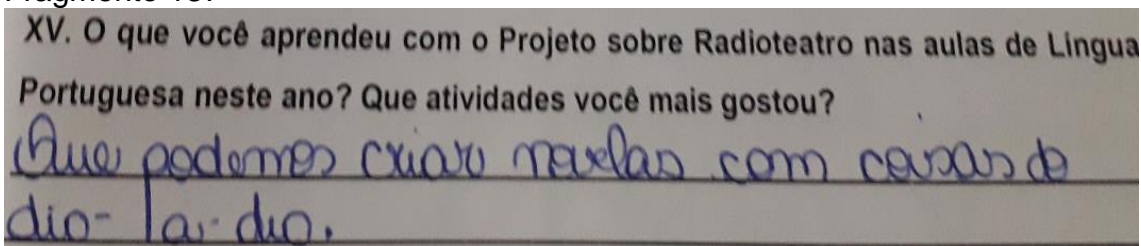
Apreendi a pontuar, escrever melhor, fazer sons e plastia.

Fragmento 136

XVI. Você gostaria que no ano que vem ocorresse um novo Projeto com atividades envolvendo o Radioteatro? Por quê?

Sim, porque é interessante trabalharmos com interpretação de texto, desenvolvemos mais a nossa leitura e nossa ortografia.

Fragmento 137

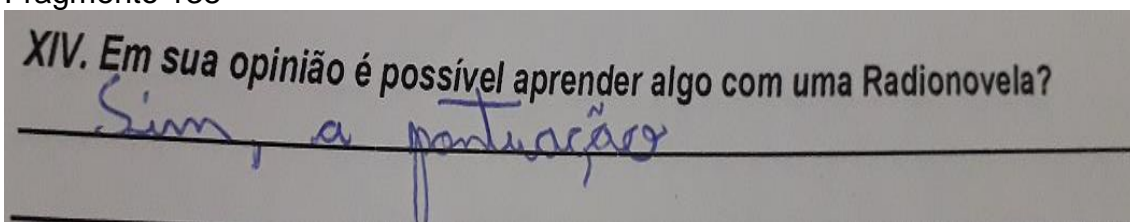


Nos quatro fragmentos acima, é possível verificar que os alunos afirmaram ter percebido avanço em seu aprendizado, principalmente no que diz respeito a seu desenvolvimento linguístico. Nos dois primeiros excertos, fragmentos 134 e 135, os alunos relatam melhoria em sua escrita, com textos mais criativos e melhor pontuados, e também comentam sobre dominarem o conceito e uso dos efeitos sonoros presentes nos textos de radioteatro, ou seja, a sonoplastia. Não somente os alunos, mas o professor também felicitou a turma por terem alcançado melhores pontuações no último trimestre letivo, o que foi proporcionado pelo empenho nas atividades e avanço no aprendizado.

Já no fragmento 136, o aluno destacou avanços não só na produção escrita, à qual menciona avanço ortográfico, mas também na capacidade interpretativa e nos processos de leitura. Por fim, no fragmento 137, o aluno destaca dois avanços: conseguir criar textos narrativos, em formato de novelas e, a nosso ver o mais importante, conseguir fazê-lo com elementos de seu cotidiano; ou seja, textos contextualizados, que mantêm relação direta com sua vida. Repensar seu contexto é um grande passo para a formação de cidadãos mais conscientes e reflexivos, que possam ter mais sensibilidade, e trazer mais igualdade em nossa sociedade.

Ainda analisando aspectos do desenvolvimento linguístico dos alunos, uma das respostas nos pareceu destacável. Vejamos o fragmento a seguir:

Fragmento 138



Durante esta análise, por inúmeras vezes, foi possível observar a produção oral, por meio das gravações, e a produção escrita, por meio dos “fragmentos”

apresentados, que retratam as atividades de elaboração de textos, resolução de exercícios de interpretação ou de fixação de conteúdo, etc. O fragmento 138 simboliza grande parte destas respostas, no que diz respeito ao uso dos sinais de pontuação: os alunos reconhecem a importância, conhecem as regras, mas, por diversas vezes e por diversos motivos, acaba omitindo-a. Analisando mais atentamente este fato, no decorrer de todo o ano letivo, foi possível constatar que, diferentemente do que acreditávamos, essa omissão na pontuação também demonstrou certo padrão de recorrência; fenômeno a ser descrito nos próximos parágrafos.

O primeiro fato detectado neste grupo foi que a falta de pontuação ocorreu com maior incidência, como pôde ser observado na maior parte dos fragmentos citados nesta análise, em frases declarativas, que deveriam ser finalizadas com o uso de ponto final, desde que elas não fossem seguidas de uma nova frase.

Cabe também ressaltar que foi possível perceber que a dificuldade na pontuação dificilmente aparecia isolada, pelo contrário, nos casos em que o aluno apresentou dificuldades causadas pelo provável desconhecimento de regras que orientem o uso adequado dos sinais de pontuação, também foi possível detectar outras deficiências em suas produções, tais como problemas ortográficos, de organização textual, escassez léxica, etc.

No caso do primeiro fato, acreditamos que não devemos analisar a linguagem empregada pelos alunos isolando-os de todos os fenômenos aos quais estão inseridos socialmente, uma vez que a capacidade discursiva destes alunos provavelmente receba grande influência de todos os meios aos quais eles mantêm contato. Neste viés, nos cabe frisar um fato bastante notório e óbvio: a escassez de leitura relatada pelos alunos unida ao grande contato diário com diálogos nos meios digitais, como redes sociais ou trocas instantâneas de mensagens por aplicativos, favorece a que os alunos não privilegiem a formalidade dos padrões cultos da língua, mas que se expressem apoiados na lógica destes meios, nos quais a rapidez imposta pelo dinamismo destas interações tende a dispensar elementos que possam ser subentendidos pelo receptor da mensagem. Entretanto, sugerimos novos estudos nesse direcionamento para afirmações mais concretas sobre o tema.

Diante deste primeiro fato, a postura do professor, reafirmada em sala de aula, foi a tentativa de demonstrar aos alunos a necessidade de compreenderem que cada situação requer um tipo de comportamento, o que significa dizer que não

podemos adotar a mesma linguagem para uma comunicação informal com amigos em meio virtual e na redação de uma avaliação formal para ingresso numa instituição de ensino superior, por exemplo; daí a necessidade de conhecerem e se apropriarem dos diversos gêneros discursivos. Portanto, para buscar minimizar ou resolver esta dificuldade, o professor discutiu com os alunos os diferentes contextos sociais em que as pessoas são inseridas todos os dias, e a importância de que eles reconheçam que a linguagem deve acompanhar essas alterações.

Com relação ao segundo caso, nos parece que a escola deve continuamente proporcionar aos alunos novas chances de aprendizado. É extremamente importante que, desde o início do ano letivo, os professores busquem conhecer as dificuldades apresentadas por cada aluno, para que seu planejamento consiga atingi-los plenamente e as deficiências sejam superadas a cada etapa formativa.

Além das questões relativas ao desenvolvimento da escrita, o uso pedagógico do gênero radioteatro também foi assinalado pelos alunos como ferramenta na desobstrução de obstáculos sociais. Vejamos os fragmentos abaixo:

Fragmento 139

Observações: (pontos positivos e negativos/sugestões/comentários/etc.)

Aprendi bastante com essa radionovela, aprendi a me esaltar mais, perder a vergonha.

Fragmento 140

XIV. Em sua opinião é possível aprender algo com uma Radionovela?

Sim, a falar melhor em público

Fragmento 141

XVI. Você gostaria que no ano que vem ocorresse um novo Projeto com atividades envolvendo o Radioteatro? Por quê?

Sim, pois é muito legal trabalhar com a nossa vergonha e ver como nossos amigos tem potencial.

Fragmento 142

XVI. Você gostaria que no ano que vem ocorresse um novo Projeto com atividades envolvendo o Radioteatro? Por quê?

sim, porque é uma atividade diferente e trabalha o trabalho em equipe.

Fragmento 143

XV. O que você aprendeu com o Projeto sobre Radioteatro nas aulas de Língua Portuguesa neste ano? Que atividades você mais gostou?

eu gostei da última pois a fazemos a hora própria

A sequência acima demonstra como os alunos sentem ter desenvolvido aspectos sociocomportamentais ao participarem das atividades envolvendo o uso pedagógico do radioteatro em sala de aula. Nos três primeiros fragmentos acima (139 a 141), é possível verificar que os alunos demonstram diminuição da timidez de expor suas ideias em público, sendo que no fragmento 141 o aluno acrescenta que poder ouvir as gravações dos demais grupos também foi importante para que os alunos reconhecessem outras capacidades de seus colegas que, muitas vezes, somente o professor tinha acesso.

Por outro lado, no fragmento 142 o aluno entende que o trabalho com o uso pedagógico do radioteatro deve continuar no ano seguinte porque se mostra como atividade diferente, uma vez que em grande parte das aulas as atividades são realizadas individualmente; que estimula, portanto, o trabalho em equipe. Assumimos a mesma posição defendida pelo aluno, pois eles precisam estar preparados para viver em grupos, em equipes, seja no trabalho ou na família, pois estes espaços de interação, de negociação estarão constantemente presentes em suas vidas.

Já na última resposta, fragmento 143, o aluno reforça a ideia de que eles precisam participar das atividades e, ao mesmo tempo, sentirem-se co-autores, integrantes do processo de construção e efetivação; postura também defendida por nós.

Na mesma pesquisa, também foi inquirido aos alunos se eles gostariam de trabalhar em algum setor de uma rádio. Aproximadamente 80% dos alunos se mostraram contrários à ideia, seja porque já havia escolhido outra profissão ou porque não havia pensado nisso. Entretanto, sendo este um “universo” tão novo para estes alunos, provocar encantamento nesta área a alguns já representou-nos algo grandioso. Vejamos dois fragmentos sobre este tema:

Fragmento 144

XIII. Você gostaria de trabalhar em um setor de uma rádio (como locutor, radiopator/radioatriz, sonoplasta, técnico, redator, programador, etc) ? Comente.

Talvez, parece legal trabalhar com a voz.

Fragmento 145

Observações: (pontos positivos e negativos/sugestões/comentários/etc.)

Quero que a minha sugestão é que consigamos entrar em uma rádio modelo de verdade, para sabermos como é ser uma atriz/ator de verdade.

Só tem um ponto positivo: é emocional

No fragmento 144, o aluno demonstra inclinação por possíveis atividades desenvolvidas numa rádio, mas não se limita a ela, pois em sua vida muitas outros ofícios também poderão ser exercidos a partir da voz; ou seja, o uso pedagógico do radioteatro pode ter servido para que o aluno se conheça melhor e possa abrir novos caminhos em sua vida.

No fragmento 145, o aluno descreve o radioteatro como algo “sensacional” e sugere que numa próxima aplicação deste tipo de atividade que os alunos possam conhecer o espaço físico de uma rádio, a gravação de um radioteatro, para que realmente vivenciem e conheçam mais profundamente sobre este trabalho.

Compartilhamos que esta visita a uma rádio da cidade constava no planejamento desta pesquisa, entretanto, o não envolvimento de outras turmas inviabilizou a proposta junto aos responsáveis hierárquicos. Somos favoráveis ao argumento defendido pela aluna e entendemos que conhecer um gênero a fundo por diversas vezes passará por sua aproximação também no plano real.

Outro aspecto a ser destacado durante a realização destas atividades foi a empolgação dos alunos em todas as etapas, desde a discussão das ideias nos grupos, à elaboração dos textos, ensaios, gravações e o momento de apresentação dos resultados aos colegas de turma. O compromisso assumido pela turma com as tarefas solicitadas gerou confiança em ambas as partes, o que melhorou a relação professor – aluno, e provocou a tomada de decisões embasada no companheirismo e no respeito. Essas colocações se mostram importantes porque por inúmeras vezes o professor necessitou ausentar-se da sala, para ensaios, correções e orientações nas produções orais e escritas, gravações, busca de materiais complementares, etc., não havendo em momento algum qualquer tipo de desavença, desordem ou falta de produtividade pelos alunos que permaneceram em sala de aula. Estes alunos, portanto, demonstraram maturidade em suas ações, e isso também contribuiu para que compreendessem o encadeamento das atividades e que, ao fim do processo, eles mesmos seriam, em grande parte, os maiores afetados pelo sucesso ou fracasso daquelas aplicações. Dessa forma, é possível que a aplicação de tarefas similares ocorram em outros grupos de alunos e o resultado seja adverso, uma vez que este tipo de trabalho demanda certo grau de organização e comprometimento de todos os envolvidos.

Esta pesquisa, de base qualitativa, procura muito mais a interpretação dos fatos e de suas consequências do que a mera contagem dos acontecimentos; contudo, nesta atividade, que marcou o encerramento das aplicações envolvendo o uso pedagógico do gênero radioteatro em sala de aula, contabilizamos apenas 03 alunos (num universo de 37) que se mostraram contrários à possível continuidade deste trabalho na série seguinte, sendo que dois destes justificaram suas escolhas devido ao apreço por narrativas com som e imagem, e um deles relatou que sua timidez ainda não lhe deixava totalmente confortável para a realização de qualquer tipo de tarefa em sala de aula que exigisse exposição oral. Diferentemente, os demais alunos se mostraram otimistas com o resultado das aplicações e esperançosos por seu prosseguimento.

Os alunos também relataram na pesquisa que, no início do ano, não sabiam quase nada sobre aquele gênero, e que o aprendizado havia sido bastante produtivo. Também afirmaram que a dramatização dos diálogos foi algo muito divertido, e que aprender a língua portuguesa desta forma não se configurava algo comum para eles, conforme pode ser observado nos fragmentos abaixo:

Fragmento 146

XV. O que você aprendeu com o Projeto sobre Radioteatro nas aulas de Língua Portuguesa neste ano? Que atividades você mais gostou?

Apreendi muito sobre as radionovelas, algo que eu não sabia quase nada. Gostei de quando fomos gravar as nossas radionovelas, pois foi bem divertido fazer vozes e interpretar personagens diferentes.

Fragmento 147

XV. O que você aprendeu com o Projeto sobre Radioteatro nas aulas de Língua Portuguesa neste ano? Que atividades você mais gostou?

Apreendi a poder se divertir em sala de aula

Fragmento 148

Observações: (pontos positivos e negativos/sugestões/comentários/etc.)

eu gostei, o projeto poderia se repetir mais vezes, isso ajuda muito.

Acho que poderia ser trabalhado até no 6º ano, acho que iria ajudar mais na interpretação de texto.

Como já foi mencionado, os fragmentos acima evidenciam como os alunos demonstraram ver o radioteatro como algo prazeroso, divertido (fragmento 147), e que contribuiu e ainda pode ajudar no desenvolvimento linguístico e humano. Um deles, expresso no fragmento 148, defende que o gênero seja trabalhado em todo o ensino fundamental, pois, segundo ele, contribuiria na interpretação de textos.

Além desta pesquisa, após a gravação do último radioteatro, ocorrida no final da quarta unidade, também foi solicitado aos alunos que expressassem, de forma espontânea, como um pequeno relato, aquilo que sentiam sobre as experiências vividas durante as aplicações das atividades do radioteatro. Desse modo, após proceder a gravação de cada radioteatro, imediatamente em seguida, o professor parabenizava o grupo e solicitava que eles contassem de forma espontânea como havia sido a experiência de todo o processo de aplicação das tarefas do radioteatro; ou seja, a gravação era iniciada e eles falavam livremente, sem uma ordem pré-definida ou tema pré-estipulado. O tempo também não foi determinado. O objetivo desta ação era, novamente, dar voz a estes alunos, e permitir conhecer a visão deles sobre o processo.

Um dos grupos optou por não realizá-lo, alegando que não sabiam ao certo que dizer. Desse modo, para finalizar esta análise, realizaremos a discussão de quatro relatos. Os arquivos se encontram, na íntegra, no CD que acompanha esta pesquisa, respectivamente, nas faixas 18 (relato 1), 19 (relato 2), 20 (relato 3) e 21 (relato 4). Os alunos foram aleatoriamente nominados por letras, para que sua identidade fosse mantida em sigilo e evitar qualquer constrangimento. Por vezes, o mesmo aluno retomará o turno, por isso, nos relatos abaixo, algumas letras se repetem. Transcreveremos abaixo as partes que julgamos mais relevantes, acompanhadas de nossas observações:

RELATO 1:

ALUNO A: *"Foi uma experiência muito importante pra gente ta fazendo esse trabalho... Foi legal, foi interessante... A gente fez um trabalho bom... [...]"*

ALUNO B: *A gente aprendeu bastante a questão de pontuação. A gente trouxe bastante a questão da realidade também, não só desse trabalho, mas de outros... a pressão que o Getúlio teve, ele teve que se suicidar... a pressão que a gente tem aqui agora de estar mostrando a realidade do Brasil, a questão do desemprego, questão do cenário que a gente tá hoje, então foi muito importante a gente ter feito esse trabalho mesmo.*

ALUNO A: *A questão do pai (referência ao texto produzido pelo grupo A, na quarta unidade), que tem pai que bate na mãe, tem pai que desrespeita completamente os filhos, tem pai que fica bêbado, volta pra casa e não sabe o que faz... tem a questão da sonoplastia, que a gente fez e ficou muito boa...*

ALUNO C: *O meu personagem era bem agressivo, essa era a ideia, queria fazer um personagem agressivo, bem bravo, bem ignorante com os filhos... essa era a ideia: fazer um personagem bem a cara dos pais que maltrata os filhos, pai de família ruim, bêbado né, agressivo...*

ALUNO D: *Como as pessoas (os outros alunos) falaram, foi bem importante fazer o trabalho, a gente aprendeu bastante... eu acho que todo mundo aqui não conhecia o trabalho antes... da radionovela... eu fiz uma personagem da mãe, que ela sofre por causa do pai, que é bêbado, agride ela...*

ALUNO C: *Eu tinha muita dificuldade em escrever... pontuar... até pra falar direito mesmo... mas o texto ajudou...*

ALUNO A: *Ajudou todos nós... Não só você, mas como todo mundo... [...]*

PROFESSOR: *E foi legal o obstáculo que vocês passaram de num grupo ter só meninos... por exemplo, ele ter feito a mãe... não ter problema nenhum...*

ALUNO C: *Sim... e ficou maior engraçado!"*

Pelo depoimento do grupo acima é possível perceber que a experiência tida por meio do radioteatro se mostrou relevante para o aprendizado destes alunos, e também para a formação de sua identidade. Eles relatam a apropriação do conceito e uso de elementos próprios do radioteatro, como, por exemplo, a sonoplastia, e, por diversas vezes, citam argumentos favoráveis ao uso pedagógico deste gênero em sala de aula, como a melhoria e o equilíbrio nas habilidades de leitura e escrita, a possibilidade de retratar conflitos internos latentes, a correlação entre os conteúdos ministrados na disciplina com os fatos do cotidiano, viabilizando discussões sobre a atual conjuntura política e econômica do país. Portanto, o grupo apresentou grande avanço, conhecendo um gênero novo e dominando sua estrutura, linguagem e funcionamento.

Vejamos abaixo o relato de outro grupo:

RELATO 2:

ALUNO E: *"Eu acho que foi uma experiência muito boa pra gente, uma coisa nova, diferente, que a gente nunca fez... e que a gente aprende muito fazendo isso... tanto na língua portuguesa quanto nas outras coisas... pensar que antigamente tudo era assim, na rádio... e agora mudou... e a gente pegar, e ter um pouquinho disso é muito legal."*

No relato acima é possível verificar como o aluno reconhece que o radioteatro não alcançou apenas o aprendizado de estruturas linguísticas, mas também tornou-lhe possível conhecer a realidade de seu país em outro momento histórico, o que, segundo ele, foi algo interessante.

A seguir, apresentaremos o relato número 3:

RELATO 3:

ALUNO F: *“Sobre a interpretação e pontuação foi um pouquinho complicado, porque a maioria não soube interpretar [está se referindo à leitura dramatizada no momento das gravações]... tipo... como se estivesse confuso ou bravo... pra mim foi meio difícil pontuar um pouquinho... mas deu certo.*

ALUNO G: *Minha forma de interpretação foi meio difícil... porque ninguém falava no tom certo... onde tava as palavras... tinha que falar um pouco mais bravo, um pouco mais feliz, assim...*

ALUNO H: *Então, a interpretação eu não achei tão difícil assim na hora de ler, pra mim mais difícil foi na hora de gravar, mas assim que a gente copiou tudo no caderno ficou tudo mais fácil, que eu decorei também... eu acho que ficou legal.*

PROFESSOR: *Por que foi difícil? Onde foi difícil e por que foi difícil? Vocês acharam que a dificuldade foi no quê?*

ALUNO H: *A gente gaguejava muito... passava um pro outro...*

ALUNO I: *Por causa do problema da ordem [ordem seria o momento em que cada aluno deveria interpretar seu personagem no momento da gravação]...*

ALUNO H: *É, no começo ficou um pouquinho desorganizado, mas depois deu... tudo certo... no finalzinho.*

O relato acima revela que também ocorreram dificuldades por parte dos alunos, provavelmente porque grande número das atividades realizadas em sala de aula na rede pública de grande parte do país privilegia o desenvolvimento de tarefas de forma escrita, sendo minimamente observada a leitura oralizada (em voz alta) e dramatizada (em voz alta, encenada).

Cabe também ressaltar que a dificuldade relatada pelo grupo pode ter tido origem em diversos fatores: falta de melhor organização do grupo, com delegações mais claras das atribuições e contribuições pertinentes a cada membro da equipe; maior presença nas aulas instrutivas e durante os ensaios; deficiências crônicas no que diz respeito ao processo de leitura de alguns integrantes do grupo; falta de organização para a confecção de estratégias (visuais, organizacionais) que pudessem orientar cada aluno durante a apresentação oral/gravação do trabalho. No entanto, o fato de terem superado as dificuldades individuais e conseguirem produzir um radioteatro e apresentá-lo mostra que o grupo, ao final da atividade, conseguiu contornar os obstáculos e alcançar o objetivo comum desejado.

Vejamos abaixo o último relato selecionado:

RELATO 4:

ALUNO J: [...] *“Bom, foi um aprendizado bem legal de se fazer. Não era muito comum ter isso nas escolas [...] e a gente acabou tendo o prazer de conhecer mais sobre a história de alguns atores mais antigos e... a parte de fazer aprender a fazer a sonoplastia, discurso direto... é bem interessante saber que...”*

ALUNO K: *“E a nossa criatividade de fazer um texto em que a gente se colocou no lugar dos personagens, a gente meio que sentiu o que eles estavam sentindo... e não é comum a gente fazer tudo isso em pouco tempo [...] e para nós foi tão fácil...”*

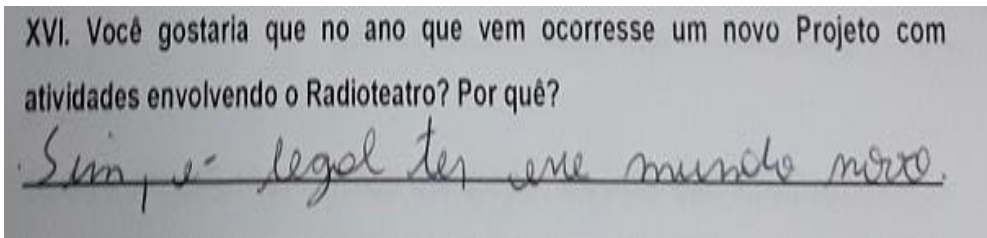
ALUNO J: *“Colocamos o imaginário num tema real... tipo... a gente conseguiu ter mais imaginação com isso. Coloca falas, coloca personagens, imagina como está acontecendo na vida dessa pessoa... é meio... foi uma experiência bem legal... recomendada para outras pessoas.”*

O aluno J começa seu relato afirmando que “não era comum ter isso nas escolas”. A forma verbal empregada pelo aluno fez com que o professor, em aula posterior, conversasse com todo o grupo reesclarecendo que aquelas atividades com uso do gênero radioteatro não se tratavam de uma política de estado, nem era de conhecimento de muitos; e que, portanto, este tipo de trabalho deve realmente ser bastante incomum nas escolas, embora o nosso desejo seja a divulgação desta pesquisa e ampliação das atividades nesta área.

Em seguida, o aluno K declara três pontos importantes neste trabalho: o primeiro, foi ele ter mencionado o fato de terem sido criativos em seu processo de produção escrita; o segundo, que também ressurge na complementação do outro aluno, foi o fato de os alunos afirmarem que o uso pedagógico do gênero radioteatro possibilitou-lhes se colocar no lugar das outras pessoas, ou seja, ter a sensibilidade para perceber dores e angústias de outras pessoas; e o terceiro, foi que as produções escrita e oral foram realizadas facilmente e, relativamente, em um pouco espaço de tempo. É complexo dizer o que seria mais importante nestes três pontos, contudo acreditamos que o despertar da sensibilidade, apontada em segundo lugar, nos parece, neste instante, o mais valioso na formação humana destes alunos.

CAPÍTULO 5

CONSIDERAÇÕES FINAIS



A presente pesquisa teve como propósito central fomentar o uso pedagógico do gênero radioteatro nas aulas de língua portuguesa. O objetivo foi perceber de que forma tal gênero poderia contribuir na melhoria das habilidades de oralidade, leitura e escrita dos alunos do ensino fundamental. Acreditamos que ela cumpriu seu papel, pois, por meio da aplicação das atividades em sala de aula foi possível reconhecer avanços na aprendizagem dos alunos, bem como compreender melhor fenômenos presentes no cotidiano escolar.

O primeiro objetivo, que acreditamos ter sido alcançado, foi que os alunos conhecessem e demonstrassem certo domínio sobre o gênero radioteatro, algo totalmente novo para quase todos, uma vez que alguns relataram nem mesmo possuir aparelho de rádio em casa. Ao final das aplicações, os alunos conseguiram produzir textos de radioteatro de forma autêntica, criativa, inovadora e, na maior parte dos casos, com todos seus elementos composicionais. Também é destacável que, com o passar do tempo, os alunos adquiriram a própria linguagem do rádio e do radioteatro, usando seus termos com adequação e naturalidade.

Quanto às habilidades de leitura e escrita também foi possível detectar grande avanço, em maior ou menor intensidade, de aluno para aluno, devido, em alguns casos, a realização das atividades propostas em sala de aula; a seu próprio comprometimento com o aprendizado; ao apoio dos familiares em sua caminhada estudantil e a maior ou menor defasagem de conteúdos básicos.

Durante a produção dos textos, o trabalho de escritura e reescritura foi bastante recorrente, com adaptações, modificações, alterações, supressões. Julgamos que este tipo de tarefa seja muito importante para que os alunos tomem consciência da necessidade de repensar o texto após sua produção inicial, e sigam aprimorando suas produções.

No desenvolvimento linguístico, um dos pontos de maior foco nas atividades em sala de aula foi a melhoria no uso dos sinais de pontuação. Compartilhamos que esta pesquisa contribuiu para que ampliássemos nossa visão sobre o tema. No início do estudo, acreditávamos que a ausência ou ineficiência no uso dos sinais de pontuação por parte dos alunos seria, em grande parte, por ignorância às regras; entretanto, fomos percebendo que poderia ser algo mais complexo, com diversos motivos.

Acreditamos que o primeiro motivo seja a grande influência dos canais comunicativos: redes sociais, aplicativos de *smartphone*, ou seja, trocas instantâneas de mensagens por meio digital. Nesses meios, o diálogo ganha um tom de informalidade, devido aos indivíduos geralmente se conhecerem; e a agilidade com que as pessoas se correspondem acaba proporcionando frases nas quais o único objetivo é que o interlocutor compreenda as ideias, sem qualquer preocupação com a existência de diálogos estruturados, muitas vezes, sem nenhum tipo de pontuação, com palavras incompletas e, em meio a tudo isso, o uso de imagens estáticas, em movimento, vídeos, etc. É preciso frisar que, em momento algum, nos colocamos contrários ao uso da tecnologia, pois são notórios os diversos benefícios que comporta, como, por exemplo, a aproximação virtual de pessoas afastadas fisicamente, a instantaneidade de notícias, recados, etc. O que sinalizamos por diversas vezes para os alunos é que eles precisam ter consciência linguística e compreendam que cada situação social requer um tipo de comportamento, expresso por mostras linguísticas coerentes a cada momento. Assim, o estudo aprofundado de diferentes gêneros pode contribuir para que percebam diferentes contextos de uso da linguagem, e consigam reconhecer e usar formas distintas de expressão do pensamento, adequadas a cada situação. Cabe ressaltar que novos estudos devem contribuir para que esta perspectiva – de que a linguagem empregada no “meio tecnológico” afeta a produção dos alunos – seja realmente válida ou não.

Além disso, também acreditamos que, para atender a este primeiro motivo, seria necessário aos alunos maior bagagem de leitura, para que os alunos se apropriassem dos contextos de uso e da linguagem adequada em cada momento. Conversando com os alunos, no que diz respeito a sua caminhada escolar, o que sentimos foi um distanciamento dos pais em seu cotidiano, o que dificulta o trabalho pedagógico em sala de aula, uma vez que o lar também poderia ser um espaço para

o reforço escolar, na resolução de tarefas, ou mesmo a intensificação do repertório de leitura, já a partir de fases iniciais de formação escolar.

Acreditamos que o segundo motivo seja a falta de domínio das regras que orientam o uso adequado da linguagem na modalidade padrão. Nesse sentido, o trabalho realizado por meio da aplicação das atividades repercutiu efeito, sendo possível perceber avanço no domínio dos alunos, tanto no uso da pontuação, quanto na estrutura narrativa e, principalmente, na distinção entre discurso direto e indireto. Associado a isso, as atividades de leitura oralizada e dramatizada dos textos, contribuiu para a melhoria na compreensão do uso dos sinais de pontuação.

Diferentemente do que acreditávamos no início deste trabalho, foi possível perceber que a maior ou menor adequação dos textos também foi fortemente influenciada pelo maior ou menor estado de monitoramento das produções, ou seja, quando os alunos produziram seus textos conscientes de que seriam avaliados e, principalmente, quando a pontuação foi um dos aspectos levantados pelo professor, os textos apresentaram resultados mais satisfatórios; o que demonstra, em parte, que muitos conhecem as regras que orientam o uso padrão da linguagem, entretanto, tendem a não aplicá-las. A motivação para tal prática pode ser diversa – como a influência dos meios digitais, ou a atenção focada apenas no conteúdo dos textos, etc. – e cabe novos estudos para conclusões mais significativas.

Outro fator que contribuiu para a melhoria na escrita foi o fato de os alunos perceberem que os textos elaborados para o radioteatro não se destinariam somente para serem lidos exclusivamente pelo professor ou para serem meramente avaliados e devolvidos, mas, neste caso, eles seriam gravados e apresentados para toda a turma, o que gerava grande ansiedade, maior esmero e expectativa.

Também discutimos durante o ano letivo para que questões relacionadas à produção oral e escrita dos alunos fossem tomadas como algo a ser discutido e trabalhado em todas as disciplinas, devido à sua importância e repercussão na vida escolar dos alunos.

Por outro lado, no que diz respeito à oralidade, acreditamos que todo o trabalho com radioteatro repercutiu positivamente nos alunos, pois, na etapa final, muitos deles relataram que a experiência havia servido “para que perdessem a vergonha”, ou seja, para que conseguissem expressar suas ideias com maior clareza e menor timidez; para que compreendessem o sentido do texto de forma mais simples, uma vez que a leitura deficiente dos sinais de pontuação prejudicava a

compreensão completa das ideias; e para que o processo avaliativo destes alunos não ficasse restrito tão somente às produções escritas, como tem sido comum na maior parte da vida escolar destas e de muitas outras crianças em nosso país.

Devido ao tempo limitado de aplicação de atividades desta pesquisa, acreditamos que muitos outros pontos pertinentes ao tema não foram abordados, e seriam igualmente relevantes e positivos para o avanço na aprendizagem dos alunos. Um deles seria o aprofundamento nas questões relativas ao teatro, pois provavelmente os alunos teriam maior facilidade na escrita dos textos se fosse realizado um trabalho inicial, no qual os alunos tivessem a oportunidade de conhecer um pouco sobre sua história, os elementos composicionais deste gênero, a forma de leitura, e também sobre as técnicas de encenação, com orientações dadas por pessoa competente, capacitada, no que diz respeito à entonação, ritmo, pausas, maior ou menor gravidade na expressão, etc.

Além da limitação imposta pelo tempo, a pesquisa também foi gerada em meio a outros contratempos, como, por exemplo, a reforma do colégio na fase final das aplicações, uma vez que fomos privados de usar espaços com maior isolamento acústico (mais próprios para as gravações); tivemos por diversas vezes que replanejar tarefas, pois, por exemplo, devido à substituição da parte elétrica da sala ficamos impossibilitados de usar a televisão da própria sala; em alguns momentos as gravações tiveram que ser reagendadas, devido ao barulho de marteladas e telhas sendo atiradas do alto do telhado.

Também acreditamos que a falta de tempo para a confecção da pesquisa poderia ter sido atenuada caso tivéssemos contado com a possibilidade de afastamento temporário das atividades em sala de aula; o que contribuiria em muito também para uma busca maior de leituras relativas ao tema.

Outra dificuldade encontrada no início desta pesquisa foi poder trabalhar com textos autênticos, ou seja, com arquivos em áudio produzidos nas épocas de maior prestígio do rádio no Brasil. Compartilhamos que entramos em contato com diversos meios, como por exemplo, a Rádio Nacional do Rio de Janeiro, mas, de forma geral, as respostas que tivemos foram muito tardias e suas contribuições foram bastante limitadas. Entretanto, em alguns canais da internet foi possível encontrar materiais muito interessantes – conforme demonstrado na fundamentação teórica desta pesquisa.

Por outro lado, cabe destacar que o uso pedagógico do radioteatro favoreceu uma grande quantidade de discussões em sala de aula, tanto sobre temas sociais (papéis atribuídos a cada membro da família, costumes de cada época), linguísticos (formalidade e informalidade, variação léxica), políticos (organização e atribuição das funções do Estado), históricos (o processo de urbanização e industrialização do Brasil, no século passado; a era Vargas), organizacionais (respeito mútuo em sala de aula, necessidade de respeito aos turnos de voz e à opinião alheia).

Tais discussões possibilitaram algo que ultimamente muito se ouve nas reuniões pedagógicas das escolas: a necessidade de “dar voz aos alunos”. No caso do uso pedagógico do radioteatro, essa voz se deu tanto no sentido literal, uma vez que os alunos participaram de forma completa, equilibrada e coletiva na produção e apresentação dos textos; e também no sentido metafórico, pois, por meio dos personagens, os alunos puderam expor suas inquietações, angústias, dúvidas, temeridades, realizações, frustrações. Portanto, as atividades da pesquisa não se restringiram ao desenvolvimento linguístico (discursivo), mas conduziram os alunos para muitos outros “universos”, importantíssimos para compor sua identidade e desenvolver uma visão mais crítica, que possibilite a tomada mais orientada de decisões em suas vidas.

REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**: poética. Tradução de Leonel Vallandro e Gerd Bornheim. São Paulo: Nova Cultural, 1987. (Seleção de textos de José Américo Motta Pessanha).
- ASSIS, Enéas Machado de. **O universo das comunicações humanas**: comunicações humanas, primitivas, imprensa, radiodifusão, a conquista do espaço. 2. ed. São Paulo: MAGEART, 1997.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi. 9. ed. São Paulo: Hucitec, 1999.
- BARBOSA FILHO, André. **Gêneros radiofônicos**: os formatos e os programas em áudio. São Paulo: Paulinas, 2003.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**: língua portuguesa: ensino fundamental. Brasília: MEC/SEF, 2017.
- CALABRE, Lia. **O rádio na sintonia do tempo**: radionovelas e cotidiano. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 2006.
- CAPARELLI, Sérgio. **Comunicação de massa sem massa**. São Paulo: Summus, 1986.
- CEGALLA, Domingos Paschoal. **Novíssima gramática da língua portuguesa**. São Paulo: Editora Nacional, 2008.
- COSTELLA, Antônio F. **Comunicação**: do grito ao satélite, 2001.
- DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard; HALLER, S. O oral como texto: como construir um objeto de ensino. *In*: SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução e organização de Roxane Roxo e Gláís de Sales Cordeiro. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004. p. 149-185.
- FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio**: o veículo, a história e a técnica. Porto Alegre: Sagrada Luzzatto, 2001.
- FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio**: teoria e prática. São Paulo: Summus, 2014.
- GIOVANNINI, Giovanni. **Evolução na comunicação**: do sílex ao silício. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.
- KATO, Mary A. **No mundo da escrita**: uma perspectiva psicolinguística. São Paulo: Ática, 1993.
- KLEIMAN, Ângela. **Oficina de leitura**: teoria e prática. Campinas: Pontes, 2004.

LASSWELL, Harold. A estrutura e a função da comunicação na sociedade. *In*: COHN, Gabriel, (org.). **Comunicação e indústria cultural**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1987. p. 105-117.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita**: atividades de retextualização. São Paulo: Cortez, 2001.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. Tradução de Décio Pignatari. São Paulo: Cultrix, 1996.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: Hucitec, 2004.

MOISÉS, Massaud. **Dicionário de termos literários**. São Paulo: Cultrix, 2004, p. 196-202.

NEUBERGER, Rachel Severo Alves. **O rádio, na era da convergência das mídias**. Cruz das Almas, BA: UFRB, 2012.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Departamento de Educação Básica. **Diretrizes curriculares da educação básica**: língua portuguesa. Curitiba: SEED, 2003.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Departamento de Educação Básica. **Diretrizes curriculares da educação básica**: língua portuguesa. Curitiba: SEED, 2008. Disponível em:
http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/diretrizes/dce_port.pdf.
Acesso em: 21 jul. 2017.

PASCHOALIN, Maria Aparecida. **Gramática**: teoria e exercícios. São Paulo: FTD, 1989.

PIVETA, Patrícia. **Telenovela: um dos procedimentos educativos da sociedade brasileira**. Londrina: EDUEL, 1999.

PLATÃO. **A República**. Tradução de Maria Helena da Rocha Pereira. Lisboa, PT: Calouste Gulbenkian, 1980.

ROJO, Roxane. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2004.

SALVADOR, Roberto. **A era do radioteatro**. São Paulo, SP: Gramma, 2010.

SANTOS FILHO, José Camilo dos. **Pesquisa educacional**: quantidade/qualidade. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

VENSON, Mônica. **O ruído, o sentido e a radionovela**. 1991. 39 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 1991.

WRIGHT, Charles R. **Comunicação de massa**: uma perspectiva sociológica. Rio de Janeiro: Bloch, 1968.

APÊNDICES

Apêndice A - Unidades

Colégio:

Aluno(a):

Série/Turma:

Professor:

O UNIVERSO MÁGICO DO RADIOTEATRO



(https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Audici%C3%B3n_de_Radioteatro_Radio_Cooperativa_1944.jpg)

SUMÁRIO:

UNIDADE 1: EMBARCANDO NESTE UNIVERSO

Radionovela "Herança de Ódio"

Radionovela: "O tiro"

UNIDADE 2: MERGULHANDO NESTE UNIVERSO

Radionovela "Bia, Bia"

Radioteatro "A criança redonda"

UNIDADE 3: EMOCIONANDO-SE NESTE UNIVERSO

Radioteatro "A invasão do espaço – Série "Você Acredita"

Radioteatro: "Departamento Nacional de Más Notícias" ("Tancredo e Trancado")

UNIDADE 4: VIVENCIANDO ESTE UNIVERSO

Radioteatro: "Volta ao lar"

Radionovela: "Meu nome, minha história"

UNIDADE 1: EMBARCANDO NESTE UNIVERSO



http://mediad.publicbroadcasting.net/p/wvxu/files/styles/medium/public/201402/listening-to-old-time-radio-otrcat.com_.jpg/
<http://wvxu.org/post/wwii-radio-shaped-news-coverage#stream/0>

01. Observe atentamente a imagem acima e responda as questões a seguir:

- a) O que esta cena representa para você?

- b) Quem são as pessoas? Como se comportam? Como se vestem?

- c) Onde estão estas pessoas?

- d) Geralmente, o que uma imagem em preto e branco representa?

- e) A atenção de todos se volta para que objeto? Por quê?

02. Antes de iniciar nosso estudo, gostaríamos de saber o que o Rádio representa para você. Para isso, responda pessoalmente as questões abaixo:

Perfil:

A. Idade:

- a) () 0 a 12 anos
 b) () 13 a 15 anos
 c) () 16 a 18 anos
 d) () 19 a 60 anos
 e) () mais de 60 anos

B. Sexo:

- a) () Masculino
 b) () Feminino

C. Com quem mora: (assinalar todas as respostas possíveis)

- a) () meu pai
 b) () minha mãe
 c) () meu(s) irmão(s)
 d) () meu tio/minha tia
 e) () meu avô/minha avó
 f) () meu padrasto/minha madrastra
 g) () Outro: _____

D. Que estilo(s) musical(ais) você gosta de ouvir no rádio? (Pode ser assinalada mais de uma alternativa)

- () sertanejo
 () funk
 () rap
 () forró
 () religioso
 () ópera
 () samba
 () pagode
 () mpb
 () música eletrônica
 () clássica
 () outro(s): _____

I. Você tem aparelho(s) de rádio em sua residência?

- () Não, não tenho.
 () Sim, tenho um aparelho.
 () Sim, tenho dois aparelhos.
 () Sim, tenho três aparelhos.
 () Sim, tenho quatro ou mais aparelhos.

II. Em seu dia-a-dia, como você tem contato com o rádio? (Assinalar mais de uma, se necessário)

- () Não tenho contato.
 () Ouço o rádio num aparelho de rádio que tenho em minha casa.
 () Ouço o rádio no carro, enquanto alguém dirige/ eu dirijo.
 () Ouço o rádio no ônibus.
 () Ouço o rádio pelo celular.
 () Ouço o rádio do vizinho.
 () Ouço o rádio pela internet.
 () Ouço o rádio pela televisão.
 () Outro: _____

III. Geralmente, onde você costuma ouvir rádio?

- () em casa
 () na escola
 () na rua
 () na casa de amigos
 () caminho do trabalho ou da escola
 () Outro: _____

IV. Geralmente, em que horário(s) você costuma ouvir rádio? (Pode ser assinalada mais de uma alternativa)

- () manhã
 () almoço
 () tarde
 () noite
 () madrugada
 () varia conforme o dia da semana

V. Em média, quanto tempo você escuta programas de rádio?

- () Não escuto.
 () de 01 a 30 minutos/ dia.
 () de 31 a 60 minutos/ dia.
 () de 2 a 4 horas/dia.

() de 4 a 6 horas/dia.

() mais de 6 horas/dia.

VI. Quais programas de rádio você mais gosta? (Pode ser assinalada mais de uma alternativa)

() notícias

() comentário político

() esporte

() entretenimento

() músicas

() horóscopo

() religioso

() radionovela

VII. Que importância tem o Rádio para a sua vida?

VIII. Você sabe o que/quais são Gêneros Radiofônicos? E Formatos Radiofônicos? Poderia citar alguns deles?

IX. Você já ouviu falar em Radionovela?

X. Com suas palavras, o que é uma Radionovela?

XI. Você já ouviu uma Radionovela? Comente sua resposta.

XII. Assim como você assiste novelas ou séries na televisão, você gostaria de poder ouvir uma radionovela durante a semana? Comente sua resposta.

XIII. Você gostaria de trabalhar em um setor de uma rádio (como locutor, radioator/radioatriz, sonoplasta, técnico, redator, programador, etc) ? Comente.

XIV. Em sua opinião é possível aprender algo com uma Radionovela?

Observações:

A HORA DO OUVINTE...



03. Ouça atentamente o fragmento da radionovela “Herança de Ódio” (disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=5RMMt7vMnDs>). Em seguida, assinale (V) para verdadeiro ou (F) para falso:

- a) () “Amor Paulista” é o nome da rádio onde a radionovela foi veiculada.
 b) () “Herança de Ódio” foi uma radionovela inspirada na obra de Oduvaldo Vianna e supervisionada por Walcyr Carrasco.
 c) () A cena ocorre numa estrada, e é possível ouvir o ruído de buzina e carros acelerando.
 d) () “Intrépido” é o mesmo que corajoso, destemido, ousado.
 e) () Segundo o narrador, as chaminés da pequena Trindade expõem a “fumaça tóxica da ambição”.
 e) () Na acidente ocorre um acidente, mas o personagem que estava no carro sobrevive ao impacto.

DE OLHO NA LÍNGUA...

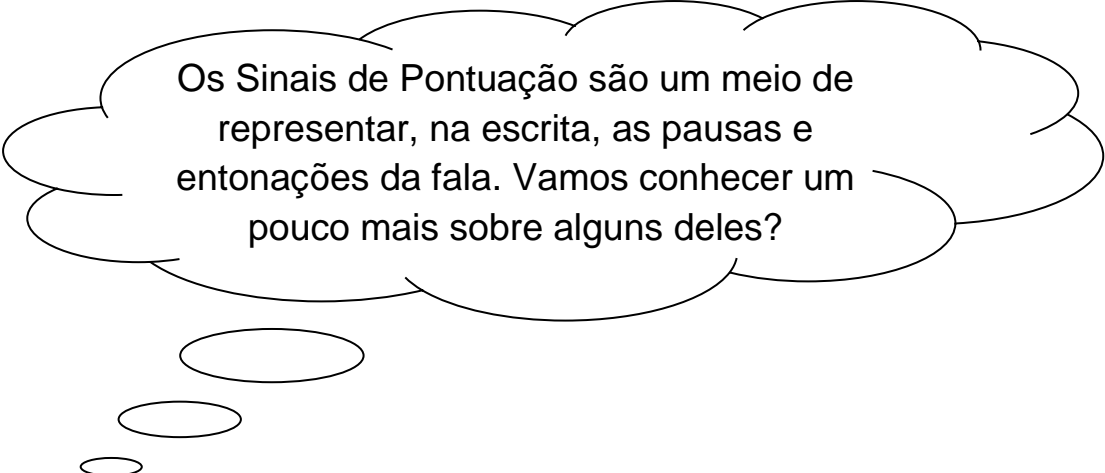


As frases do quadro abaixo foram retiradas da radionovela “Herança de Ódio”, que acabamos de ouvir. Imaginando que você fosse “um radioator” ou “uma radioatriz”, leia cada uma das frases em voz alta:

- “- Doutor Daniel, o maluco está acelerando feito doido!”
 - Coloquem fogo em tudo, não podemos deixar rastros.
 - Serei eu a avisar o filho dele sobre o acidente do pai?
 - Espere: o doutor Daniel ainda se mexe...”

Como podemos perceber, no radioteatro ocorre um forte trabalho com a entonação, o ritmo, o tom de voz (os chamados “elementos paraverbais”) e também as músicas, os sons (que são os chamados “elementos verbais”). Para aprender um pouco mais sobre esses elementos, estudaremos nesta Unidade sobre o uso dos Sinais de Pontuação.

OS SINAIS DE PONTUAÇÃO:



Os Sinais de Pontuação são um meio de representar, na escrita, as pausas e entonações da fala. Vamos conhecer um pouco mais sobre alguns deles?

A. PONTO FINAL: representa pausa máxima da voz, e é usado no final de frases declarativas ou imperativas. Exemplo:

O menino pegou a bola.

Faça o favor de me passar a borracha.

B. PONTO DE INTERROGAÇÃO: usado no fim de uma palavra, oração ou frase, para indicar pergunta direta, que se faz com entoação ascendente. Exemplos:

Por que você não me contou tudo antes?

Como você se chama?

C. PONTO DE EXCLAMAÇÃO: usado depois de interjeições, locuções ou frases exclamativas, que se proferem com entoação descendente, exprimindo surpresa, espanto, susto, indignação, piedade, ordem, súplica, etc. Exemplos:

Que bom seria se todos fossem tratados iguais neste país!

- Ai, meu Deus! Ai, meu Deus! Estou muito atrasado! – gritava o coelhinho.

D. RETICÊNCIAS: *marcam suspensão na frase, devido, muitas vezes, a elementos de natureza emocional. São usadas nos seguintes casos:*

- indicar continuidade numa ação ou fato. Exemplo:
O balão foi subindo...
- indicar suspensão ou interrupção do pensamento. Exemplo:
E eu que me esforcei tanto pensando que...
- representar, na escrita, hesitações comuns na língua falada. Exemplo:
Não quero sair porque... porque... não estou com vontade.



MÃO NA MASSA...

04. Complete as frases abaixo, usando os Sinais de Pontuação requeridos:

A) PONTO FINAL (.)

Eu vou _____

Se _____

Eu acredito que _____

Não _____

B) PONTO DE INTERROGAÇÃO (?)

Quantos _____

Posso _____

Qual é _____

Quem foi que _____

C) PONTO DE EXCLAMAÇÃO (!)

Como _____

Que _____

Nossa, como _____

Quem foi que _____

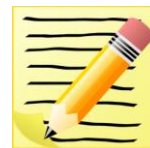
Puxa, que _____

D) VÍRGULA (,) E RETICÊNCIAS (...)

Na escola aprendi _____

Na feira comprei _____

Na minha casa _____



CONHECENDO O GÊNERO...

05. Ouça atentamente o fragmento abaixo. Em seguida, preencha as lacunas com os Sinais de Pontuação que melhor expressem a interpretação dos autores:

RADIONOVELA: "O TIRO"

Narrador: Rio de Janeiro, 1950. A capital do país vive momentos de euforia: uma eleição decidirá em pouco tempo quem comandará o Brasil por mais quatro anos. Entre os candidatos à presidência está Getúlio Vargas, o que agita ainda mais o cenário político do país. E é nessa agitação toda que vivem Rosa e Sebastião, um jovem casal cheio de planos, sonhos e expectativas. Rosa e Sebastião são os protagonistas da rádio novela "O Tiro", uma produção da Rádio Senado, que você acompanha a partir de agora:

Rosa: - Meu Deus, deixa eu ajeitar logo essa casa, que daqui a pouco o meu Sebastião *tá* chegando ___ Ai, como eu amo aquele Sebastião___ Já são três anos e sempre parece que estamos no primeiro dia: o dia que ele me pediu em namoro, lá em Copacabana___ Mas o que eu queria mesmo era que agora ele me pedisse em casamento___

(campainha)

Rosa: - Só um minuto ___ Só um minuto___

Sebastião: - Oi, minha querida ___

Rosa: - Sebastião, eu sabia que você viria hoje___ Trouxe flores de novo ___

Sebastião: - Claro, minha querida___ Eu sei que você adora essas flores amarelas ___

Rosa: - Pois entre, meu amor ___ Olha os meus pais foram até o *Catete mas já devem estar voltando___ Que lindas essas flores___ Devem ter custado o olho da cara___

Sebastião: - Nada, você merece ___

Rosa: - Olha, meu querido, eu sei que você faz essas coisas *pra* me *agradá* ___ Mas eu sei também que você não tem um emprego garantido e a gente precisa *juntá* um *dinherinho* pra___

Sebastião: - *Casá*___ *Casá*, não é Rosa___ Já vem você com esse papo de casamento___

Rosa: - Ah, meu amor, você sabe que toda moça de família do Rio de Janeiro quer se casar, ter uma família, filhos___

Sebastião: - Não se preocupe, meu bem___ A eleição *tá* vindo aí___ Falando nisso, liga o rádio *pra* ouvirmos as notícias___

(rádio sendo ligado)

No rádio: - Bota o retrato do velho *otra* vez___ Bota no mesmo lugar___ Bota o retrato do velho *otra* vez___ Bota no mesmo lugar___ O sorriso do velhinho faz a gente *trabalhá*___ O sorriso do velhinho faz a gente *trabalhá*___

Rosa: - Você não se cansa de ouvir essa música___ Ai, toda hora isso___

Sebastião: - Que isso, minha querida___ Essa música só traz a mais pura verdade___ Precisamos que o Getúlio volte *pra* esse país ir *pra* frente___

Rosa: - Mas você acha mesmo, Sebastião, que o Getúlio é tudo isso___ Ele não foi um ditador___

Sebastião: - Foi, minha querida___ Quer dizer, mais ou menos___ O Getúlio fez o que precisava ser feito___ Mas agora ele vai ser eleito democraticamente e *mudá* esse país de vez___

Rosa: - Olha, o que eu realmente espero que mude é essa sua cabeça, isso sim, e que logo logo eu possa deixar de me preocupar com esse tal de Getúlio e esteja preocupada com meu vestido de noiva___

Sebastião: - Olha, minha querida, eu prometo uma coisa: se na eleição de presidente o Getúlio ganhar do Eduardo Gomes eu (me) caso com você___

Rosa: - Ah, *cê tá falanu* isso só *pra conquistá* mais um voto *pro* seu velhinho___

Sebastião: - Pode até ser, minha querida, mas essa é das minhas promessas mais sérias___ Se o Getúlio ganhar eu caso com você___

Rosa: - E arruma emprego fixo___

Sebastião: - Isso o Getúlio vai *resolvê* *pra* mim___

No rádio: - O sorriso do velhinho faz a gente se animá___ (...)

Locutor do rádio: - E agora vamos para o resultado final das eleições presidenciais de 1950___ Em primeiro lugar, com três milhões e oitocentos mil votos e, portanto, próximo presidente do Brasil, o gaúcho de São Borja, Getúlio Vargas___

Sebastião: - *Ganhô, Rosa, o Getúlio ganhô*___ Estamos feitos___ O povo está no poder___

Rosa: Ah, meu querido, que bom___ Quero só ver se você vai *lembrá* daquela promessa do casamento___

Narrador: - E agora___ Sebastião conseguirá o emprego e irá cumprir a promessa de se casar com Rosa___ Como será o governo de Getúlio Vargas___ Acompanhe tudo isso no segundo capítulo da radionovela "O Tiro"___

No rádio: - Bota o retrato do velho *otra vez*___ Bota no mesmo lugar___ Bota o retrato do velho *otra vez*___ Bota no mesmo lugar___ O sorriso do velhinho faz a gente *trabalhá*___
(<http://www2.senado.leg.br/bdsf/item/id/507091>)

* **Catete** é o nome de um bairro no município do Rio de Janeiro. Foi a sede do poder executivo brasileiro de 1897 a 1960. A partir desse ano, a sede do poder executivo foi transferida para a recém-inaugurada cidade de Brasília. A partir da década de 1970, o palácio passou a abrigar o Museu da República, função que continua exercendo até hoje.

QUESTÕES DE INTERPRETAÇÃO.

A. Provavelmente, em que meio de comunicação este texto foi originalmente veiculado? Como é possível chegar a esta conclusão?

B. Qual o público alvo, ou seja, a quem este texto está destinado? Qual faixa etária? Qual extrato social?

C. Qual a temática abordada neste texto, ou seja, quais assuntos são tratados no mesmo?

D. No diálogo acima como é a linguagem usada pelos personagens? Cite um trecho que comprove sua resposta.

E. A sonoplastia, ou seja, os sons que acompanham as falas contribuem para a melhor compreensão do texto? Justifique sua resposta.

F. Qual o espaço, ou seja, onde os fatos ocorrem? Transcreva os trechos do texto que justifiquem sua resposta.

G. A radionovela mantém relação com a realidade, com a história de nosso país ou os fatos e personagens são frutos da imaginação? Justifique sua resposta.

H. No radioteatro, diferentemente do cinema e da telenovela, a imagem dos personagens não é completamente apresentada, senão por descrições que permitem ao ouvinte imaginá-los. Desse modo, desenhe abaixo como você imagina os personagens da radionovela “O tiro”:

SEBASTIÃO

ROSA

UNIDADE 2: MERGULHANDO NESTE UNIVERSO



(http://www.museudacomunicacao.rs.gov.br/site/wp-content/uploads/radio_novela01.jpg)

01. Observe atentamente a imagem acima.

a) Você conhece estas pessoas?

b) (Provavelmente) De onde são?

c) (Provavelmente) Quem são?

d) (Provavelmente) Em que época viveram?

f) (Provavelmente) O que faziam?

A HORA DO OUVINTE...



02. Ouça atentamente o fragmento da radionovela “Bia, Bia” (disponível em <http://www2.senado.leg.br>). Em seguida, assinale (V) para verdadeiro ou (F) para falso:

- a) () O trecho é da primeira radionovela produzida no Brasil, cujo nome era “Em busca da felicidade”, de Leandro Blanco.
- b) () A personagem atende sua mãe e se dá por satisfeita com as aulas de balé.
- c) () A radionovela apresentada tem como patrocinador uma importante marca de creme dental, que é citada no início do trecho.
- d) () A repetição de palavras como “linda, doce, delicada, sensível, gentil e graciosa” apresenta sentido irônico no texto.
- e) () A própria personagem também é responsável pela sonoplastia (efeitos sonoros) do radioteatro.
- f) () O texto da radionovela tem como um de seus objetivos discutir o que “meninos e meninas podem (ou não) fazer”.

DE OLHO NA LÍNGUA...



As frases do quadro abaixo foram retiradas da radionovela “Bia Bia”, que acabamos de ouvir. Imaginando que você é um ouvinte de rádio, peça para seu amigo(a) de sala ler cada uma das frases em voz alta:

- Não, Karatê não: é coisa de menino. Princesa linda, delicada e graciosa faz ballet.
 Bia Bia, gentil, delicada e graciosa, foi para o karatê.
 Ela passava os dias a cantarolar “formiguinha corta a folha e carrega”...
 Os dias se passavam; e Bia Bia brincava chutando, batendo e gritando.
 Ela se inspira em Camille Dutra (lutadora de Karatê de Sobradinho-DF).

Como já vimos, no radioteatro não ocorre o uso de imagens, mas sim de elementos como a entonação, o ritmo, o tom de voz (paraverbais), músicas, sons (elementos verbais). Para aprender mais sobre esses elementos, complementaremos nesta Unidade nosso estudo sobre o uso dos Sinais de Pontuação.

OS SINAIS DE PONTUAÇÃO: PARTE II

A. VÍRGULA: marca uma pequena pausa. **Associe alguns de seus usos:**



<http://reidamaria.com.br/sinais-de-pontuacao-2/>

- (A) Para separar o Vocativo (chamamento).
- (B) Para separar o Aposto (explicação).
- (C) Separar termos de mesma função sintática.
- (D) Nas datas, para separar o nome da localidade.
- (E) Depois do *sim* e do *não*, usados como resposta, no início de frase.
- (F) Para separar palavras e expressões explicativas como *por exemplo*, *aliás*, *além disso*, ou *melhor* etc.

- () O Rio de Janeiro, um dos lugares mais belos do mundo, enfrenta grave crise econômica.
- () Ele disse tudo, ou melhor, tudo o que sabia.
- () Londrina, 12 de outubro de 2018.
- () Havia brasileiros, franceses, ingleses e japoneses no evento.
- () - Não, não irei à festa nenhuma neste fim de semana.
- () - Pedrinho, venha cá agora mesmo!

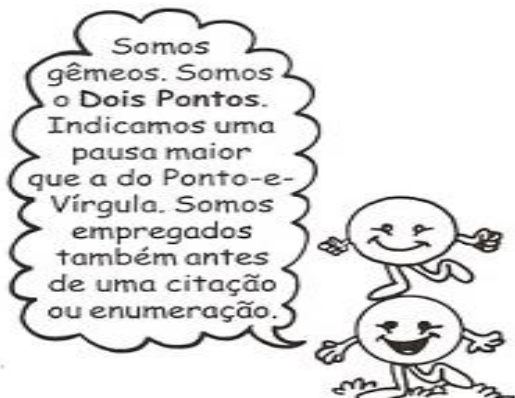
B. PONTO E VÍRGULA: marca uma pausa intermediária, ou seja, menos forte que o ponto final e mais forte que a vírgula. **Associe alguns de seus usos:**



<http://reidamaria.com.br/sinais-de-pontuacao-2/>

- A) Separar orações coordenadas de certa extensão.
 - (B) Para separar os considerandos de um decreto, lei, regulamento, petição ou itens de enumeração.
- () Neste encontro trabalharemos as seguintes propostas:
 - a) como melhorar a escrita dos textos;
 - b) como abordar a Gramática em sala de aula;
 - c) como corrigir os erros de um texto.
 - () Astrônomos já tentaram estabelecer contato com extraterrestres; suas tentativas, porém, foram infrutíferas.

C. DOIS PONTOS: marca uma sensível suspensão da voz numa frase não concluída. **Associe alguns de seus usos:**



(<http://reidamaria.com.br/sinais-de-pontuacao-2/>)

- (A) Para anunciar a fala da personagem. Exemplo:
 (B) Para anunciar esclarecimento ou explicação. Exemplo:
 (C) Para anunciar uma enumeração. Exemplo:

- () Meus amigos são: Paula, Renato, Pedro e Carla.
 () O desejo de toda comunidade era um só: paz naquele momento.
 () E a vovó perguntou:
 - Por que esses olhos tão grandes?

D. TRAVESSÃO: é um traço maior que o hífen, usado:



(<http://reidamaria.com.br/sinais-de-pontuacao-2/>)

- (A) No discurso direto, para indicar a fala da personagem ou a mudança de interlocutor no diálogo.
 (B) Para pôr em evidência palavras ou expressões.

- () - O que faz aí, garoto?
 - Espero meu pai, senhor.

- () - Vimos um homem – um mendigo, decerto – sentado na calçada.

E. PARÊNTESES: Usados para isolar palavras ou frases, com caráter explicativo, as quais são proferidas em tom mais baixo. **Associe alguns de seus usos:**



(<http://reidamaria.com.br/sinais-de-pontuacao-2/>)

- (A) Separar explicações.
 (B) Separar indicações bibliográficas.

- () “O homem nasceu livre, e em toda parte se encontra sob ferros.” (ROUSSEAU, Jean-Jacques. Do Contrato Social e outros escritos. São Paulo: Cultrix, 1968.)

- () A Amazônia (pulmão do planeta) precisa ser preservada.

F. ASPAS: Usadas nos seguintes casos:



(<http://reridamaria.com.br/sinais-de-pontuacao-2/>)

- (A) Antes e depois de uma citação.
- (B) Para destacar títulos de livros, jornais, filmes, revistas, etc.
- (C) Para designar o uso de ironia.
- (D) Para destacar o uso de gírias.

- () Mas que “beleza”: sujou toda a sua roupa!
- () Passou um “tira” observando tudo no meu bairro.
- () Ontem fomos assistir “A culpa é das estrelas.”
- () O presidente declarou: “precisamos reestabelecer o controle daquela região.”



MÃO NA MASSA...

03. Em sala de aula, o professor solicitará aos alunos que formem grupos de 3 a 4 pessoas. Em seguida fornecerá jornais, revistas, panfletos (provenientes da própria biblioteca do colégio) aos alunos, que deverão recortar 7 imagens com o rosto de pessoas em diferentes estados de ânimo (calmo, nervoso, deprimido, feliz, etc.) – como na figura 1. Na sequência, os alunos deverão redigir frases que se adequem ao estado de ânimo de cada figura, e montar um cartaz com o trabalho proposto – como na figura 2. Segue abaixo um modelo que será demonstrado aos alunos.



Figura 1:



Figura 2:

(Fonte da foto: "Blog Deutsch". Disponível em: <http://deutsch-toll.blogspot.com.br/2011/05/sprich-mit-mir.html>). Acesso em: 18 de mar. 2014. Montagem da própria autora)

04. Após a montagem dos painéis, os alunos deverão realizar a exposição oral dos trabalhos e exposição no colégio.

(Adaptado de <http://portaldoProfessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=54738> 24/09/17 09:16)

CONHECENDO O GÊNERO...



PRÉ-LEITURA...

05. A seguir, ouviremos o radioteatro “A CRIANÇA REDONDA”. Entretanto, antes de realizar a audição, responda as questões abaixo:

a) Em sua opinião, o que é uma “criança redonda”?

b) Pessoalmente, você se considera uma “pessoa redonda”? Justifique.

c) Que motivos podem ter levado o autor do texto a colocar este título?

d) Que história você espera que seja contada neste texto?

06. Agora ouça atentamente o texto do radioteatro “A criança redonda” e responda as questões a seguir.

* A CRIANÇA REDONDA

(Ruídos de hospital e choro de bebê)

TEFÉ: - Então, doutor?

MÉDICO: - Olha, a criança nasceu saudável, mas infelizmente tenho uma péssima notícia: ela é REDONDA!

TEFÉ: - Redonda?

KAKÁ: - Redonda?

MÉDICO: - Sim, sim, redonda. Sinto muito.

LOCUTOR: “A criança redonda”.

NARRADOR: - Num país distante daqui, onde as pessoas eram quadradas e as coisas também, nasceu uma criança redonda.

(Ruídos de rádio sendo sintonizado)

JORNALISTA 1: - Os médicos não sabem o que dizer. Os pais não sabem o que fazer. Realmente foi confirmada a triste notícia: nasceu uma criança redonda hoje.

(Ruídos de rádio sendo sintonizado)

JORNALISTA 2: - Manifestantes estão na porta do hospital central, neste momento, exigindo uma solução para o caso...

TEFÉ: - Kaká, temos que fazer alguma coisa. Que tal colocar essa criança numa forma quadrada? Quem sabe ela não se ajusta...

(Após algum tempo, Kaká tenta encaixar o bebê na forma, enquanto ele chora)

KAKÁ: - Oh, Tefé, vamos parar com isso... a criança está sofrendo...

TEFÉ: - Você não está notando que até o choro desta criança é redondo? Acho que você não está percebendo a gravidade da situação, Kaká.

(Criança chorando/ passagem de tempo)

KAKÁ: - Tive uma ideia! Vamos preparar uma roupa quadrada e vestir a criança. Assim ninguém vai notar...

TEFÉ: - Excelente! Boa ideia, Kaká, boa ideia. Isto vai funcionar.

NARRADOR: - Vestida com a roupa quadrada a criança foi aceita pela comunidade. Mas cresceu e começou a reclamar do desconforto.

CRIANÇA: - Esta roupa me aperta... me atrapalha! Não consigo nem andar direito...

TEFÉ: - Ei, ei! Nem pense em tirá-la!

KAKÁ: - Meu amor, é para o seu bem!

CRIANÇA: - Mas está doendo muito, mamãe...

KAKÁ: - Meu amorzinho, eu vou fazer uma roupa maior para você, está bom?

(Ruídos de um serrote cortando algo)

TEFÉ: - O que é isso? O que você está fazendo?

CRIANÇA: - Eu estou tirando as pontas da roda da bicicleta, papai. Acho que vai rodar melhor, quer ver?

TEFÉ: - Como assim?

CRIANÇA: - Olha aqui, este pneu quadrado roda assim...

(Ruídos de pneu quadrado rodando com dificuldade)

CRIANÇA: - Agora, veja como fica papai!

(Ruídos de pneu redondo girando mais depressa e risos da criança)

NARRADOR: - A comunidade viu a criança redonda transformando o lugar e não gostou nada. As coisas estavam ficando redondas, as pessoas já não eram mais as mesmas, estavam falando redondo. Manifestações começaram a acontecer...

TEFÉ: - O que nós vamos fazer agora? A escola está reclamando, os nossos vizinhos estão falando, os nossos amigos já não nos visitam mais.

KAKÁ: - Tefé, a criança é nossa, Tefé! Vamos lutar por ela! Ela só é diferente, será que as pessoas não entendem isso?

TEFÉ: - Os diferentes têm pouco lugar na nossa comunidade, Kaká. As pessoas não querem mudar de mentalidade, as pessoas não respeitam a diferença, não aceitam o novo, e isto dá trabalho para entender.

KAKÁ: - Tefé, se ao menos eles conhecessem a nossa criança, saberiam que ela está muito além da mediocridade deste lugar.

(Ruídos de manifestantes que se aproximam)

TEFÉ: - Agora é o fim, Kaká.

KAKÁ: - Meu Deus, eles vão destruir a nossa casa, a nossa vida! Será que é tão difícil entender?

CRIANÇA: - Que é isso, mamãe?

KAKÁ: - Tefé, faça alguma coisa!

TEFÉ: - Vou até lá já dentro de imediato!

KAKÁ: - Tefé, eles vão matar a criança, eles vão matar a nossa criança, querido!

CRIANÇA: - (suspirando) A culpa é minha, mamãe, papai, eu tenho que ir lá.

KAKÁ E TEFÉ: - Não, não vá, filho!... Volte, volte!

(Ruídos de alvoroço e tiros)

KAKÁ: - Nãooooo!

TEFÉ: - Ai, meu Deus, ai meu Deus, mataram o nosso filho!

VOZES (sobrepostas): Ignorância... Intolerância... Preconceito... Guerra...

NARRADOR: - Aquela comunidade nunca mais voltou a ser quadrada. Depois da morte da criança redonda, começaram a nascer crianças octogonais, pentagonais, redondas, trapeziais...
(<https://aasombradaarvore.wordpress.com/2011/04/06/a-crianca-redonda/>)

* O texto "A criança redonda" foi escrito pelo jornalista e radialista piauiense Jessé Barbosa da Silva, durante um curso de radioteatro que ele fez na Alemanha, organizado pela Deutsche Welle DW-AKADEMIE em 2006, do qual participaram alguns radialistas provenientes do Brasil e de vários países africanos que falam português. O radioteatro foi premiado no concurso do quinto aniversário da organização Radialistas Apasionadas y Apasionados, também realizado em 2006, e concorria com produções de toda a América Latina. (<https://radialistas.net/article/el-nino-redondo/>)

QUESTÕES DE INTERPRETAÇÃO:

A. Provavelmente, em que meio de comunicação este texto foi originalmente veiculado? Como é possível chegar a esta conclusão?

B. Qual o tema deste texto? Os personagens são reais ou representam algo/alguém?

C. Na sua opinião, por que os personagens (exceto a criança) falam com pausas?

D. Com relação à sonoplastia, ou seja, aos sons que acompanham as falas, quais efeitos são usados no texto? O que eles buscaram representar?

E. O personagem Tefé diz: "Os diferentes têm pouco lugar em nossa comunidade, Kaká. As pessoas não querem mudar de mentalidade, as pessoas não respeitam a diferença, não aceitam o novo (...)." Em sua opinião, o que ele quis dizer com essas palavras?

F. Para você, existem mais "seres humanos redondos" ou "quadrados"? Justifique sua resposta.

G. Imaginando que o texto do radioteatro "A criança redonda" tivesse que ser reescrito a partir da frase "**NARRADOR: - A comunidade viu a criança redonda transformando o lugar e...**" escreva como você terminaria esta história.

UM POUCO DE HISTÓRIA...



07. Complete o texto com as palavras do quadro abaixo:

chuva - setembro - mulheres – Sertão - felicidade - imagens -
Mocinhas - sonoplastas - Radionovela – rádio – ouvintes – nascer -

Pra matar a saudade...



Houve um tempo, não muito distante, em que a maior diversão da família era se reunir ao redor de um _____. Era ali, naquela caixa desengonçada, que a mágica acontecia. _____ corriam de bandidos em meio à tempestade, mas eram salvas pelos heróis que tascavam beijos estalados. Nos intervalos, cantoras e locutores

envolviam os _____ de tal maneira que ocupavam seus sonhos à noite. O diretor Otávio Martins explica: “As coisas tinham de ser benfeitas, não podiam ser apressadas. Sem poder contar com o poder das _____, os atores tinham que conquistar os ouvintes”, complementou.

A _____ é uma narrativa folhetinesca sonora, nascida da dramatização do gênero literário novela, produzida e divulgada em rádio. Na era de ouro do rádio (1940 e 1950), as radionovelas foram fundamentais para que a história do rádio brasileiro se configurasse. Elas estimularam a imaginação dos ouvintes, composto naquela época principalmente por _____ e projetaram uma série de rádio atores que, posteriormente, migraram para a televisão.

Boas histórias, bons atores e efeitos sonoros realistas eram o segredo do gênero para captar a atenção dos ouvintes. Diz-se que os grandes mestres da magia eram os _____. - considerado mestre da sonoplastia era Urgel de Castro da Rádio Nacional RJ -, que para estimular a imaginação das pessoas, reproduziam todo tipo de sons e ruídos: o som da _____, do telefone, da passagem de tempo, dos passos dos personagens.

Em 12 de julho de 1941, às 10h30, teve início “*Em busca da _____*”, primeira radionovela transmitida no país, através da Rádio Nacional do Rio de Janeiro. A obra foi escrita pelo cubano Leandro Blanco, com adaptação de Gilberto Martins. Seus capítulos ficaram no ar por aproximadamente três anos. Após seu término, foi sucedida por “*O direito de _____*”, que foi a principal radionovela do Brasil.

A primeira transmissão de rádio no Brasil foi ao ar em 7 de _____ de 1922. Porém, o veículo demorou a se tornar popular, em razão do preço do aparelho e a demora na implantação de retransmissoras. Quando as dificuldades físicas foram superadas, a forma encontrada para popularizar sua programação foi lançar mão do mesmo recurso que os jornais, quando da invenção da imprensa escrita: a narrativa folhetinesca, ou seja, histórias que iam sendo contadas parte por parte.

Um das radionovelas nacionais de maior sucesso, foi “*Jerônimo, o Herói do _____*”, criada por Moysés Weltman, em 1953. A trama era baseada no faroeste americano e foi, posteriormente, adaptada para a televisão e também para os gibis. (Adaptado de <http://www.dgabc.com.br/Noticia/785689/de-volta-ao-mundo-da-radionovela31/01/2018 15:37:06>)

08. Para conhecer mais sobre a história do rádio e das radionovelas assistiremos três vídeos:

1) O documentário "Rádio Nacional-PRE8: 80 anos no ar" (disponível em https://www.youtube.com/watch?v=CU5_elQi9y0);

2) A compilação de jingles "Comerciais dos anos 40 e 50" (disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=F6Ty64UcSxs>); e

3) Uma mostra sobre SONOPLASTIA, ou seja, como eram feitos os efeitos sonoros no rádio nos anos 40 e 50 (disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=RMr8gJkfxQI>).

Após o vídeo, será realizado um debate aberto sobre os principais fatos apontados no mesmo.

Anotações:

TAREFA FINAL.



09. Após assistir os vídeos sobre o radioteatro, os alunos formarão grupos de 3 a 4 alunos e receberão um pequeno texto (para cada grupo o professor entregará um texto diferente) ao qual deverão trazer para a aula da próxima semana elementos que possam ser usados como **EFEITOS SONOROS (sonoplastia)** que possam contribuir para a leitura dramatizada dos mesmos. Segue abaixo um dos textos que será entregue aos alunos:

“Naquela noite chuvosa, caminhava um homem misterioso pela avenida principal, quando, ao soar do sino da igreja um trovão estrondou o céu e um vento uivante parecia prever o acontecido: o suspiro ofegante da dama de negro foi interrompido quando a carruagem do senhor Alfus acelerou seu passo, buscando interpelar o suposto forasteiro que vagava por aquelas terras.”

UNIDADE 3: EMOCIONANDO-SE NESTE UNIVERSO



http://blog.morumbishoping.com.br/cultura/ai-que-susto-bom/?doing_wp_cron=1519080074.2860670089721679687500



<https://weheartit.com/entry/51081481>

Que sensações as imagens acima trazem para você?

Que cena você descreveria a partir de cada imagem?

Com quem esta mulher estaria gritando? Onde? Por quê?

Por que (ou com o que) esta criança estaria feliz?

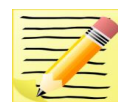
A HORA DO OUVINTE...



02. Ouça atentamente o fragmento do radioteatro “A invasão do espaço – Episódio n. 20 da Série “Você Acredita” (disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=l-ihymxpJM0>). Em seguida, assinale (V) para verdadeiro ou (F) para falso:

- a) () O texto é um radioteatro que trata de um misterioso aparecimento de extraterrestres, e é narrado como sendo isso algo verídico.
- b) () Os fatos ocorrem na zona urbana, na cidade de São Paulo.
- c) () Os efeitos sonoros (sonoplastia) representa um ambiente rural, e podemos ouvir o ladrar de cães, portas se abrindo e tiros.
- d) () No texto ocorre a descrição dos extraterrestres, mas não há elementos descrevendo os seres humanos presentes na cena.
- e) () O narrador da história não tem dúvidas de que os extraterrestres estiveram naquela fazenda.
- f) () O programa é patrocinado pelo sabão “E.T da Família Sotan”.

CONHECENDO O GÊNERO...



03. Ouça com atenção o radioteatro “Departamento Nacional de Más Notícias” (“Tancredo e Trancado”,) e responda as questões abaixo:

Radioteatro: “Departamento Nacional de Más Notícias”

Locutor: E as pílulas do Dr. Rossi, através da Rádio Nacional, passam a apresentar: “Tancredo e Trancado”. Brandão Tancredo Filho e Apolo Trancado Correia, numa história de Ghieronni, desta vez intitulada “Departamento Nacional de Más Notícias”. Não permita que um fígado rebelde prejudique a sua saúde e afete a sua boa disposição roubando-lhe o bom humor, tome as pílulas Rossi, e diga “isso é que é vida”. Com as pílulas do Dr. Rossi. Tomadas regularmente, as pílulas estimulam o fígado, devolvendo o bom humor. Com as pílulas do Dr. Rossi você terá um fígado em boas condições e recobrará a alegria de viver. Olhe a vida com bons olhos, nunca deixando faltar em sua casa as pílulas do Dr. Rossi. “Pequeninas, mas resolvem.”

P1: - Alô? “Departamento Nacional de Más Notícias”... Quem fala aqui é o urubu rei. (risos) Como? Quebrou a perna? Em quantos lugares? (risos) A notícia custa cinquenta cruzeiros. É, sim. Vinte e cinco cruzeiros por cada fratura. Sinto muito. Sinto muito. Não podemos relaxar a tabela... Mas na próxima vez se ele quebrar as duas pernas eu faço uma diferença... ok? O endereço faz favor... Sim... Sei, sei, sei... Muito bem. A senhora quer que dê a notícia com música ou sem música? (risos) Ah... com música... bom, então tem um acréscimo de dez cruzeiros para a afinação do instrumento. Muito bem madame, o nosso lema artístico diz tudo: “A má notícia é uma delícia quando dada pelo “Departamento Nacional de Más Notícias”...

(desliga o telefone)

P1: - Venha cá, azarento número 2.

P2: - O que foi, azarento número 1.

P1: - Você vai até esse endereço e procura uma senhora chamada Marieta e diz a ela que o marido dela quebrou a perna. Duas fraturas!

P2: - Oba! Duas fraturas! A freguesia tá aparecendo!

P1: - Graças a Deus! Se continuar assim a firma vai “fraturar” muito dinheiro. Não perca tempo: mãos a obra. E a obra é a perna do marido da D. Marieta.

P2: Ao invés da perna do marido bem que podia ser a perna da D. Marieta...

X: - Tancredo, Tancredo, faz o favor de me escutar.

P1: Um momento Xandoca, é proibido conversar com o motorista. Trancado, a notícia é com música, hein. A notícia deve ser dada de uma maneira suave, de acordo com a técnica, que é pra D. Marieta não levar um choque.

X: - Tancredo, eu quero saber se...

P1: - Xandoca, por favor, não atrapalhe quem está trabalhando... Ou melhor, você pode até colaborar.

P1: - Trancado, faz de conta que a Xandoca é a D. Marieta.

P1: - Xandoca, você faz uma cara assim de mulher cujo marido quebrou a perna, mas ela ainda não sabe.

X: - Que cara é essa? Só pode ser a cara de uma idiota...

P1: - Está bem. Então fica ao natural. (risos)

X: Tancredo, Tancredo.

P1: Digo, digo... fica ao natural da D. Xandoca, ou melhor, da D. Marieta.

P1: Trancado, a Xandoca vai fazer o papel da D. Marieta. Tu bate na porta e dá a dona notícia.

P2: - E quem faz o papel de porta?

P1: Eu faço. Eu faço. (Tancredo imita a batida em uma porta: tã tã tã tã tã). Uannn...

P2: - Que isso?

P1: - É a falta de azeite na dobradiça da porta.

P2: Ahn, a porta rangindo...

P1: Vamos lá! A porta abriu. D. Marieta apareceu e tu sapeca a notícia.

P2: - Minha senhora, eu sou do “Departamento Nacional de Más Notícias”, quero falar com D. Marieta.

X: - Eu sou D. Marieta.

P2: - D. Marieta, o Tancredo quebrou a perna.

P1: - Não, sua girafa sem pijama. Quem quebrou a perna foi o marido dela.

P2: - E ocê num é o marido dela?

P1: - Mas no momento essa não é a Xandoca.

P2: - Não é não? Menino, mas olha que é muito parecida...

P1: - Tancrado, tu é filho único não é?

P2: - Sô sim, mas como é que você sabe?

P1: - Eu sei, eu sei... porque burro assim só nasce um em cada família. Anda rapaz, dá a notícia.

P2: - D. Marieta, o seu marido quebrou a perna em dois pontos.

X: - É, que pontos?

P2: - O ponto falso e o ponto sem nó.

P1: - Não! Não! Seu radiador de carroça puxado a burro. Onde é que está o lema “faça de sua notícia uma delícia”? Pra isso nós somos periquito... ou melhor, perito. Dá a notícia suavemente, mas com música.

P2: - Ah, pode deixar. Faz a porta aí.

P1: - Tã tã tã tã tã. Pronto. Abriu.

P2: - Não abriu não, não escutei o rangido. (risos)

P1: - É que eu já passei azeite nas dobradiças. Segue.

X: - Eu sou D. Marieta. Que quer comigo?

P2: - (em ritmo de ópera) Não se apure... Óh Marieta... porque a coisa... tá meia preta... Venho dizer-lhe... óh Marieta... que o seu mariiido... ficou pernetta... tá de muleta... (...)

(<http://www.tropix.nce.ufrj.br/teatro/06.%20Departamento%20Nacional%20de%20M%C3%A1s%20Not%C3%ADcias.m p3>)

QUESTÕES DE INTERPRETAÇÃO.

A. Provavelmente, em que meio de comunicação este texto foi originalmente veiculado? Como é possível chegar a esta conclusão?

B. O programa tem patrocinador? Qual produto?

C. O radioteatro acima é uma peça de mistério, de suspense, jornalístico ou de humor? Cite um trecho do texto comprovando sua resposta.

D. Os radioatores usam efeitos sonoros (sonoplastia)? Quais?

E. Qual o espaço, ou seja, onde os fatos ocorrem? Transcreva os trechos do texto que justifiquem sua resposta.

F. A radionovela mantém relação com a realidade, com a história de nosso país ou os fatos e personagens são frutos da imaginação? Justifique sua resposta.

G. A frase “**A má notícia é uma delícia quando dada pelo Departamento de Más Notícias**” representa o slogan da empresa. Se você fosse o(a) novo(a) dono(a) desta empresa, qual seria o **novo slogan**?

H. No texto de “Tancredo e Trancado, em que moeda é calculado o preço do serviço? Isso demonstra que o texto é mais antigo ou mais recente?

I. Se hoje existisse no Brasil um “**DEPARTAMENTO NACIONAL DE MÁS NOTÍCIAS**” o que seria narrado por ele?

J. E se este Departamento fosse **SOMENTE** de “**BOAS NOTÍCIAS**”, o que seria dito por ele?

DE OLHO NA LÍNGUA...



“Pai: - Ali, ali meu filho.

Filho: - Sim, papai, estão na minha mira.

Mãe: - Deixa esse comigo! Lá vai fogo!

Pai: - Não descuidem! Eles podem invadir a casa e são muitos.”

Pai, mãe e filho se viram surpreendidos pelos extraterrestres. Então decidiram abrir fogo, pois queriam evitar que invadissem a casa.

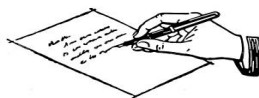
Como podemos perceber pelos textos acima, no radioteatro ocorre o uso de falas na forma direta, ou seja, assim como foram ditas pelos personagens, e também o uso de discurso indireto, quando a voz narrativa conta os fatos.

DISCURSO DIRETO E INDIRETO:

O **discurso direto** é caracterizado por ser uma transcrição exata da fala das personagens, sem participação do narrador. É comum o uso de dois pontos enunciando a fala e travessão ao início da mesma.

O **discurso indireto** é caracterizado por ser uma intervenção do narrador no discurso ao utilizar as suas próprias palavras para reproduzir as falas das personagens, recontando as ações.

(Adaptado de <https://www.normaculta.com.br/discurso-direto-e-indireto/>)



MÃO NA MASSA...

01. Leia os textos abaixo e explique se correspondem a **DISCURSO DIRETO** ou **DISCURSO INDIRETO**:

Texto A: “Piada do Joãozinho”

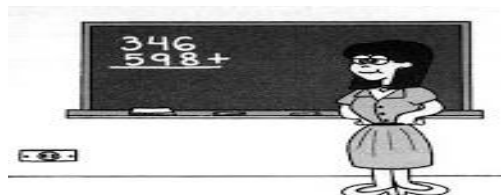


- Professora!
- Que é, Joãozinho?
- Eu quero dizer uma coisa muito importante.
- Fala.
- Estou com medo de assustar a senhora.
- Pode falar.
- É o papai.
- O que tem ele?
- Sei não. Ele disse que, se eu tirar zero este mês, alguém vai levar uma surra.

Ziraldo, *As anedotinhas do Bichinho da Maçã*. São Paulo, Melhoramentos.

(<https://www.pinterest.pt/pin/615374736557440468/>)

Texto B: “Resumo da Piada”



Joãozinho falou para a professora que queria dizer uma coisa muito importante para ela. A professora pediu que ele falasse.

Mas o garoto disse que estava com medo de assustá-la. Mesmo assim, ela pediu que ele falasse. Joãozinho, então, disse que era o pai. A professora perguntou o que tinha com o pai.

Joãozinho, com a maior cara-de-pau, falou que não sabia, não. Sabia que o pai tinha dito que, se ele tirasse zero naquele mês, alguém levaria uma surra.

(<https://br.pinterest.com/pin/535928424401502771/>)

TEXTO C: “TIRA CÔMICA: CALVIN”



(<http://diogoprofessor.blogspot.com.br/search/label/discurso%20direto%20e%20discurso%20indireto>)

02. Escute o radioteatro * “**ATurma da Maré Mansa: A Velha Surda**”, disponível em (<https://www.youtube.com/watch?v=2gf8G-lhLLg>) e assinale (v) para verdadeiro ou (f) para falso:

A TURMA DA MARÉ MANSO: A VELHA SURDA

No rádio: A turma da Maré Mansa! Pois é, pois é! A velha surda é da maré!

Velha surda: - Óh, querido, óh querido, óh querido Clementino.

Senhor: - Xi, acabou minha leitura...

Velha surda: - Olá! Como é que vai, meu menino do Rio?...

Senhor: - Ah, vai encher sua tia!

Velha surda: - Ah, vai a uma livraria?! Então eu vou junto. Quer comprar um livro? Que livro você vai comprar?

Senhor: - Vai começar minha aflição!

Velha surda: - Um livro de ficção?! Ah, eu adoro ficção! E é sobre o que a história de ficção, hein?

Senhor: - Eu vou sair dessa rua!

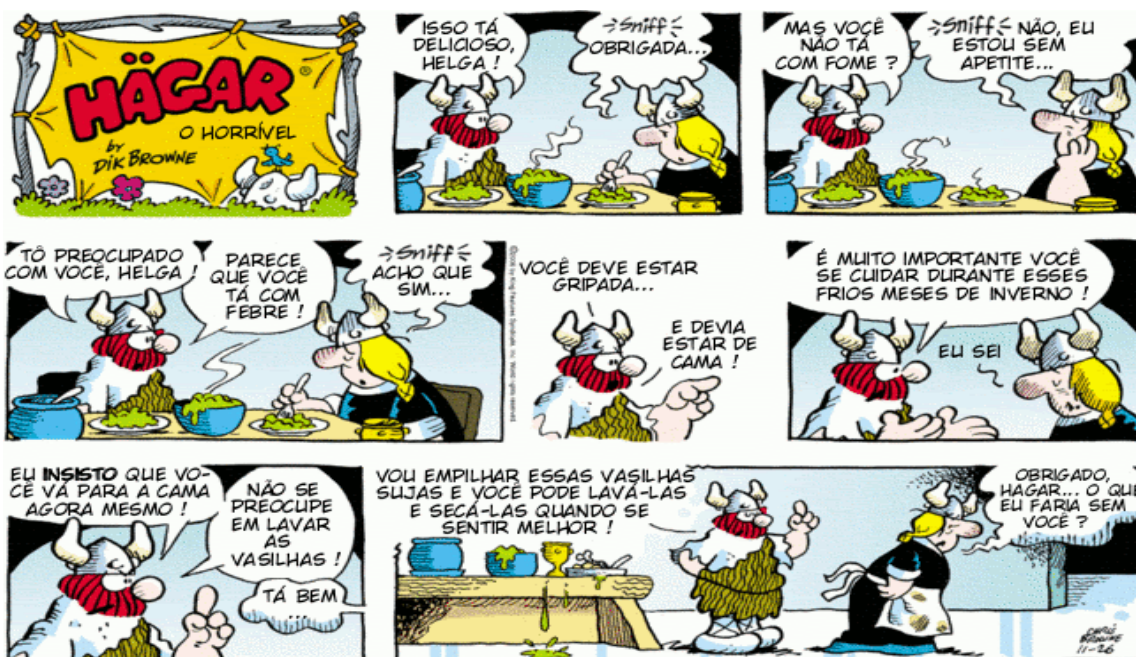
Velha surda: - Uma viagem à Lua! (...)

(<https://www.youtube.com/watch?v=2gf8G-lhLLg>)

* A Turma da Maré Mansa foi um programa humorístico de rádio, exibido nos anos 70/80 pelas emissoras cariocas: Rádio Mauá, Tupi e Rádio Globo. O nome do programa era uma alusão ao seu patrocinador, A Impecável Maré Mansa, loja de roupas situada no Centro do Rio de Janeiro, com filiais em vários bairros da cidade.

- a) () Neste fragmento temos o uso de Discurso Direto, pois as falas das personagens são apresentadas da forma como os personagens as produziram.
- b) () No texto acima ocorre o uso de Discurso Indireto, uma vez que existe uma conversa entre pessoas.
- c) () No texto ocorre efeitos sonoros (sonoplastia), como o ruído de chuva, trovões, etc...
- d) () As rimas são as grandes responsáveis pelo efeito de humor da peça radiofônica.
- e) () O uso de travessões é uma das marcas linguísticas do Discurso Direto empregado no texto.

03. Leia a tira abaixo e conte a história da tirinha em DISCURSO INDIRETO:



(<https://coisa-louco.blogspot.com.br/2011/12/hagar-o-horrivel.html>)

UNIDADE 4: VIVENCIANDO ESTE UNIVERSO



(<http://www.dgabc.com.br/Noticia/785689/de-volta-ao-mundo-da-radionovela#>)

Uns são jogadores, outros médicos, outros são cozinheiros...

01. E você? Quais são seus talentos?

02. Você é um bom redator?

03. Você é um bom sonoplasta?

04. Sonha um dia em ser artista de sucesso?

Que tal começar a trilhar este caminho?!

Então responda agora:

05. QUAIS SÃO OS SEUS TALENTOS?

A HORA DO OUVINTE...



02. Ouça atentamente o fragmento do radioteatro “Lei Maria da Penha: dando um basta na violência” – Episódio: “Volta ao lar”. Em seguida, assinale (V) para verdadeiro ou (F) para falso:

- a) () O marido usa verbos no Imperativo, ordenando que sua esposa abandone a casa.
- b) () Pela sonoplastia, ou seja, pelos efeitos especiais, podemos perceber que os fatos ocorrem somente na cozinha da casa.
- c) () O sotaque dos personagens denota que o radioteatro foi gravado na cidade de Londrina (Paraná).
- d) () O programa tem caráter educativo, e os personagens representam fatos que ocorrem em nossa sociedade.
- e) () O texto reforça a lei *Maria da Penha, criada para proteger os direitos das mulheres em nosso país.
- f) () No final o marido queima a casa e foge com o dinheiro de Maria.

** Para conhecer mais sobre a lei Maria da penha acesse:*

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm

DE OLHO NA LÍNGUA...



Os trechos abaixo foram retirados do radioteatro que acabamos de ouvir. Leia em voz alta e diga qual deles representa uma linguagem mais popular e qual representa linguagem culta.

- Sua patroa tem razão, dona Maria: seu marido não vai tomar a sua casa. Ele vai ter que sair de lá.

- Sim, senhora, delegada.

- E tu acha que ela tá errada, é? (...) Se ele me bate eu denuncio e boto (ele) na cadeia. Não sô saco de pancadas...

Assim como a roupa que vestimos, em diversos momentos usamos diferentes linguagens, dependendo de onde estamos, com quem conversamos, etc. A seguir, trataremos mais sobre isso:

LINGUAGEM CULTA E COLOQUIAL

➤ LINGUAGEM COLOQUIAL OU INFORMAL:

A linguagem coloquial, também chamada de linguagem informal ou linguagem popular, nada mais é do que a linguagem falada no dia a dia pela maior parte dos falantes brasileiros. É linguagem usada com familiares, amigos, conhecidos, vizinhos, etc., em situações cotidianas de comunicação, como conversas descontraídas, diálogos espontâneos, mensagens de celular, chat..., que responde a necessidades de comunicação imediata, acontecendo em tempo real. Assim, é normal que ocorram algumas incorreções linguísticas, havendo um maior relaxamento em relação às regras gramaticais, o que não deve ocorrer na linguagem escrita. A linguagem coloquial está sujeita a variações regionais, culturais e sociais, recorrendo ao uso de vocabulário simples, de expressões populares e de gestos que acompanham a fala. É considerado por muitos como um registro pouco prestigiado e incorreto. Isso não corresponde, contudo, à realidade. A linguagem coloquial é a expressão viva de uma língua em uso. O único inconveniente no uso da linguagem coloquial é se o falante não souber fazer a transição desse tipo de linguagem para a linguagem formal nos momentos em que essa é exigida, como em concursos públicos, entrevistas de emprego, documentos oficiais...

PRATICANDO...

2.1. Associe as definições aos exemplos de normal coloquial (ou informal):

(1) Utilização do verbo **ter** com sentido de existir:

(2) Utilização da próclise no início das frases:

(3) Utilização de **a gente** em vez de **nós**:

(4) Utilização de palavras abreviadas ou contraídas:

(5) Utilização de gírias, palavrões e palavras inventadas:

(6) Utilização de palavras para articulação de ideias:

- | | |
|---|------------------------------------|
| A. () A gente vai hoje! | D. () Foi, tipo, muito engraçado! |
| B. () Pô, que caô meu irmão! | E. () Tem muita gente na festa. |
| C. () Cê tá certo, o mercado é pra lá. | F. () Te amo! |

➤ LINGUAGEM CULTA OU FORMAL:

A linguagem formal pode ser nomeada também de registro formal. É usada quando não há familiaridade entre os interlocutores da comunicação ou em situações que requerem uma maior seriedade.

Características da linguagem formal:

- Utilização rigorosa das normas gramaticais (norma culta);
- Pronúncia clara e correta das palavras;
- Utilização de vocabulário rico e diversificado;
- Registro cuidado, prestigiado, complexo e erudito.

Situações de uso da linguagem formal:

- Em discursos públicos ou políticos;
- Em salas de aula, conferências, palestras, seminários;
- Em exames e concursos públicos;
- Em reuniões de trabalho e entrevista de emprego;
- Em documentos oficiais, cartas, requerimentos;

Público-alvo da linguagem formal:

- Superiores hierárquicos;
- Autoridades religiosas, oficiais, políticas;
- Público alargado;

- Público desconhecido; etc.

Geralmente, com a família e os amigos usamos uma linguagem mais descontraída, ou seja, uma **linguagem informal**. Com superiores hierárquicos usamos uma linguagem mais cuidada, ou seja, uma **linguagem formal**. Assim, podemos concluir que diferentes contextos sociais e comunicativos exigem diferentes linguagens. É essencial que o falante saiba adequar o seu discurso aos diferentes contextos comunicativos, principalmente para garantir uma adequação linguística em contextos profissionais e acadêmicos. (<https://www.normaculta.com.br/linguagem-coloquial/>)



MÃO NA MASSA...

03. Leia atentamente a tira abaixo e, com base nas discussões realizadas anteriormente, justifique qual foi a(s) linguagem(ns) usada(s) na mesma:



(<https://pt.slideshare.net/taiinacostta/linguagem-culta-x-coloquial>)

culta-x-coloquial)

04. Leia atentamente o texto abaixo e responda as questões:

Receita casêra minêra de fogado de côi no ái e ói

Us Ingridienti:	1 cuié di xá di caldo de pimenta
5 dendi ái.	cumarim.
3 cuié di ói ô gurdura di porco.	Uns torresmin picádu binnnn
1 môi di côi.	piquinim, biiiiiin
1 cuié rala di sobremesa di	quibradim.
mastumati.	Sá agosto.

- Mófifazê

Casc'uí, pic'uí i soc'uí cum sá. Quenta u ói na cassarola.

Fógu'ái socado nu ói quenti. Pica as côi biiimm finin.

Fóga as côi nu ói quênti junto c'uí fogado. Ajunta a mastumati.

Põim a pimenta i us torresmin i mexi c'ua cuié di pau prá fazê o fogado.

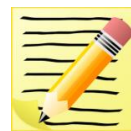
Sirva com roizinho bin soltim, linguçim, tutú i ôvu istalad.

(<http://diogoprofessor.blogspot.com.br/2018/02/atividade-sobre-variedades-linguisticas.html>)

a) O texto acima representa uma mostra de linguagem culta ou linguagem coloquial? Justifique sua resposta.

b) Reescreva as últimas 6 linhas do texto, passando-as para a linguagem culta (padrão):

CONHECENDO O GÊNERO...



05. Ouça atentamente o fragmento abaixo. Em seguida, preencha as lacunas com os Sinais de Pontuação que melhor expressem a interpretação dos autores:

Radionovela: "Meu nome, minha história." (Capítulo 1)

(na praça)

Janete: Júlia ____ Júlia ____ o Pedro chegou ____

Júlia: Oi ____ Pedro ____

Pedro: Oi ____ Julia ____ Preciso falar algo muito sério pra você ____

Júlia: Meu Deus ____ Pedro ____ O que foi ____

Janete: Bom ____ Zé ____ vamos deixar os dois conversar à vontade ____

Zé: Ok ____ vamos lá ____

(rua ao lado da praça)

Janete: O que será que ele queria dizer pra ela ____ hein ____

Zé: Logo ela vai nos dizer ____ Olha lá ____ é a Lúcia ____

Janete: Ai ____ meu Deus ____ meu irmão ____ não sei o que você vê nessa chata da Lúcia ____ ela é muito chata ____ Não sei por que Ana anda com ela ____

Ana: Oi gentiii ____

Janete: Oi ____ Ana ____

Zé: Oi ____ Lúcia ____

Janete: Oi e tchau ____ porque nós estamos atrasadas para fazer umas compras ____

Ana: É ____ nós vamos comprar roupas para a Lúcia ____ lá no shopping centro ____

Janete: Ai ___ sua burra ___ É shopping centi ___ “Centi” ___ com “i” ___ entendeu ___

Ana: Ah ___

Janete: Adeus ___

Ana: Tchau ___ gentiii ___

Zé: Viu ___ é por isso que eu gosto dela ___ é tão inteligente ___

Janete: Hum ___ não sei não ___

(na praça)

Júlia: Fala ___ Pedro ___

Pedro: Ah ___ nós estamos namorando há tanto tempo ___ um tempão Ju ___ Acho que já está na hora da gente casar ___ O que você acha ___

Júlia: Meu Deus ___ meu amor ___ eu acho ótimo ___

Pedro: Só tem um problema ___ Com o que eu ganho não dá ___ Então pensei ___ se você também trabalhar ___

Júlia: Ah ___ claro ___ claro ___ Pedro ___ Cê sabe que eu já estava até começando a procurar ___ As coisas aqui em casa não andam tão fáceis ___ viu ___

Pedro: Mas se você casar não vai poder ajudar a sua família ___

Júlia: É ___ mas já será uma boca a menos ___ né Pedro ___

Pedro: É mesmo ___ Olha ___ eu até falei com o meu patrão lá na fábrica ___ Ele falou que estão procurando uma faxineira ___ Você quer ___

Júlia: Claro ___

(na fábrica)

Pedro: Seu Geraldo ___ essa é a Júlia ___ minha namorada ___ quer dizer ___ minha noiva ___

Geraldo: Ah ___ muito bem ___ Pedro ___ Parabéns ___ hein ___ É um prazer conhecer você ___ Júlia ___ O Pedro me falou de você ___ Assim que a documentação tiver pronta você começa ___ Traga todos os documentos ___ tá ___

Júlia: É ___ é ___ Documentos ___

Pedro: É ___ Júlia ___ seus documentos ___

Geraldo: Por que ___ Júlia ___ Você não tem documentos ___ Se não tiver ___ sinto muito ___ Aqui na fábrica só empregamos com carteira assinada ___ Não queremos problemas com a Delegacia do Trabalho ___ Se você não tem carteira de trabalho sinto muito ___

(na praça)

Olavo: Casamento ___

Ana: É ___ Olavo ___ foi o que ouvi dizer ___ que o Pedro pediu a Júlia em casamento ___

Lúcia: E você vai deixar por isso mesmo Olavo ___

Olavo: Ué ___ e o que eu posso fazer ___

Lúcia: Sei lá ___ qualquer coisa ___ mas tem que impedir esse casamento ___

Ana: Lúcia ___

Lúcia: Ana ___ Você sabe que eu sou louca pelo Pedro ___ com outra ele não casa ___ Muito menos com a aguada da Júlia ___ Ah ___ mas não casa mesmo ___

Olavo: Oh ___ não fala assim ___ eu gosto dela ___

Lúcia: Problema seu ___ meu amigo ___ problema seu ___

Olavo: É ___ tá certo ___ Eu vou impedir este casamento ___

(na fábrica)

Pedro: Júlia____ eu não imaginava que você não tinha documentos____ Nem a certidão de nascimento____

Júlia: Pedro____ a gente não tem dinheiro nem para comer direito hoje em dia____ imagina naquela época____ Mamãe é sozinha____ esqueceu____ Não tinha dinheiro pra certidão de nascimento____

Pedro: Mas hoje em dia a certidão não é paga____ Júlia____

Júlia: Ah____ eu não sabia____ Mas aqui nem tem cartório____

Pedro: Além do mais o seu Geraldo falou que não dá pra esperar ____ vai dar o emprego pra outra____

Júlia: Poxa____ e agora____

Pedro: Agora não tem jeito____ Júlia____ Não vai mais ter casamento____

Júlia: Pedro____

(<http://www.tropix.nce.ufrj.br/teatro/>)

06. QUESTÕES DE INTERPRETAÇÃO:

A. Provavelmente, em que meio de comunicação (televisão, rádio, internet, etc.) este texto foi originalmente veiculado? Como é possível chegar a esta conclusão?

B. Quem são os personagens do texto? Como você os imagina?

C. Onde ocorrem os fatos? Como você os imagina?

D. Explique o título do texto: “Meu nome, minha história”.

E. No diálogo acima os personagens empregaram linguagem culta ou coloquial? Por que isso ocorreu? Cite um trecho que comprove sua resposta.

F. A sonoplastia, ou seja, os efeitos sonoros contribuem para a melhor compreensão do texto? O que eles representam neste texto?

G. A protagonista do texto, Júlia, não possuía documentos pessoais por falta de informação ou por dificuldades financeiras? O que isso acarretou em sua vida?

H. Em seu bairro ou em sua cidade você conhece pessoas que nunca possuíram documentos pessoais? Que conselhos você daria para alguém nesta situação?

I. O texto é uma narrativa que busca simplesmente o entretenimento, a diversão, ou ele também contribui para que os ouvintes possam refletir sobre sua realidade, ou seja, sobre os problemas de sua própria comunidade? Justifique sua resposta.



TAREFA FINAL.

07. Nesta última Unidade, o objetivo será a elaboração e apresentação de um texto de Radioteatro. Para tanto, seguiremos as etapas a seguir:

- ✓ Serão formados grupos de 5 a 6 alunos.
- ✓ Nos grupos os alunos deverão apontar quais são os problemas mais significativos que enfrentam hoje (em seu bairro, em sua escola, em sua cidade, em seu país, ou mesmo no planeta).
- ✓ Dentro de cada grupo será realizado uma discussão para que cada grupo eleja o problema a ser tratado nesta atividade. Diante desta dificuldade (o “problema” apontado), deverão redigir um texto narrativo no qual os personagens vivenciem este problema. Tal narrativa deverá conter uma voz narrativa, diálogos em discurso direto, estar assentada em um tempo e espaço determinados, etc.
- ✓ Os textos deverão ser entregues ao professor por escrito, em data determinada, para que possam ser realizadas possíveis orientações.
- ✓ Posteriormente, cada grupo realizará o ensaio da leitura oralizada dos textos, em sala de aula. Também serão responsáveis por buscar formas para representar os “efeitos sonoros” pertinentes ao texto, e demais adequações que busquem trazer a realidade de um estúdio de rádio.
- ✓ Por fim, ocorrerá a leitura dramatizada dos textos pelos alunos – em sala de aula ou espaço adequado para tanto. Será discutida com os alunos e com a direção do colégio a possibilidade de que a apresentação também ocorra para outras turmas do colégio.



UM OLHAR NO HORIZONTE...

08. Antes de finalizarmos este trabalho, mais uma vez, gostaríamos de dar voz aos pensamentos e ações dos alunos envolvidos. Para tanto, solicitamos que respondam as questões a seguir:

Perfil:

A. Idade:

- a) () 0 a 12 anos
 b) () 13 a 15 anos
 c) () 16 a 18 anos
 d) () 19 a 60 anos
 e) () mais de 60 anos

B. Sexo:

- a) () Masculino
 b) () Feminino

C. Com quem mora: (assinalar todas as respostas possíveis)

- a) () meu pai
 b) () minha mãe
 c) () meu(s) irmão(s)
 d) () meu tio/minha tia
 e) () meu avô/minha avó
 f) () meu padrasto/minha madrastra
 g) () Outro: _____

D. Que estilo(s) musical(ais) você gosta de ouvir no rádio? (Pode ser assinalada mais de uma alternativa)

- () sertanejo
 () funk
 () rap
 () forró
 () religioso
 () ópera
 () samba
 () pagode
 () mpb
 () música eletrônica
 () clássica
 () outro(s): _____

I. Você tem aparelho(s) de rádio em sua residência?

- () Não, não tenho.
 () Sim, tenho um aparelho.
 () Sim, tenho dois aparelhos.
 () Sim, tenho três aparelhos.
 () Sim, tenho quatro ou mais aparelhos.

II. Em seu dia-a-dia, como você tem contato com o rádio? (Assinalar mais de uma, se necessário)

- () Não tenho contato.
 () Ouço o rádio num aparelho de rádio que tenho em minha casa.
 () Ouço o rádio no carro, enquanto alguém dirige/ eu dirijo.
 () Ouço o rádio no ônibus.
 () Ouço o rádio pelo celular.
 () Ouço o rádio do vizinho.
 () Ouço o rádio pela internet.
 () Ouço o rádio pela televisão.
 () Outro: _____

III. Geralmente, onde você costuma ouvir rádio?

- () em casa
 () na escola
 () na rua
 () na casa de amigos
 () caminho do trabalho ou da escola
 () Outro: _____

IV. Geralmente, em que horário(s) você costuma ouvir rádio? (Pode ser assinalada mais de uma alternativa)

- | | |
|---------------------------------|---|
| <input type="checkbox"/> manhã | <input type="checkbox"/> noite |
| <input type="checkbox"/> almoço | <input type="checkbox"/> madrugada |
| <input type="checkbox"/> tarde | <input type="checkbox"/> varia conforme o dia da semana |

V. Em média, quanto tempo você escuta programas de rádio?

- | | |
|---|---|
| <input type="checkbox"/> Não escuto. | <input type="checkbox"/> de 2 a 4 horas/dia. |
| <input type="checkbox"/> de 01 a 30 minutos/ dia. | <input type="checkbox"/> de 4 a 6 horas/dia. |
| <input type="checkbox"/> de 31 a 60 minutos/ dia. | <input type="checkbox"/> mais de 6 horas/dia. |

VI. Quais programas de rádio você mais gosta? (Pode ser assinalada mais de uma alternativa)

- | | |
|------------------------------------|--|
| <input type="checkbox"/> notícias | <input type="checkbox"/> comentário político |
| <input type="checkbox"/> esporte | <input type="checkbox"/> entretenimento |
| <input type="checkbox"/> músicas | <input type="checkbox"/> horóscopo |
| <input type="checkbox"/> religioso | <input type="checkbox"/> radionovela |

VII. Que importância tem o Rádio para a sua vida?

VIII. Você sabe o que/quais são Gêneros Radiofônicos? E Formatos Radiofônicos? Poderia citar alguns deles?

IX. Você já ouviu falar em Radioteatro/ Radionovela?

X. Com suas palavras, o que é um Radioteatro/ uma Radionovela?

XI. Você já ouviu uma Radionovela? Comente como foi essa experiência.

XII. Assim como você assiste novelas ou séries na televisão, você gostaria de poder ouvir uma radionovela durante a semana? Comente sua resposta.

XIII. Você gostaria de trabalhar em um setor de uma rádio (como locutor, radioator/radioatriz, sonoplasta, técnico, redator, programador, etc) ? Comente.

XIV. Em sua opinião é possível aprender algo com uma Radionovela?

XV. O que você aprendeu com o Projeto sobre Radioteatro nas aulas de Língua Portuguesa neste ano? Que atividades você mais gostou?

XVI. Você gostaria que no ano que vem ocorresse um novo Projeto com atividades envolvendo o Radioteatro? Por quê?

Observações: (pontos positivos e negativos/sugestões/comentários/etc.)

Muito obrigado!

Apêndice B - Resultados obtidos aplicação da primeira pesquisa (Unidade 1)

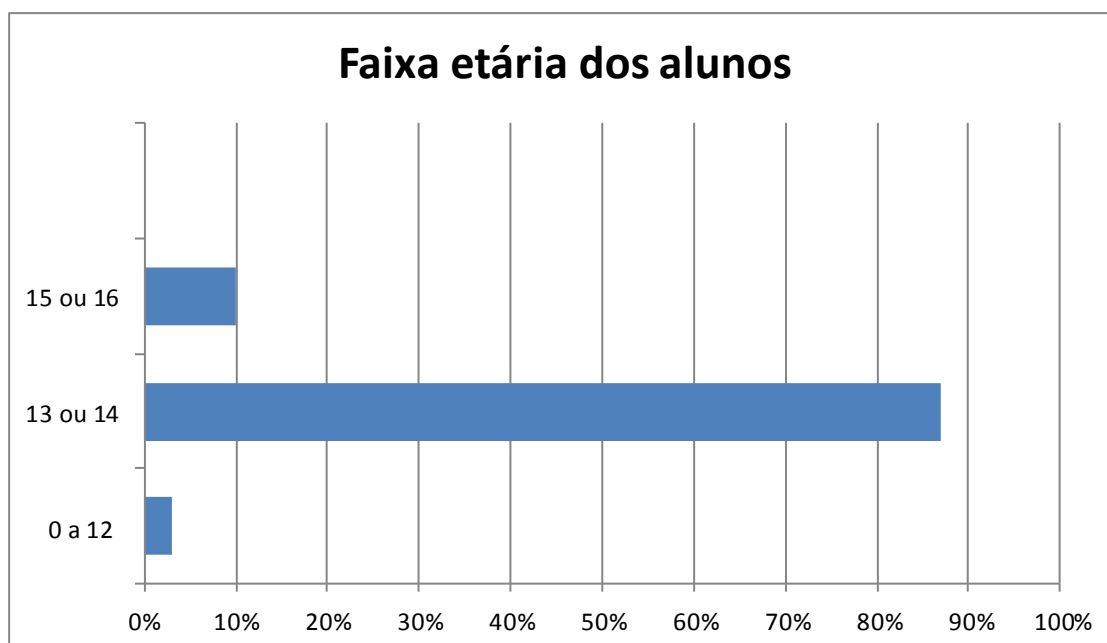
02. Antes de iniciar nosso estudo, gostaríamos de saber o que o Rádio representa para você. Para isso, responda pessoalmente as questões abaixo:

Perfil:

A. Idade:

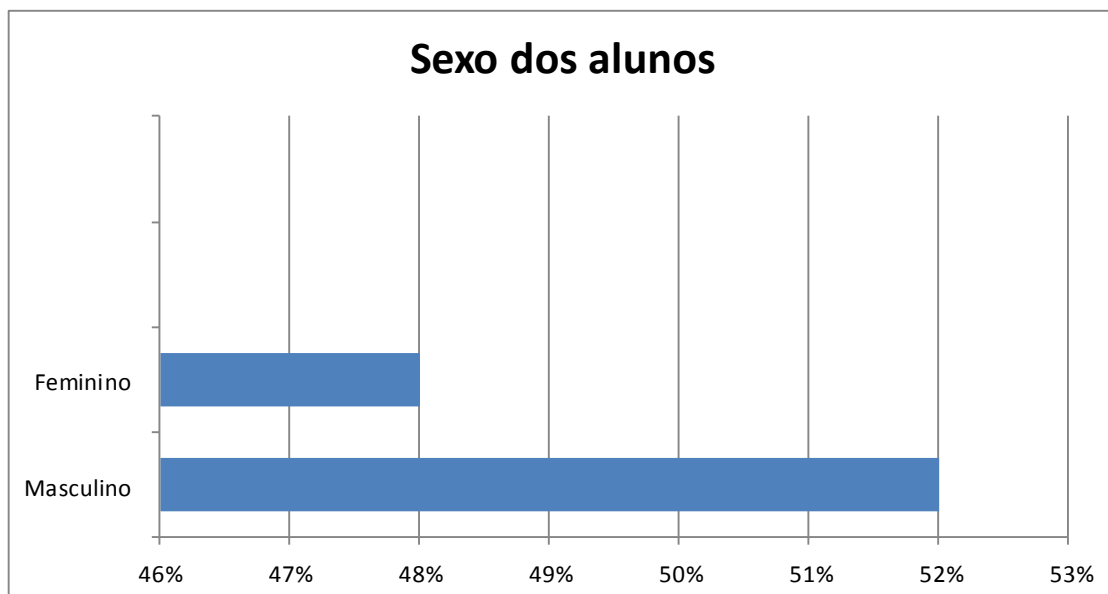
- a) () 0 a 12 anos
b) () 13 a 15 anos
c) () 16 a 18 anos

- d) () 19 a 60 anos
e) () mais de 60 anos



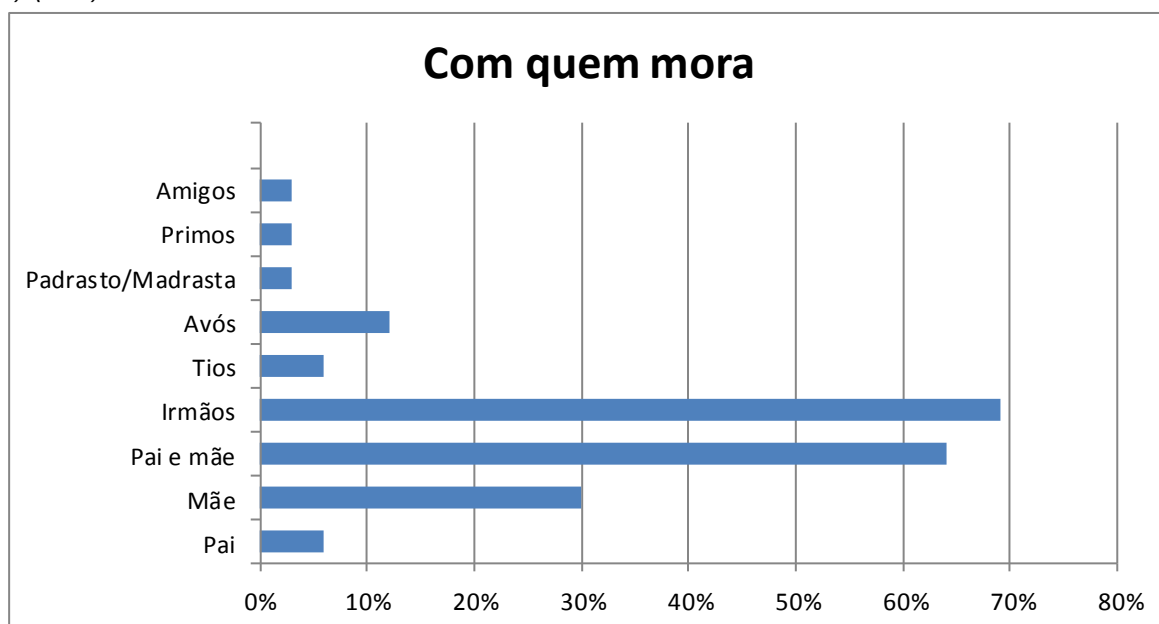
B. Sexo:

- a) () Masculino
b) () Feminino



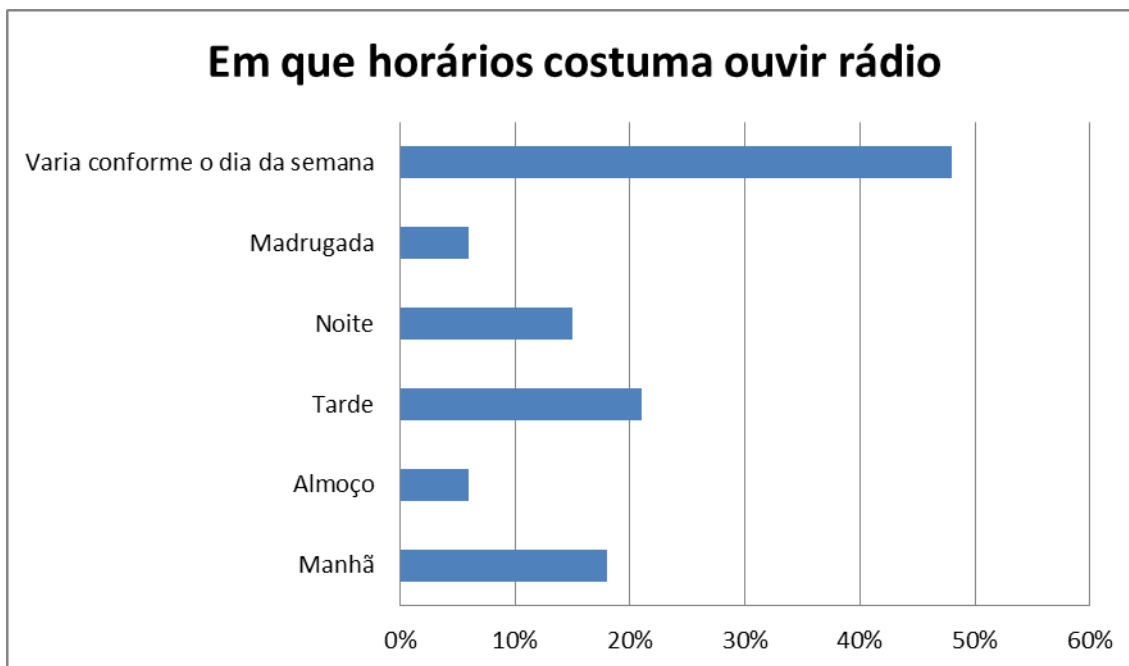
C. Com quem mora: (assinalar todas as respostas possíveis)

- | | |
|---|---|
| a) (<input type="checkbox"/>) meu pai | e) (<input type="checkbox"/>) meu avô/minha avó |
| b) (<input type="checkbox"/>) minha mãe | f) (<input type="checkbox"/>) meu padrasto/minha madrasta |
| c) (<input type="checkbox"/>) meu(s) irmão(s) | g) (<input type="checkbox"/>) Outro: _____ |
| d) (<input type="checkbox"/>) meu tio/minha tia | |



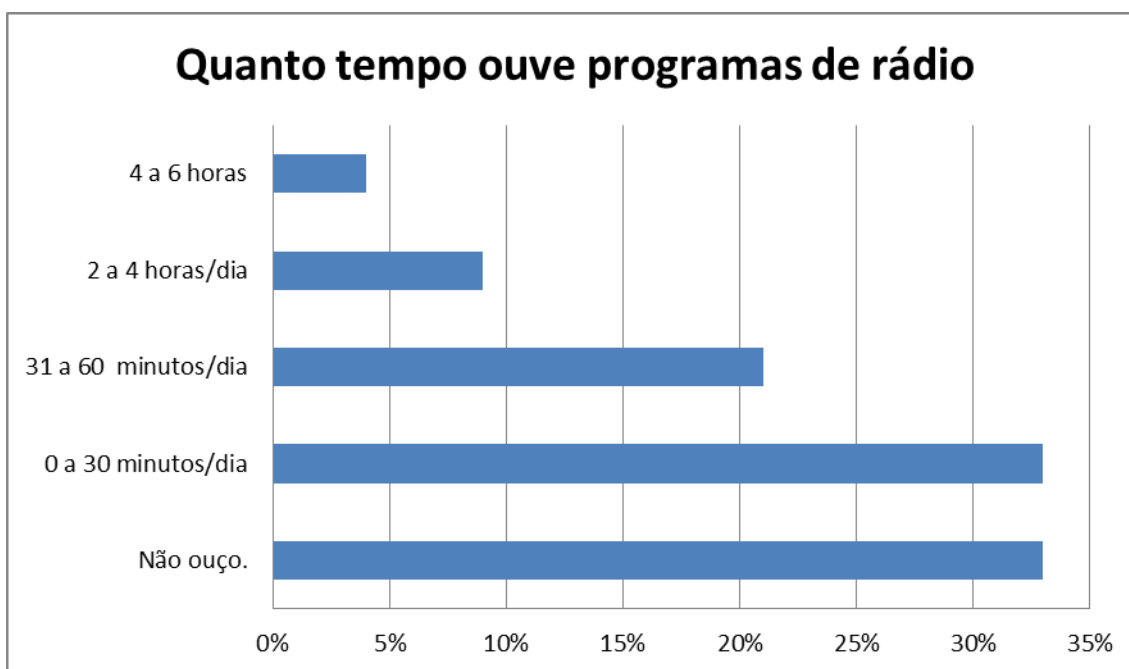
D. Que estilo(s) musical(ais) você gosta de ouvir no rádio? (Pode ser assinalada mais de uma alternativa)

- | | |
|--|--|
| (<input type="checkbox"/>) sertanejo | (<input type="checkbox"/>) samba |
| (<input type="checkbox"/>) funk | (<input type="checkbox"/>) pagode |
| (<input type="checkbox"/>) rap | (<input type="checkbox"/>) mpb |
| (<input type="checkbox"/>) forró | (<input type="checkbox"/>) música eletrônica |
| (<input type="checkbox"/>) religioso | (<input type="checkbox"/>) clássica |
| (<input type="checkbox"/>) ópera | (<input type="checkbox"/>) outro(s): _____ |



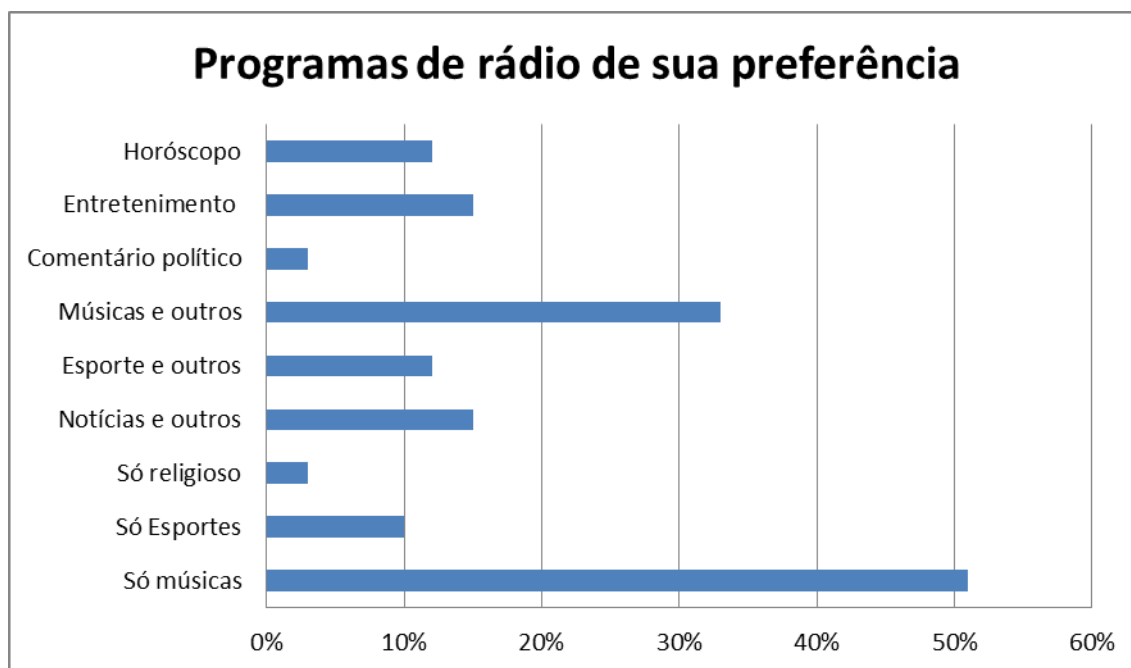
V. Em média, quanto tempo você escuta programas de rádio?

- | | |
|--|---|
| <input type="checkbox"/> Não escuto. | <input type="checkbox"/> de 2 a 4 horas/dia. |
| <input type="checkbox"/> de 01 a 30 minutos/dia. | <input type="checkbox"/> de 4 a 6 horas/dia. |
| <input type="checkbox"/> de 31 a 60 minutos/dia. | <input type="checkbox"/> mais de 6 horas/dia. |

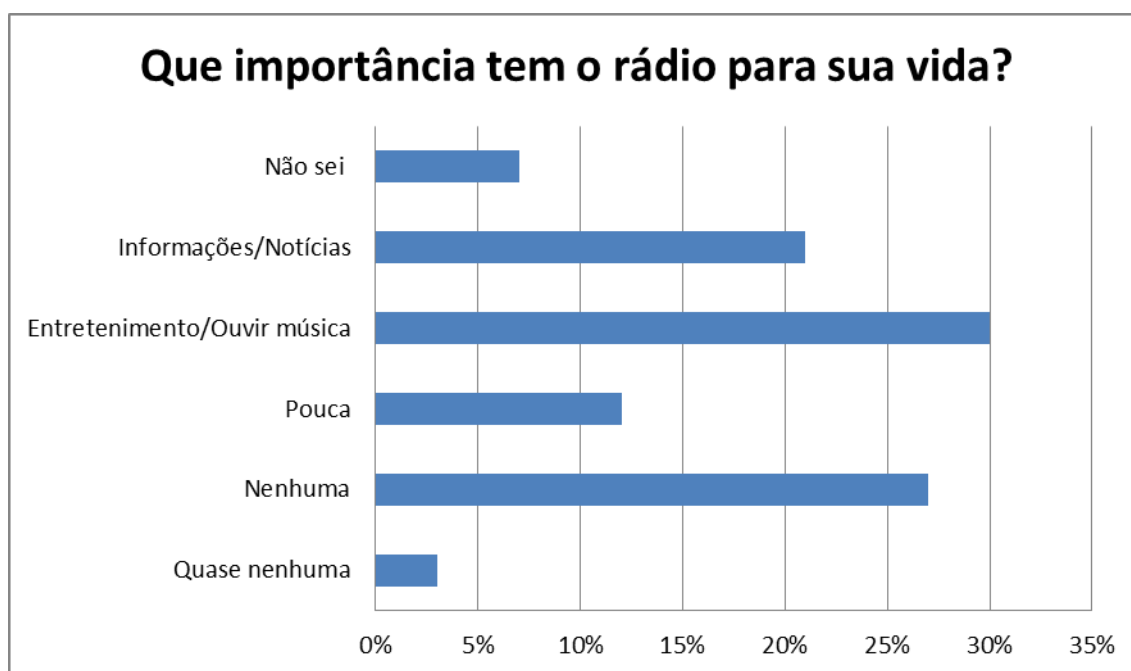


VI. Quais programas de rádio você mais gosta? (Pode ser assinalada mais de uma alternativa)

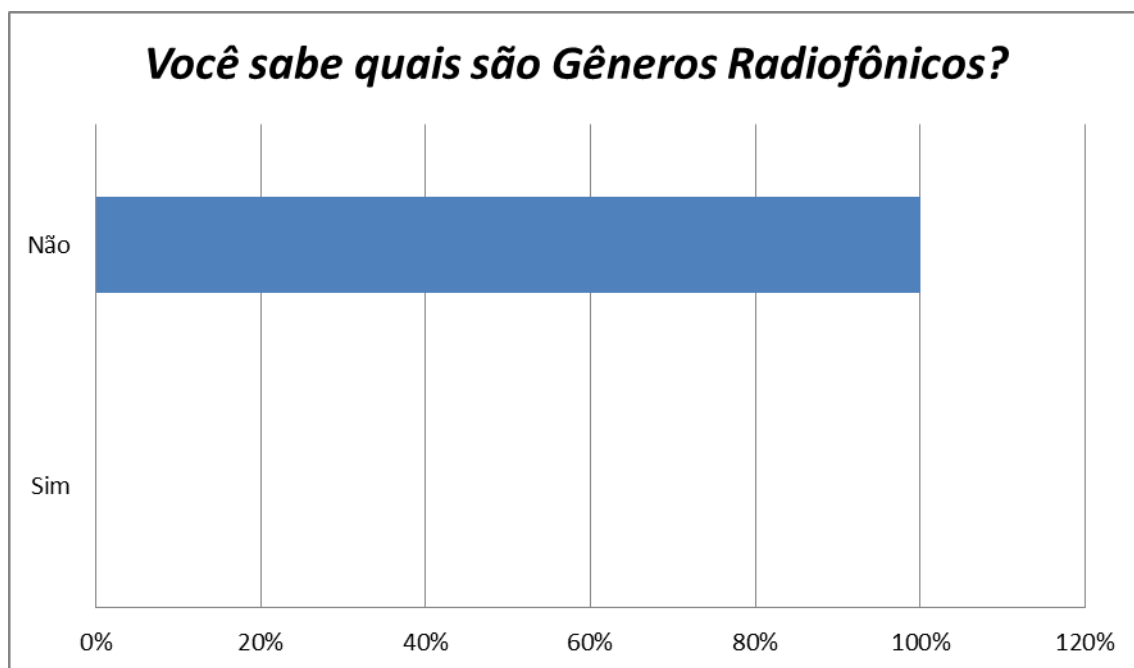
- | | |
|------------------------------------|--|
| <input type="checkbox"/> notícias | <input type="checkbox"/> comentário político |
| <input type="checkbox"/> esporte | <input type="checkbox"/> entretenimento |
| <input type="checkbox"/> músicas | <input type="checkbox"/> horóscopo |
| <input type="checkbox"/> religioso | <input type="checkbox"/> radionovela |

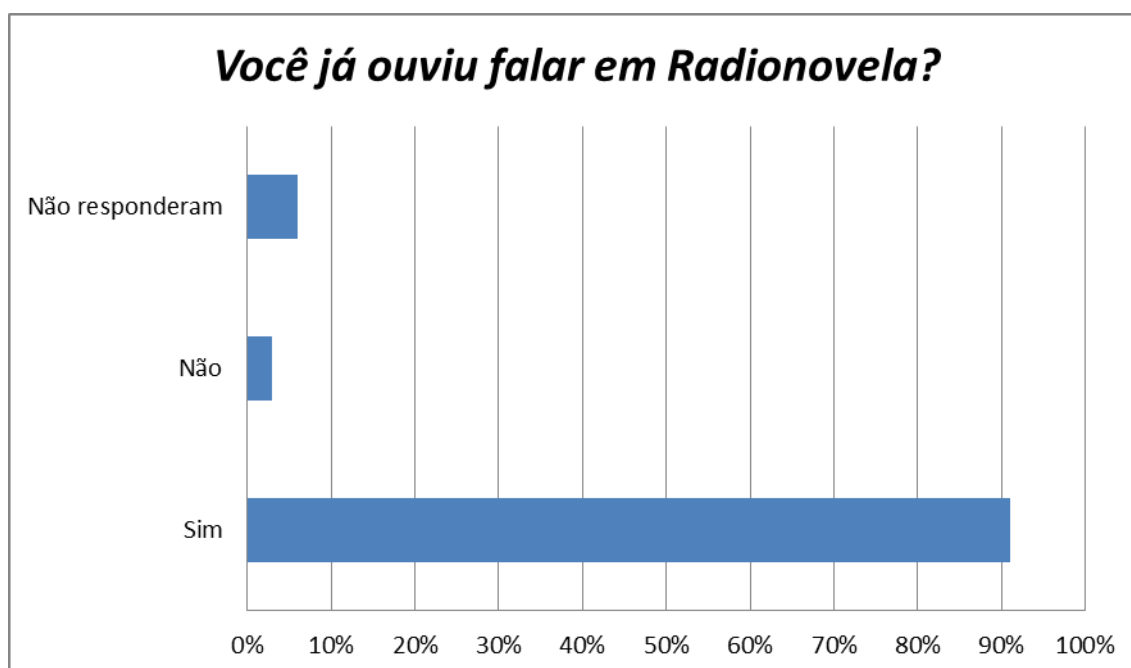
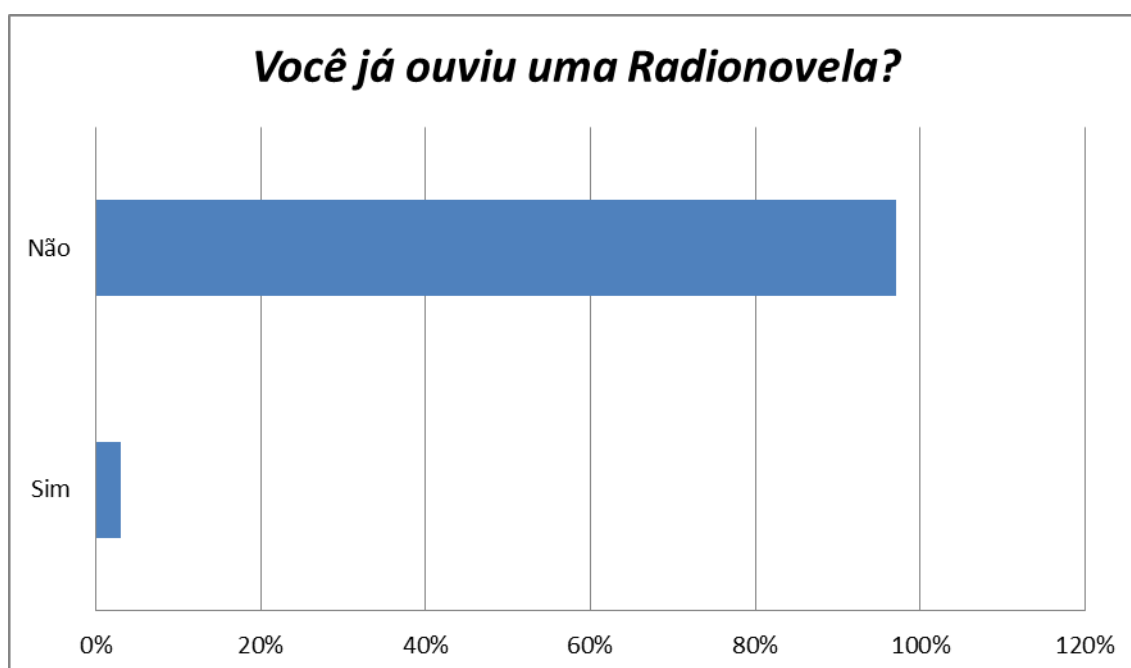


VII. *Que importância tem o Rádio para a sua vida?*

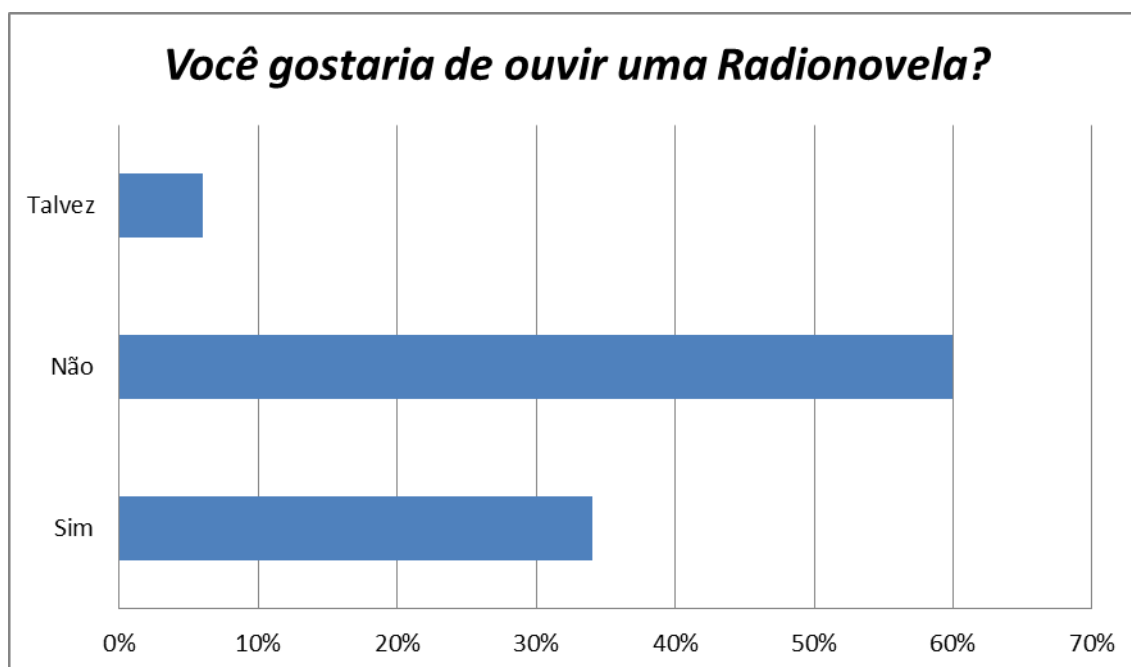


VIII. *Você sabe o que/quais são Gêneros Radiofônicos? E Formatos Radiofônicos? Poderia citar alguns deles?*

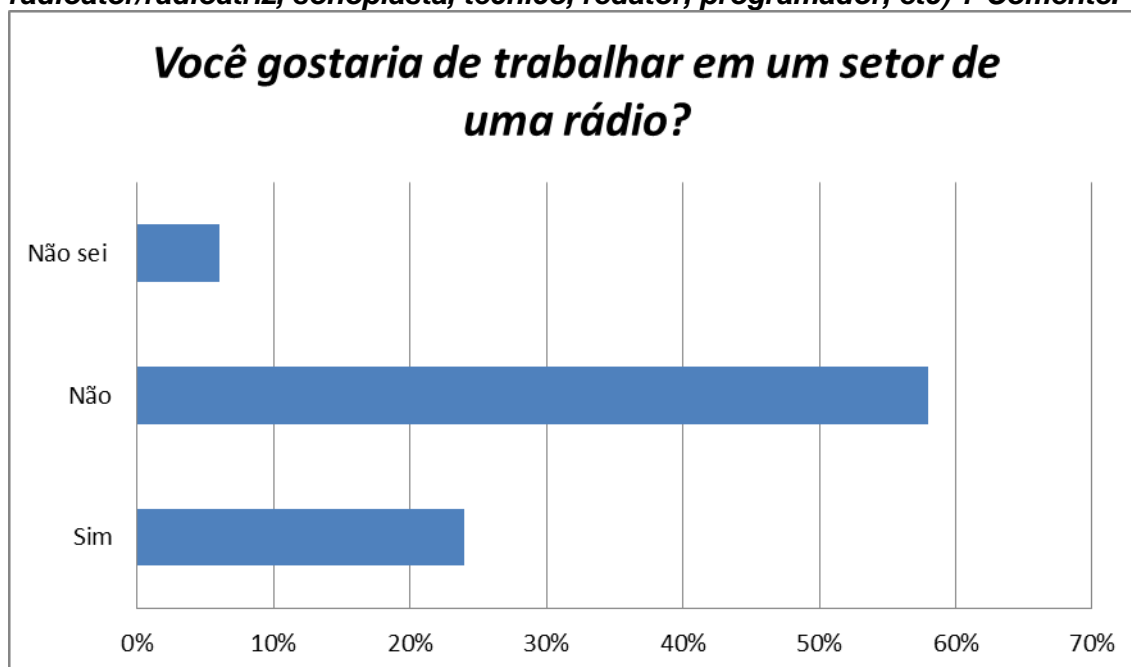


IX. Você já ouviu falar em Radionovela?**XI. Você já ouviu uma Radionovela? Comente sua resposta.**

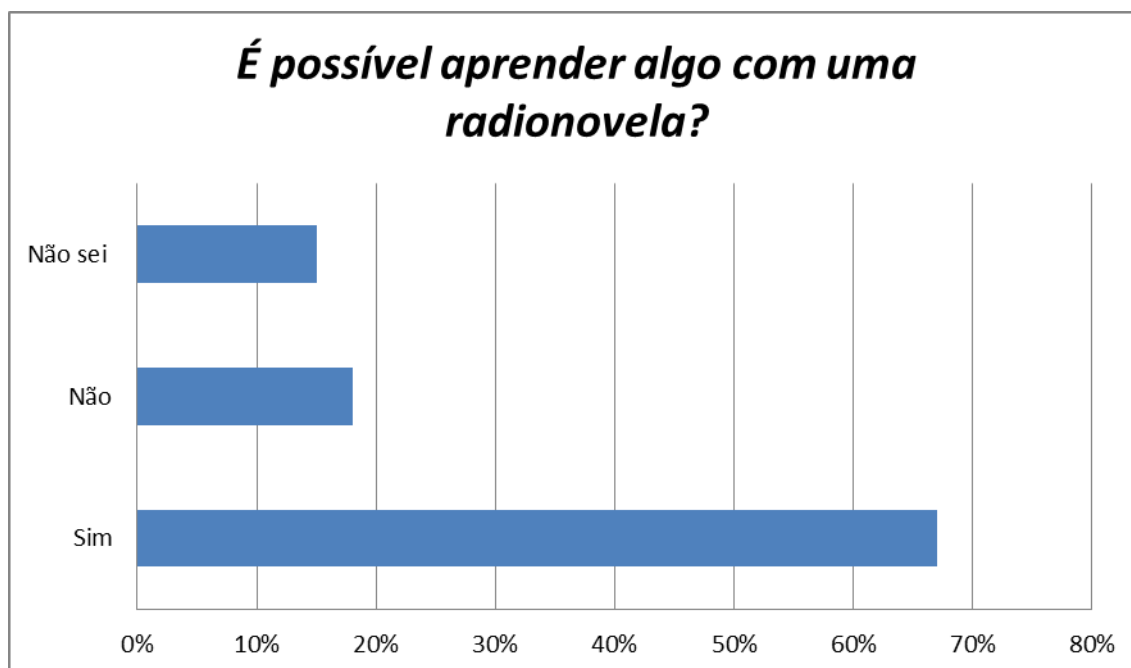
XII. Assim como você assiste novelas ou séries na televisão, você gostaria de poder ouvir uma radionovela durante a semana? Comente sua resposta.



XIII. Você gostaria de trabalhar em um setor de uma rádio (como locutor, radioator/radioatriz, sonoplasta, técnico, redator, programador, etc) ? Comente.



XIV. Em sua opinião é possível aprender algo com uma Radionovela?



Observações:

- ✓ *Tenho muitos tipos de rádio em minha casa.*
- ✓ *Não quero trabalhar com rádio porque já escolhi outra profissão.*
- ✓ *Já visitei uma rádio, foi muito legal!*

* Maiores detalhes sobre os alunos em: <http://www.ldakazuco.seed.pr.gov.br/modules/conteudo>

APENDICE C – Gravações Radioteatro

CD com as gravações de radioteatro disponíveis na Biblioteca